

REVISTA DA SEMANA



NO TEXTO:

Colaboração de

Alvaro Moreyra

R. Magalhães, Jr.

Henrique Pongetti

Brasil Gerson

Celestino Silveira

Celcius Aulicus



Três contos femininos:

Lúcia Benedetti

Magdala da Gama Oliveira

Zenaide Andréa



Teatro:

**"Chuva" — Dulcina e
Sommerset Maughan**



Ilustram:

Alvarus

Jeronymo Ribeiro

Armando Moura

Raul

Miguel H.



MODAS — CINEMA —

RÁDIO — LITERATURA

— REPORTAGENS

26 ◆ 30-6-45 ◆ Preço: Cr\$ 5,00 em todo o Brasil

EDICÃO DE ANIVERSÁRIO

AS MAIORES CATÁSTROFES SÃO SEMPRE INESPERADAS

UM curto circuito, uma ponta de cigarro aceso e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo em virtude de ataque traiçoeiro do inimigo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torna-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Cia. que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.

COMPANHIA

MINAS



DE SEGUROS

BRASIL

CAPITAL SUBSCRITO: CR \$ 10.000.000,00

CAP. REALIZ. E RESERVAS: CR \$ 8.088.996,40

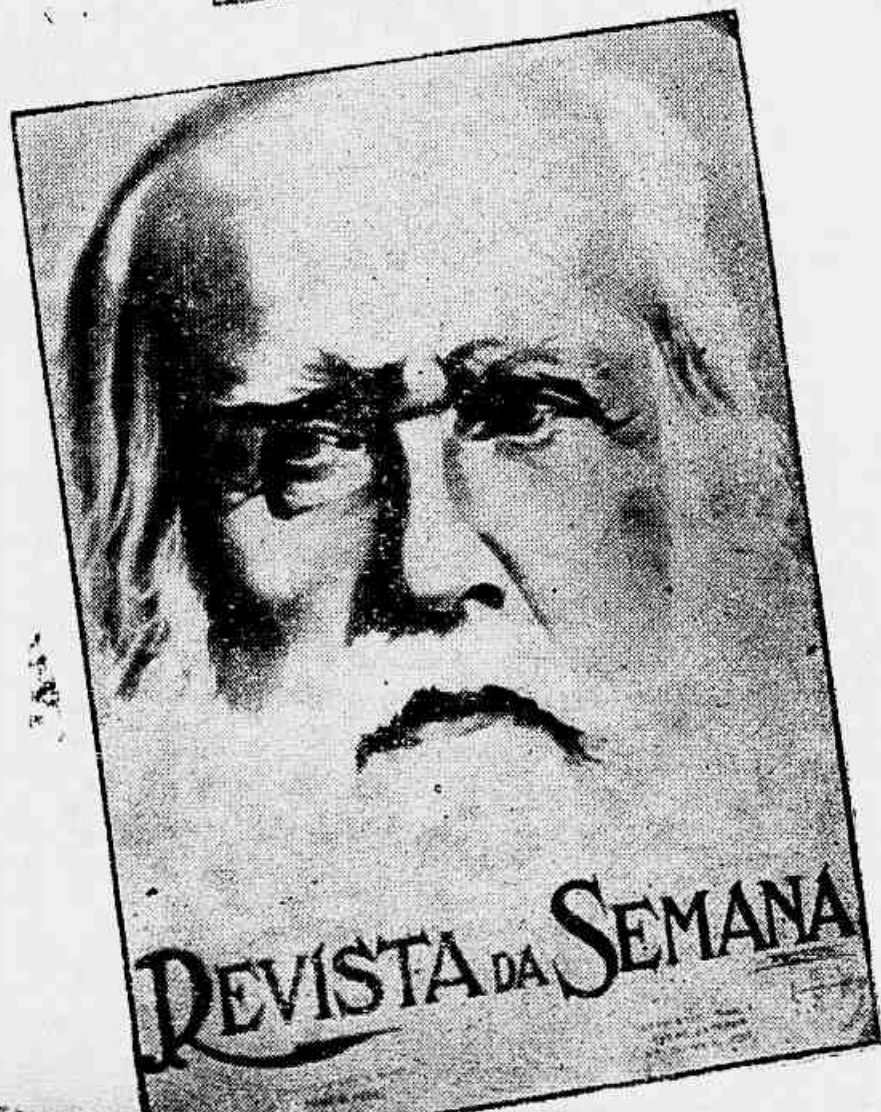
SEDE: AV. AFONSO PENA, 526-2.º AND.

BELO HORIZONTE

AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS.

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO:
AV. GRAÇA ARANHA, 416-8.º FONE 22-1844
REDE INTERNA - SUCURSAL EM S. PAULO:
R. ALVARES PENTEADO, 153-3.º
TEL. 3 4451

REUNIDAS



Aconteceu HA 45 ANOS

Foi no governo Campos Sales. Meses antes, Alvaro Teffé havia chegado da Europa, trazendo tudo que era necessário para a publicação de uma revista ilustrada, empresa por demais arriscada para o tempo. De Paris trouxe bonitos e artísticos cartazes, em grande formato, impressos em cores, feitos lá mesmo especialmente. Com os cartazes, todo o material para fotogravura e fotozinco, além de uma excelente máquina impressora, premiada na exposição daquele ano na Cidade-Luz. Foi visitando a exposição que Alvaro Teffé se animara a fundar uma grande e moderna publicação brasileira. Ainda hoje Raul Pederneiras recorda o episódio, ele que foi um dos fundadores do primeiro periódico que instalou e reproduziu gravuras pelos processos fotoquímicos. Até então, no Brasil, trabalhava-se apenas com as pedras litográficas. O próprio Teffé estudara os processos, tomando espontaneamente um curso de gravador, na Europa e, chegando ao Rio, teve de improvisar-se em mestre para criar seus discípulos. Os primeiros "clichés" da REVISTA foram feitos por ele mesmo, o dono e o diretor.

No dia 3 de maio fôra inaugurada a estátua de Pedro Álvares Cabral, na Glória, com as festas do 4.º Centenário e a chegada ao Rio do cruzador "D. Carlos". O primeiro número reproduzia, na capa, um flagrante do descer da estátua e alcançou extraordinário sucesso, pois até então era tudo feito a traço, pelos desenhistas.

A empresa fundadora funcionava em um prédio da rua do Lavradio, o mesmo onde mais tarde se instalou a oficina Leuzinger. Mas quatro meses depois Teffé transferia a REVISTA para o "Jornal do Brasil", então situado na rua Gonçalves Dias, antes da abertura da Avenida. E continuou saindo, a princípio como suplemento do "Jornal", registrando as ocorrências da semana, principalmente os crimes, cujas ilustrações despertavam grande sensação. Depois vieram as "charges" políticas e as campanhas presidenciais, a perseguição ao jôgo, a inauguração da Exposição Nacional de 1908 e outros acontecimentos da época foram glosados em prosa, verso e caricaturas nas páginas da primitiva REVISTA, cujo formato variou por diversas vezes. Foi, por algum tempo, muito menor. Anos mais tarde, Artur Brandão e Carlos Malheiros Dias adquiriram a revista, fundando uma nova empresa que se estabeleceu no Mercado das Flores antigo. Foi Aureliano Machado que lhe deu sólida expressão comercial, ficando, posteriormente, o diretor e proprietário exclusivo.

O papel preponderante que a REVISTA DA SEMANA tem exercido em quase meio século, está por demais em domínio público. Não precisamos encarecê-lo. Os homens que têm dirigido e administrado esta publicação, passam em obediência a uma lei natural das coisas e da humanidade. Mas a REVISTA aqui está, cada vez mais moça, mais integrada no espírito da época.

E caminhando para outros quarenta e cinco...

1900

1945



Conferência das Classes Produtoras

Realizou-se, sob os auspícios das entidades associativas da agricultura, comércio e indústria, de 1 a 8 de maio último, na cidade de Teresópolis, a Conferência das Classes Produtoras, convocada pelo sr. João Daudt d'Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro e da Federação das Associações Comerciais do Brasil, com o fim de estudar em conjunto as medidas adequadas à solução dos magnos problemas que afetarão a nossa economia no período de após-guerra. Reunindo grande número de representantes de todos os setores da produção nacional, através das associações da agricultura, da indústria e do comércio, constituiu a Conferência de Teresópolis um dos mais importantes acontecimentos da vida nacional e nela foram debatidos assuntos da maior relevância para a fase de reestruturação do nosso arcabouço econômico e financeiro, que ora se inicia, com o término da guerra mundial em que estivemos empenhados.

Fizeram-se representar na Conferência 680 entidades associativas de todo o Brasil que subscreveram a Carta Econômica de Teresópolis, documento de grande significação para a história da economia brasileira e onde estão consubstanciados os princípios norteadores do pensamento oficial das classes produtoras do país, em face do exame minucioso e atento das condições presentes de nossa economia e das medidas que pareçam aconselháveis. O fato é ainda bem mais significativo pois que é esta a primeira vez que as classes produtoras, cada vez mais conscientes de suas responsabilidades e da nobre missão que lhes está reservada no estudo e solução das mais importantes questões da economia brasileira, se reúnem, por iniciativa direta do órgão oficial de suas associações e sindicatos, para uma consulta mútua, não somente sobre os assuntos diretamente ligados aos seus peculiares interesses, mas principalmente sobre os problemas de ordem nacional. O fato também de terem tomado parte no importante conclave não apenas os representantes das associações comerciais, industriais e agrícolas, mas os próprios sindicatos, que tiveram assim esplêndida oportunidade para defender os seus pontos de vista, em nome das inúmeras atividades a que estão ligados, deu igualmente à Conferência de Teresópolis um cunho de verdadeira assembléia nacional em que os temas de interesse vital para a nacionalidade foram examinados e debatidos num clima de absoluta liberdade e num ambiente de superior e louvável compreensão. A Conferência das Classes Produtoras atingiu, assim, sua finalidade, dado que foi integralmente realizado o seu objetivo de haver concretizado sob os melhores auspícios essa consulta prévia aos órgãos que centralizam as forças econômicas nacionais, e que puderam, dêsse modo, oferecer a sua contribuição eficiente à elaboração da Carta Econômica apresentada ao País.

Foram em número de 10 as diversas secções em que se dividiu a importante assembléia, assim discriminadas: I — O ESTADO E A ORDEM ECONÔMICA — Planejamento, Intervencionismo; II — ELEVÇÃO DO NÍVEL DE VIDA DA POPULAÇÃO — Aumento da renda nacional; III — POLÍTICA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA — Gêneros de alimentação e matérias primas; IV — POLÍTICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL E MINERAL; V — POLÍTICA DE INVESTIMENTOS; VI — ENERGIA E TRANSPORTES; VII — POLÍTICA COMERCIAL — Mercado interno e internacional; VIII — POLÍTICA MONETÁRIA, BANCÁRIA E FISCAL; IX — POLÍTICA SOCIAL E TRABALHISTA; X — POLÍTICA IMIGRATÓRIA. O preâmbulo da Carta Econômica de Teresópolis foi constituído pelos OBJETIVOS BÁSICOS, com os seguintes itens: I — COMBATE AO PAUPERISMO; II — AUMENTO DA RENDA NACIONAL; III — DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS ECONÔMICAS NACIONAIS; IV — DEMOCRACIA ECONÔMICA; V — JUSTIÇA SOCIAL. A êsses objetivos básicos ou aspirações fundamentais, que informaram o espírito e a orientação do importante conclave seguem-se os princípios gerais de política econômica que formam, no seu conjunto, o arcabouço da Carta Econômica de Teresópolis.

Do debate amplo e esclarecido de todos êsses problemas de fundamental importância para a vida do país, resultou a elaboração dêsse significativo documento, veículo dos princípios de uma segura orientação econômica, apresentada à Nação como elemento consubstanciador dos anseios e da vontade das classes produtoras nos rumos a seguir para a grandeza e o bem do Brasil.

Com apoio nas experiências anteriormente levadas a efeito com a realização dos Congressos Brasileiros de Economia e Nacional da Indústria, realizados pelas Classes Produtoras nos últimos dois anos, cujas conclusões foram aproveitadas como subsídios, a Conferência das Classes Produtoras, realizada em Teresópolis, dá um testemunho indiscutível da elevação de propósitos dos **leaders** das nossas classes conservadoras, empenhados que estão no estudo das fórmulas indispensáveis à orientação dos nossos mais importantes problemas.

Dêsse modo, num momento de transcendental importância para a vida econômica, social e política do Brasil, que se prepara para reestruturar as suas instituições de governo, a Carta Econômica de Teresópolis significa a contribuição da experiência e do patriotismo das entidades representativas das forças produtoras nacionais, empenhadas no sentido de que, em face às questões essenciais da economia brasileira, sejam adotadas soluções que atendam, nos seus princípios básicos, aos justos anseios e interesses da coletividade.

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

CASA BANCARIA BARROSO S.A.



Ilustra o clichê acima o cunho altamente social que assinalou a passagem do primeiro aniversário da Casa Bancária Barroso S. A., à rua Araújo Porto Alegre n.º 64-2.º andar. No momento fala um dos diretores, o sr. Arlindo Barroso, expressão verdadeira dos meios financeiros da metrópole e um dos mais conceituados homens de negócios de nossa terra. Sua atuação nesse grande estabelecimento de crédito é bem um dos marcos que confirmam seu progresso. A festa a que compareceram inúmeras pessoas gradas, confirmou a ambiência distinta em que opera e se desenvolve a Casa Bancária Barroso S. A. Nessa ocasião verificou-se a posse da nova Diretoria e do Conselho Fiscal, compostos dos srs: diretores — Dr. Guilherme Romano, Arlindo Barroso e Carlos M. Barroso. Conselho Fiscal: Mario José de Carvalho, diretor do Banco Andrade Arnaud; Draut Ernanny de Melo e Silva, diretor do Banco do Distrito Federal; Francisco Saturnino Rodrigues de Brito Filho, engenheiro; Antonio José Pereira das Neves, diretor do Banco Financeiro do Comércio; dr. Oscar Saraiva, consultor jurídico do Ministério do Trabalho; Antonio Marques Ribeiro, diretor da Companhia Eletro-Química Fluminense.

Londres

informa...



PENNY SINGLETON
(Columbia)

A Sapataria **Londres** é a casa cuja clientela constitui a fina flôr da elite carioca.

Londres apresenta sempre modelos de sua exclusividade para homens, senhoras e crianças.

Londres

R. Gonçalves Dias, 40-A



RONDA DE SONHO E DE POESIA

O Atlântico está vivendo o seu instante supremo de Arte. "Fantasia em Branco" é um bailado diferente e finíssimo cujas imagens evoluem num ambiente de alta espiritualidade, sob o signo de uma inspiração imensamente poética. E' a dança da luz integral brotando das côres. E a graduação da luz, e a escolha dos tons, e a marcação dos ritmos e as alegorias frescas de mocidade — tudo nesse "ballet" foi criado para o deleite das sensibilidades requintadas. Les Ère, as estátuas que dançam, constituem a máxima atração do número, secundados por Eileen O'Brien, a bailarina da Broadway, e Jimmy Upshaw; uma grinalda gloriosa de "girls" americanas, de "danseuses" clássicas, de leves dançarinas brasileiras fazem o fundo primaveril da "Fantasia em Branco". Sente-se em cada detalhe, em cada minuto do "show" magnificante o empenho da direção artística em criar uma obra-prima no gênero. E a seleta assistência da "boite" do Pôsto Seis vem galardoando com os mais vivos aplausos a ronda encantadora de sonho e de poesia.



Porque não foi possível ao Brasil exportar açúcar durante a Guerra

Evitando aventuras mercantis o Instituto do Açúcar e do Alcool defendeu o mercado interno e preservou a economia canavieira

Há um evidente desconhecimento da economia açucareira mundial da parte dos que estranham não haja o Brasil aproveitado a emergência da guerra para retomar a sua antiga posição de grande exportador de açúcar. Daí a acusar o Instituto do Açúcar e do Alcool como responsável por essa falha vai um só passo, que alguns críticos menos avisados têm dado sem maior meditação em torno ao problema.

No entanto, se houvessem tido o trabalho de observar o quadro da produção açucareira mundial antes e durante a guerra, teriam verificado que a situação, em momento algum se ofereceu favorável ao propalado surto. Mais ainda, se houvessem acompanhado atentamente o trabalho desenvolvido pelo Instituto neste particular, observariam que a entidade não descuidou a única das providências susceptíveis de alcançar o melhor resultado possível na matéria.

Quando se fala em exportação de açúcar brasileiro é preciso ter presente, antes de mais nada, dois fatores fundamentais. Primeiro, que o mercado internacional do açúcar está há muito contingentado em virtude de acordo firmado entre os países produtores, de sorte que a cada um deles corresponde uma quota de exportação, além da qual não lhe será lícito exportar, sob pena de incidir nas sanções cominadas pelo acordo; segundo, que o custo de produção do açúcar brasileiro, por motivos de ordem técnica e econômica, é mais alto que o apurado pelos grandes produtores de açúcar de cana, de sorte que o nosso artigo deve enfrentar a barreira do preço, logicamente de grande influência na aceitação pelos compradores do açúcar do Brasil.

Ora, nenhum dos dois fatores foi alterado de forma substancial pela guerra. O Conselho Internacional do Açúcar, funcionando em Londres, praticamente não modificou as normas do acordo internacional. Os seus delegados, orientados por estatísticas seguras e jogando com uma experiência de muitos e muitos anos, opinaram que os acontecimentos decorrentes da guerra teriam influência bem menor sobre a situação açucareira mundial que aquela insinuada por julgamentos menos precisos ou mais afoitos. Embora há dois anos as quotas de exportação hajam sido suspensas pelo conselho, reiteraram os componentes da entidade a política de restrições do comércio do produto, a continuar depois da guerra, afim de evitar a volta aos desastrosos tempos da economia açucareira desorientada e em crise permanente.

Sobretudo insistiram, os delegados que integram o Conselho Internacional do Açúcar, na referida reunião que teve lugar há bem poucos meses, no perigo que encerraria a montagem de custosas instalações industriais para forçar a colocação de maior produção neste momento, instalações necessariamente votadas à paralização uma vez retomado, nos próximos anos da paz, o ritmo da fabricação do açúcar de beterraba.

E' interessante, voltando ao caso brasileiro, verificar que o cuidado máximo do Instituto do Açúcar e do Alcool foi precisamente evitar à economia canavieira do País quaisquer sobressaltos decorrentes de uma produção grandemente estimulada em função de uma exportação exagerada pela guerra e que se não poderia, de forma alguma, manter futuramente não só pela volta ao mercado internacional dos produtores dele hoje afastados, como também pelo obstáculo do alto custo de produção do açúcar brasileiro.

Que fez, porém, o Instituto do Açúcar e do Alcool frente à conjuntura da guerra? Em primeiro lugar cuidou de assegurar o abastecimento do mercado interno, suprimindo prontamente as falhas dos fornecimentos provocadas pela interrupção do tráfego marítimo. Isso, naturalmente, sem comprometer a política de defesa da produção, vale dizer, sem permitir que a indústria açucareira nordestina viesse a ser condenada pela sua expulsão dos mercados consumidores sulistas. Tais providências, adotadas em hora certa e com firmeza, permitiram enfrentar a crise esboçada dos suprimentos do açúcar com um acerto que hoje ninguém mais ousa contestar. Em segundo lugar, voltou o Instituto do Açúcar e do Alcool suas vistas para o mercado externo e ciente das maiores necessidades do produto, que poderiam vir a se manifestar nos Estados Unidos, encaminhou negociações com as autoridades norte-americanas para colocar quantidades apreciáveis de açúcar naquele mercado.

Neste sentido foram iniciadas gestões junto à embaixada dos Estados Unidos no Brasil, as quais foram enviadas pelas autoridades competentes, para Washington. Não demorou, porém, a chegar a resposta dos Estados Unidos, antes mesmo de se haver entrado na apreciação das propostas, inclusive custo do produto e volumes a serem exportados. Confessaram francamente os Estados Unidos que não dispunham de praça marítima para assegurar tais compras. A tonelagem disponível, para as linhas do Brasil, deveria ser inteiramente concentrada no transporte de cargas outtas, bem mais necessárias, do ponto de vista do esforço bélico, que o açúcar. O impedimento, que as autoridades norte-americanas fizeram sentir, se haveria de prolongar por tempo indefinido, anulou, como é natural, os ajustes para fornecimento de açúcar.

Se tal ocorria com os Estados Unidos, cujas disponibilidades de transporte marítimo eram das mais elevadas do momento, que não ocorreria com os demais países em condições de receber o açúcar do Brasil? O fato é que, ao império deste impedimento irremovível, não puderam ser continuadas as negociações iniciadas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, com uma presteza e oportunidade altamente de louvar.

Passaram os tempos e surgiu nova ocasião com a vinda ao Brasil da missão da UNRRA, encarregada de estudar as nossas possibilidades de fornecimentos à entidade do auxílio e reabilitação dos países libertados. Novamente interessado em lograr facilidades para a exportação açucareira, entabulou o Instituto entendimentos nesse sentido. Solicitado a informar se poderia fornecer açúcar à UNRRA, respondeu afirmativamente o Instituto do Açúcar e do Alcool, apenas declarando que para isso iria promover o aumento da produção, pois que a existente, de acordo com as normas da política açucareira vigente, não deveria ser desfalcada sem prejuízo para o consumo interno.

A proposta não foi aceita, porém, pois os delegados da UNRRA declararam que à entidade não interessava estimular a produção brasileira e sim, unicamente, adquirir as sobras de produtos já existentes. Logicamente não podia dispor o Instituto de tais sobras, uma vez que a produção do Brasil, como a dos demais países produtores, estava contingentada tanto para o consumo interno como para as vendas externas. Não seria, dessa forma, crível que a produção brasileira se houvesse desenvolvido indiscriminadamente, à espera de um comprador incerto e cuja capacidade de absorção nada poderia indicar com a antecipação indispensável ao aumento da produção. Tais incertezas poderiam ser desprezadas por outros produtos de armazenamento indefinido, mas não pelo açúcar, cuja possibilidade de guarda é bem reduzida.

Em síntese, o que se pode afirmar é que a ação do Instituto do Açúcar e do Alcool, no setor das vendas para o exterior, que muitas pessoas insinuam teriam podido atingir cifras de impressionar, foi a única compatível com a política açucareira seguida pelo Brasil, quer para o mercado interno, quer para o externo. Além disso, evitou cuidadosamente quaisquer aventuras de uma produção indiscriminada, à espera de compradores externos incertos que dispusessem de transporte e desejos de pagar os preços exigidos. Tais aventuras teriam levado inelutavelmente ao fracasso e acarretariam em prejuízos capazes de comprometer não só a estabilidade dos produtores como toda a estrutura da economia canavieira, certamente uma das mais ajustadas e das que melhor enfrentou as dificuldades decorrentes da guerra.

Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO
como o

CYMA



PÓ DE ARROZ

Anthéa

nos deliciosos perfumes
HELIOTROPE
VIOLETA CRAVO
apresenta-se em 6 tonalidades:

- BLANCHE · RACHEL ·
- OCRE · NATURELLE ·
- ROSÉE · PÊCHE ·



É UM PRODUTO
ROGER & GALLET

CASA Lú MODAS

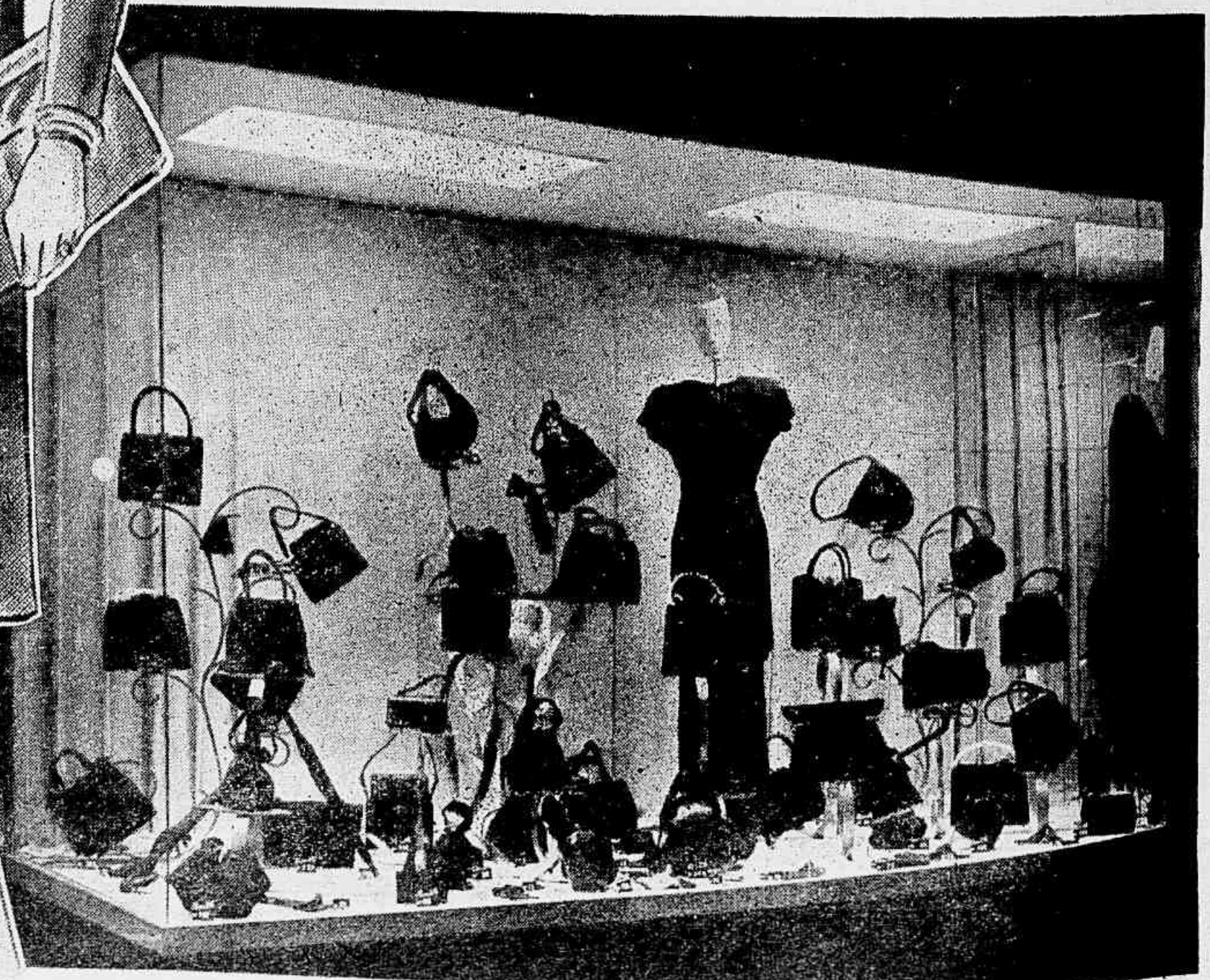
A-LÚ-

Casa



Manteaux em lã
"Charm" todo for-
do em seda com
des de setim feito
mão. Cr\$ 290,00

Vestido em lã
"Faerie" em diversas
côres, todo trabalha-
do com pespontas.
Ultima criação dos
nossos ateliers
Cr\$ 290,00



Os mod-
teriores d-
recem a
de escolh-
dar num
elegância.
CINANTES
facilitada
riedade d-
de fina q-
LÚ-CINAN
Departame-
solo — e
tol E que
admirada
artigos e
luxuosos d-

Estas po-
rada de e-
um verda-
Excia. con-
fotográfica
MODAS e
prazer de
misso. Fic-
que compr-
é mais da
fazer econ-

BOLSAS
LINGE-
TAIL-
BIJO-
MA-
MI-
A

CINANTES!

LÚ

modas

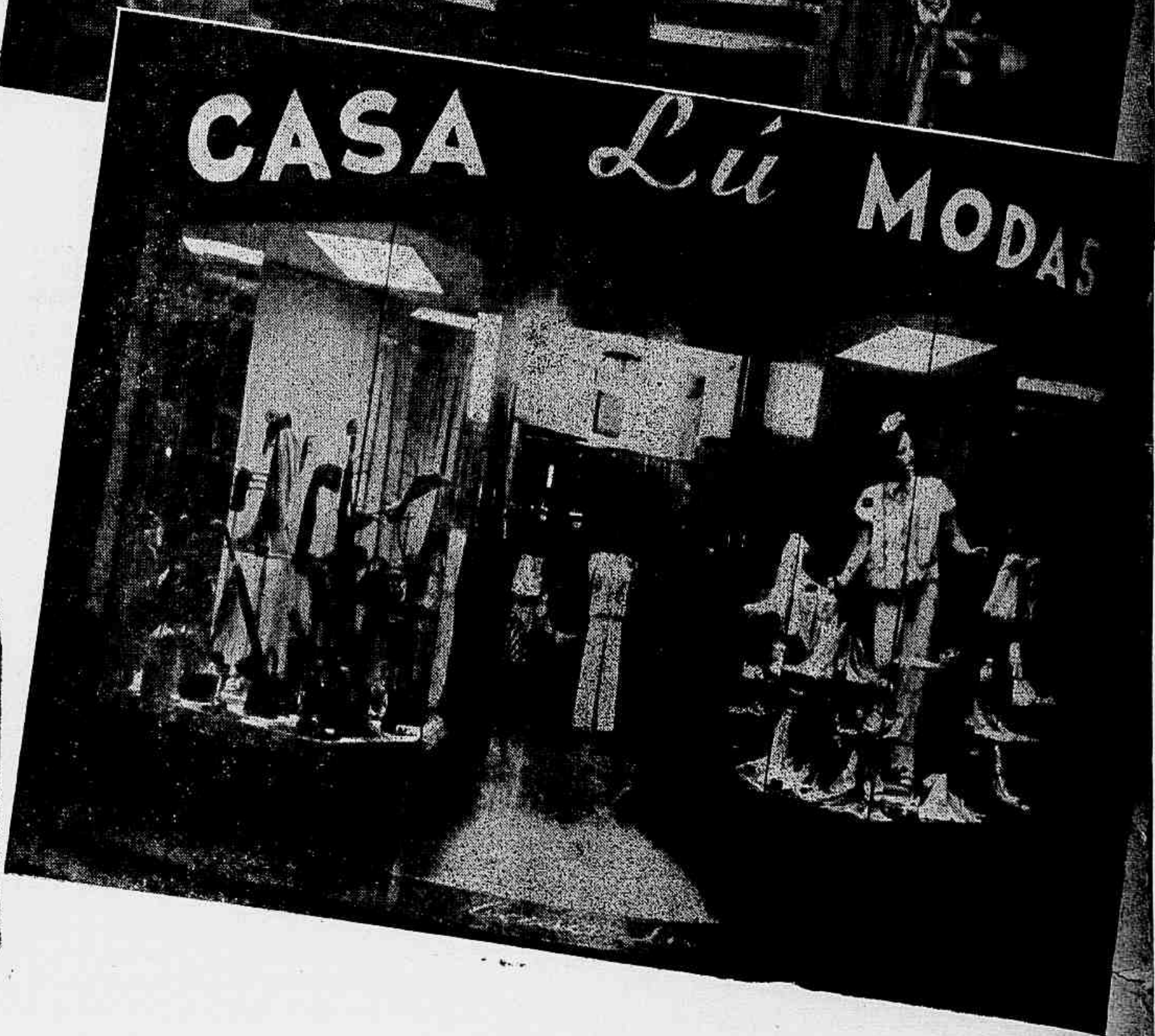
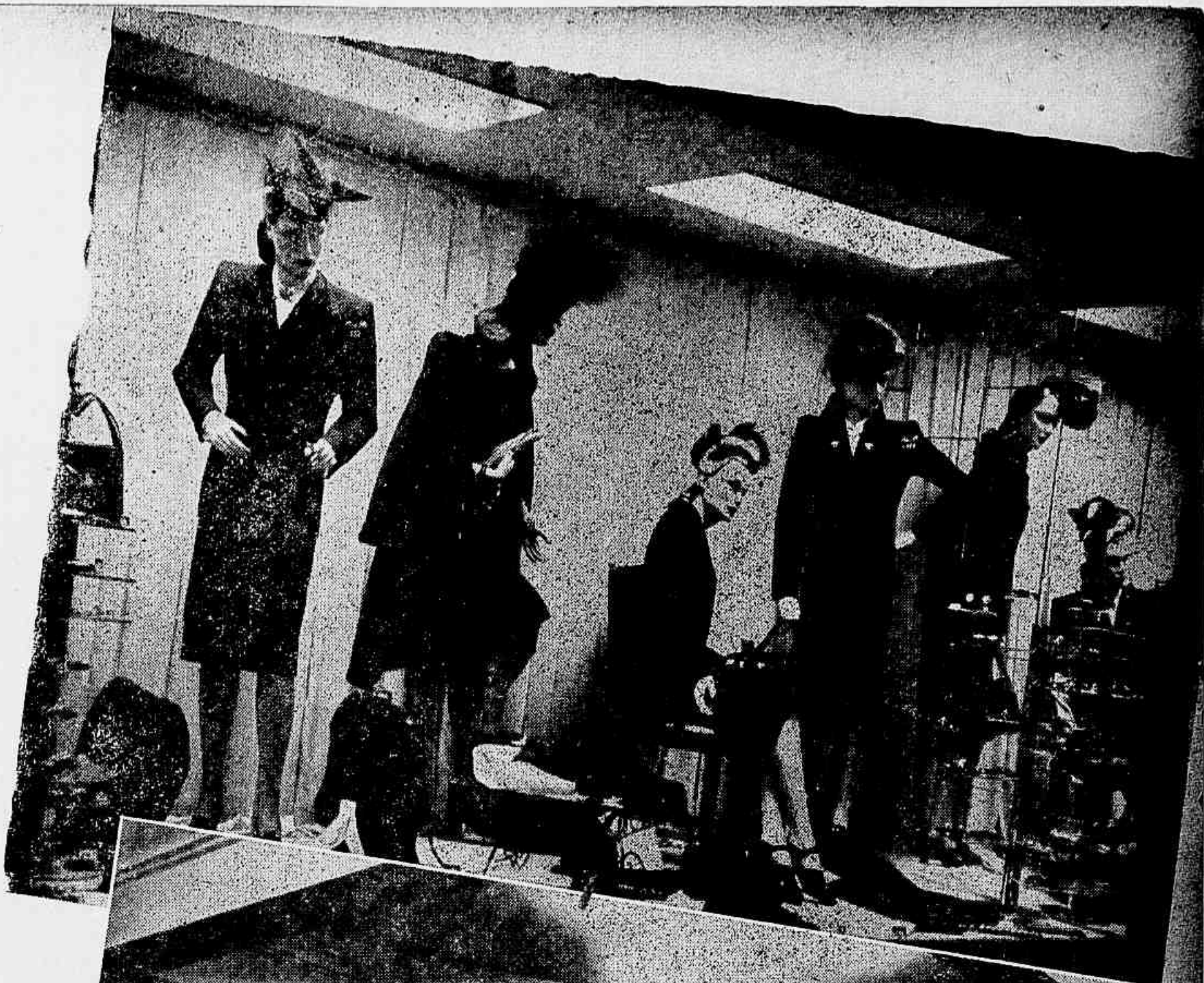
A - LÚ-CINANTES SÃO OS SEUS PREÇOS!

Os modernos e confortáveis interiores da CASA LÚ MODAS oferecem a V. Excia. a possibilidade de escolher o que mais lhe agrada num ambiente de fino gosto e elegância. Desde as suas A-LÚ-CINANTES vitrines V. Excia. terá facilitada a sua escolha, pela variedade dos artigos expostos, todos de fina qualidade e realmente A-LÚ-CINANTES E depois desça ao Departamento de Modas — no subsolo — e verá que deslumbramento! E que preços! V. Excia. ficará admirada de encontrar tão bons artigos e tão baixo custo, em tão luxuosos ambientes!

Estas páginas sugerem uma parada de elegância e beleza que é um verdadeiro sonho! Percorra V. Excia. com os olhos essa amostra fotográfica do que é a CASA LÚ MODAS e em seguida nos dê o prazer de sua visita sem compromisso. Ficará deslumbrada e verá que comprar na CASA LÚ MODAS é mais do que comprar bem — é fazer economia!

BOLSAS
LINGERIE
TAILLEURS
BIJOUTERIE
MANTEAUX
MEIAS E LUVAS
ARTIGOS DE Lã
PRAIA E ESPORTE

Costume em lã
"Charm", todo for-
rado em seda com
vieses em setim feito
a mão. Cr\$ 350,00



S E J A PREVIDENTE

Evite inquietações inscrevendo-se na SOCIEDADE DE AUXÍLIOS E BENEFICÊNCIAS ESTRELA. Fundada em 1.º de Maio de 1909. Sede própria: Rua Carolina Meier, 29 (Entre Arquias Cordeiro e Lucidio Lago) Rio de Janeiro.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO POPULAR DE BENEFICÊNCIA

Patrimônio	Cr\$ 1.915.509,70
Funerais e Benefícios pagos desde a fundação ..	Cr\$ 5.231.727,90
Funerais e Benefícios pagos no ano de 1944	Cr\$ 657.051,80
Quadro social	148.325 sócios

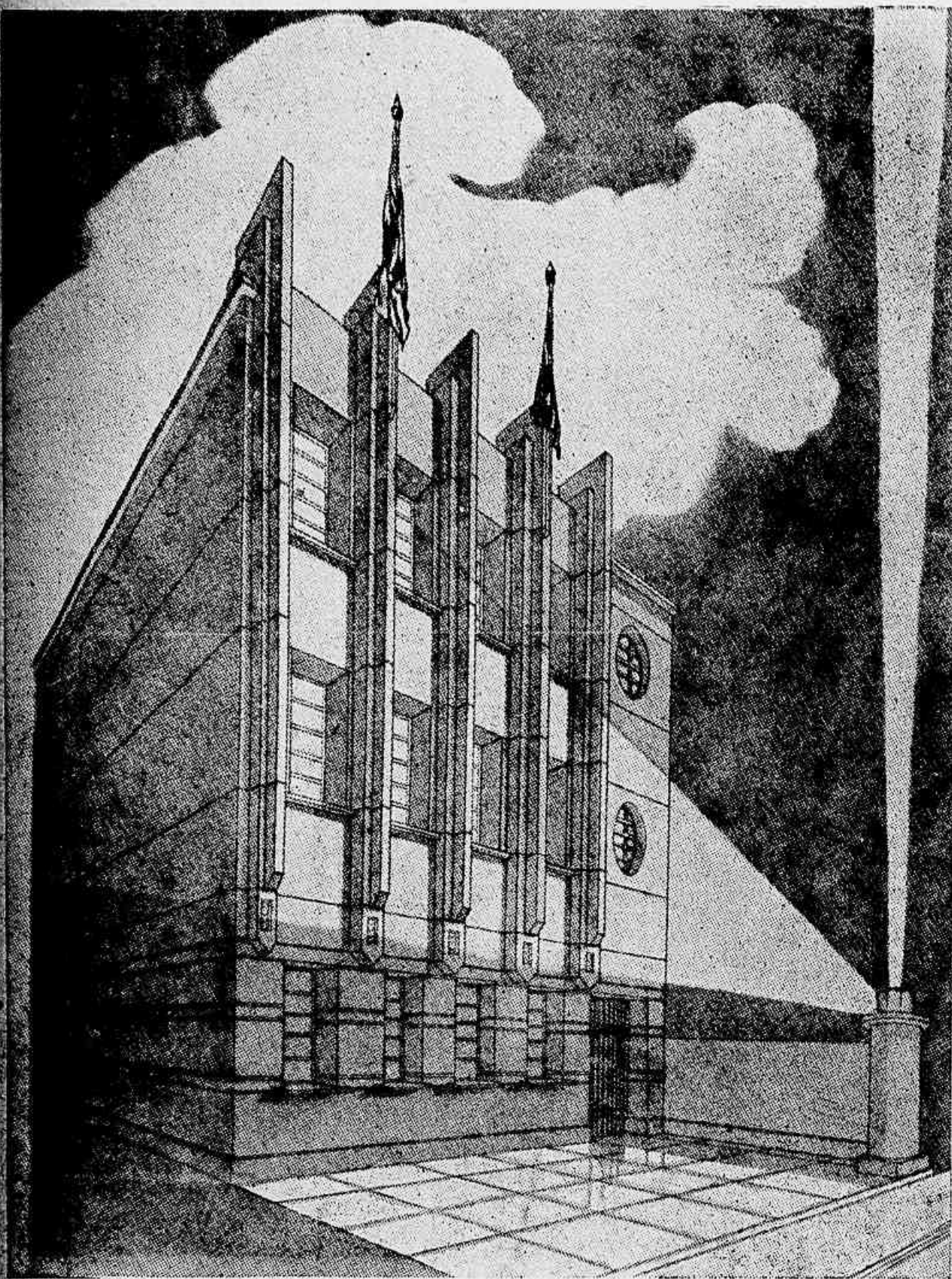
ASSISTÊNCIAS MÉDICA, JURÍDICA E ECONÔMICA

Ambulatórios: — Funcionam diariamente das 8 às 11 horas e das 17.30 às 20 horas, e aos sábados das 8 às 11 horas.

Mensalidades: — Chefes de matrícula, Cr\$ 2,00, e Cr\$ 1,00 para cada pessoa da família.

AGÊNCIAS: — Nas cidades de Duque de Caxias, Barra do Piraí, Valença, Rezende, Nilópolis e Niterói (Estado do Rio), e Juiz de Fora (Estado de Minas Gerais).

Informações: — Rua Carolina Meier, 29 — Estação do Meier — Rio de Janeiro.



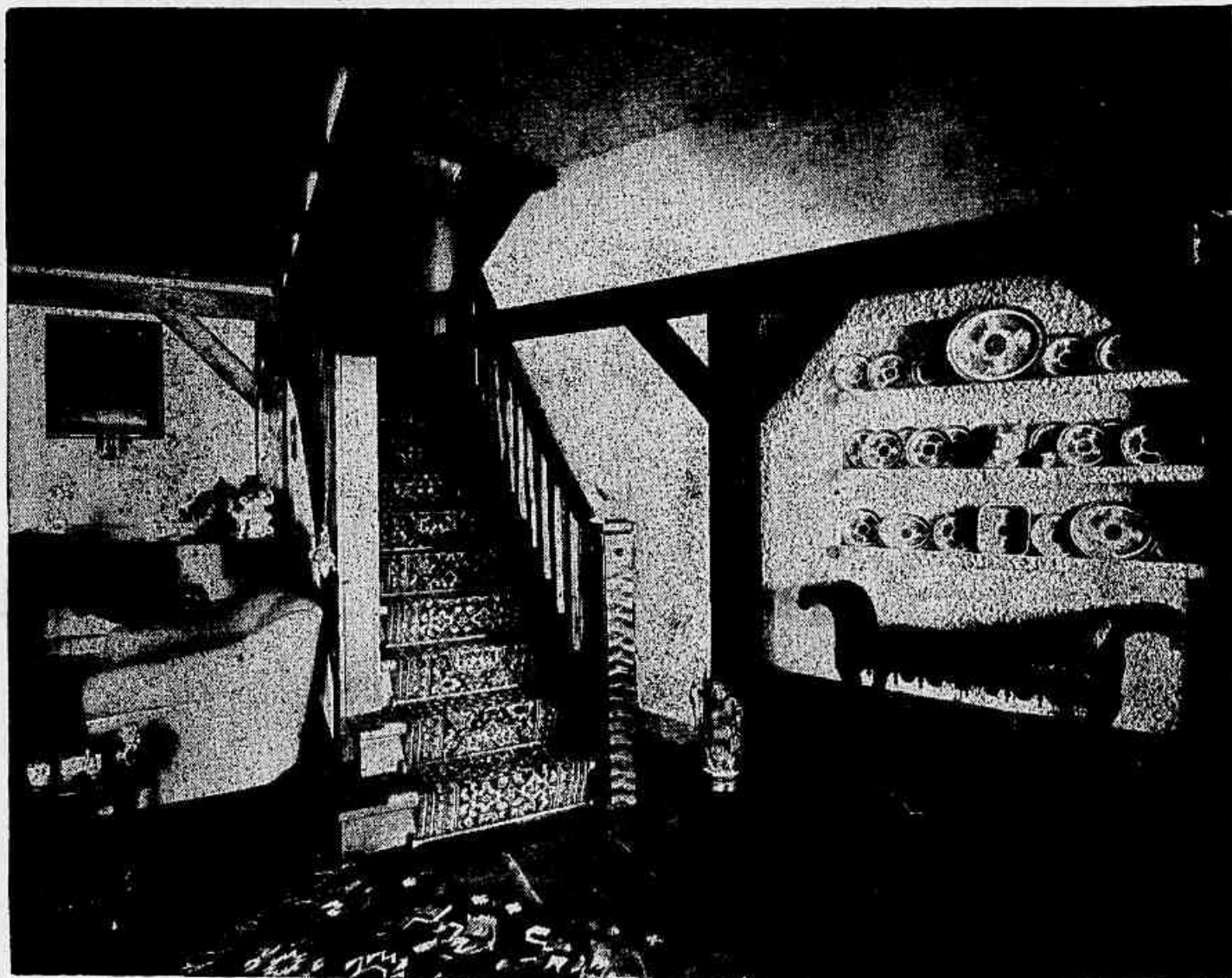
Edifício-próprio, onde funciona a sede social, da matriz no Meier.

Transformando a aspereza da madeira em verdadeiras joias de ornamentação dos lares modernos

A COLABORAÇÃO DE B. GONÇALVES DE AZEVEDO
NAS CONSTRUÇÕES DO RIO, PETRÓPOLIS E NITERÓI



Estes modelos foram criados de acordo com o estilo da construção



Quantas artes se conjugam para ser possível a construção de um prédio? Que formidável legião de homens é necessária! São tantos os setores de trabalho, que movimenta pessoas dos mais variados misteres. E' certo que não basta a quantidade. Indispensável se torna que, ao lado da qualidade exista, vigoroso e belo, o sentido expressivo dessa coisa rara que se chama originalidade. E é exatamente a originalidade que realça a organização do sr. B. Gonçalves de Azevedo, com oficinas e escritórios à rua do Rezende 105.

Com efeito o sr. B. Gonçalves de Azevedo, pela sua capacidade de ação, é um dos melhores artistas que possuímos. Aplicando-se de coração à sua especialidade, que é a carpintaria e marcenaria, procura imprimir às suas criações uma nota sugestiva de originalidade, mercê da qual seus trabalhos são sempre utilizados como elemento de embelezamento das construções do Rio e de Petrópolis. Entregando-se à confecção de escadas, fá-las com o máximo bom-gosto, por isso que emprega os mais requintados e modernos processos. Interessante é que as escadas do

sr. B. Gonçalves de Azevedo obedecem aos mais variados estilos, sendo montadas de acordo com as linhas arquitetônicas da edificação a que se destinam. E' isto aliás o que explica a preferência com que é distinguido pelos construtores, o sr. B. Gonçalves de Azevedo, cuja oficina se desdobra dinamicamente no sentido de atender aos pedidos inúmeros que lhe chegam constantemente. Em Petrópolis a maior parte das residências contam com os trabalhos do sr. B. Gonçalves, cujas escadas constituem uma nota imponente no concerto dos luxuosos conjuntos residenciais da magnífica cidade serrana.

Em Niterói, também, cujas edificações obedecem às linhas da moderna arquitetura, os torneios elegantes das belas escadas do sr. B. Gonçalves lhe conferem aspecto que chama a atenção pelo brilho invulgar que delas irradia.

Esta organização de marcenaria artística e técnica é tida em largo conceito e como colaboradora eficaz das empresas construtoras. Suas obras são utilizadas por inúmeras firmas, destacando-se, entre outras, a conhecida empresa de construções FREIRE & SODRÉ.



BILHETE À MINHA MÁQUINA DE ESCREVER

MINHA velha e inseparável amiga, lembrei-me hoje de lhe endereçar estas palavras de saudação. Nós passamos metade da vida comemorando o que se fez ou se deixou de fazer na outra metade; só não nos acode a idéia de festejar, nós os que escrevemos por profissão, a máquina em que escrevemos. Minha velha máquina, venho reparar essa injustiça dedicando a você, companheira de todas as horas, esta página. Nela só falarei de você, máquina velha e portátil, de teclas gastas e de rôlo pontilhado das letras mal batidas. Não me esquecerei do muito que tem feito por mim, em troca do nada que lhe dou, um nada além de uma limpeza periódica e da substituição de uma peça gasta com o tempo e com o trabalho. Houvesse lei de aposentadoria para as máquinas e você estaria com direito a ela, mesmo sem vencimentos. E para que vencimentos, se você nada ambiciona! Quantos nasceram, se fizeram gente e terão desaparecido — na guerra, então, milhões — enquanto você, máquina do batente, sem direito a férias nem aumento de salário, máquina dos meus serões, das minhas viagens profissionais ou dos meus curtos períodos de férias onde se descansa carregando pedra — você nada pleiteou!

Abençoados aqueles que a fizeram para tornar-se o ganha-pão do proletário que só não o é da pena porque você existe. Abençoado o dinheiro com que a adquiri, já em terceira ou quarta mão, sei lá. Por isso, por-

que antes de mim você prestou iguais iservícios a outros que também viveram à custa de suas teclas, é que mais a admiro. Não é você apenas o pão que eu como e dou a comer aos meus, mas a roupa que nos cobre e os sapatos que me fazem palmilhar quilômetros no eterno rodízio da cidade, de manhã à noite. Minha máquina amiga e silenciosa quando não a martirizo, de quantas emoções boas e más lhe sou devedor! E' você a minha confidente, e quem melhor quisesse conhecer-me não precisaria devassar-me o coração, mas apenas consultá-la. Acontece, entretanto, que você é discreta. Não fala — escreve. E tudo que tenho escrito, mesmo o que depois rasgo por imprestável, é de seu conhecimento. Não posso ter segredos para você.

Lembra-se de tudo que lhe tenho confiado? Sim, é melhor esquecer muita coisa, ou silenciar, como faz você. Minhas horas tristes e alegres você as tem sentido melhor do que ninguém, porque meus pensamentos vão diretamente desta cabeça para os seus tipos. E quantas vezes é você mesma, emperrando de súbito, que parece aconselhar-me a arrancar o papel do rôlo, rasgá-lo e desistir!

Sim, você tem alma, boa e velha máquina. Alma de aço e ferro, temperada e rija, que adivinha o tato dos dedos de seu dono, distinguindo-os das mãos profanas que a tocam. E ao dono é fiel. Nem só os cães possuem

essa virtude. Se nos faltam amizades entre os seres humanos, contamos, sem o sentir, com os inanimados iguais a você. Nós que não temos o dom de apreendê-los. Mas, por força de que milagre, parece-me ouvi-la agora, no tamborilar de meus dedos calejados nas suas letras esmaecidas, você que vai envelhecer comigo, dizendo assim:

— Finalmente lembrou-se de sua velha máquina, ingrato!

Sim, lembrei-me. E quero dizer-lhe que não sei escrever em outras máquinas. Quando o faço por qualquer emergência, é como se traisse a mulher amada. Parece-me adivinhar os seus ciumes. E quando me vêem escrever com velocidade, nestas suas teclas, costumam apreciar-me as habilidades de datilógrafo. Mentira! Não sou eu quem escreve bem, é você quem me ajuda...

Mas também quero ser sincero: lembrei-me de você, sim — porque precisava encher esta página. E com franqueza — vá, emperre por castigo, está no seu direito... — faltava-me o assunto. Vê até onde chega a ingratidão do homem? Não se zangue. Seu destino é esse, o de me servir, e o meu, um destino não menos inglório, o de martelá-la para me alimentar. Continue a cumprir esse destino com a fidelidade de tantos anos. Tenho um pressentimento de que você há de silenciar quando eu fizer o mesmo. Mas quem sabe se depois, mãos mais carinhosas a virão respeitar e até lhe dêem o descanso que não lhe posso oferecer?

CELESTINO SILVEIRA

A "REVISTA DA SEMANA" INSTITUI UM GRANDE

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a REVISTA DA SEMANA publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLÔNIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" E "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Semanário por excelência devotado aos assuntos literários e artísticos, aspecto que desde seus primeiros números, há quase meio século, vem sendo carinhosamente tratados em suas colunas, a REVISTA DA SEMANA deseja festejar o 45.º aniversário de sua fundação com o lançamento das bases de um grande certame também artístico e literário. Atravessamos uma fase histórica do Brasil, reflexo do próprio fenômeno universal, com novas e talvez pronunciadas tendências de arte que se refletem, por força, nas suas três mais divulgadas modalidades: o teatro, o romance e o conto. Que rumos irão tomar, a partir de agora e após a transição provocada pela segunda grande guerra, dentro dos 45 anos de existência da REVISTA, os nossos teatrólogos, os nossos romancistas e os nossos "conteurs"? Sem dúvida, não será fácil responder. E' que o Brasil, por força mesmo da sua recente e decisiva contribuição para a vitória das armas aliadas, luta em que participou de peito aberto, vive, a partir de agora, dias diferentes. Nosso sentido de nacionalismo tem de ser outro, mais vinculado à terra onde nascemos e terra que tantos milhares de brasileiros foram defender, na sua integridade física e espiritual, em regiões distantes. Somos, não mais um povo adolescente, cuja emancipação e tantos outros fenômenos históricos se operaram quase sem o derrame de uma gota de sangue, mas uma nação que tem, hoje, seus feridos de guerra e da maior guerra que o mundo ainda assistiu. Temos viúvas e órfãos em nosso solo, porque ficaram sepultados em terras da velha Europa tantos de nossos patrícios, cujas vidas foram imoladas para que pudéssemos subsistir, não como um país de segunda plana no concerto universal de após-guerra, e sim como uma potência vencedora. Temos, por isso, conhecimento de causa na guerra que está modelando uma geração nova de pensadores à face da terra. Nossos intelectuais não têm por que sofrer do complexo de inferioridade talvez justificado em outras nações, mas sentem-se à vontade para pensar e produzir dentro do

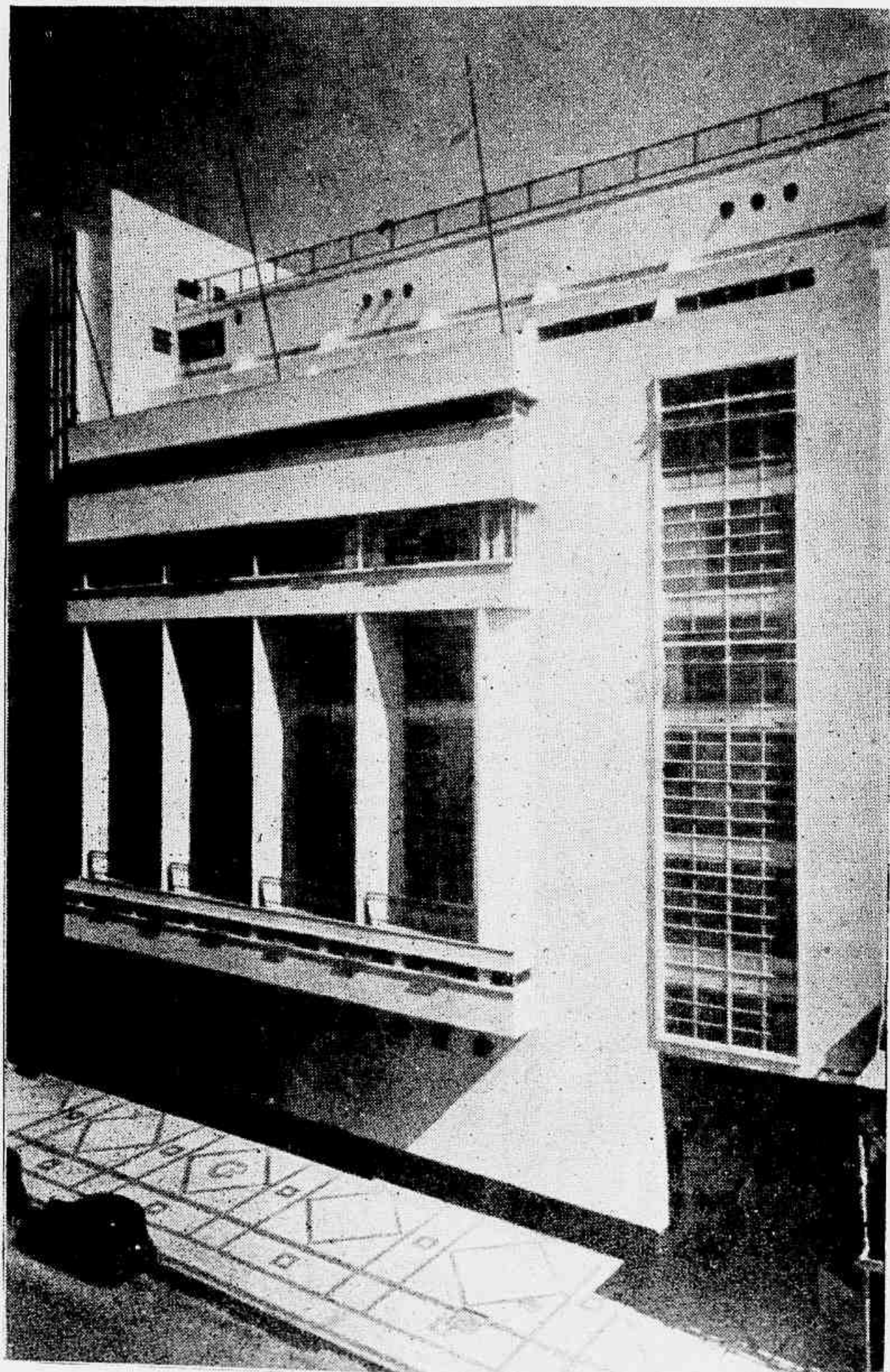
novo espírito da Humanidade. Por força a guerra há de influir diretamente no cérebro de quem escreve, e tudo faz crer que uma nova e mais pujante etapa venha a registrar-se em todos os setores da literatura brasileira. Eis por que nos animamos, dentro desta casa, a abrir nossas páginas aos intelectuais patrícios, franqueando-lhes uma oportunidade inédita para a elaboração de suas futuras obras. Temos, hoje, uma vigorosa "equipe" de teatrólogos e romancistas, cujas produções encontram um campo de ação muito mais vasto. Originais de teatro brasileiro atravessam fronteiras depois de marcar sucesso artístico e de bilheteria muito razoável dentro do Brasil. Já se pode viver do que se escreve, afirmam os profissionais do teatro. E também já existem romancistas nacionais, senão subsistindo inteiramente, quase completamente devotados à sua arte, da qual se alimentam, vestem e calçam. Não se poderá dizer que outro tanto aconteça em relação à arte de fazer contos. São muito escassos os escritores realmente especializados nesse setor, mas quem sabe se um incremento maior far-se-á sentir, em se apresentando uma oportunidade igual a esta que, hoje, a REVISTA propõe-se a apresentar?

Façamos, portanto, deste nobre empreendimento, um ponto de referência para uma proveitosa campanha de renovação dos valores literários brasileiros. Nosso triplo concurso — de teatro, romances e contos — não vale por uma iniciativa preciosa e fútil, mas por um bem intencionado cometimento ao qual se associam o prestígio, a autoridade e a isenção de espírito da mais antiga publicação ilustrada do Brasil.

Estamos certos de ser, também assim, recebido e compreendido pelos escritores patrícios, mesmo porque, inicialmente, fica estabelecido que só autores brasileiros natos poderão competir às três provas hoje lançadas nestas páginas.

Apolônia Pinto, a sempre lembrada atriz patricinha, cujo 91.º aniversário de nascimento transcorreu no dia 21 do corrente, nome aureolado da cena brasileira e patrona do concurso de teatro instituído, neste número, pela REVISTA DA SEMANA.

Sede do Clube Ginástico Português, que espontaneamente se associou ao empreendimento desta revista, e cujo presidente, sr. Manoel José Fernandes, efetivou o prêmio de Cr\$ 10.000,00 para o autor da peça colocada em primeiro lugar nesta grande prova.



CERTAME LITERARIO

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora, cujos nomes serão divulgados dentro de duas semanas, participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

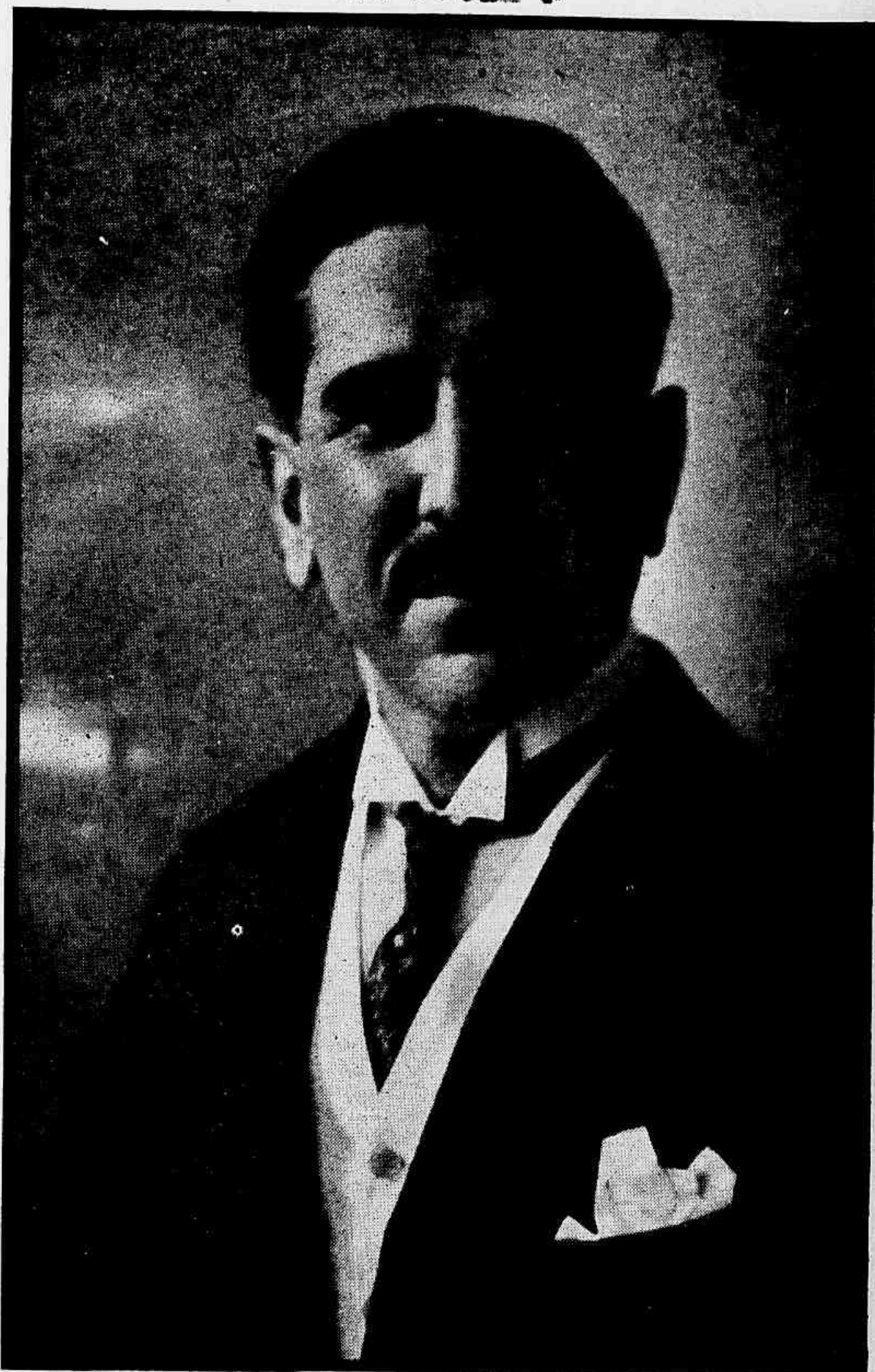
CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENRÊDO, ESTILO E UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes, na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.



Aureliano Machado, antigo diretor da REVISTA DA SEMANA, a quem se deve em grande parte a consolidação da mais antiga publicação ilustrada brasileira, nome sempre lembrado nesta casa e patrono do concurso permanente de contos hoje também iniciado.

CONCURSO DE ROMANCES "REVISTA DA SEMANA"

Os múltiplos afazeres a que nos entregamos na elaboração deste certame, impediu que as bases para os três concursos distintos ficassem terminadas. Trata-se, como os leitores estão observando nestas páginas, de um empreendimento da máxima responsabilidade, ditado pelo mais alto objetivo, o de estimular o trabalho intelectual dos nossos patriotas. Por isso mesmo o regulamento que se prende ao Concurso de Romances só será divulgado em número posterior, de vez que ao encerrar os trabalhos desta edição estamos ultimando as demarches naquele sentido. Sem dúvida, as grandes casas editoras do País estão interessadas nesta nobre e desinteressada iniciativa da REVISTA DA SEMANA, cujo propósito único é o de pugnar pelas artes e as letras brasileiras.

Aguardem, portanto, esse complemento da nossa tarefa; e quanto aos romancistas patriotas, interessados neste empreendimento, podem, desde já, cuidar da elaboração de seus trabalhos, na certeza de serem os mesmos encaminhados em tempo oportuno para a comissão julgadora, que também estamos, neste momento, selecionando.

UMA CARTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS

Publicamos abaixo a carta endereçada pela Secretaria do Clube Ginástico Português à nossa redação, em 21 do corrente, mediante a qual aquela instituição se associa ao nosso empreendimento de teatro, prontificando-se a oferecer o prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) ao autor da peça colocada em primeiro lugar:

"Exmos. Srs. Diretores da REVISTA DA SEMANA — Nesta.

De conformidade com os entendimentos verbais entre o nosso diretor artístico, sr. Daniel da Silva Rocha, e o sr. Celestino Silveira, muito digno secretário dessa brilhante Revista, cumpro o grato dever de, em nome da Diretoria, manifestar a Vv. Excias. o seu mais decidido apoio à idéia da realização de um Concurso de Peças Teatrais, no qual, desde já, colaborará a R. S. Clube Ginástico Português, instituindo um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para o primeiro classificado nesse Concurso, que será promovido este ano por esse conceituado semanário.

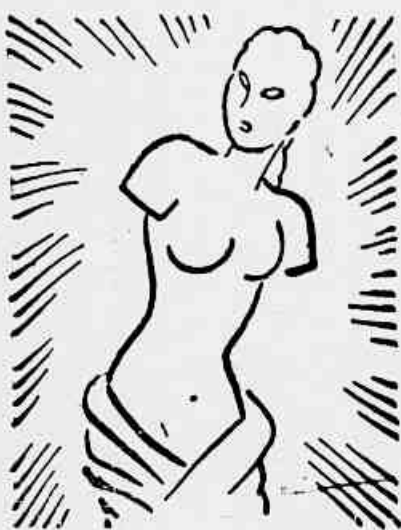
Cumpre-me, outrossim, acrescentar que, em uma justa homenagem à memória de uma das mais lídicas expressões da arte cênica brasileira, a Diretoria conferiu a este prêmio a denominação "Prêmio Apolônia Pinto", reservando para a Escola Dramática do Clube Ginástico Português o direito de prioridade para as representações da peça premiada durante o prazo de seis meses, a contar da data da apuração do referido Concurso, findo o qual ficará a peça liberada inteiramente de qualquer compromisso para com este Clube.

Reiterando a Vv. Excias. os nossos melhores votos pelo êxito de tão louvável iniciativa que virá, sem dúvida, ampliar os promissores horizontes do Teatro Nacional, estimulando os seus escritores, apresento a Vv. Excias. os protestos da nossa elevada estima e sincero aprêço subscrevendo-me, atenciosamente,

Vladimiro A. de Souza Fernandes
1.º Secretário

A SEMANA EM REVISTA

ARTE LIBERTADA



Será reaberto por esses dias ao público o Museu do Louvre. Os visitantes de Paris, originários de todas as partes do mundo, encontrarão de novo na Cidade Luz a maior coleção artística que os homens já conseguiram organizar em todos os tempos. As mais belas obras-primas da antiguidade clássica, da Renascença, do romantismo e do modernismo pertencerão de novo ao mundo, como propriedade do povo de Paris, povo que nada tem de seu, justamente por que tudo o que lhe pertence é patrimônio da cultura universal.

Depois de cinco longos anos de obscurantismo medieval, Paris volta à Liberdade. A França foi de novo entregue à civilização e ao mundo. A Sorbonne, de onde se irradia toda a luz que ilumina a ciência universal, foi reaberta. E agora o Louvre. O mais

famoso museu de artes do mundo será entregue ao público ainda bastante desfaçado, por isto que grande parte de suas peças, que não conseguiram ser escondidas pelos maquisards franceses durante a invasão nazista, foram roubadas pelos conquistadores, que as presenteavam aos grandes da Alemanha em troca de pequenos favores.

Entre as preciosidades que voltaram às galerias do Louvre figura a esplêndida Vitória Alada de Samotrácia, o mais perfeito símbolo da arte helênica. E Paris volta a ser iluminada outra vez pelo sorriso de Mona Lisa, cujo retrato imortal já foi reconduzido ao museu. Ela, a sorridente "gioconda", volta assim ao seu lar, cobiçada por todos: uma vez roubada por um amante da arte, e há pouco tempo roubada pelos inimigos da arte.

Os museus improvisados da Alemanha, cujas coleções procediam de todos os países escravizados pelo Eixo e representavam o resultado de uma pilhagem organizada, que durante anos assolou a Europa, estão hoje despidos, e as suas paredes nuas marcam a volta gloriosa das obras de arte ao seu "habitat".

Nunca mais o sorriso imbecil de Hermann Goering maculará a sala em que estão guardadas a Gioconda e a Vitória de Samotrácia. Os Picassos geniais não serão mais ultrajados pela fúria iconoclasta dos camisas pardas. Os esbirros das S. S. não comerão mais estridentemente salsicha nem beberão chopp em caneca em frente aos Rembrandts magníficos. Cézanne voltou à vida, enojado com os tempos que passara na desprezível companhia dos heróis cobertos de medalhas da Alemanha hitlerista.

O mundo está mais uma vez em festa. Vai ser reaberto o Louvre. A arte foi libertada. Mais que isso: a arte renasceu. Ela esteve morta durante muito tempo. Sim, pois a Gioconda pendurada à parede de uma cervejaria de Munich não era uma obra de arte. Era uma pantomima.

MUITOS ANOS VIVEU ÊLE



Muitos anos viveu êle, esse cidadão de Omdurman, no Sudão, do qual nos dá notícia agora um telegrama distribuído pela Reuter. Chamava-se Heir Alla e nasceu em 1810. Podia pois perfeitamente ter tomado parte nas revoluções parisienses do princípio do romantismo; podia haver levado, durante os 135 anos que viveu, uma existência movimentada e interessante. Mas infelizmente nasceu no fundo de uma província sudanesa e a sua maior viagem foi, com certeza, uma peregrinação piedosa ao Ganges. Talvez nem isso êle tivesse feito, é provável que nem sequer haja conhecido Khartum. Viveu, durante 135 anos, no pequeno lugarejo de Omdurman; casou, teve filhos, comeu, dormiu. Sonhou? Ninguém poderá dizê-lo. Pode ser que nem haja sonhado. Acordava todas as manhãs, apascentava os seus búfalos, revolvia a terra com um arado primitivo, plantava o trigo na campina ou o arroz nos pântanos. Essa vida monótona levou-o à idade avançada que alcançou.

Há por aí os apologistas da vida sedentária e pura, que sempre nos apresentam os exemplos de longevidade dos puritanos como um argumento a seu favor.

Mas a vida compensará a monotonia? Que nos dê a resposta o velho Heir Alla, que acaba de se suicidar aos 135 anos de idade. Cansou-se da vida... Aborreceu-se com a existência. Quando êle nasceu as mulheres de sua terra cobriam as faces com véus espessos, os homens se banhavam no Ganges para purificar a alma, os arados eram puxados por búfalos. Hoje, embora contrariando Gandhi, os tratores invadem a Índia e o Sudão se mecaniza. Foi olhando com certeza a evolução da vida que a sua terra importava, que o macróbio de Omdurman notou que nunca havia justificado os seus 135 anos de existência com uma nota diferente das que martelava todos os dias. Conhecera muitos dias e muitos anos, mas não podia dizer agora que havia vivido de 1810 a 1945. Vegetara, passara sobre os acontecimentos com um ar alheio a tudo; não podia saber agora diferenciar o ano de 1830 do ano da Vitória na Europa. O maior monumento que conhecia era o pagode de seu lugarejo; o maior homem que os seus olhos avistaram era o brahame de Omdurman. Agora lhe falavam de Churchill, de Stalin, de Comunismo, de Industrialização... Compreendeu que jamais se adaptaria à vida. Estivera na terra 135 anos e não vivera um dia. E, assustado com a vida que só agora lhe aparecia, Heir Alla matou-se. Matou-se por jejum, deixando de comer muitos dias. Morte passadista, morte indú... Mas não o culpemos, pois êle não conhecia o revólver ou o formicida. Matava abutres com flechas, e formigas com orações...

PARADA DA MISÉRIA



Um desses espetáculos tristes, que nos apertam o coração e nos confrangem a alma, tivemos-lhe a semana passada, desenrolado na praça Tiradentes e adjacências, durante quase todo um dia. Nenhuma cena de saque praticado na Alemanha em derrocada, nem as longas filas dos parisienses famintos à espera do magro pão negro do fascismo durante a humilhante ocupação, nem a longa procissão dos retirantes carenses durante uma seca ardente podia se comparar ao que vimos ali, em pleno centro do Rio de Janeiro, dois meses depois da vitória das Nações Unidas.

Encontramos uma longa fila, em coluna por quatro, que ocupava todos os passeios da rua Pedro I, subdividindo-se em várias ramificações, que coleavam pelas vias adjacentes, descendo Carioca e Silva Jardim, ao passo que outra coluna invadia a praça Tiradentes. As cabeças das filas iam ter às portas do Teatro Recreio, onde realizava-se, pela tarde, o programa radiofônico "Trem da Alegria", que ali tem lugar periodicamente. Os locutores desse famigerado programa que comporta em si tudo o que de pior pode haver para vergonha das ondas ehtzianas, inclusive a "Hora do Pato", a mais alta expressão insultuosa ao nosso bom senso e à nossa cultura, haviam anunciado aos quatro ventos que, naquele dia, seriam distribuídos cobertores aos pobres da cidade. E desde muito cedo, na data marcada, a maior multidão de miseráveis que jamais se juntou no Rio, apresentava ali, diante do teatro, o mais degradante espetáculo de mendicância, permanecendo horas a fio, sob o sol

e sob a chuvinha fina que de vez em quando regava as suas cabeças desagasalhadas, na fila interminável, que mostrava a humilhação da esmola aos transeuntes apressados. Via-se no local o que há de mais desgraçado no Rio. As fisionomias anêmicas da Favela e do Querosene se juntavam na comunhão da humildade miserável, a quem um cobertor mendigado tira o ânimo de trabalhar e a vontade de lutar. E as velhas mães de trabalhadores mal pagos, esposas famintas de operários explorados, criancinhas para quem não chega o leite agüado e fraco do câmbio negro, permaneceram na rua, expostos às intempéries, durante horas seguidas, à espera de um cobertor que a caridade do sr. Heber de Bôscoli, proclamada acintosamente pelo microfone, lhes entregaria na porta de um teatro de variedades. Mas o sacrifício não compensou. Tudo fôra uma propaganda desumana da "Hora do Pato". Havia apenas alguns cobertores baratos, duas centenas ou pouco mais. E os miseráveis que buscavam agasalho contavam-se por mais de uma dezena de milhar.

Agora, que todos anseiam pela democracia; hoje, que dois candidatos apresentam programas humanitários batendo-se pelo bem-estar das massas; quando Luiz Carlos Prestes propõe uma frente única nacional diante de oitenta mil brasileiros, com o fim de acabar com a miséria, não é possível que consintam as autoridades que se repita tal fato. Nem é possível que consintamos, nós brasileiros, que se torne a repetir tão grande insulto aos nossos irmãos miseráveis. Não podemos deixar que um palhaço pretenda tirar proveito para si da pobreza dos nossos compatriotas, tentando transformar numa pantomima ridícula aquilo que tem sido uma tragédia nacional. E se tudo foi obra do patrocínio de alguma casa comercial, endereçamos também a esse anunciante os nossos sinceros pêsames, pois a sua propaganda fugiu a qualquer norma vulgar de ética publicitária...

UMA REVISTA DENTRO DA SUA ÉPOCA



Quando se poderia imaginar que o término da guerra na Europa constituiu também o ponto final das amarguras em que vive a Imprensa, aqui estamos, sete semanas depois daquele glorioso amanhecer da Vitória, nas mesmas angústias, com racionamento de papel e sem tantos outros elementos técnicos que nos permitam dar ao público uma edição ainda melhor elaborada. É que se a guerra terminou de um lado, continuou de outro, e dêste nos vem o suprimento daquele material técnico. Ainda assim, estamos dando aos leitores, neste instante, uma edição do 45.º aniversário da mais antiga publicação ilustrada brasileira, e o fazemos na certeza de corresponder à expectativa de quem nos distingue com a sua leitura. Se há publicação que tenha acompanhado o ritmo do século, é a REVISTA DA SEMANA, cujo aparecimento

se fez apenas cinco meses após o alvorecer do Século XX, de tantas transformações para o mundo. Quem deseja conhecer a crônica destes quarenta e cinco anos, desde a Exposição de Paris em 1900, até a volta dos "pracinhas" brasileiros das terras de Itália, não tem mais que folhear as nossas coleções. Elas valem por uma contribuição para a História escrita e ilustrada do Brasil e das outras nações, pois, por força, os acontecimentos culminantes têm de fixar-se nestas colunas. Temos, aqui dentro, um patrimônio a zelar, patrimônio que pertence mais ao Brasil e aos seus filhos que propriamente a nós. E podem os leitores estar certos de que os atuais responsáveis pela vida desta publicação sentem essa responsabilidade, dela se

desempenhando com o máximo respeito. A REVISTA mantém suas tradições de órgão semanal informativo acima de tudo, sem ligações partidárias, passando em revista, de acordo com o seu título, as ocorrências universais. Os homens passam, as convicções políticas e os princípios sociais sofrem as suas transições inevitáveis, e tudo envelhece, para remogar em outras gerações que hão de por força envelhecer também, só a REVISTA está cada vez mais moça, afinando pelo espírito da sua época e associando-se às consequências do fenômeno do tempo. Aqui dentro zela-se pela manutenção dos princípios de fundamental ordem jornalística que levaram alguns brasileiros a fundar esta revista, quando ainda nem havia, sequer, uma oficina de "clichê" no Brasil. E com absoluto espírito profissional é que temos, nestes longos quarenta e cinco anos, acompanhado a evolução do país onde nascemos. Daqui assistimos à substituição de diversos períodos presidenciais e demos ao povo a reportagem ilustrada de várias revoluções. Também daqui presenciávamos as ocorrências sociais e políticas de maior alcance, desde a Exposição Nacional de 1908 ao recente comício do Pacaembu. As festividades do Centenário da Independência do Brasil, o 5 de Julho, o 24 de Outubro — todas as grandes datas têm sido gravadas nestas páginas. Somos uma revista genuinamente brasileira que, apenas afastada um lustro do meio-centenário de vida, sente-se autorizada a falar com conhecimento de causa do Brasil e para o Brasil. Jamais desmentimos a legenda com que se fizeram circular os primeiros números da nossa publicação — "uma publicação semanal com ampla reportagem de todos os acontecimentos do país e do estrangeiro" — e se tudo foi feito, mais ainda se há de realizar. A REVISTA DA SEMANA continuará dentro da sua época. E as épocas hão de renovar-se. Também a REVISTA será sempre renovada e cada vez mais moça. Porque, ao contrário do sucedido com as mulheres — e também os homens... — a idade não envelhece uma publicação. Pelo contrário.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI N. 26 30-6-945

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
Este número consta de 116 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Sumário

LITERATURA

Bilhete à minha máquina de escrever (Celestino Silveira)	3
Ódio (Magdala da Gama Oliveira)	28/29
Um centenário esquecido (R. Magalhães, Jr.)	39
A carteira roubada (Zenaide Andréa)	40/41
Boa Gente (Alvaro Moreyra)	54
Um segredo por outro (Robert Lee Son)	62
Livros Novos (J. L.)	60/61
O pintor de olhos (Jean Richepin)	70
Uma história de galo (Lucia Benedetti)	72/73
Homem de Melo (Escragnolle Doria)	94

REPORTAGENS

O beijo é assim (Celius Aulicus)	9/14
Tombou uma dinastia (Zulema Figueiredo)	31/35
Figuras e Fatos	42
O cidadão Erich Kleiber (Roberto Lyra Filho)	48
Visões da guerra que passou	49/51
A posse de Rodrigo Otavio Filho	52
Escalando o Vesúvio (Artur Estrela de Souza)	67/63
Aos 7 anos plagiador inconsciente (Armando Migueis)	69

FEMININAS

Figurinos avulsos	30, 74, 76 e 87
Nos Bastidores Femininos	71

CURIOSIDADES

Cidades para reconstruir	36
O novo Horizonte Perdido	53
Pequena biografia de Stalin (Brasil Gerson)	63/66

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos. Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fóra de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

TEATRO

Os mortos não voltam (Henrique Pongetti)	16/18
Dulcina e Sommerset Maugham ("Chuva")	21/27
Três tricromias	43

ARTES PLÁSTICAS

"Cabeça de Mulher" (Tricromia — Armando Balloni)	44
"1.007 Tabajaras" (M. Machado Portella)	45

CINEMA

Shirley Temple-Susan Foster (Tricromia)	56
Charles Boyer-Paul Henreid (Tricromia)	57
Signe Hasso (Tricromia)	58

SECÇÕES

Aconteceu há 45 anos	I
A Semana em Revista	6
Coisas do Brasil	46/47
De Música	105

CARICATURAS

De Bom Humor	15 e 38
Mrs. Roosevelt (Alvarus)	55
"Charge" de Raul	96

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	97/98
-------------------------------	-------

ESPECIAIS

A REVISTA DA SEMANA institui um grande certame literário	4/5
Carta da A. B. I.	37

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



—JOCKEY CLUB MUNDANO—

Val-se desenrolando com o brilhantismo inicial a temporada oficial de turf do Jockey Club Brasileiro. Tôdas as semanas novos e interessantes "meetings" se realizam, enfeitados sempre pela graça e distinção das elegantes "habituées" do Hipódromo da Gávea. Durante a última reunião ali realizada o fotógrafo da REVISTA DA SEMANA colheu os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.



O BEIJO É ASSIM:

vario, multiforme

HISTÓRIA DO ÓSCULO ATRAVÉS AS
IDADES — O BEIJO ATUAL NO RIO DE
JANEIRO — O CINEMA NOS CONVIDA
A BEIJAR — A OPINIÃO DE TRÊS GA-
ROTAS — O BEIJO DA DEVOÇÃO E O
BEIJO DE MÃE

Escreveu
Celius Aulicus

Fotografou
Arnaldo Vieira

O beijo... Quanta doçura, quanto encantamento, quanta poesia essa palavra encerra. Para dizer tôdas as sensações que nos atravessam o corpo e nos enchem o cérebro durante o curto espaço de tempo em que comprimimos os nossos lábios de encontro aos lábios sedosos de nossa amada, seria necessário algo mais amplo que o espaço reduzido de uma reportagem, alguma coisa que se assemelhasse ao volume do "Discurso Sobre o Método". Para dizermos os sentimentos que nos invadem o coração quando os lábios de nossa mãe nos tocam a testa de leve, após uma longa ausência do lar, não seriam suficientes tôdas as palavras de um "Larousse". Tôda a maldade nos abandona o pensamento se por um segundo tocamos com a boca as faces de uma criança. Mas o demônio põe-se a pular em nossa imaginação maliciosa, se "inadvertidamente" roçamos os lábios no rosto de nosso par, num bailezinho familiar.

Assim é o beijo. Vário, multiforme. Tanto pode ser o mensageiro de um amor inocente,



O BEIJO DE MARILIA — Esse é o beijo clássico do lirismo brasileiro. Além disso é um beijo que não existiu. Viveu apenas na imaginação de um teatrólogo, sendo por isso reproduzido muitas vezes no palco. Dirceu, na verdade, preferia fazer versos "água com açúcar" ou "crochet", a um beijo destes. Mas quando ele aparece no Teatro Universitário, a coisa muda de figura.

NUM JARDIM PÚBLICO — O Rio é a cidade ideal dos namorados. Essa cena, se fosse vista pela polícia de São Paulo ou de Belo Horizonte resultaria em cadeia na certa. Mas na Cidade Maravilhosa o amor é uma consequência lógica do clima, e os guardas camaradas compreendem isso perfeitamente. Este flagrante, colhido num banco do Passeio Público, nos mostra como Cupido goza a liberdade recém-conquistada. E os outros ocupantes dos bancos permanecem firmes, de olhos postos no jornal. (Qualquer semelhança entre os namorados que aqui aparecem e os atores Mario Brasini e Wanda Lacerda terá sido mera coincidência)



O BEIJO DE MAE — Este é o beijo que guarda em si todo o amor sagrado da mulher pelo filho. A felicidade do lar, o amor da família, tudo se resume neste beijo. A manhã foi alegre, passada no convívio dos filhos. Mas a mulher moderna tem que trabalhar. Mamãe quando sai de casa tem sempre mil recomendações para fazer aos meninos. E eles ficam bonzinhos, lembrando-se o dia inteiro da mãe e esperando ansiosamente a sua volta. E ela despede-se do menino com um beijo na testa, carinhoso e cheio de afeto: "Fique quietinho, meu bem, que eu vou trazer muita bala para você".



como o reflexo de um desejo voluptuoso. Ele simboliza o amor, no beijo de Maria Mãe de Jesus, como simboliza a traição, no beijo de Judas.

O beijo é velho como a própria vida humana, talvez mais antigo mesmo do que ela. Sim, pois ninguém poderá provar satisfatoriamente que antes do aparecimento do primeiro homem os dinossauros e os mamutes de sexo oposto não trocassem entre si ósculos gigantes. Mas, abandonada que seja a teoria dessa origem darwiniana do beijo, veremos que ele é mais antigo que a própria guerra, uma das mais velhas invenções humanas. Antes de Caim matar Abel já este havia beijado Eva com gosto, naquela tarde memorável em que aconteceu a história da maçã. E foi esse primeiro beijo de amor o culpado de tudo. O casal originário, ingerido aquele "cocktail" forte, cresceu e se multiplicou, "per omnia secula seculorum", ao som da eterna sinfonia dos beijos, que ia assinalando cada dia e cada ano, novas núpcias fecundas. Os homens levantaram para os céus, como uma ameaça revoltada, a torre de Babel. Prometeu, tentou arrebatá-lo o fogo sagrado. Dividiram-se então as tribus; os idiomas separaram os homens, como uma barreira de incompreensão. Vieram as guerras carnicieiras. E ao amor primitivo e à fraternidade antiga sucederam-se as ambições nacionais e os ódios de raças. Os guerreiros empunhavam as lanças e os escudos e investiam contra os homens das outras cidades, numa carnificina cruel. Mas, nos intervalos das batalhas, aguardavam sempre, aos que voltavam, os beijos das esposas e das amantes.

A vida do homem foi assim, na idade antiga: o caminho traçado entre a morte de um inimigo e o beijo de uma mulher.

Em Roma as cortesãs premiavam com um beijo as façanhas cruéis dos gladiadores. Já antes a Grécia erguera uma civilização imortal plantada sobre os lábios de Venus. E muitas peregrinações se realizaram a Lesbos, para a conquista do beijo pecaminoso de Sapho. Ante a mudez dos mármore de Atenas, os poetas encostavam a um canto a lira e sorviam inspiração nos lábios vermelhos das mulheres divinas. Mal a noite descia sobre a Acrópole a lua iluminava, através das janelas envidraçadas, os banquetes epicuristas, onde o vinho rubro transbordava das taças magníficas e os beijos das hetairas transbordava do sangue dos convivas em fagulhas de desejo.

Passou-se a civilização grega, teve fim o Império do Ocidente. Desceu sobre a terra a sombra da Idade Média.

O amor voltou a ser o fruto proibido aos homens e às mulheres; os cintos de castidade vieram substituir as túnicas helênicas. O beijo era um crime, a paixão era uma heresia. Mas no silêncio das barracas adormecidas, tendo apenas por testemunho a mudez das noites frias, os trovadores beijavam longamente as castelãs medrosas, cujos maridos àquela hora sorviam a poeira da Terra Santa e enfrentavam as cimitarras dos infiéis.

A Renascença veio marcar a reabilitação do beijo. O grito de libertação partiu de Gênova: Dante, encontrando Virgílio no meio do caminho, parte em longa peregrinação pelo inferno, purgatório e paraíso, à procura de um beijo de Beatriz.

Pouco depois Romeu sobe ao balcão, e apertando Julieta de encontro ao peito deixa em seus lábios a marca de um beijo imortal.

Daí para o beijo sensacional de Hedy Lamarr a evolução foi rápida...

A ARTE DE BEIJAR

Passámos, porém, das considerações históricas a um trabalho descritivo do beijo evolido do século XX, que assinala o epílogo de todos os filmes de amor, e marca o princípio



UM BEIJO NA PENUMBRA — O cinema está cheio. Apagaram-se as luzes. Na tela Gary Cooper beija longamente os lábios apetitosos de Ingrid Bergman. E na platéia alguns espectadores mais arrojados imitam os "astros". De quando em vez o "vagalume" passa com a sua lanterninha mágica desfazendo romances. A fita porém continua e os beijos se repetem na platéia penumbrosa. E' uma delícia a penumbra das salas de projeção para os namorados sequiosos de beijos. Cuidado, mães de família. Muito cuidado com os "poeiras" de bairro.

de todos os romances reais que irão terminar mais tarde no Pretório, ou em pancadaria, segundo os capítulos centrais.

Não poderíamos falar sobre o beijo, sem lembrar a técnica empregada pelos D. Juans de hoje para a conquista das ingênuas meninas de Cascadura ou de Copacabana. E' um desses conquistadores terríveis que nos fala da arte de beijar, dando-nos proveitosas lições de técnica, tática e estratégia:

— Começa-se por tomar a mão da garota. A não ser em casos raros, ela dá o contra ao primeiro contacto. E nesse dia é um erro insistir. Com três dias de ausência a pequena começa a sentir falta da gente. E quando, a seu pedido, voltamos a encontrá-la, o cumprimento deve ser um beijo na mão. Ela aceitará a homenagem com agrado. Daí para diante tudo é fácil. Chega-se à boca por etapas, com passagem pela testa e pelo rosto.

O primeiro beijo nos lábios, embora a garota aquiesça, deve ser sempre dado à força, para maior efeito. E ao primeiro seguem-se os outros. Deve-se beijar de lado, resvalando sempre para o centro, de maneira a que o beijo termine no meio da boca, justamente onde o bônito forma um pequeno coração.

— E depois?

— Depois? Depois é só passar o lenço nos locais atingidos e voltar para casa.

Aquela conversa com o campeão carioca de beijos nos deixou meio nervoso. Retomamos o nosso trabalho, caminhando pelas ruas

da Cidade Maravilhosa, à cata de beijos que servissem de material para a elaboração desta reportagem. E não foi difícil encontrá-los.

SOB A PALIDA LUZ DO LUAR

famos andando pelo passeio da avenida Beira-Mar. O luar lançava a sombra das árvores sobre o asfalto negro da pavimentação, numa concorrência desigual com a Light, que iluminava com a luz de seus kiliowatts, embaixo de cada poste, os casais de namorados que se assentavam no parapeito do cais. Os olhos dos Romeus perscrutavam os transeuntes, e os rostos baixavam discretamente sobre as faces das morenas bonitinhas do Catete. Sucedia-se o clássico ruído de um beijo sonoro. E nós íamos passando diante dos namorados, recalcando no peito a nossa inveja, com os olhos a despedir fagulhas...

Em cada metro da amurada havia um idílio, em cada esquina estalava uma beijoca. Cupido andava à solta por ali, de metralhadora em punho, alvejando mil e duzentos corações por minuto. E os corações se enchiam de ternura, os lábios ansiavam pelas carícias de outros lábios. A praia do Flamengo era toda uma sinfonia de beijos e sussurros amorosos, murmurados à luz pálida da lua, da velha lua serena, comparsa de Romeu e Julieta, que voltava agora ao céu mais uma vez, para iluminar novos beijos, para ver o espetáculo que há tanto tempo lhe é mostrado,

através dos cortinados corridos discretamente ou na comunhão democrática dos jardins públicos.

E a lua bela e serena iluminava os beijos dos namorados do Flamengo, velha sogra compassiva, acostumada já ao exercício daquela doce função através de séculos e séculos de atividade.

E continuava pela amurada afora, a sequência dos beijos intermináveis, ósculos ruidosos e sonoros, cuja música nos enchia os ouvidos e nos mexia com os nervos tensos. Entramos num bar e ingerimos um vinho do Porto.

Mas nem ali pudemos furtar-nos ao ruído dos beijos. Em nossa frente um marinheiro americano amava em inglês uma lourinha bonita. E entre um "yes" e um "I like" estalavam as bicotas.

E' PROIBIDO

Na Gávea a coisa é diferente: para cada bando de rua há um guarda municipal, zeloso de seus deveres e cômico da obrigação de evitar escândalo entre as solteironas e as famílias puritanas do bairro. Os namorados ali têm que andar na linha, afastando do idílio qualquer hipótese de beijo. Nos pontos menos favorecidos pela iluminação pública é proibida categoricamente a permanência de Cupido. Quem quiser amar no bairro do Jardim Botânico deve se limitar a um platonismo



INOCÊNCIA — Pequenos, com a consciência limpa de qualquer maldade, eles se abraçam num beijo camarada do amor puro da infância. Ela não gostou entretanto da carícia. Mas ele não se deu por vencido. Agarrou-a num abraço de tamanduá, e a câmera registrou outro aspecto sugestivo para a ilustração desta reportagem. O jeitão do garoto promete. E pela força que ele faz vê-se logo que, apesar da pouca idade, ele tem classe...

DEVOÇÃO — Num recanto de uma pequena casa suburbana, ela ora pelos entes queridos que estão longe, separados pelas distâncias de muitos meridianos. No oratório modesto, onde sempre estão as rosas frescas e perfumadas, uma estampa barata de Santa Teresinha de Menino Jesus está posta ao pé de outra santa. Tudo aqui lembra devoção e misticismo. E ela beija comovidamente a cruz do rosário.



relativo, evitando a todo custo o contacto dos lábios do objeto amado. Senão — priii! — o apito do guarda interrompe o romance e o casal tem que separar-se por força das imposições policiais.

Tivemos ocasião de apreciar o trabalho de um desses fiéis servidores dos bons costumes em prol da distância entre os namorados. Não havia casal de pombinhos que não fôsse avisado pelo apito de que "aquilo era proibido".

Mas mesmo assi malguns atrevidos reincidiam na contravenção, não conseguindo vencer a atração da presença do objeto amado. E pelas esquinas o som dos beijos assinalava a presença de Cupido e a rebeldia dos namorados. Mas o guarda passava adiante, sempre a funcionar o seu apito estridente: "Priii!". Tradução: é proibido!

O CINEMA CONVIDA AO BEIJO

Cheios ainda da recordação daqueles beijos, voltámos à cidade. Por onde o ônibus passava iam os casais de namorados que se beijavam junto aos portões das velhas casas residenciais. No ponto final descem em nossa frente dois noivos. E como o rapaz segue caminho diferente do dela, despedem-se com um grande beijo...

Para esquecer tantos e tão longos beijos ardentes, entrámos num cinema. Cometemos porém um contrassenso: o cinema é o único lugar onde não deverá entrar jamais aquele que foge dos beijos. Senão vejamos: na tela Ingrid Bergman é beijada com sofreguidão por Gary Cooper. E ao nosso lado, em nossa frente, atrás de nós os casais de namorados trocam beijos silenciosos, sempre com medo do "vagalume" indiscreto, que com a sua lanterna mágica desfaz muitos poemas de amor.

— Não, meu bem; olha o "vagalume"!

— Não tem importância. Ele não vai parar só para olhar um beijo.

— Não, não... Tem gente reparando.

— O que é que eu tenho com isso?

— Não. Aqui no cinema podem reparar. De noite, no portão...

— Tem que ser aqui mesmo. Então você não gosta de mim.

— Gosto sim, mas não fica bem.

— Que bobagem, meu amor. Olhe, toda gente aqui está se beijando escandalosamente. Além disso o que é que tem um beijo?

— Tem muita coisa, meu bem.

— Tem nada. Deixa de preconceito idiota...

E outro beijo, dado a medo, cortou por um segundo o silêncio da sala de projeção. Dizemos silêncio e dizemos bem: naquele momento não havia música de fundo na cena que reproduzia um beijo prolongado de Gary Cooper e Ingrid Bergman.

O BEIJO DA DEVOÇÃO

Assim é o beijo. Vário e multiforme. Tanto pode ser o princípio de amor escandaloso, começado num cinema escuro, como o fim de uma vida de devoção e religiosidade, passada dentro de uma igreja penumbrosa. Foi o que tivemos ocasião de ver. Na igreja pequenina rezavam os fiéis. Velhinhas de cabelos brancos, trazendo nas rugas do rosto a marca do sofrimento de longos anos de trabalho e sacrifícios, ajoelhavam-se diante do altar e beijavam depois, com os olhos cheios de devoção, os pés do Deus crucificado que dominava o templo.

O que pensariam do beijo esses seres desiludidos de todas as exterioridades da vida mundana? São elas, as velhinhas beatas, que nos respondem. Uma diz:

— Já não posso saber o que penso do beijo. A última vez em que dei um beijo foi em meu filho. Faz agora quarenta anos que ele morreu...

Outra senhora, aparentando uma idade superior a oitenta anos:

— Poucas vezes beijei em minha vida. Beijeí minha mãe, há setenta anos. Beijeí meu noivo aos vinte. Beijeí meu filho há meio século. Agora beijo apenas, respeitosamente, a cruz do meu rosário. Já não tenho filho; meus netos estão perdidos pelo mundo... A minha família, o meu amor, o meu consolo são o meu rosário. Com êle estarei tranquila mesmo atravessando o vale da sombra da morte...

E com essa citação bíblica a anciã retoma a oração que interrompêramos, beija novamente a cruz do rosário, e os seus olhos banham-se em lágrimas. Saudades dos beijos mortos e sepultados pelos anos...

"O MEU MELHOR BEIJO É PARA O MEU BABY"

Fala-nos uma mãe de família:

— Tive namorados, fui uma moça requestada. Passaram-se entretanto os amores de minha juventude e encontrei o amor sereno e firme de um homem. Casei-me. Tenho para mim que toda mulher tem obrigatoriamente duas funções na vida: amar e conceber. Cumpri a minha missão. Hoje tenho um filho que, para mim, representa o que há de mais sublime!

Conversávamos num jardim público, onde encontráramos a jovem senhora conduzindo seu "baby" num carrinho. E ela, apontando o garoto, continua:

— Êle é para mim o que há de mais sagrado; êle é o mais perfeito símbolo do amor. Quando eu morrer êle será uma lembrança de mim mesma. É justo pois que o meu melhor beijo seja para o meu filho. E sei que como eu pensam todas as mães do mundo. Muito sofremos para dar vida a um novo ser, mas só a sua presença ao nosso lado é um pre-



UM BEIJO QUE ENGANA — Para quem assiste a uma novela radiofônica, as cenas de amor são sempre pontilhadas de beijos na boca. Dentro do estúdio, porém, a coisa passa-se de maneira bem diversa. Os dois protagonistas entabulam a conversação do idílio junto ao microfone. O rapaz fala longamente do amor. Tudo faz crêr que os dois estão assentados num sofá. E quando se ouve o ruído do beijo pensa-se que êle de fato beijou os lábios da pequena. O que houve entretanto foi um beijo do contra-regra, dado contra o dorso da mão.

SILHUETA INDISCRETA — Num canto do salão, esquecidos das danças, conversavam os dois namorados. Muito jovens ainda, êle e ela. Embebiam um no outro os olhares enlameados. Um sorriso sem causa iluminava os lábios de ambos. De repente, com uma delicadeza extrema, êle aproximou sua cabeça da cabeça da menina. Ela continuava a sorrir, convidando. O jovem tomou-a nos braços. Contra a luz da janela desenhavam-se as suas silhuetas sugestivas. O fotógrafo bateu a chapa pouco antes dos lábios se tocarem. Um segundo mais e teríamos o fato consumado. Mas com a explosão da lâmpada o casal de pombinhos se separou.





mio valioso para as nossas dôres e as nossas amarguras. Nada poderá desejar de melhor uma mulher que ser mãe...

TRÊS GAROTAS DO BARULHO

Iam passando três pequenas dessas a quem podemos emprestar, sem favor, o qualificativo "infernais". Olhámos, menos por admiração que por fôrça do hábito. E já íamos deixá-las distanciare-se, quando nos lembrámos de saber o que pensariam do beijo três garotas cariocas.

— Bom dia, senhoritas.

— Bom dia.

— Somos reporters e...

— Estou vendo — disse a primeira, olhando a máquina do fotógrafo.

— Muito nos agradaria saber o que pensam as senhoritas do beijo.

Eram duas morenas e uma loura. E foi esta quem se assustou:

— Vamos embora, Margarida. Este "cara" é muito atrevido.

— Atrevido não, senhorita: curioso. Queremos apenas saber, e não provar.

A morena que havia falado antes retoma a palavra:

— O beijo, o beijo... Eu quase nada sei a respeito disto. Nunca fui beijada.

Fala agora a lourinha medrosa:

— O beijo não vale nada. E' besteira. Eu pensava que qualquer beijo faria a gente ficar maluca. Mas agora sei que não faz. Só beijaria de hoje em diante um sujeito assim como Tyrone Power, por exemplo.

Opinião da segunda morena:

— Pois eu beijaria a qualquer um. Não sei por que me dá de vez em quando uma ânsia de beijar alguém. Aconteceu outro dia no auditório de uma de nossas emissoras. Eu assistia ao programa de Carlos Ramirez. Houve um momento em que não sei como não pulei no palco para beijá-lo. Isto foi justamente quando êle cantava aquêlo trecho da "Baixa do Sapateiro": "Manda uma morena igualzinha p'ra mim...". Ah! êle fez uma cara tão bonitinha que não sei como pude me conter.

E a pequena continua com um suspiro:

— Ah! meu reino por um beijo de Carlos Ramirez...

Parabens, Colômbia! A garota é do barulho.

ASSIM E' O BEIJO

Assim é o beijo: vário, multiforme. Tanto pode ser o beijo de Judas pago com os trinta dinheiros, como o de Maria pago com a adoração de milhões de fiéis.

Terminamos aqui a nossa reportagem sobre o beijo. Ela é apenas um pequeno resumo do que conseguimos nas ruas, nos cinemas, nos teatros e nos lares do Rio de Janeiro, relacionado com o ósculo. Mas nem só no Rio se beija. O mundo, dos areais da Síria às geleiras da Groelândia, dos píncaros do Everest aos abismos marítimos das Filipinas, é toda uma sinfonia infinita de beijos que se trocam. Beijos de amor, beijos de amizade fraternal, beijos de despedidas, beijos de traição. Para falar tudo o que o beijo nos sugere, seria necessário que rasgássemos as próprias artérias e escrevêssemos com sangue todos os nossos sentimentos e tôdas as nossas emoções.

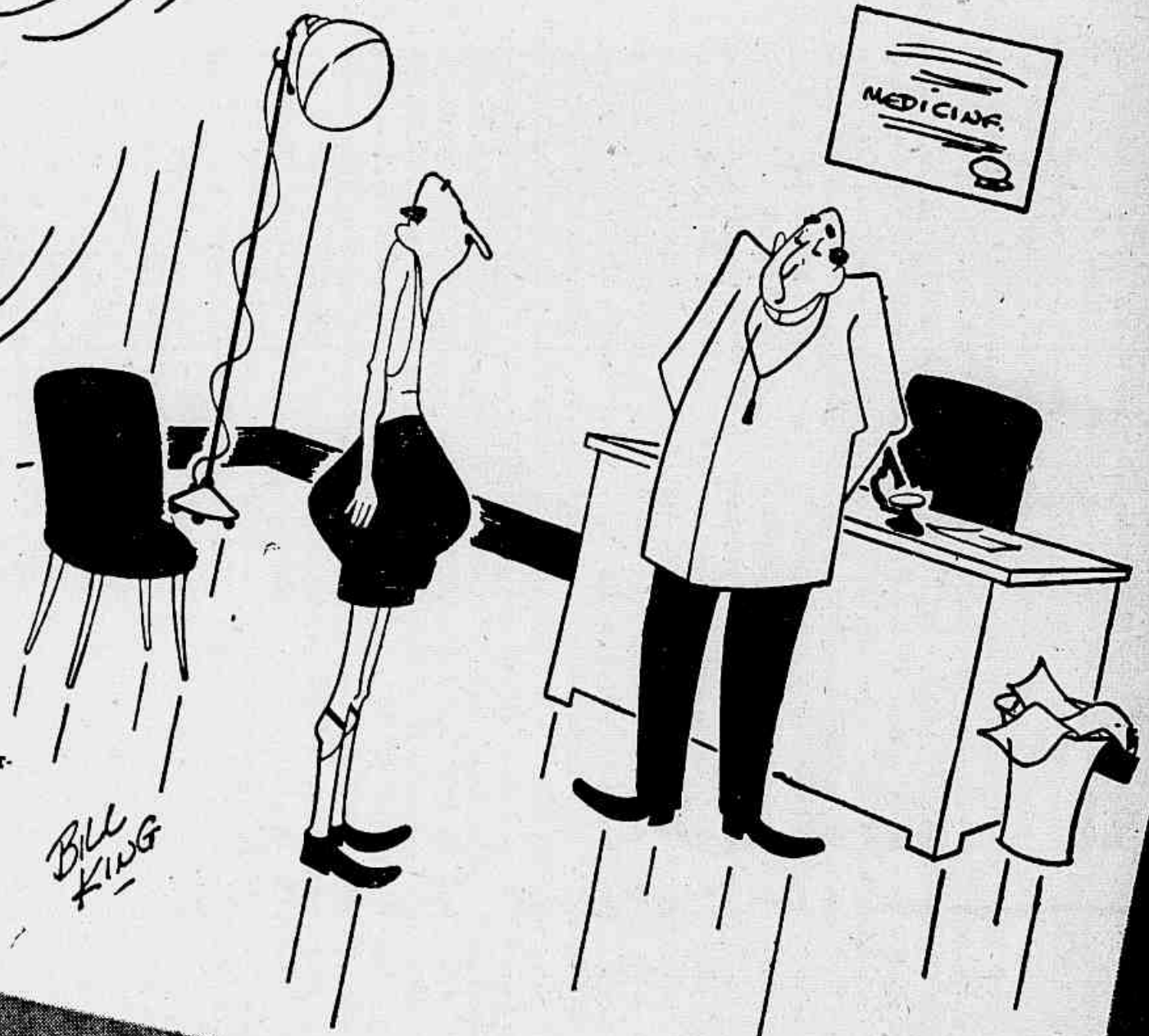
Terminamos sentindo ainda nos ouvidos a música dos beijos que nos foram dado observar. Aqui fica pois esta reportagem em torno do beijo, o símbolo do amor e da traição. Que ela se encaixe bem entre um conto de amor e um anúncio de bônus. Pois, se o reduzido espaço de uma revista não comporta um longo estudo em torno dos beijos, um beijo cabe em qualquer lugar...

ROMEU E JULIETA — O mais belo e mais expressivo de todos os beijos clássicos. Romeu sobe ao balcão, inflamado de desejo e sedento de amor. Julieta oferece-lhe os lábios deliciosamente. Essa cena foi representada por Zézé Pimentel e Roberto Perez, do Teatro Universitário. Por ela podemos ainda hoje reafirmar a genialidade de Shakespeare.

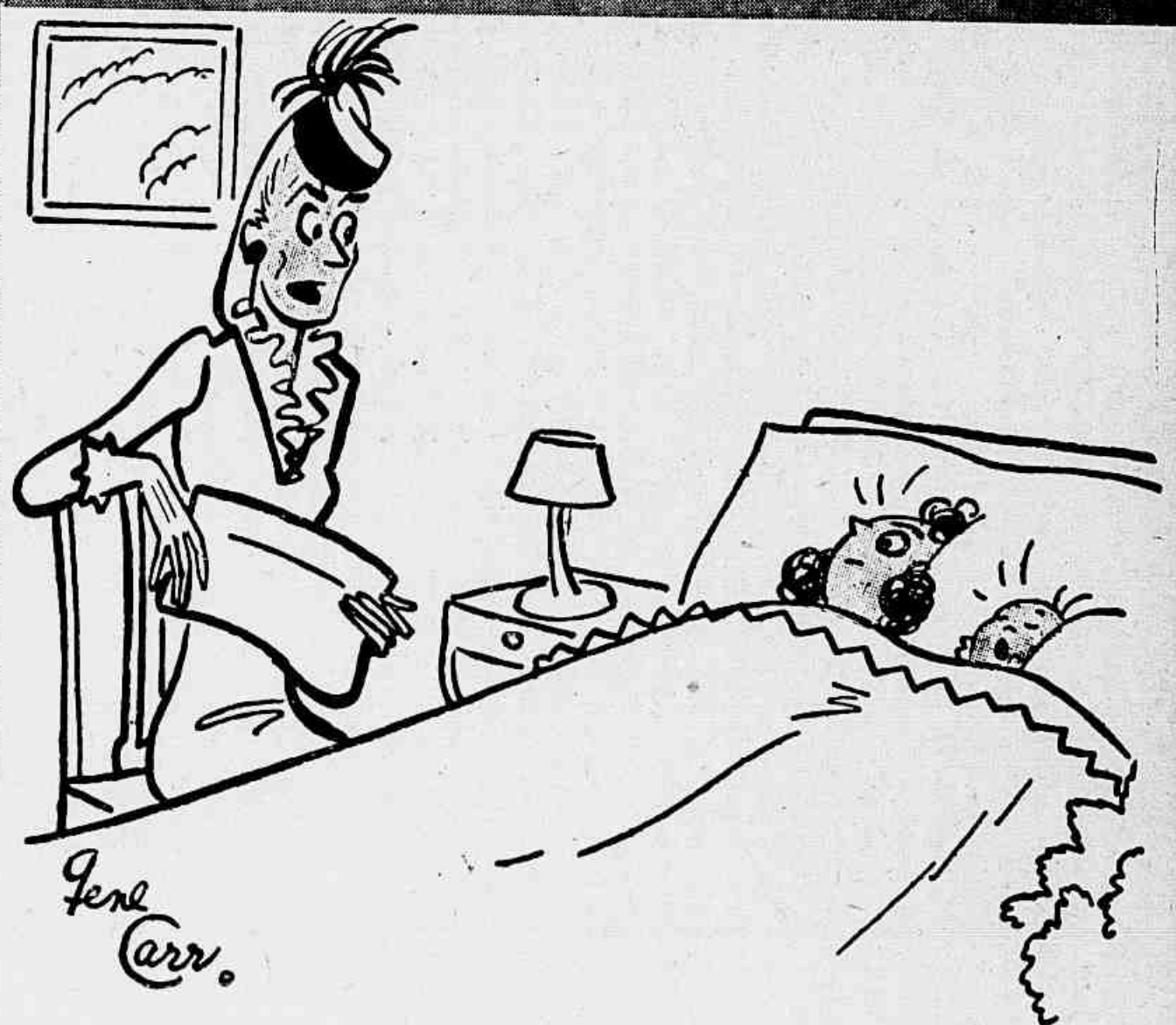
DE BOM HUMOR



— Pelo que vejo o senhor costuma dormir de lado...



— O senhor é muito amável permitindo que eu compartilhe do seu guarda-chuva...



— Afinal, queridinha, que tem você feito nestes últimos tempos?



— Você vai me achar ridícula, mas não posso ainda admitir que Anthony haja morrido.

OS MORTOS NÃO VOLTAM

Um "sketch" de HENRIQUE PONGETTI

FOTOGRAFIAS GENTILMENTE POSADAS PELOS RADIO-ATORES CAHUÊ FILHO, NELIO PINHEIRO E TALITA DE MIRANDA

— Eu vou buscar os seus cachimbos, Anthony. Um momento...



(Na Inglaterra, em 1923)

JACK — Bom dia, Evelyn.

EVELYN — Bom dia, Jack. Tenha a bondade de sentar-se. Você deve estar morto de frio. Quer um gole de rum?

JACK — Obrigado, Evelyn. Eu ainda sigo o meu velho sistema de beber um gole de rum antes de sair de casa, quando neva. Não vejo coisa mais sensata nesta Inglaterra de invernos tão ingratos e de rhums tão gostosos (ri). Sabe que dia é hoje, Evelyn? Ou esqueceu?

EVELYN — Oh, Jack, como poderia esquecer? Eu gosto tanto de você!

JACK — E então? Posso tratar dos nossos papéis de casamento?

EVELYN — Você vai me achar ridícula, mas eu não tenho coragem de admitir ainda que Anthony haja morrido.

JACK — A lei já considerou expirado o prazo legal e deu Anthony como falecido. Há seis anos a guerra acabou e não se tem notícias dele em nenhuma parte do mundo. Você não tem mais o direito de renunciar à sua felicidade.

EVELYN — Eu sei, Jack. Mas o fato de não haver uma prova concreta do falecimento de Anthony me constrange como se ele estivesse vivo, como se eu estivesse praticando um crime de bigamia. Eu sei que você está me achando ridícula, eu sei. O próprio juiz riu muito quando lhe contei essas coisas. Mas eu não consigo dominar essa luta de consciência, Jack.

JACK — Sinceramente, Evelyn, eu começo a duvidar do seu bom senso. Então você acha que se o soldado Anthony desaparecido na frente de batalha da Macedônia em 1917 estivesse vivo, a Inglaterra não o teria encontrado em 1923? Você está fazendo pouco do nosso "Intelligence Service", Evelyn. Ou então terá que admitir que ama um homem que prefere passar por morto a voltar aos braços da própria esposa.

EVELYN (sentida) — Jack! Eu gostaria que você apreciasse melhor os meus escrúpulos.

JACK — Perdoe-me, Evelyn. Eu me queixo como um homem que lhe quer bem, que já não poderia admitir a idéia de não se casar com você. Hoje, precisamente, eu contava ouvir da sua boca uma decisão formal.

EVELYN — Ouça, Jack, eu não lhe darei a resposta definitiva hoje, mas amanhã sem falta.

JACK — Amanhã, por que amanhã? Você está perdendo a noção do tempo, Evelyn. Quando se ama — no dizer do poeta — é perdido todo o tempo que não se dedica ao amor! Nós temos perdido um tempo enorme, como se os cabelos brancos já não andassem querendo se intrometer na nossa cabeça para nos prevenir contra o desperdício.

EVELYN — Jack, seja razoável. Amanhã eu lhe darei uma resposta definitiva.

JACK — Está bem, Evelyn. Eu não tenho outro remédio senão esperar. Que culpa eu tenho de gostar tanto de uma mulher que acredita na volta dos mortos?

EVELYN — Sr. Juiz, não se ria outra vez de mim, mas eu quero que me responda com a mão sobre a Bíblia.

JUIZ — Está bem, sra. Evelyn, responderei com a mão sobre a Bíblia. Pode formular a pergunta.

EVELYN — Diga, sr. Juiz: posso perante Deus e perante os homens me considerar viúva do soldado Anthony Forrester, desaparecido em 1917 na frente de batalha da Macedônia, e dado como morto pela justiça depois de expirado o prazo legal e de esgotadas as buscas?

— E' sim, meu amor. Somos tão felizes! Olhe: eu vou contar a você uma coisa...

JUIZ — Pode, sra. Evelyn Forrester. E tanto pode, que se a senhora resolver casar-se de novo eu farei questão de elogiá-la num breve "speech", durante a cerimônia. A senhora é o melhor exemplo da solidez do culto matrimonial da Inglaterra (ri).

JACK — Enfim, minha Evelyn!

EVELYN — Oh, Jack, como eu sou feliz!

JACK — Querida!

EVELYN — Meu amor!

JACK — Bem, vamos mudar a roupa depressa que o trem parte às quatro e trinta. Você já imaginou que dias deliciosos passaremos na casa de campo?

EVELYN — Imaginei tudo, tudo, amor! E você vai reconhecer que se demorei muito a consentir no casamento, fui oportuna na escolha da época. Vamos passar a lua de mel no campo em plena primavera, Jack! Escuta aqui: devo vestir o "tailleur" azul marinho ou o cinza claro?

JACK — O azul marinho. Pense no que fará o "Black" com suas patas sujas de terra quando você chegar ao seu alcance. Ele deve estar morrendo de saudades, o coitado!

EVELYN — Pobre "Black"! Era o cão preferido de Anthony!

(Toque forte de campainha)

JACK — Quem será? Ah, deve ser o chauffeur. Eu vou lá dizer-lhe que espere um pouco. Evelyn, faça-se bem bonita, mas não se esqueça de que vamos tomar um trem.

EVELYN — Cinco minutos só, amor. Estou quase pronta.

JACK — Oh, você, Anthony!

ANTHONY — Eu mesmo, sim! Pode beliscar-me! Sou de carne e osso! Naturalmente, a você devo parecer um fantasma... um fantasma um pouco importuno e incômodo. Não me convida a entrar? Eu gostaria de entrar. Repare: há um magote de basbaques me acompanhando para ver o desfêcho da nossa tragicomédia. Cretinos!

JACK — Perdão, Anthony... Tenha a bondade. Esta casa ainda é sua. Ou melhor: é novamente sua.

ANTHONY — Trata-se do seguinte, Jack. Eu não vou contar por que só agora reapareço. Daria folhetim, com sequestro em montanhas, perda e recuperação de memória, assassinato de guardas, o diabo a quatro! O fato é que estou vivo e encontro você casado há uma hora com Evelyn, minha esposa legítima.

JACK — Esperamos além do prazo legal, Anthony. Fomos de uma nobreza moral incontestável. Juro! Não há baixezas no nosso amor!

ANTHONY — Eu não estou fazendo acusações, meu caro, estou constatando. Se eu não tivesse sabido de tudo na porta desta casa quando já havia tocado a campainha, teria voltado para a estação sem perturbar a vossa lua de mel. Além disso há nesta casa um tesouro do qual eu nunca abriria mão: a minha coleção de cachimbos. Ainda existe a coleção de cachimbos?

JACK — Evelyn aumentou-a. Ela comprou mais alguns cachimbos excelentes, esperando sempre a sua volta.

ANTHONY — Minha boa Evelyn! Então tenha a bondade: dê-me depressa a coleção de cachimbos. Quero chegar a Londres hoje mesmo.

JACK — Mas... você não acharia conveniente discutirmos a situação absurda em que ficamos perante a lei?

ANTHONY — Perante a lei eu estou morto, e os mortos quando voltam aos fuchicos da vida só servem para atrapalhar os juizes e os recém-casados. Ouça, Jack, você é um

(CONTINUA NA PAGINA 92)

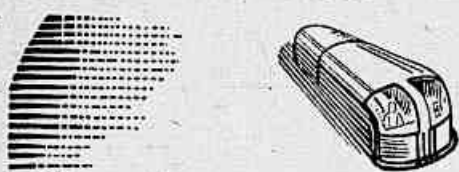


O BRASIL DE HOJE

é uma só
máquina
resultante da coordenação de todas as
forças morais e materiais que farão o
BRASIL DE AMANHÃ



UMA INSTITUIÇÃO
BANCARIA QUE SE
PÕE A SERVIÇO DA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO



CONSTITUE UMA
FONTE DE ENERGIA
PARA A MÁQUINA
DO PROGRESSO
NACIONAL.

BANCO ECONÔMICO DO BRASIL S/A

RUA 1º DE DE MARÇO Nº 13 (SÉDE PRÓPRIA)
TEL. 23-1940 REDE INTERNA-END. TEL. "ECONÔMICO"

Apia

O GRANDE

Bar e Restaurante BRAHMA

por motivo do aniversário da "Revista da Semana" apresenta seus votos de feliz atuação no mundo jornalístico, para gaudío de uma classe jovem e laboriosa.

C. C. ATANES

AVENIDA RIO BRANCO, 152/56 • RIO DE JANEIRO

PENICILINA

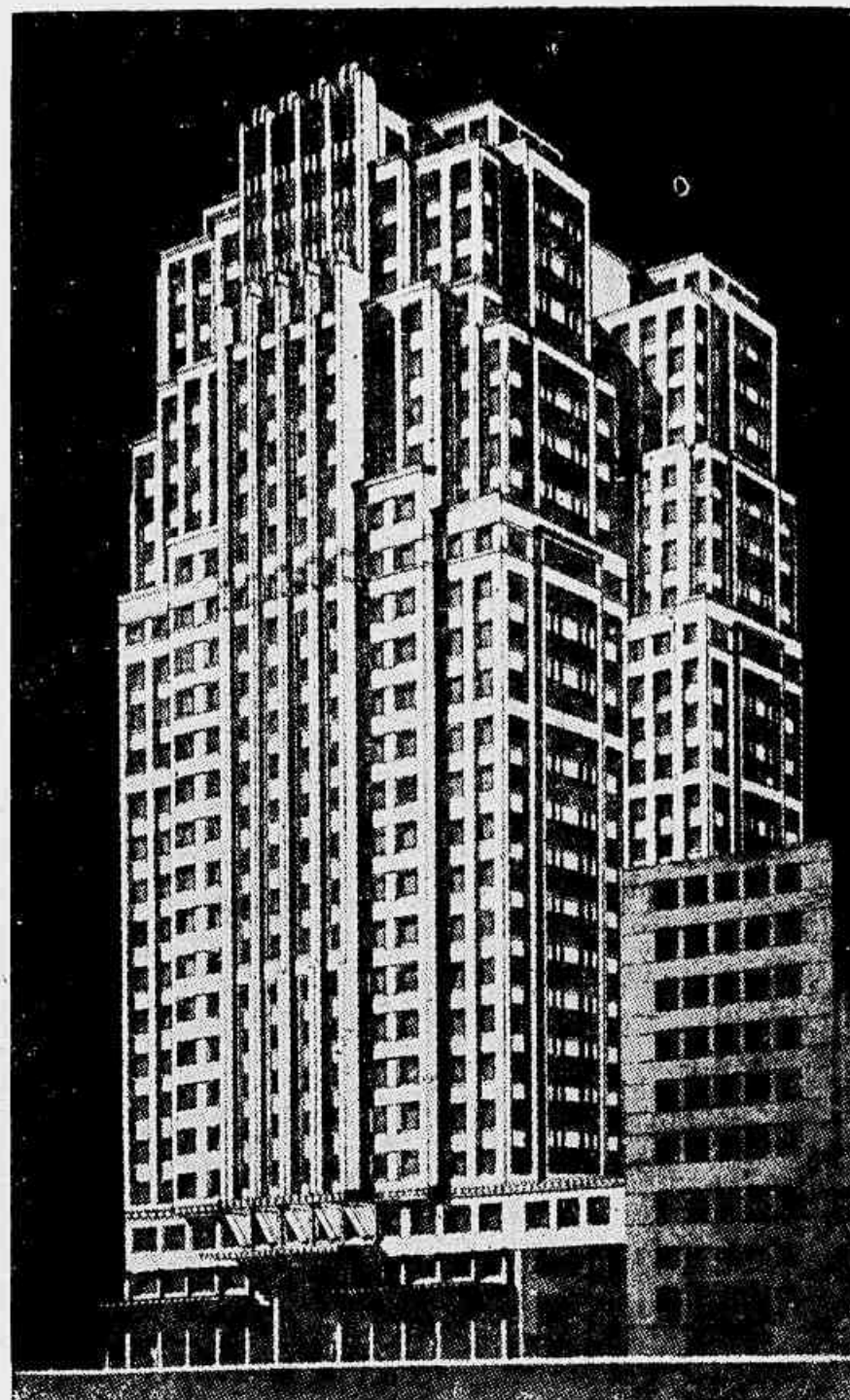
A "Farmacia Mundial", rua S. José, 118, comunica à ilustre classe médica e aos seus clientes encontrar-se perfeitamente aparelhada para atender a qualquer prescrição de PENICILINA, observadas as determinações do Departamento Nacional de Saúde.

FARMACIA MUNDIAL

RUA S. JOSÉ, 118 — FONES: 22-6932 e 22-7208

Meticuloso e rápido aviamento do receituário médico

Edifício "DARKE"



Rua 13 de Maio n.º 23

VENDA DE ESCRITÓRIOS

Financiamento de S. A. MARTINELLI

PROJETO, CONSTRUÇÃO
E INCORPORAÇÃO

SANTIAGO & KIRITCHENCO

Avenida Graça Aranha, 206
9.º andar - Telefone 22-9844

O CHUVEIRO ELÉTRICO QUE NÃO FALHA!

- ◆ Elegante, prático, econômico
- ◆ Garantido por 5 anos
- ◆ Instalações rápidas e perfeitas pela casa

PAN • LUX

RUA MONTE ALEGRE, 43
FONE 42-4191

◆ ATENDEMOS COM PRAZER A QUALQUER CHAMADO OU PEDIDO TELEFÔNICO DE INFORMAÇÕES

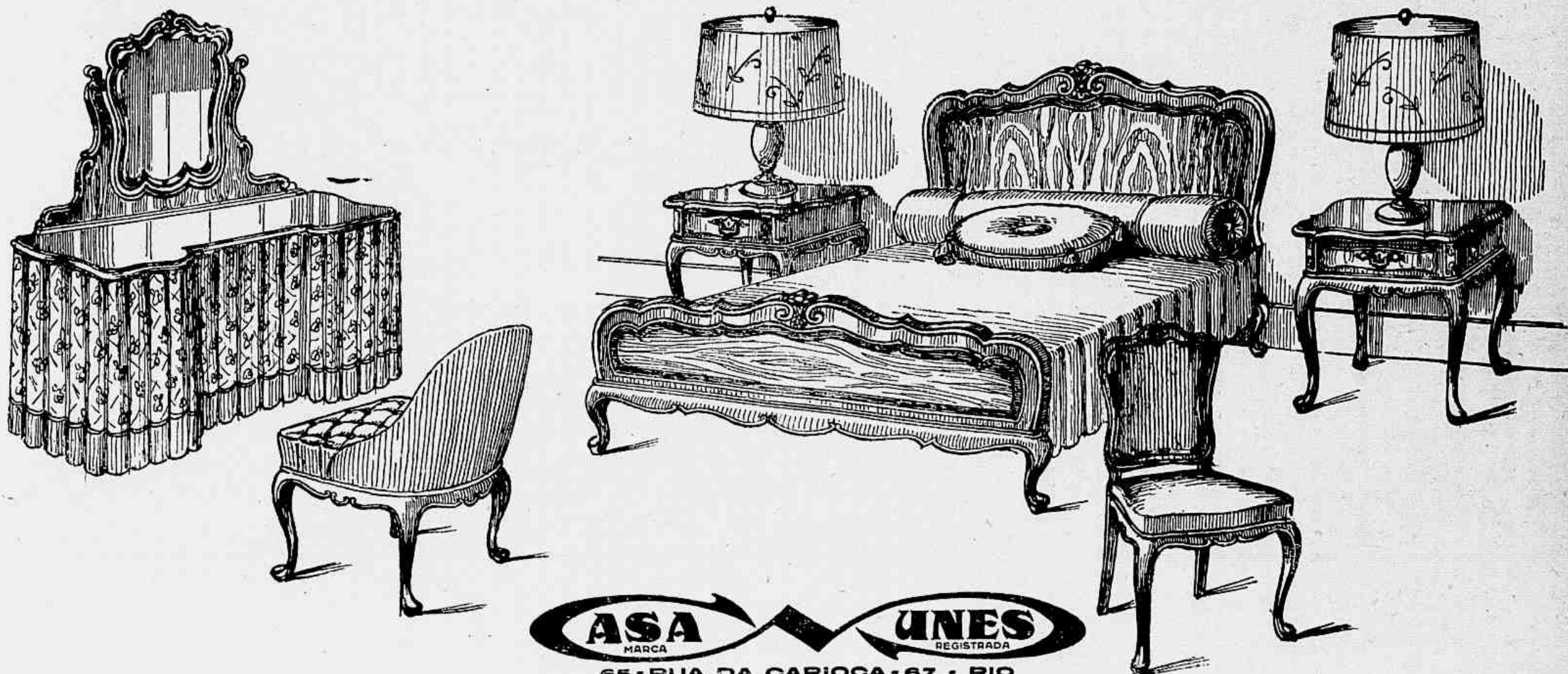
QUE BANHO DELICIOSO!

VENDAS A VISTA E A LONGO
PRAZO PELO SISTEMA
S. E. R. V. E. LTDA.
Largo da Carioca, 5 — S. 503 — Fone 42-8391



Dormitório "Chippendale" em Imbuia ou Jacarandá

confecção esmerada, garantida
por uma reputação de mais
de 30 anos de **bem servir**



Camisaria Ayres



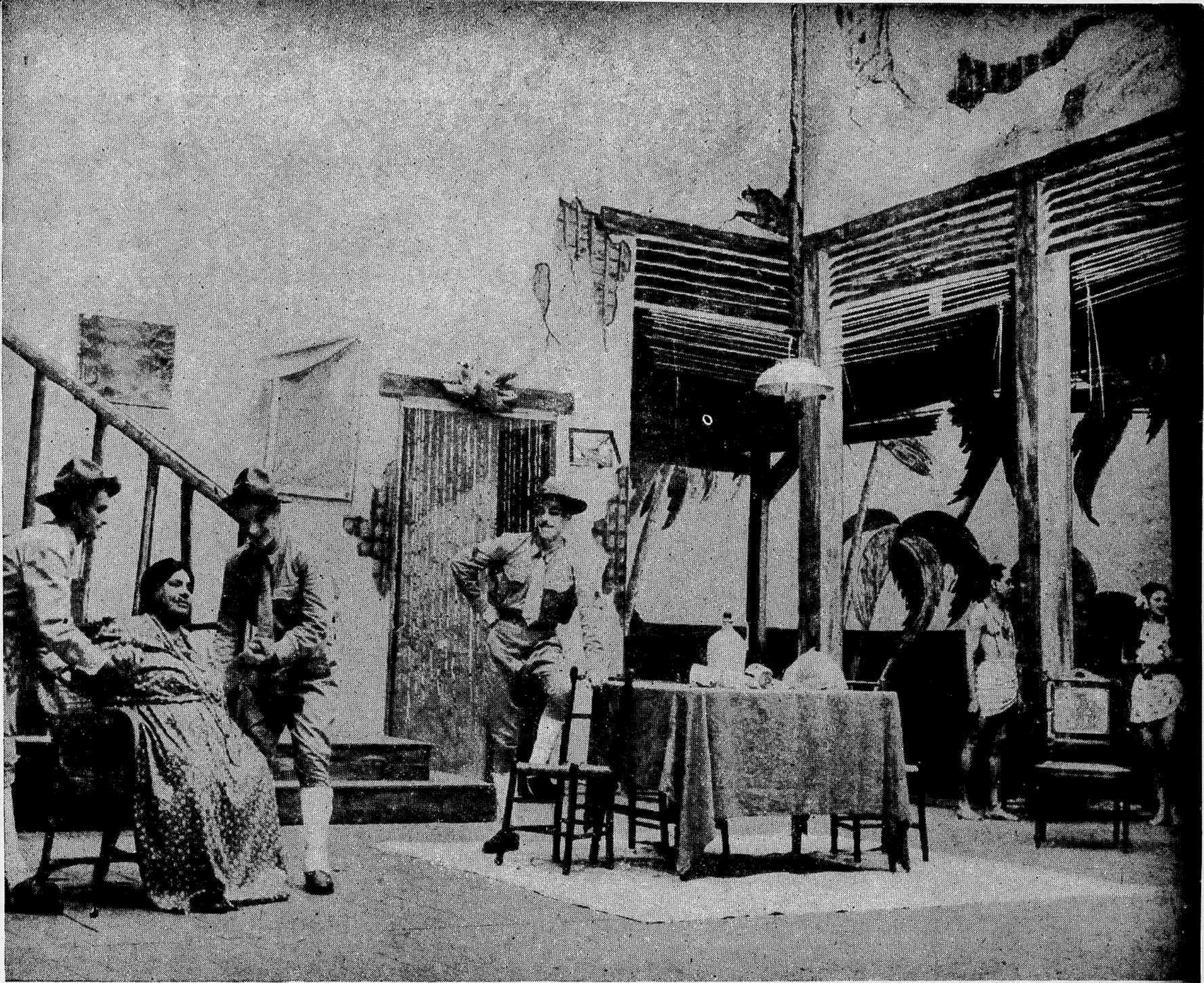
RUA DA CARIOCA, 23

As fotos que estampamos nesta página dão aos nossos leitores uma magnífica mostra do ambiente de alta distinção que oferecem as modernas instalações da Camisaria Ayres, A CASA ABSOLUTA DAS CAMISAS SOB MEDIDA, e que mantém o mais fino e variado sortimento de artigos de luxo para homens, cama e mesa, etc.



A Camisaria Ayres pode servir melhor ao seu vasto e seletto círculo de fregueses porque tem oficinas próprias, e o seu chefe, Sr. M. Ayres, que é o tipo perfeito do comerciante gentleman, faz questão de que seja dispensado a todos tratamento distinto e fidalgo.





1 Naquele velho armazem de Pago-Pago, as coisas são assim. Os nativos empregam o tempo em servir os "touristes" e os fuzileiros norte-americanos, que ali afluem ávidos de boa comida, um quarto para descansar os ossos e um pouco de alegria. Joe Horn, o dono do Armazem Pago-Pago, não passa de um excelente filósofo sempre agarrado ao seu garrafão, companheiro inseparável de todas as horas. E a sra. Horn, pesadona e ingênua, distrai-se com os rapazes, rindo de suas proezas, deixando que os dias passem. Quando não chove, Pago-Pago é um pedaço bonito do mundo. O clima tropical, as palmeiras muito verdes, o sol inundando de luz as gentes e as coisas, tudo vale por um permanente convite de alegria...

DULCINA E SOMMERSET MAUGHAM

2 Que terra feliz, Pago-Pago! As nativas, de sarong e cabelos perfumados, em tranças; os rapazes, em trajes idênticos, ambos de vistosas grinaldas floridas ao pescoço, tecem seus "firts". E vão se deliciando com saborosas talhadas de melancia...

Um dos grandes sucessos da temporada teatral está sendo a encenação de um original inglês extraído do famoso conto de Somerset Maughan "Rain", que em nosso idioma recebeu o título "Chuva". Coube aos escritores John Colton e Clemence Randolph incumbirem-se da versão teatral, que teve por sua vez, como tradutor para o português, o escritor patricio Genolino Amado. Anos atrás a versão cinematográfica de "Rain", com o título "Tentação da Carne", foi aqui apresentada, com Joan Crawford e Walter Huston nos mesmos papéis em que agora estamos aplaudindo Dulcina e Odilon, respectivamente. As representações de "Chuva", desde sua memorável estréia na temporada oficial do Teatro Municipal, marcaram um ponto alto e valeram a Dulcina os mais justos e calorosos aplausos por parte da crítica e do público, traduzidos também na colocação de uma placa no "hall" do primeiro teatro da capital da República.

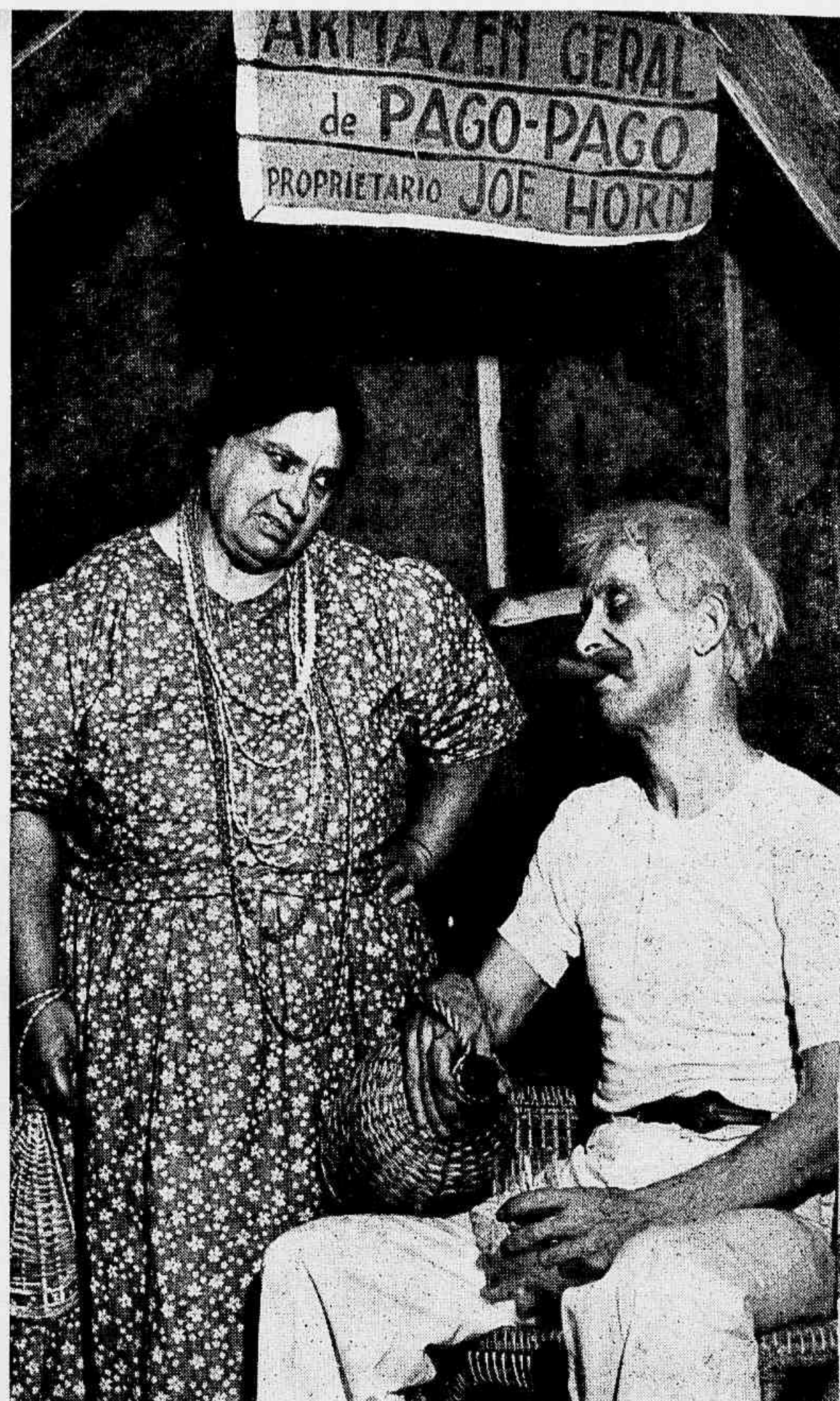
São estes, pela ordem de entrada, os intérpretes de "Chuva":

Sra. Horn	Conchita Moraes
Griggs	Milton Carneiro
Bill	Urbano Silva
O'Hara	Restier Junior
Joe Horn	Manoel Pera
Sra. Davidson	Luiza Barreto Leite
Dr. Mac Phail	Ribeiro Fortes
Sra. Mac Phail	Aurora Aboim
Miss Sadie Thompson	Dulcina
Comissário Bates	Armando Rosas
Reverendo Davidson ..	Odilon
Nativo e Nativa	Nelson Camargo e Dely Charly.

Os cenários foram confeccionados por Mario Conde, os figurinos por Oswaldo Motta, o fundo musical teve a direção do maestro Leon Gombarg e a direção geral do espetáculo foi executada por Dulcina.

A ação de "Chuva" transcorre na ilha de Pago-Pago.





3 Um dia, surge no armazem um casal multíssimo alegre... O comissário Bates, "habitué" de Pago-Pago, convidou a jovem e irrequieta Sadie Thompson para um giro em terra. Ela é escandalosa, gosta de cantar e dançar, usa de uma linguagem nem sempre muito cautelosa. Enfim, o casal vem disposto a beber, ouvir música de gramofone e dançar!

4 A boa sra. Horn está receiosa que Sadie Thompson venha perturbar a quietude do lugarejo. E interpela o marido... Cuidado, Joe! Essa mulher parece ter pinta... Mas quem diz! Joe Horn continua mordiscando o charuto, bebe mais um gole e aconselha a esposa a deixar que os jovens gozem a vida como bem entenderem. Filosofia no caso, mulher!

5 E tudo continuaria sem novidade se no Armazem Geral de Pago-Pago não aparecessem outros personagens. A sra. Davidson, mulher puritana e arraigada aos preconceitos, escandaliza-se com Sadie. E o casal que a acompanha, o dr. Mac Phail e a esposa, prevêem algum aborrecimento. Está lá fora, devendo chegar mais tarde, o reverendo marido da sra. Davidson. Meu Deus, quando ele chegar será o primeiro a exprobar o procedimento daquela criatura inconvenientíssima... E a sra. Davidson sente um aperto no coração. Ela conhece o temperamento do marido!

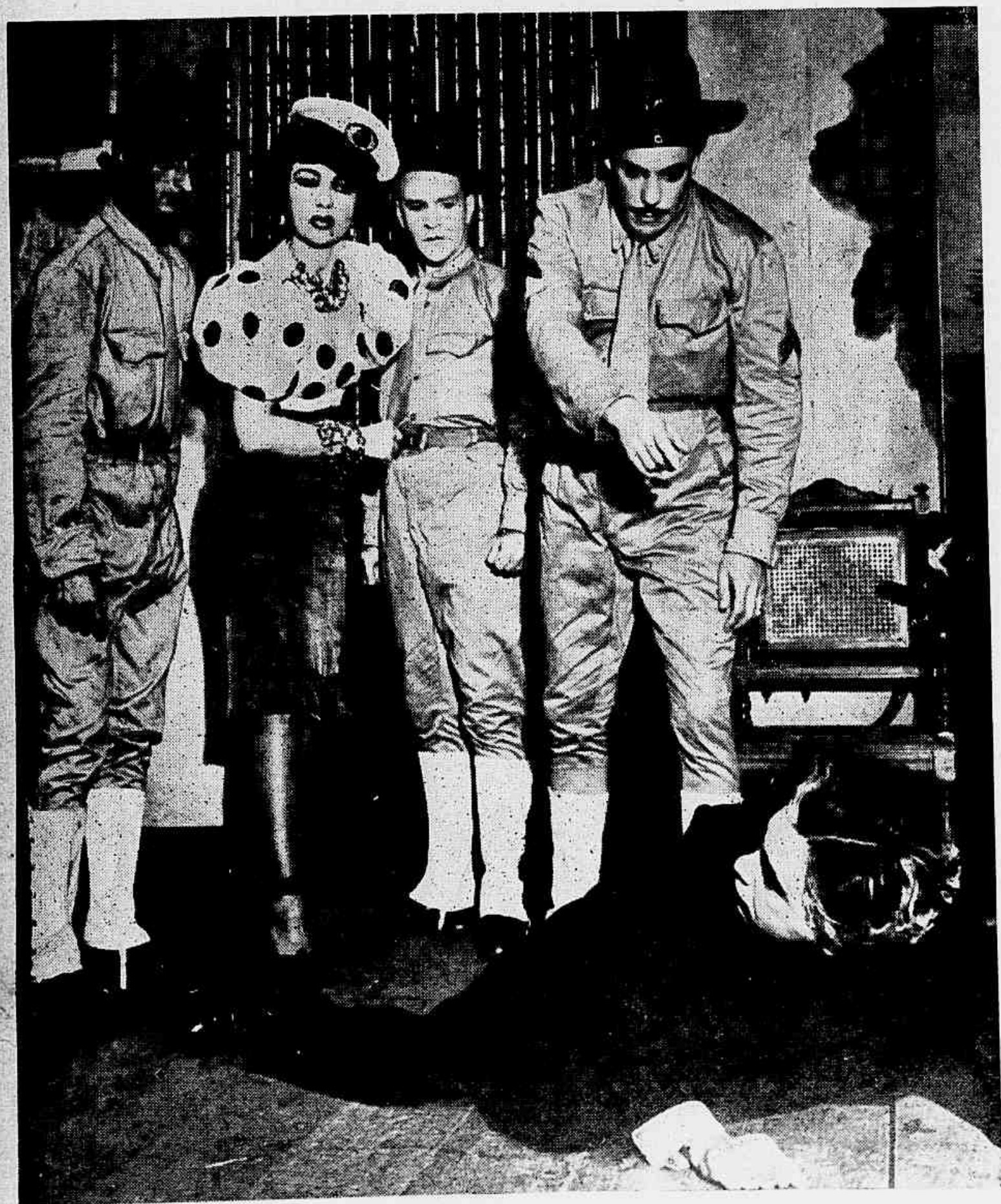




6 Enquanto não surge o reverendo, tudo vai bem. Sadie cai nos braços de Griggs e Bill, dois fuzileiros bisonhos que se entusiasmam com a sua alegria. Joe Horn entra no brinquedo. O comissário Bates acha que é preciso fazer muito barulho. E o outro fuzileiro, O'Hara, recebe o apelido de "Bonitão". E' assim que Sadie Thompson o chama... A família puritana recolheu-se para evitar novos encontros. O gramofone solta os sons estridentes de um repertório maluco de jazz e blue. Sadie Thompson está no seu elemento. — Vamos brincar, rapazes!

7 E a chuva começou! Em Pago-Pago, quando ela vem não quer voltar tão cedo. O temporal prolonga-se, dia e noite, por semanas e semanas. O sol despede-se definitivamente. E os nervos da gente passam a agitar-se. Tudo é tortura, inquietude e tédio. Sadie Thompson não está acostumada àquele ambiente. Depois a temperatura abafadiça, o suor quente, a humidade da terra, tudo faz que Sadie Thompson fique irritada. Ela desejaria que algum imprevisto a despertasse. Nada como o movimento, as emoções novas, as coisas que acontecem de surpresa...





8 E o inesperado acontece! O aparecimento do reverendo Davidson faz alterar o panorama geral. Quando êle entra no armazem e surpreende Sadie divertindo-se com os fuzileiros e o comissário, sente subir-lhe à cabeça um desespero maior. E' diretamente à moça que êle se dirige, para insultá-la. Basta de escândalos, mulher impura! Então não compreende a impropriedade do lugar? Se quer dar expansão aos seus instintos, ao seu vício, que o faça em outro lugar, não ali, onde se encontram pessoas de bem, decentes e dignas... Sadie o encara. Que brilho singular nos olhos do reverendo! Mas com que direito a insulta? Quem é êle para ditar-lhe ordens? E o conflito surgiu...

9 Quando Sadie se recolhe ao seu aposento, na companhia dos rapazes, está disposta a provocar o reverendo. Põe o gramofone novamente em função, e o alvoroço toca às raias do paroxismo. Dançam os quatro, bebem e gritam... Davidson sente que não poderá mais suportar aquêle insulto a êle mesmo e ao seu credo. Investe pelo quarto de Sadie, empurrando a porta e disposto a acabar, de qualquer modo, com o barulho. Eis o resultado... "Bonitão" o traz para fora, pela ge'a do casaco, e o estende no assoalho com um direto em cheio no rosto. Cai o reverendo, para levantar-se emseguida e subir para o seu quarto. Êle não sabe ainda o que vai fazer. Mas, de qualquer modo, há de vingar-se, sim!

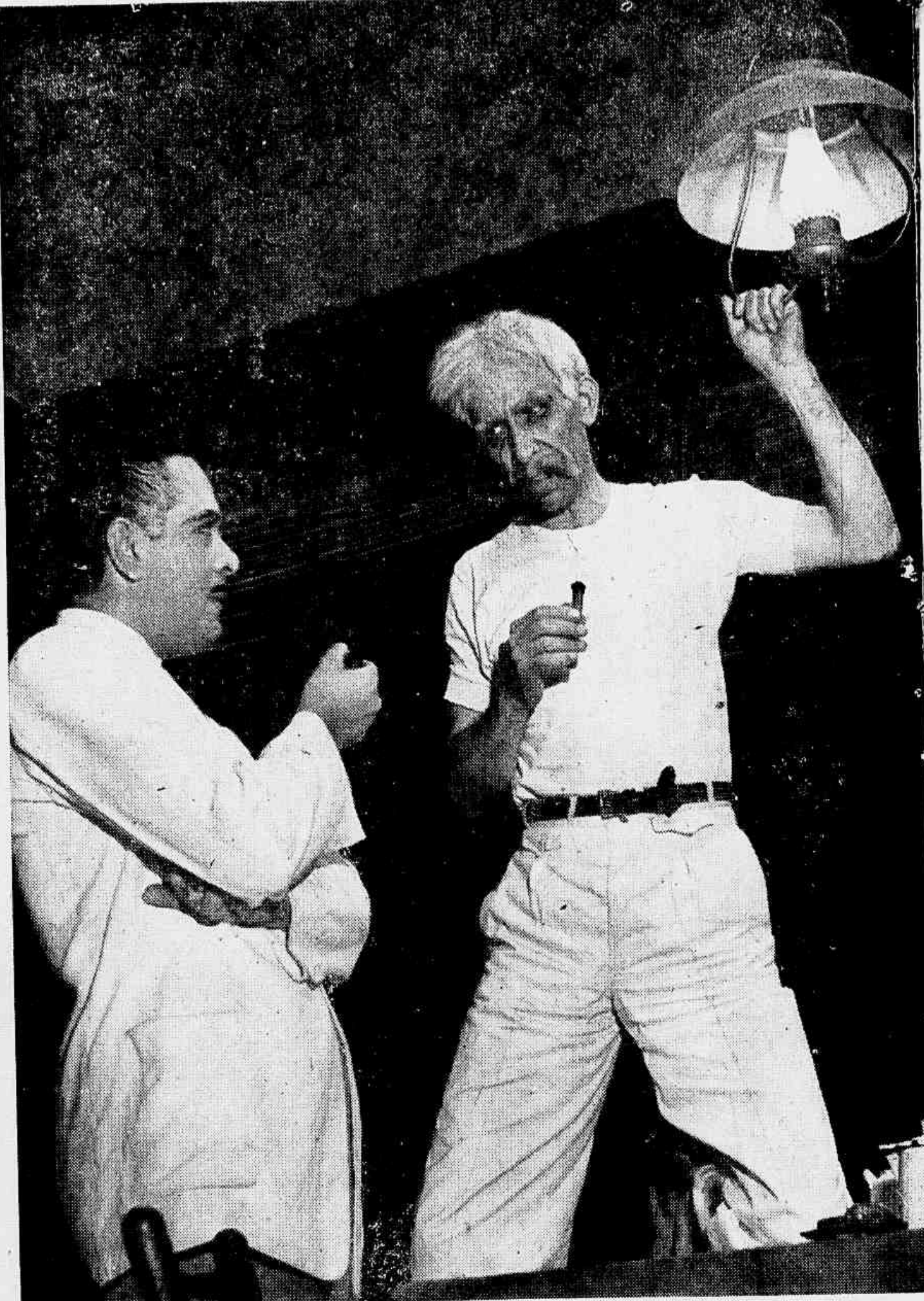
10 Depois êles se encontram outras vêzes. Mas sempre para se defrontarem como dois inimigos. Ela o desafia, com o cigarro pendurado nos lábios, as mãos nos quadris, usando e abusando de seus trejeitos profissionais. O reverendo está disposto a moralizar a pequena, conduzindo-a ao bom caminho. Será homem para prestar êsse serviço à Humanidade... Que tai se a regenerasse? Será um triunfo para o seu credo. A mulher perdida, a viciada embarcada de um "buque" de carga, êle a transformará em uma criatura de bons sentimentos e de vida pura... Lá fora, a chuva continua. Chove sempre, dia e noite, e no coração do reverendo é como se o temporal também desabasse...





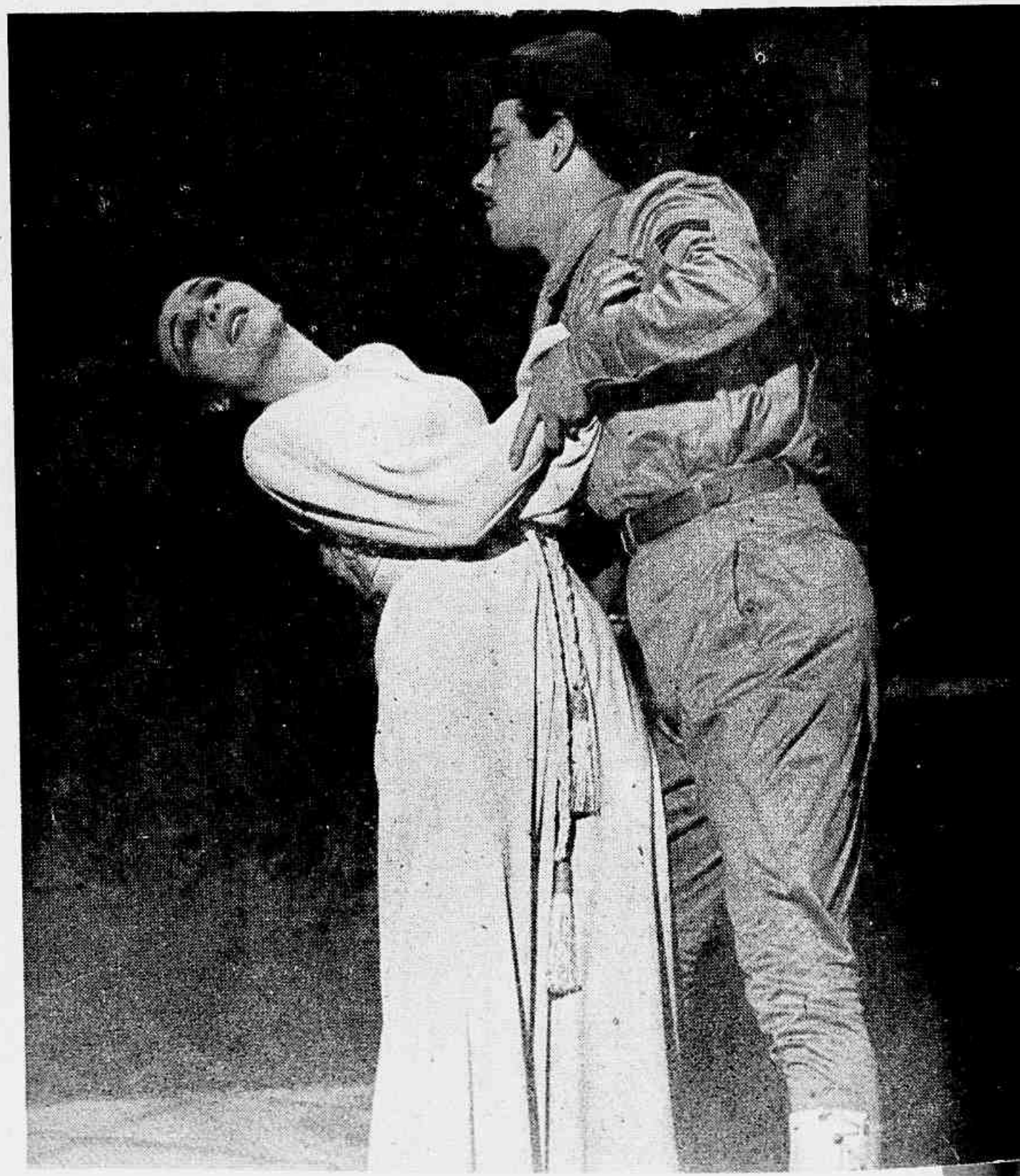
11 Sadie começa a compreender que não é mais senhora de seus pensamentos. A princípio enraiveceu-se, ao conhecer o homem disposto a subjugá-la, mas depois dá para submeter-se. Passiva, obedientemente, ei-la de joelho dobrado, sem se revoltar contra a violência do reverendo, que lhe aperta o pulso, enquanto lhe ordena a mudar de vida. Ali está para ajudá-la. Será o seu maior êxito...

13 E a mudança operou-se! Quando "Bonitão" a procura, no dia seguinte, para tirá-la desse lugar, levando-a consigo, até outras terras, surpreende-se. Que é feito da outra, de Sadie Thompson alegre e buliçosa? Em lugar de Sadie ele encontra uma puritana legítima, de vestido simples, os cabelos escorridos, o olhar místico e solene...



12 Quem não está gostando do andamento das coisas é o dr. Mac Phail. Ele aprendeu a raciocinar com calma, e quando o velho Joe Horn insiste em dizer que nada acontecerá de perigoso, o dr. Mac Phail tira o cachimbo dos lábios, cruza os braços e diz alguma coisa que surpreende o seu interlocutor. Lá fora, continua sempre chovendo... E' a chuva que levará Sadie Thompson a transformar-se na discípula do sacerdote.

14 E quando "Bonitão" insiste em despertá-la para o amor, para seus braços, para uma vida aventureira e trepidante que os aguarda em outras plagas, Sadie Thompson revolta-se. Tenta desprender-se desse bruto. Só o reverendo agora pode mandar na sua pessoa, éle que se apossou de seus sentimentos, de sua alma, de seu espírito...



15 E e E

16 N e a



15 E é inevitável sucede novamente! Enquanto lá fora a chuva continua tamborilando, ela agora enfrenta o reverendo, com outra expressão. Cessou o desafio. A mulher fraca e pusilânime de outrora, converteu-se na figura mística que ali está, diante do homem puro, o olhar súplice, a alma em transe, procurando dominar seus próprios instintos. Ele é, agora, o que atravessa a ponte do perigo. Debalde afugenta os pensamentos maus. Mas não resiste. E quando Sadie se despediu, entrou no quarto, fechou a porta. Davidson a acompanha. E tudo se destrói por ele mesmo...

16 Na manhã seguinte Pago-Pago acorda em sobressalto. O sol volta a brilhar. A chuva parou com a consumação da tragédia. O reverendo envergonha-se de sua tórpe ação e resolve fazer justiça por si mesmo, suicidando-se. Ela compreende, então, que todo seu sacrifício foi feito em pura perda... Voltará a ser Sadie Thompson, a primitiva, a mulher do vício e do pecado... E quando a viúva Davidson a enfrenta, não há ódio nem desespero em seus olhos. Sabe a viúva Davidson que a culpa não é de Sadie Thompson. Nem do marido. Ambos foram vítimas do destino — e do clima, da chuva...



ODIO

Conto de
MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA
Ilustração de
MIGUEL H.

Especial para a
REVISTA DA SEMANA

SEMPRE notei no rosto de Ana uma expressão de ódio contra a irmã. Aparentemente eram muito amigas. Ana estava habituada a ser chamada de velha, a mais velha, só porque tinha vinte anos e Rosa dezoito. Saíam juntas, à noite, para passear na praia. Era Ana que sabia a hora de voltar para casa. Ana, que não deixava Rosa namorar mais de três rapazes ao mesmo tempo. Ana, que levava o dinheiro do ônibus.

Ana era bonita, mas a beleza de Rosa já revelava uma sedução irresistível. Ana, quando andava sozinha, não ouvia galanteios; mas bastava sair à rua com Rosa para sentir que todos olhavam para elas, até mesmo pretos, velhos, moleques. Ana sabia que Rosa, onde aparecia, não precisava falar, sorrir ou fazer gestos para chamar atenção. Todos adivinhavam o encanto daquela adolescente que, talvez, não tivesse noção da fatalidade que persegue as mulheres assim, demasiadamente belas.

Rosa casou cedo, um ano antes de Ana. O marido de Rosa era rico, meio extravagante, moço educado na Europa e criado sem trabalhar. O marido de Ana, empregado de banco, ganhava o suficiente

para viver bem, sem luxo. A mãe de Ana e Rosa nunca teve dinheiro guardado, porque o pai de Ana e Rosa morreu moço, antes de ser promovido a capitão. O segundo marido bebia.

Quando conheci essa gente eu estava escrevendo um romance. O ódio de Ana pela irmã foi crescendo e aproveitei êsse detalhe na minha obra. E' inútil dizer que rasguei o livro antes de terminar: levei muitos anos para descobrir por que Ana odiava a irmã.

Vim a saber a razão muito mais tarde, depois da tragédia. Os jornais publicaram tudo; nem pouparam a mãe de Rosa, fotografada chorando e fazendo declarações à polícia. O mais interessante é que o caso ficou envolto em mistério até hoje. Não foi possível apurar se Rosa tinha culpa ou não. O marido matou-a e suicidou-se. Crime estúpido, na cidade, à vista da multidão que fazia fila para os ônibus. Muita gente nem abandonou o lugar na fila para ver os dois cadáveres estendidos na sargeta. Rosa estava ricamente vestida e o marido parecia um mendigo a seu lado. Todo o dinheiro que possuía gastou com a mulher. Quando levou Rosa para Poços de Caldas esbanjou o resto da fortuna. Ora, a coitada da Rosa era linda, adorava joias, vestidos, passeios. Se fôsse feia teria arranjado um emprêgo para sustentar o marido. Mas quem disse que isso era fácil para ela? Mais fácil o que aconteceu. Os homens quando encontram uma mulher linda são amáveis, generosos. E Rosa, sem querer, começou a se dar com todo mundo, a chamar **você** a homens importantes, até ministros. Pior é que o marido tinha ciume. Justiça seja feita: nunca aceitou um centavo da mulher. Comia em casa de Ana e vestia os ternos usados do marido de Ana. Rosa também morava em casa de Ana. Não sei como Rosa não reparava que o ódio de Ana era cada vez maior. Eu vi isso perfeitamente, quando visitei Ana. Na hora do enterro de Rosa eu jurava que o ódio de Ana ia acabar. Se Ana tinha inveja da irmã, como eu julgava, Rosa agora não era mais a criatura linda, cheia de vida, ricamente vestida. Depois de morta Rosa ficou horrorosa, com uma expressão tão canalha na boca entreaberta que dava nójo. Vendo-a assim, no caixão, calculei que fôra culpada de tudo. Teria instigado o marido a tornar-se espião, a sôldo dos alemães? A polícia admitiu essa hipótese mas não conseguiu provas. Contra o marido tudo ficou bem claro. Ele aceitou êsse trabalho porque era incapaz de ganhar dinheiro de outra maneira. Assim que Rosa soube denunciou o marido, antes mesmo que êle recebesse





a recompensa dos primeiros serviços. Essa, a causa do crime. A coitada da Rosa foi aluna de uma Escola Pública e aprendeu que se deve amar a Pátria sem medir sacrifícios. Ana, no seu depoimento, contou que Rosa tivera uma crise nervosa ao encontrar, no bolso do marido, um rascunho suspeito contra o Brasil.

Muito tempo passou, depois disso. A fisionomia de Ana, sempre que eu a via, causava-me pavor. O ódio, que eu pressentira pela primeira vez só nos olhos, estava estampado no rosto inteiro. As rugas da testa, do canto da boca vertiam ódio como um furúnculo escancarado deitando pús. Entretanto Ana vivia bem com o marido, tinha uma filha, morava num bonito apartamento comprado a seu gosto. A mãe de Ana não se conformava com a morte de Rosa. E o padrasto de Ana bebia cada vez mais. Enquanto Rosa vivia, a mãe de Ana e o padrasto só se preocupavam com Rosa. Rosa ganhava carinhos, presentes, tudo. Rosa nunca teve saudade do pai. Ana, sim, ia ao cemitério levar flôres, chorar o pai, aquele soldado simpático que a adorava, morto prematuramente.

Ana sabia que o pai morreria de desgosto. Ele ainda vivia quando

Rosa nasceu. O padrasto de Ana foi esmigalhado por um bonde. Vi a notícia no jornal e, por curiosidade, assisti ao entêrro que saiu da casa de Ana.

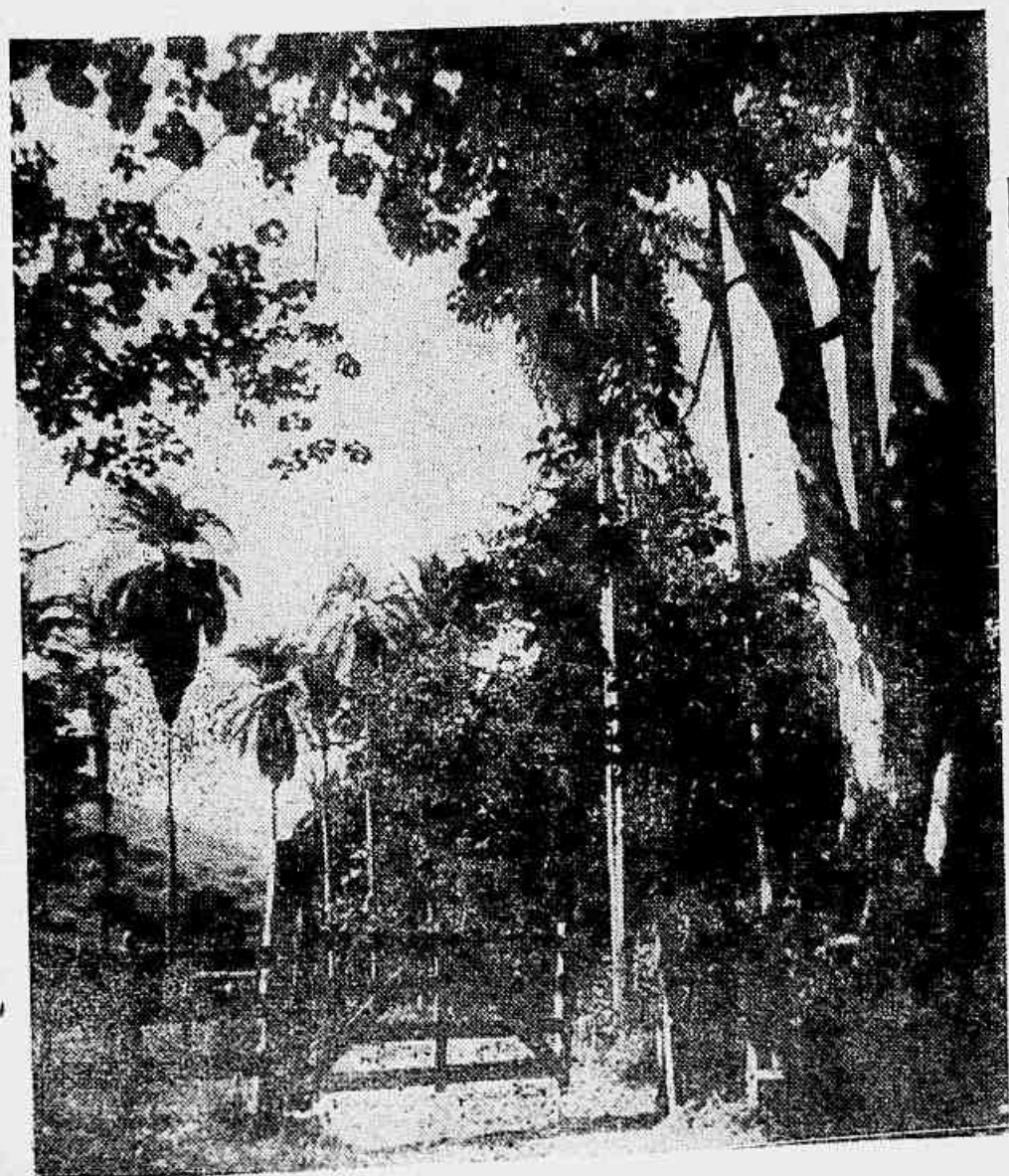
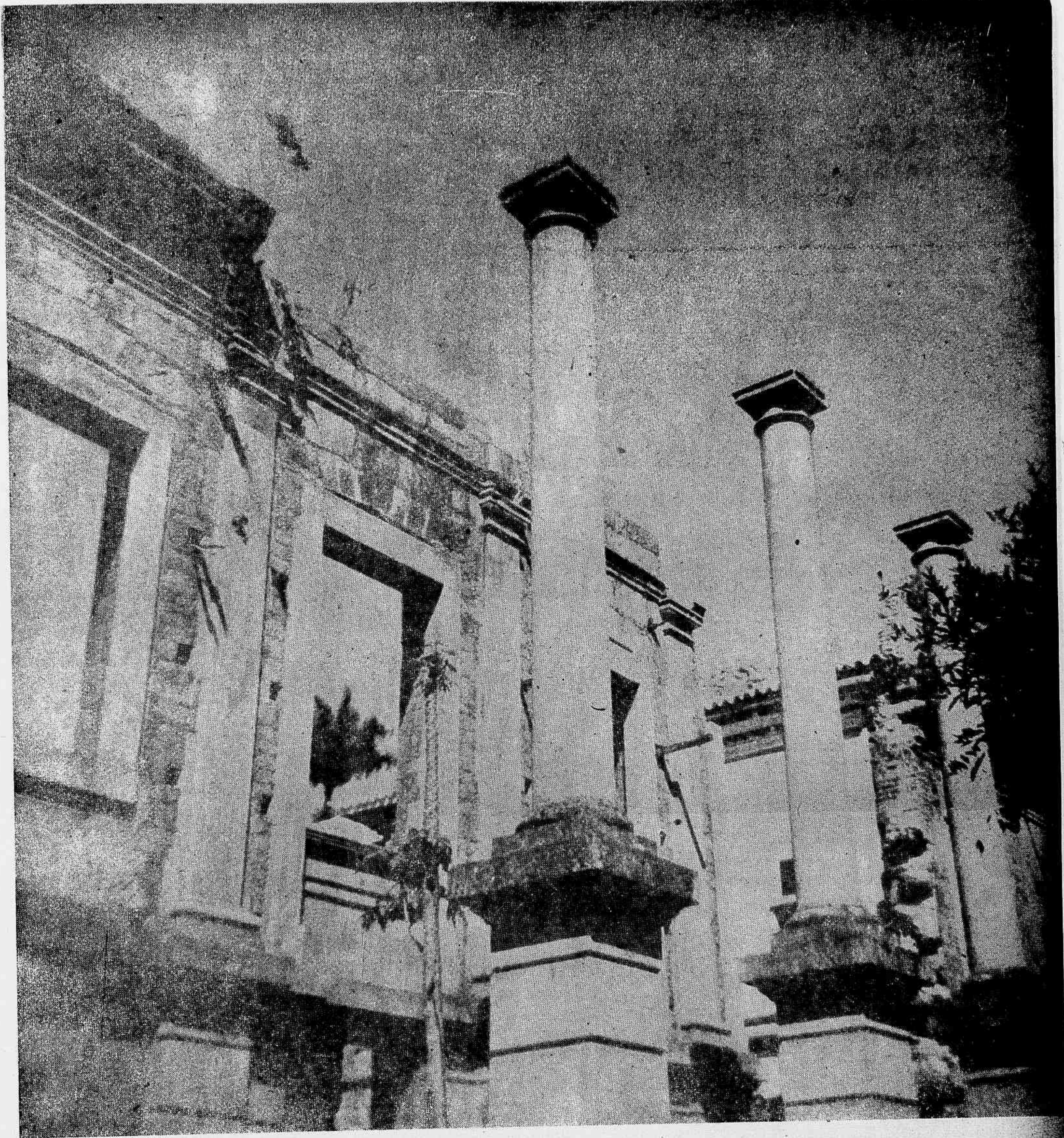
Só então descobri o sêgrêdo do ódio de Ana: o defunto, como Rosa depois de morta, mostrava a boca entreaberta, com a mesma expressão canalha, horrenda. Não tive dúvida: Rosa era sua filha. Ana, desde criança, sabia que o pai morreria de desgosto por causa de Rosa. Que a mãe sofria por causa de Rosa. Que o padrasto bebia por causa de Rosa. Ana, por causa de Rosa, nunca teve um momento de felicidade.

Na hora de sair o entêrro senti um golpe no coração. O rosto de Ana estava desfigurado pelo ódio. A lepra não teria devastado com mais crueldade os traços de uma fisionomia. Ana parecia um monstro. O seu olhar fixo, trágico, quase assassino, envolvia uma garota que espiava o padre rezar o **De profundis**.

Vi, meu Deus, vi! A garota, a filha de Ana, com sete anos de idade, era o retrato de Rosa...

Esplêndido este modelo apresentado por Eleanor Parker. Em finíssima lã branca, o encanto deste vestido reside no bolerobordado, cu melhor, trabalhado em ponto de marca. É uma belíssima sugestão a deste trabalho, cujos motivos têm um sabor acentuatadamente mexicano. A linda "estrela" da Warner Brothers está encantadora nesta simples e lindíssima "toilette".

Evelyn Keyes, da Columbia, em uma pose melancólica, nos apresenta uma bela sugestão em malha, que, por certo, encantará as aliciadas do "tricot". Marron escuro, verde, amarelo e cinza-claro são as cores que se misturam nesta blusa encantadora, que irá esplendidamente com uma sãia em cinza-claro.



TOMBOU UMA DINASTIA!

UMA VISITA AO PALÁCIO DOS GAVIÕES — BARULHO DE TAMBORES NO CASARÃO — ESPÍRITOS DOS ESCRAVOS DOS BARÕES DE FRIBURGO? — ESTÁTUAS QUEBRADAS, REMINISCÊNCIAS DO TEMPO DA ESCRAVATURA — DOCUMENTOS DE UMA ÉPOCA E FLAGRANTES FOTOGRÁFICOS INÉDITOS — ANTIGAMENTE, EM FRIBURGO, ERA ASSIM...

Reportagem de Zulema Figueiredo

O ano de 1888 corria risonho para meia dúzia de senhores feudais, cavalheiros sem grandes escrúpulos e donos de milhões de brasileiros, homens de carne e osso. Tudo era luxo nos palácios dos proprietários de escravos. Os cristais chegavam de França e Tchecoslováquia. A prataria procedia de Paris. Pintores famosos deixavam seus ateliês na Europa e vinham decorar as residên-

cias faustosas levantadas com o suor do homem cativo, o preto que trabalhava vinte horas por dia sob o chicote do feitor.

Neste reino de felicidades viviam os barões de Friburgo, cujo avô paterno, um português oriundo de Amarante, da província do Minho, aportara no Brasil no meado do século XVIII, indo trabalhar como comerciante de arreios no lugar conhecido por "Pôrto da



"...A chuva passou e começamos a peregrinação pelos montões de ruínas, escombros de mais de cinquenta anos. No fundo de um cubículo um calabouço da era medieval, pedaços de correntes e grilhões enferrujados, instrumentos com os quais os senhores feudais pensavam escravizar os negros durante toda a vida."

Caixa", ponto de pernoite dos tropeiros de Minas Gerais, Rio de Janeiro e da Bahia. Os negócios do lusitano progrediram e a antiga "Colônia do Morro Queimado", cuja colonização suíça foi organizada por Sebastião Nicolau Gachet, cidadão de Gruvère, cantão de Fribourg, teve todo o apoio por parte de D. João VI, não tardou a cair em poder do emigrante Bernardo Olimpio Pinto, mais tarde barão de Nova Friburgo, por vontade do imperador D. Pedro II. Os seus domínios não tinham limites. Pelas suas terras passavam estradas de ferro mandadas construir por ele mesmo. Só o ramal de Cantagalo servia às fazendas de "Sibéria", "Tapixirica", "Boa Sorte", "Bela Vista", "Jacutinga", "Areias" e outras, inclusive "Gavião Novo", onde floresceu e tombou a dinastia dos Friburgo.

Deixemos falar as cifras. No último balancete da "Casa dos Friburgos", quando uma

libra esterlina valia sete cruzeiros, isto há 80 anos, a fortuna dos barões era avaliada em mais de 60 milhões de cruzeiros, os seus 12.000 escravos, suas estradas de ferro de Pôrto das Caixas-Portela, de Cordeiro-Macuco, num total de 270 quilômetros, somente em território fluminense. Já nesta época todos os descendentes dos primeiros imigrantes suíços chegados em 1818, outrora donos dos cafezais que se multiplicavam serra acima, pagavam imposto foreiro aos ricos barões, senhores da terra e dos céus da velha "Colônia do Morro Queimado", que moravam em dois majestosos palácios, cujos jardins eram servidos por linhas de bondes à tração animal. Tinha mais. A baroneza de Friburgo por exemplo, só cortava as alamedas e seus parques sentada numa poltrona de veludo, ricamente instalada num vagão puxado por uma locomotiva especialmente construída para aquele fim. Os filhos dos barões, por falta de divertimento mais humano, gostavam de ver o relho cortar o lombo dos escravos, milhares deles sacrificados na "Fazenda da Torre", entre Cantagalo e Friburgo. Hoje quem passa pela estrada cheia de curvas e com despenhadeiros a cada instante, vê perdido no matagal um pedaço de parede, último vestígio do pelourinho dos negros fugitivos.

A 7 de de Setembro de 1884 chegou uma notícia que inquietou os barões de Friburgo. Um criador de gado do sul da Bahia informou que numa província do Norte, o Ceará, no dia 25 de março, os escravos foram libertados, e que D. Pedro II não tivera nenhuma palavra de reprovação aos chefes do movimento libertador, entre eles o velho jangadeiro Francisco José Nascimento, o "Dragão do Mar". Ho-

mens inteligentes, porém excessivamente egoístas, os fidalgos de Friburgo sentiram com o episódio de 25 de março que a sua dinastia não tinha mais alicerces tão profundos. Na Capital Federal José do Patrocínio — o Tigre da Abolição, — Quintino Bocaiuva, Luiz Gama e Joaquim Nabuco gritavam em praça pública a necessidade do Brasil fazer desaparecer a sua mancha negra: a escravidão. Não era possível uma coletividade de homens e mulheres trabalhar para o fausto de meia dúzia de indivíduos desumanos. O verbo da Liberdade ecoava nas fazendas e nas senzalas. Estamos no mês de maio de 1888, em plena colheita do café, na serra. Obrigada pelos acontecimentos, a princesa Izabel assina a chamada "Lei Aurea", terminando o infame comércio humano em terra de Santa Cruz. Dias depois ruíam as colunas mestras dos barões de Friburgo. Os milhares de escravos que levantavam o "Palácio dos Gaviões", em Cantagalo, os negros que cortavam a lenha para alimentar a locomotiva particular da baroneza e as máquinas que corriam nos trilhos das estradas Pôrto das Caixas-Portelas e Cordeiro-Macuco, os pretos que jingavam em torno dos fornos de farinha e dos engenhos de açúcar, unidos num só corpo, deixaram o cativoiro e ganharam as estradas empoeiradas cantando a liberdade e deixando abandonados, à margem dos caminhos e nos campos, todo o material agrícola, sem esquecer as velhas carretas, os carros de bois e as diligências e liteiras, luxo de uma casta privilegiada. A colheita de café, do feijão, do milho, com a falta do braço cativo, ficou perdida. Dizem até que as pipas com vinhos de 150 anos guardadas nos subterrâneos dos palácios dos nobres, foram esvaziadas pelas mãos augustas da baronesa e das condessas por falta de criados. Dentro da lógica e dos fatos a impressão que se tem é que os barões não eram bons sujeitos. E começou a decadência. Pararam as locomotivas;



um temporal, como se fôsse um castigo dos céus, acabou de destruir o cafezal abandonado; dois condes enfermaram gravemente. O "Palácio de Friburgo", hoje o "Palácio do Catete", foi vendido à República. A derrocada continua. O palacete da baronesa de São Clemente, casada com um Friburgo, foi vendido por 200 contos, servindo agora de sede a Prefeitura de Friburgo. Foram precisos quatro vagões para conduzir os 30 caixotes de prataria, louças e cristal que guarneciam a suntuosa residência. Tudo foi levado para a Fazenda de Areias, onde foi residir a baronesa de São Clemente, recentemente falecida no Rio de Janeiro, vivendo seus últimos dias num modesto apartamento de um edifício de segunda classe, em Botafogo. O vestuário das festas, feito com seda importada da Europa, bordados a lantejoulas, cetim do mais fino, tudo foi devorado pela traça. Com a morte dos barões e dos condes, feitas as partilhas, os herdeiros foram se desfazendo dos bens. Na última propriedade vendida, o parque São Clemente, o Ministério da Marinha instalou um sanatório.

Cinquenta e seis anos depois do início da derrocada dos barões de Friburgo visitamos as ruínas do "Palácio dos Gaviões", levantado por 12.000 escravos, no alto de uma colina. Lá estão abandonadas as gigantescas colunas de pedras, azulejos e ladrilhos de França; estatuetas de mármore feitas em Berlim; lastres de sucupira, ipê e ôlho vermelho, as nossas melhores madeiras de lei. O espetáculo é de profunda desolação. Apenas o transpor da cancela oferece uma paisagem típica dos nossos sertões não causticados pela seca. Um secular joazeiro deixa cair a ramagem sobre a rústica

porteira. Entra-se numa estrada em cujas margens vêem-se trilhos de uma linha de bonde. O carro corre mais cinco minutos e pára diante de um montão de ruínas. Vimos, então, os primeiros escombros do palácio destruído na floresta. Levantámos os olhos e vimos cinco colunas de mármore partidas pelo meio. Vimos uma escadaria da era colonial toda de pedra esculpida.

— Naquele canto era a capela!

Na ermida, apenas, uma imagem de São Sebastião está intacta. Vestes sacerdotais, em desalinho e furadas, cobrem uma parte do altar envolto em poeira.

Num canto de parede um documento original de 1882: "3 de Janeiro. D. Pedro Maria de Lacerda, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro e Assistente ao Sólito Pontifício, Prelado Doméstico de Sua Santidade, Capelão Mor de sua Majestade, o Imperador, aos que esta previsão virem Saude e Bênção em Jesus Cristo Nosso Senhor, permite ao Barão de Nova Friburgo, Bernardo Olimpio Pinto e à sua esposa baronesa de Friburgo a instalação de uma capela..."

Entremos no palácio onde não foi empregado um só tijolo. Duas estatuas quebradas à altura da cabeça relembram a época áurea do café. A varanda tem quase 150 metros de comprimento e o seu piso é todo de azulejo português, trazidos aos milhares para o Brasil em veleiros especiais. As portas são de jacarandá e as bandeiras de cristal. O teto foi decorado por Bordeaux, um professor da Escola de Belas Artes de Paris, e só não foi con-



cluido porque a libertação dos escravos surpreendeu o artista em pleno trabalho.

Uma rajada de vento jogou por terra uma telha fabricada no Minho, a província onde nasceu Bernardo Olimpio Pinto, o primeiro barão de Friburgo. Um bando de melros procurou abrigo numa touceira de bambús. O céu escureceu e ouviu-se, ao longe, forte trovejar. Era a tempestade que se aproximava. E enquanto chovia, abrigados sob um tóldo, ouvimos uma historia:

"...Era uma vez um facínora perigoso, que vivia assaltando os tropeiros que deixavam as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro com destino à Córte. O bandido tinha o cognome "Mão de luva", e era perseguido por soldados de muitos lugares. "Mão de

"...E começou a decadência. Pararam as locomotivas; um temporal, como se fôsse um castigo dos céus, acabou de destruir o cafezal abandonado; dois condes enfermaram gravemente. O Palácio de Friburgo, hoje o "Palácio do Catete", foi vendido à República. A derrocada continua." — E a descrição de Zulema Figueiredo continua.



Reminiscências do tempo da escravidão. O tronco, os instrumentos de suplício, ali permanecem, como se os infelizes tivessem recebido a derradeira "penitência" naquelas últimas horas. E o visitante, olhando para as correntes, o tronco, as peças de suplício, tem por instantes a ilusão de recuar na ação do tempo... Faltam, apenas, os escravos.

luvas" era o terror, era o saque, era o assassinio. Ninguém conseguia capturá-lo. A sua fama já corria até por Goiaz e ao longo do rio S. Francisco. Numa madrugada, uma escolta que o perseguia ouviu o canto de um galo, única nota de vida animal naquelas longínquas paragens. "Mão de luva", cansado de cometer toda a sorte de crimes, procurara refúgio na serra, levantando uma palhoça. De uma fazenda que atacara em Minas Gerais trouxera uma pequena criação. O cacarejar serviu para ser batizado o lugar com o nome Cantagalo e o nome do "Mão de luva" foi dado à principal rua da cidade".

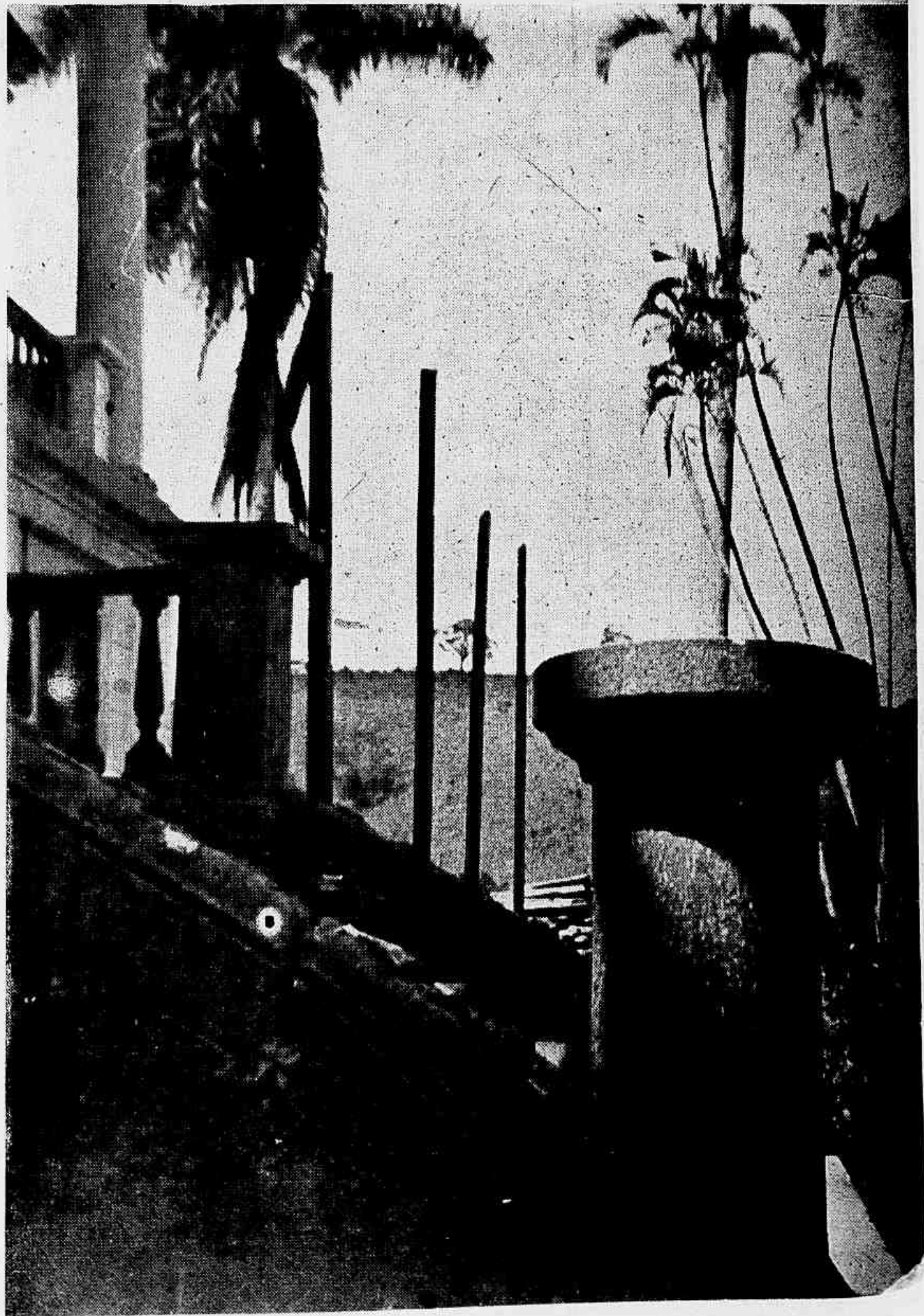
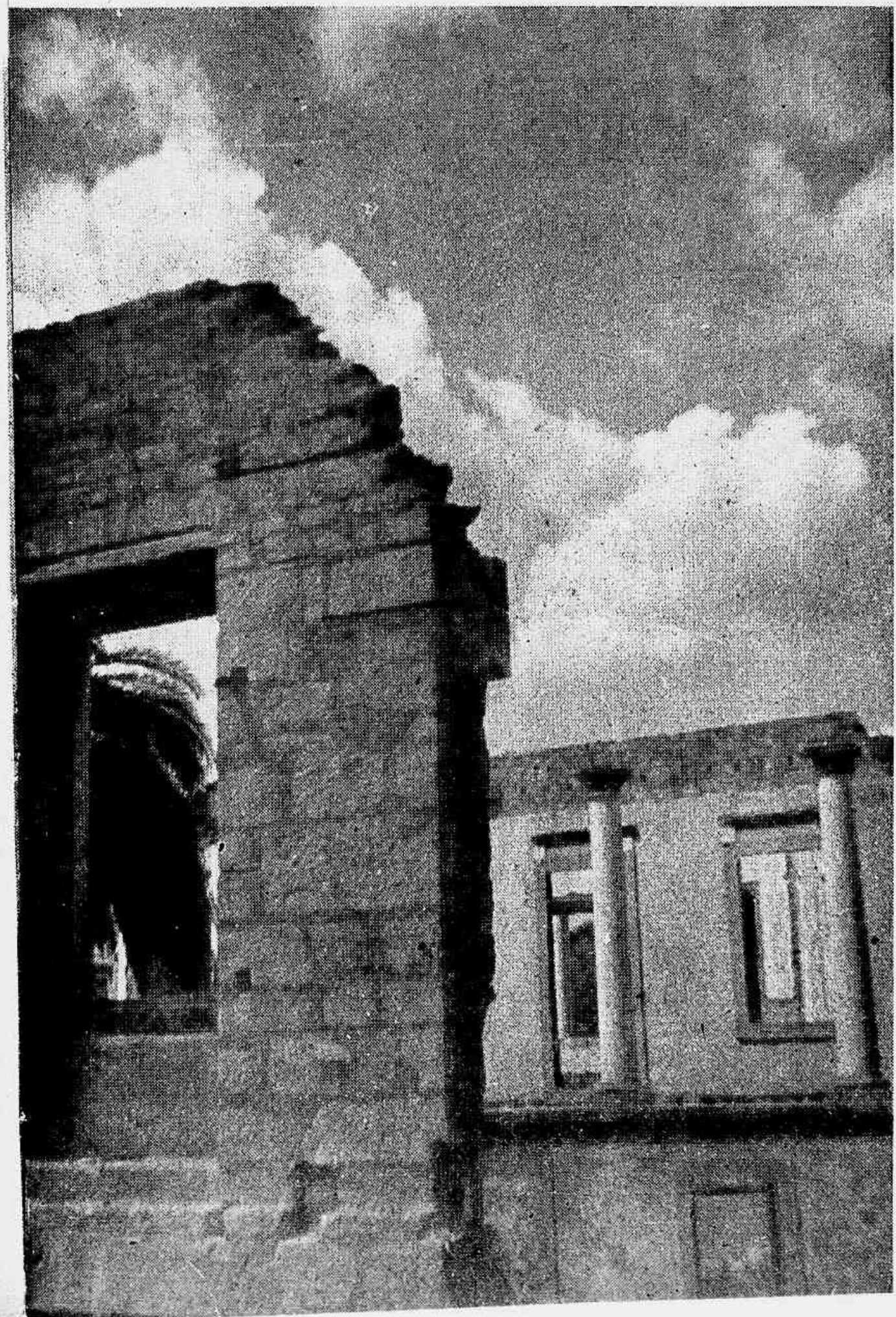
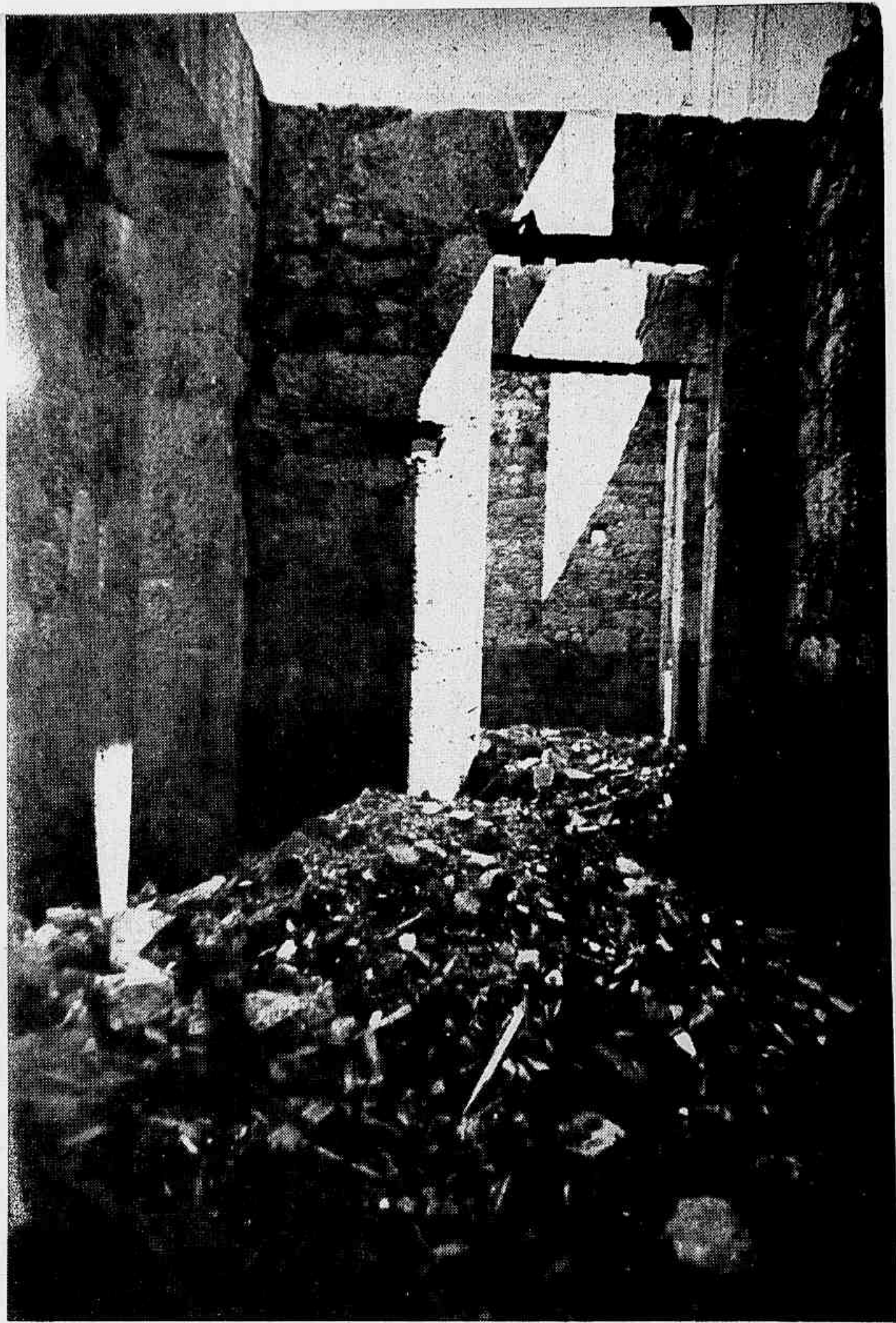
A chuva passou e recomeçamos a peregrinação pelos montões de ruínas, escombros de mais de cinquenta anos. No fundo de um cubículo um calabouço da era medieval, pedaços de correntes e grilhões enferrujados, instrumentos com os quais os senhores feudais pensavam escravizar os negros durante toda a vida. Enganaram-se, porém. Os pretos que vieram para o Brasil vendidos como mercadorias, traziam nas veias sangue dos guerreiros que habitam as margens do Zambese, do Kalunga, do Lukona, na Rodésia. Seus rituais eram semelhantes aos dos nativos que dançavam ao som de tambores de couro de leopardo e produziam ferimentos com flechas abençoadas por "Mabú", um deus africano que morreu por querer a liberdade de todos os negros do mundo.

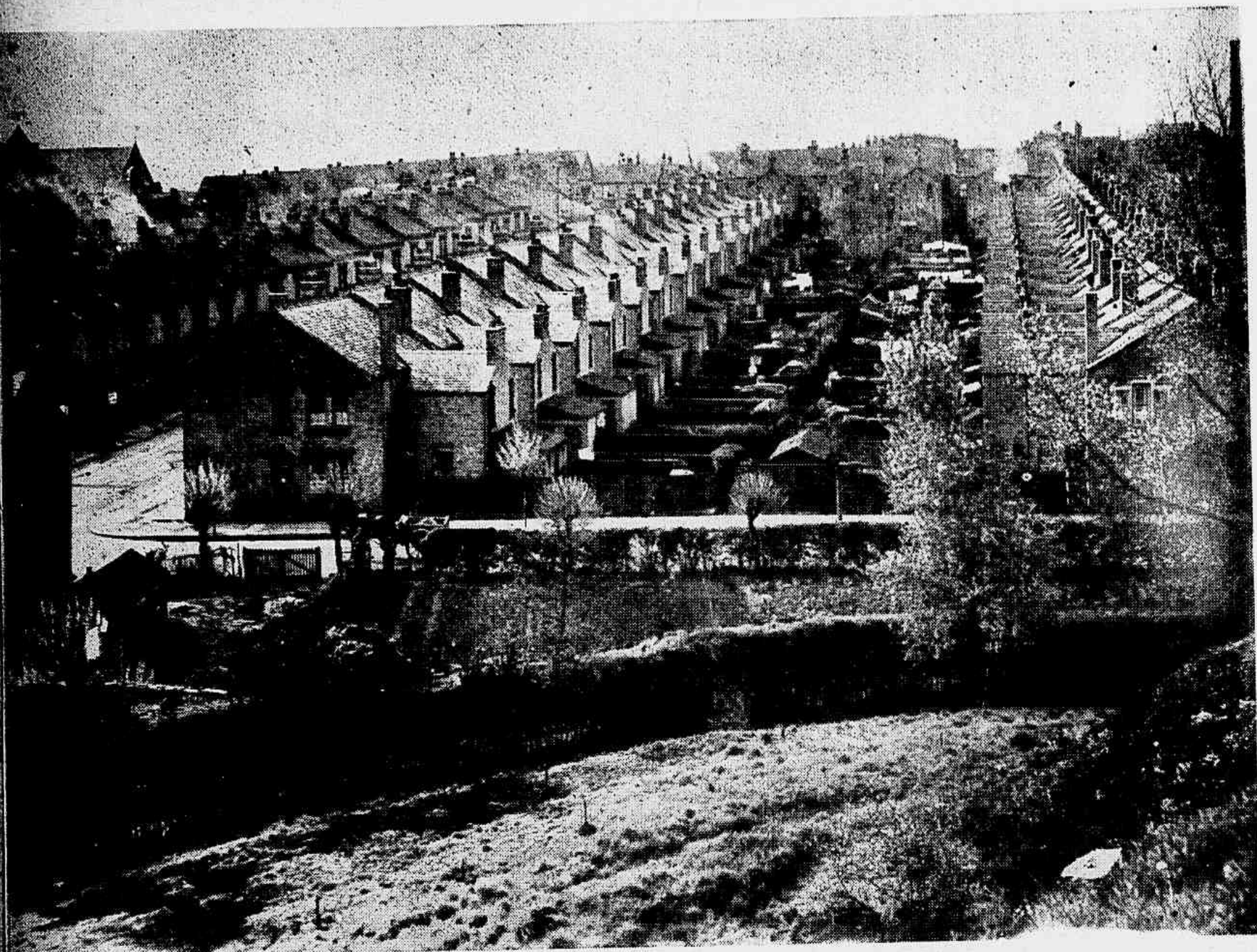
O trabalho de fundição de ferro e bronze foi feito pelos próprios cativos, destacando-se peças metálicas de introdução nas juntas de alvenaria, verdadeiras obras de arte, dignas de figurar nos museus. Entretanto, inexplicavelmente, este material de primeira qualidade, que bem poderia ser estudado para tornar mais conhecido o pendor artístico dos escravos, está abandonado. Existem doze quartos, alguns com sete metros quadrados, guardados com portas de 12 centímetros de espessura. Os pregos medem dois palmos cada um e foram adquiridos na Inglaterra. As paredes, fendidas, têm em média uma largura de meio metro. Os pilaretes de ferro que formam as varandas, os taxos para fabricação de doces dos nobres, as pinguelas sobre os riachos que cortam a fazenda, foram feitos também pelos infelizes.

Anoitecia quando deixámos o "Palácio dos Gaviões". Escutámos de um morador das redondezas:

— Todas sexta-feiras, de madrugada, ouve-se o barulho de tambores no casarão. São os espíritos dos escravos dos barões de Friburgo. Outros dizem que são as almas dos barões penando por terem feito fortuna com dinheiro falso.

"Uma rajada de vento jogou por terra uma telha fabricada em Minho, a província onde nasceu Bernardo Olimpio Pinto, o primeiro barão de Friburgo. Um bando de melros procurou abrigo numa touceira de bambús. O céu escureceu e ouviu-se, ao longe, forte trovejar. Era a tempestade que se aproximava. E enquanto chovia, abrigados sob um toldo..."





As cidades bombardeadas pela guerra vão renascer, modernas e obedecendo a traçados eminentemente práticos e bonitos. Aqui está um trecho de construções antigas e mal planejadas da cidade de Birmingham. A guerra destruiu esse feio aspecto.

CIDADES PARA RECONSTRUIR

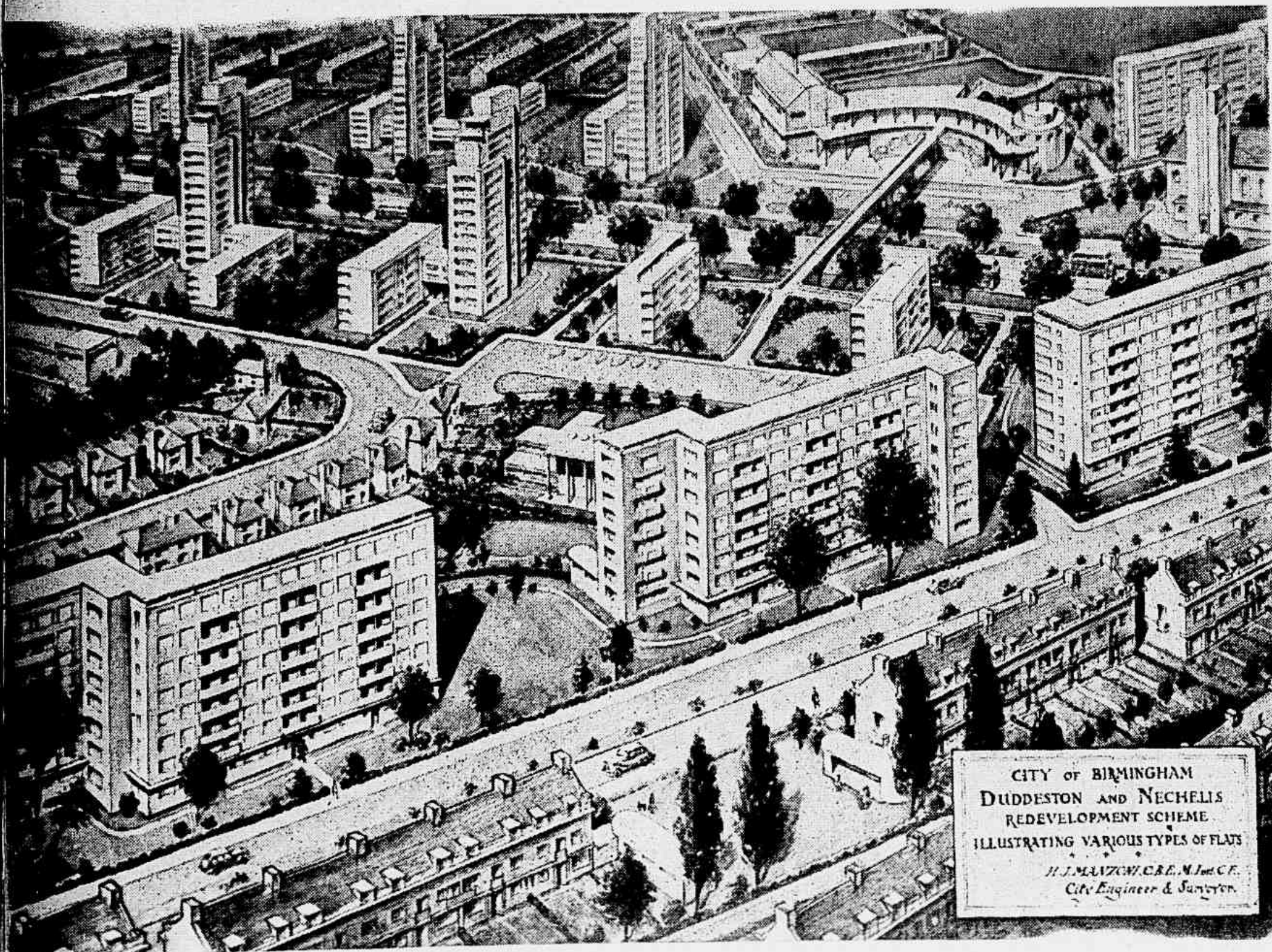
Por GILBERT McALLISTER, copyright do B. N. S., especial para a REVISTA DA SEMANA

Londres — As cidades da Grã-Bretanha estão ocupadas com os planos de reconstrução para o após-guerra. Tanto o povo

as longas vigílias, com os olhos pregados como os membros de conselho estão determinados a tirar vantagens dos estragos causados pela guerra e dos resultados da expansão industrial do século dezanove. Com a guerra paralizaram-se

tôdas as construções exceto aquelas essencialmente necessárias, havendo, portanto, muito para se fazer. A tarefa da elaboração dos planos está sendo considerada com todo o entusiasmo. Durante na mira de suas armas, os soldados da

E aqui está o plano para a reconstrução das áreas centrais da cidade de Birmingham. A exemplo do que está sendo feito em Plymouth, também sacrificada pelas bombas, Birmingham será, futuramente, uma imponente metrópole rivalizando com as mais modernas.



Home Guard discutiam os seus pontos de vista sobre a reconstrução de suas cidades no após-guerra. As moças que guardam as barragens de balões comentam sobre a espécie de casa e bairro em que gostariam de viver, terminada a guerra. No Exército, Marinha e Aviação, assim como nos serviços de defesa civil, os homens têm escutado regularmente as preleções sobre os planos de reconstrução para o após-guerra, um tópico que só perde em interesse popular para as preleções sobre "O que faremos com a Alemanha depois da guerra?". Entremetidos, apesar da falta de pessoal, os departamentos encarregados da elaboração dos planos de reconstrução de tôdas as cidades do Reino Unido, desde Plymouth a Hull e desde Londres a Aberdeen, já estão preparando planos inteligentes e detalhados de reconstrução. Alguns destes já se encontram diante do público para o seu comentário e crítica.

O gênio responsável pela elaboração de uma grande parte destes planos é o eminente professor Sir Patrick Abercrombie, famosíssimo técnico britânico em planejamentos de cidades que, juntamente com J. H. Forshaw, arquiteto apontado para o desenvolvimento do Plano para o Condado de Londres, e Paton Watson, elaboraram o Plano de Reconstrução para o Condado de Londres e o Plano de Reconstrução da Cidade de Plymouth. Abercrombie não é apenas um grande arquiteto e planejador; escreve também e faz magníficas preleções. É discípulo de Howard, o pioneiro da construção de cidades dotadas de tôdas as facilidades necessárias à vida, e de Geddes, o arquiteto filósofo que resumiu tôdas as teorias sobre planejamento de cidade nos simples dizeres de que uma **Cidade é o Lugar onde o Homem Vive e Trabalha.**

Quase todos os planos apresentados para a reconstrução das cidades inglesas, escocesas e do País de Gales foram baseados na idéia fundamental de que as casas devem ser construídas relativamente perto dos lugares em que seus moradores trabalham, assim como dos jardins, parques, escolas, igrejas, hospitais, cinemas, teatros, campos de esportes e, finalmente, do campo. A longa e enfadonha viagem de todos os dias para o trabalho e do trabalho para casa que muitos milhões de pessoas tinham que fazer antes da guerra na Grã-Bretanha não só era dispendiosa, mas também muito demorada e inconveniente, e ainda prejudicial à saúde. Os Conselhos declararam que isso não mais se repetirá. Portanto, ao tomarem em suas mãos os trabalhos para a resolução dos problemas concernentes à reconstrução de Londres, o professor Abercrombie e Forshaw demonstraram logo de início o desejo de eliminar tôdas essas viagens desnecessárias, e prover a população com áreas mais amplas de campo aberto. A Associação Nacional de Campos de Desportos recomenda 3 hectares de campo aberto para cada mil habitantes. Como tal área seria impossível de se obter em uma cidade super-populosa como Londres, os planejadores a reduziram a 2 hectares para cada mil habitantes. Mas, mesmo para se obter esse espaço mínimo de campo aberto, os planejadores de Londres tiveram que adotar uma política de descentralização, a política recomendada pela Real Comissão mesmo antes da guerra. Decidiram, pois, remover 600.000 pessoas do Condado de Londres e instalá-las em cidades novas fora do condado. Não há dúvida sobre

(Continua na pág. 78)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

RIO DE JANEIRO

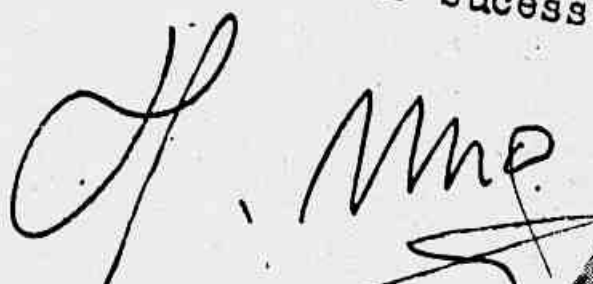
ABI

Maio de 1945.

Presados confrades da REVISTA DA SEMANA.

A REVISTA DA SEMANA desde o aparecimento manteve, através dos anos, a mesma posição de destaque. Ainda hoje esse mesmo lugar lhe é assegurado no cenário jornalístico brasileiro, graças à orientação brilhante do jornalista Gratuliano de Britto, secundado pela inteligência de Celestino Silveira e com a colaboração de tantos outros colegas.

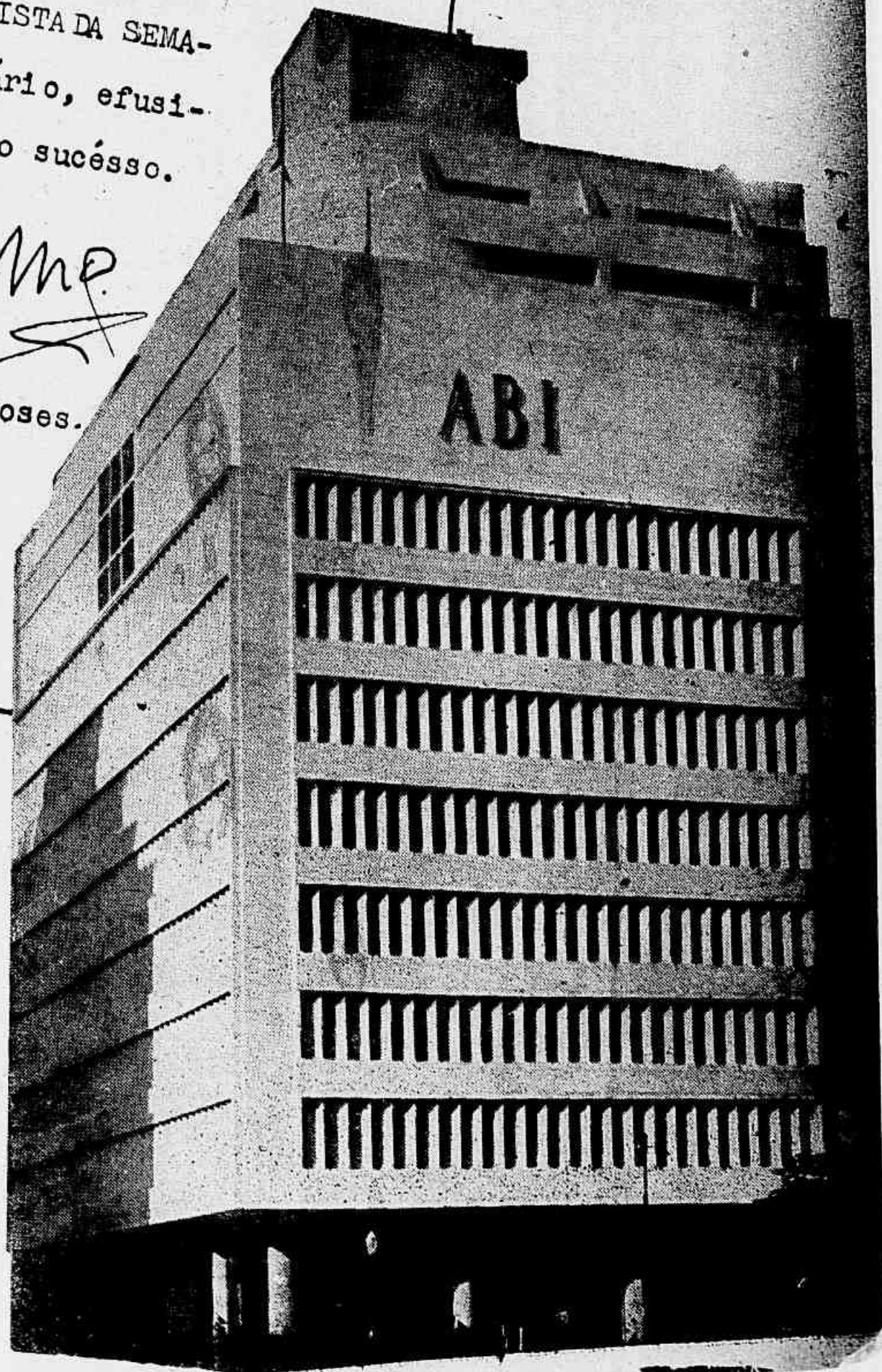
A Associação Brasileira de Imprensa e o seu Presidente, interpretando o sentimento dos confrades, apresentam à REVISTA DA SEMANA, na passagem de mais um aniversário, efusivos cumprimentos e votos de continuo sucesso.

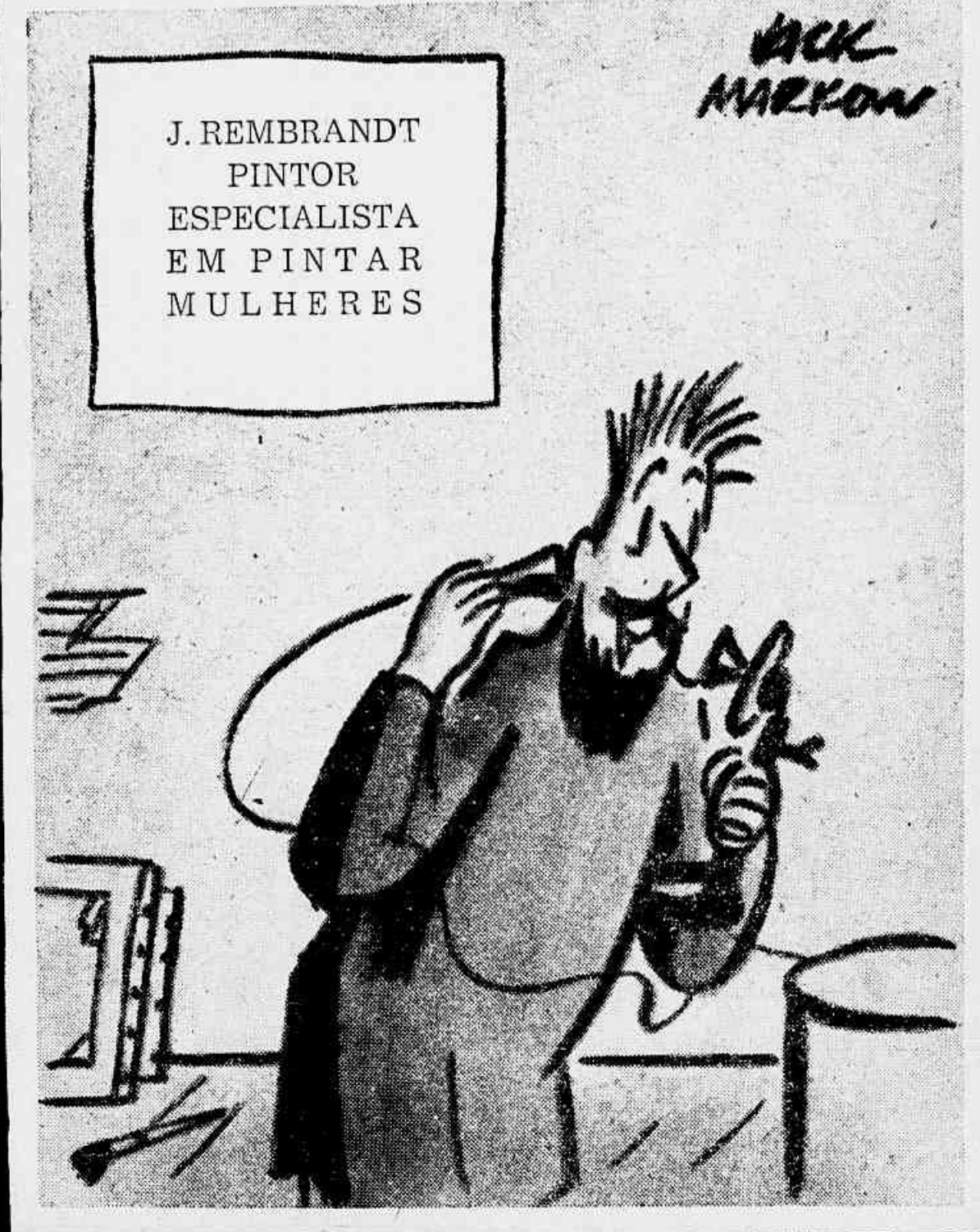
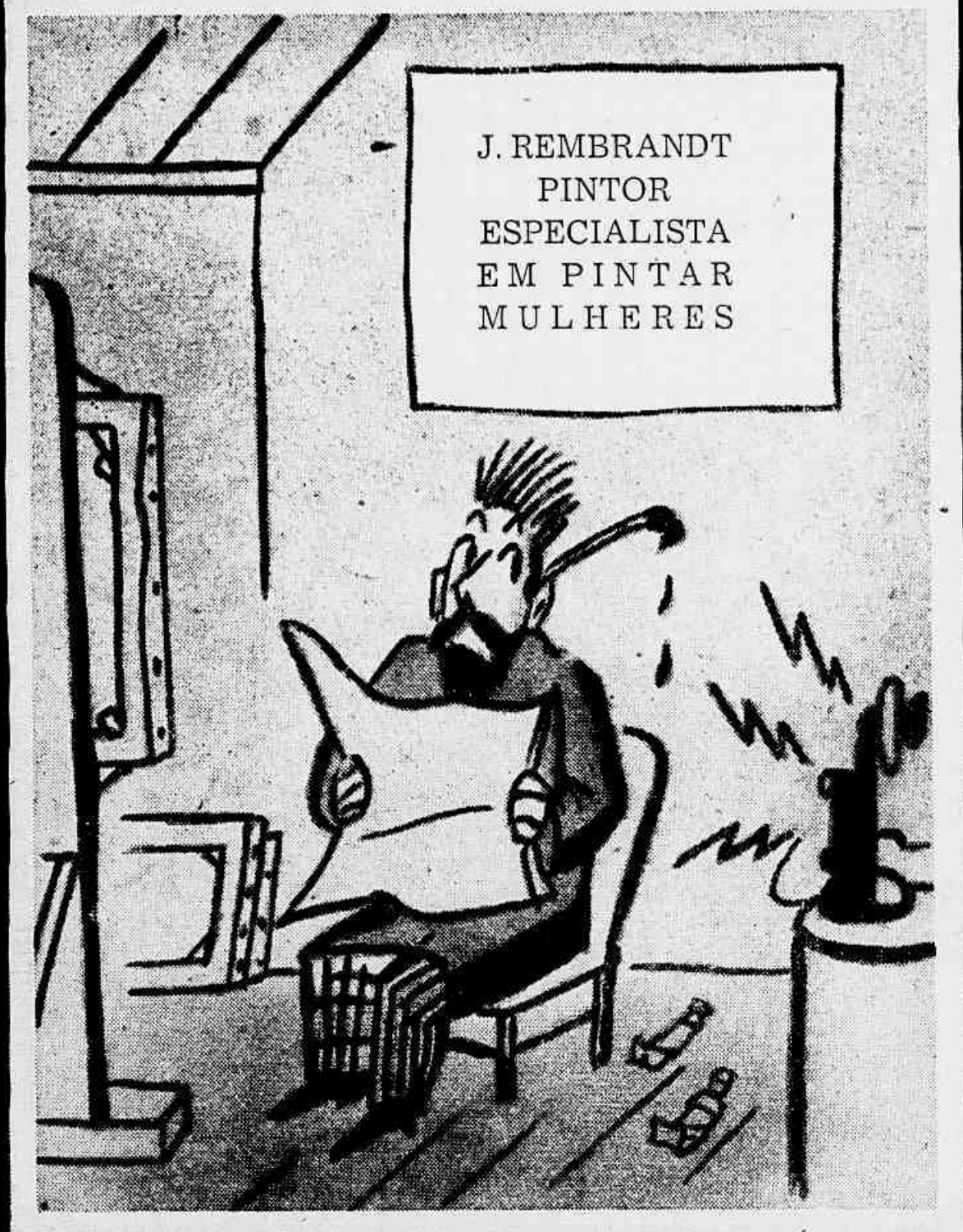


Herbert Moses.



A mensagem de felicitações da Associação Brasileira de Imprensa constitui uma visita infalível e muito agradável, que nos chega sempre no limiar de cada efeméride natalícia. Este ano, como nos anteriores, recebemos as palavras amigas da A. B. I. e de seu dinâmico presidente, o nosso confrade Herbert Moses.





DE BOM HUMOR

UM CENTENARIO ESQUECIDO

O DE ELIAS METCHNIKOFF

BERNARD SHAW, no famoso prefácio de uma das suas obras-primas, "O dilema do médico", chamou a teoria fagocitária, de Metchnikoff, "um dos mais sugestivos romances biológicos". Graças a Metchnikoff a letra "F" dos dicionários adquiriu mais um vocábulo e a medicina deu um grande passo à frente. Ficámos sabendo que, no nosso corpo, existem fagócitos, convertidos em verdadeiros exércitos defensivos, devorando micróbios e tornando-nos aptos a sobreviver às múltiplas invasões desses inimigos invisíveis. Segundo os dicionários, eis o que são

"FAGÓCITOS (phagocytes), n. m. Célula orgânica capaz de envolver e digerir micróbios e partículas orgânicas e inorgânicas."

Tão romântica e curiosa pareceu a Bernard Shaw a descoberta de Metchnikoff, que naquela obra do diabolico irlandês é vastamente discutida a existência e a atividade dos fagócitos, cuja voracidade é desenvolvida artificialmente pelo "opsonin", espécie de manteiga ou creme com que, segundo a teoria do dr. Colenso Ridgeon, herói da peça (ou vilão, se preferirem), os micróbios se tornam muito mais apetitosos. O primeiro ato dessa peça talvez tenha sido o maior preito literário recebido até hoje pelo judeu russo cujo centenário, verificado este ano, ainda não despertou a atenção de nenhum centro de pesquisas, associação cultural ou academia científica. E, no entanto, a celebração do centenário de Elias Metchnikoff teria, neste momento, triplíce significação: a significação comum a todos os acontecimentos que marcaram o nascimento de uma nova idéia ou teoria científica: a celebração de um vulto russo que se consagrou ao bem da humanidade e, finalmente, a oportunidade de um testemunho de apreço ao povo judeu, tão perseguido e injuriado pelos racistas selvagens e arrogantes que acabam de ensanguentar o mundo, na mais terrível de todas as catástrofes.

Se a teoria dos fagócitos é um dos mais sugestivos romances biológicos, como diz Bernard Shaw, a própria vida de Elias Metchnikoff é uma verdadeira novela de aventura, um folhetim cheio de lances por vezes patéticos e, por vezes, humorísticos. Poucas vidas poderiam fornecer melhor e mais curioso material para uma película cinematográfica ou para uma peça de teatro. Raros homens terão sofrido tantos reveses, arrostado tantos preconceitos, superado tantas adversidades. Existência cheia de altos e baixos, ora quase corrido a pedra, ora premiado pelo seu labor científico, não podia haver homem mais terrivelmente desconcertante. Na juventude, um acabrunhado, em constantes crises de desespero, odiando a espécie de vida em que se afundara e recorrendo ao suicídio, sem conseguir cortar o fio da existência... Toxicômano na juventude, viveu os seus últimos vinte anos quase como um asceta, sem beber, sem fumar, sem se permitir a menor extravagância, consagrado apenas ao seu trabalho e submetido a uma dieta rigorosíssima. Na idade madura, famoso, cercado de bem-estar moral e material, amando furiosamente a vida e obsedado pela idéia da morte, querendo prolongar ao máximo a existência, com mil e muitas cautelas para evitar micróbios e qualquer forma de contaminação... Devotado ao salvamento de vidas humanas, paradoxalmente sustentava a idéia de que nenhum homem conscientemente deve propagar a espécie — teoria segundo a qual sua própria atividade científica seria nula, porque a humanidade terminaria na nossa geração. Foi por isso, talvez, que ao casar pela primeira vez desposou uma pobre tuberculosa, em grau tão adiantado que teve de ser levada ao altar numa cadeira de rodas, sem forças para caminhar com seus próprios pés. Criatura estranha e complexa, doutor sem pergaminho, como Louis Pasteur, Paul de Kruif com razão diz que ele parece um personagem evadido das obras de Dostolevsky, um dos temperamentos histéricos descritos pelo autor de "Recordações da Casa dos Mortos"...

E' curioso ver-se como o seu desejo de morrer era sempre contrariado. Uma vez tentou suicidar-se com morfina. Mas a dose foi tão forte que lhe deu náuseas e ele vomitou o alcalóide. Tentou, então, uma forma de suicídio com aparências de morte natural: tomou um banho quantíssimo e se expôs, em seguida, ao ar livre sob baixa temperatura.

Mas não apanhou a pneumonia desejada assim como, durante quatro anos ao lado de uma esposa tuberculosa, não contraiu o mal de Koch.

O seu maior desespero tinha origem nas barreiras criadas aos judeus, na sua própria pátria, a Rússia czarista. Para realizar o seu labor de cientista e seguir a inclinação natural, que aos vinte anos já era nele tão forte, teve de fazer uma vida errante: ora na Alemanha, ora na Itália, ora na França. Acabou colaborando com Pasteur e descobrindo, em Paris, a imunização contra a sífilis, com a pomada de calomelanos que lhe tomou o nome. E mais tarde o bacilo búlgaro, o da coalhada, tido como auxiliar da boa digestão. O seu grande feito foi, porém, a descoberta dos fagócitos — as células devoradoras do nosso sangue, responsáveis pela imunização a várias doenças. Arredondadas e pálidas, elas devoram os micróbios que inva-

dem os vasos sanguíneos e assim nos salvam da morte. Nos estados febris os fagócitos desenvolvem redobrada atividade. Ficam mais agressivos e mais destruidores. Nisso repousa o emprêgo da febre artificial e da malarioterapia, que é o recurso heróico nos casos agudos de sífilis.

Esse benfeitor da humanidade, nascido no sul da Rússia em 1845, assistiu a alguns dos lances mais terríveis por que passou a sua raça: a perseguição aos judeus na Alemanha de Bismarck, numa campanha em tudo por tudo semelhante, embora não tão cruelmente exterminadora, à de Hitler e ao processo Dreyfus, a grande infâmia forjada nos círculos aristocráticos do Estado Maior do Exército Francês, para salvar um nobre culpado e excluir das fileiras, de uma vez por todas, os oficiais semitas... Sentiu de perto a evolução da grande tragédia reservada aos ju-

(CONTINUA NA PAG. 92)

R. MAGALHÃES JUNIOR



A CARTEIRA ROUBADA

Conto de ZENAIDE ANDRÉA
Ilustração de Armando Moura



A rigor não me lembro bem como começou essa história. Eu era muito pequena, e apenas vagamente me recordo daquela tarde em que muita gente acompanhou um entêrro ao cemitério.

O caixão saiu de uma casa pegada à nossa, e tenho a impressão de que a rua ficou cheia de povo à hora dos funerais. Disseram-me então que o morto era o sr. Lemos, que falecera durante a noite, após beber um veneno qualquer.

Propriamente eu não conheci esse senhor, porque quase nunca saía de casa. Se me perguntarem, pois, como ele era, não lhes poderei informar ao certo.

Meus pais, sim, êstes o conheceram bem e, quando ele morreu, ficaram tão tristes como se ele fôsse um parente nosso. E ainda me recordo perfeitamente da indignação que lhes causou o seu suicídio. Falaram que fôra vítima de um canalha, que era um homem honestíssimo, que a justiça de Deus faria um dia luz sobre "esse caso escabroso", etc.

O sr. Lemos deixou mulher e filhos — dois rapazes e uma moça — mas dêles eu me esqueci também, pois, logo a seguir nos mudámos para outro bairro, e jamais voltei a vê-los. No meu sub-consciente, porém, nunca se apagou aquela tempestade de críticas e de protestos, que, à ocasião, vi desabar à volta do caixão do nosso antigo e pranteado vizinho.

Um dia, passados muitos anos, fui apresentada a um sr. Rodrigues, em casa de uma família conhecida. Era um homem já entrado em janeiros, muito gordo e loquaz, que, a propósito de tudo, enchia a sala com grandes gargalhadas.

Ao ouvir o meu nome, fitou-me longamente e depois, abrindo os braços roliços e sacudindo-os para todos os lados, pôs-se a exclamar com escândalo que me conhecera em pequena, que fôra muito chegado à nossa casa, que assistira ao meu batizado e que sei eu mais...

A seguir, fazendo-me sentar ao seu lado, começou a evocar os tempos em que vivemos naquela rua. Pelos pormenores que entrou a citar, constatei que não exagerava e que fôra de fato um íntimo dos meus pais. Conhecia a todos pelos nomes e os apelidos, e sabia até as datas dos nossos aniversários.

Eu, confesso, fiquei a princípio um tanto vexada por não poder retribuir essa familiaridade do sr. Rodrigues, mas por mais que apelasse para a minha memória, não houve jeito de me lembrar dêle. Aliás, ao que me recorde, nunca até então ouvira os meus pronunciarem o seu nome sequer. Ele, porém, veio em meu auxílio, afirmando que eu era muito criança quando saiu do Rio.

— Estive no Amazonas todo êsse tempo — disse, esfregando as mãos gorduchas uma na outra, como se as quisesse esquentar. Já se vão muitos anos... Deixei-te pequenina, bem pequenina. Vocês moravam ao lado da casa do finado Lemos, em Santa Teresa, não é? Havia um jardim na frente, com um grande pé de magnólia... Tu talvez não te lembres mais... Oh! era tão bonito ali!...

E o velho riu alto, como que satisfeito por viver um pouco dentro das suas recordações.

— Depois o Lemos se suicidou e teu pai foi morar noutro bairro. Eu não aprovei essa mudança. Nem eu, nem os seus amigos. Mas êle quis... Embirrou com os bondes de Santa Teresa e não houve jeito! Foi pena!... Lá era tão belo... Que paisagem, menina!... Via-se toda a baía...

via. O nome do nosso antigo vizinho, trazido à baila por ele, despertara em mim, subitamente, uma insopitável indignação em torno do seu suicídio. E, sem me conter por mais tempo, abordei o assunto.

O sr. Rodrigues recebeu as minhas perguntas meio surpreso. Não era possível, disse, que eu não soubesse nada daquela tragédia.

— Foi uma história dolorosa, menina. Sim, muito dolorosa!...

E com o olhar perdido dentro das suas recordações:

— O Lemos era um homem boníssimo e visceralmente honesto. Vivia para o seu lar, apenas. E era muito amigo dos seus. A mulher dele, a D. Zica, também. Gostava muito da tua mãe. Foi ela quem te levou ao colo à igreja, quando te batizaram...

E num suspiro:

— Coitada! Pouco durou, depois que o marido se suicidou. Morreu de tristeza...

O velho falava com a voz pausada, fitando-me com ternura, os olhos razos d'água.

— O Lemos trabalhava num grande escritório da rua da Alfândega. Entrou menino e ali se fez à custa de muita dedicação e de muito esforço. Depois de vinte e tantos anos de casa, com os filhos já crescidos, chegou, afinal, a sub-chefe. Foi a essa época que faleceu o dono da firma, um inglês muito distinto a quem ele estava ligado por uma grande amizade. E começou a desgraça daquela família... O novo chefe não conhecia ninguém. Veiu de Londres e, mal pisou o escritório, pôs-se a olhar com desconfiança para o Lemos. Isto o entristeceu bastante, posso te afirmar. Sim, teu pai e eu bem que sabíamos das suas máguas, pois que conosco ele se abria francamente.

E dando um tapa enérgico no braço da cadeira, quase com raiva:

— Desconfiar do Lemos!... Ora, vejam só, santo Deus! Um homem a quem o antigo dono da firma confiava, sem documentos, centenas de contos! E isso não uma, nem duas vezes!... Eu que o diga! eu que o diga! Quantas e quantas vezes Mister Bradley afastou-se do Rio, deixando-lhe o livro de cheques em branco com a sua assinatura! Isso não é história! Vi com os meus olhos!

O sr. Rodrigues fez uma pausa e, a seguir, continuou com um ar desolado:

— O outro que veio de Londres para substituí-lo, era um tipo desconfiado e tinha umas idéias esquisitas. Na sua opinião, por exemplo, os antigos funcionários mereciam mais vigilância do que os novos. Eram máquinas viciadas pelo uso, dizia... Muito disciplinado, o Lemos curvou-se a tudo sem proferir palavra. No fundo amava aquele escritório, aquele serviço... Fôra para ali meninote... Era natural que se sentisse um pouco parte daquele ambiente, daqueles livros, daquela pequena babel de cartas da freguesia... Oh! o hábito! o hábito!...

E depois de erguer os braços para o teto, num gesto teatral:

— Um dia um empregado da firma procurou-o para dizer-lhe que fôra furtado no seu relógio de ouro. Não imaginas como ele ficou aflito, coitado!... Aquilo era como se a honra da firma tivesse sido maculada. Não! não podia ser! exclamou ele durante vários dias, as olheiras cavadas pela vigília, o rosto abatido pela vergonha. Em vinte e tantos anos era a primeira vez que acontecia uma coisa assim. Antes, nunca naquele escritório alguém se queixara do menor deslize dos colegas. Sim, porque a culpa tinha que recair forçosamente sobre os ombros de alguém dali, pois afora o pessoal da casa, ninguém mais atravessava aquelas portas... Como todo homem puro, o Lemos não se sentiu com coragem sequer de tirar conclusões acerca deste ou daquele. Na sua opinião todos ali dentro, indistintamente, estavam à margem de qualquer suspeita. E a simples idéia de analisar os seus colegas repugnava-o. Tão pouco aceitou o alvitre de levar o fato ao conhecimento do chefe da firma. Isto equivaleria, no seu modo de ver, a uma afronta ao Brasil. O chefe era um estrangeiro. Por nada deste mundo seria capaz de colocá-lo, pois, ao par de uma ocorrência tão grave.

— Eu sei como são esses homens, Rodrigues, explicou-me ele. Começam logo com ironias a nosso respeito e a afirmar que na terra deles pode-se deixar até ouro em barra na porta da rua que ninguém ou-

sará furtá-lo... Oh! ainda me lembro bem das torturas pelas quais ele passou a essa ocasião. De um lado era o sujeito do relógio a insistir numa providência; do outro era ele a teimar em não se fazer escândalo, ocultando ao inglês e à polícia o ocorrido. "Não! tudo menos isso! disse-me ele. Será a desmoralização da firma! Será dar-se a um estrangeiro uma impressão lamentável acerca da nossa honestidade! Não! Nem que eu tenha que comprar, do meu bolso, outro relógio!..." E foi o que ele fez. Levou o homem a uma joalheria e, com o dinheiro de suas economias, adquiriu um outro relógio. Mas isso com uma condição: que tudo ficasse em segredo, e que ele explicasse aos colegas que se equivocara e que achara finalmente o objeto dado como furtado.

O velho esfregou novamente as mãos e continuou:

— Ao contrário do que se esperava, porém, não se guardou o necessário sigilo em torno do fato. E o mesmo chegou aos ouvidos do inglês, que não soube ou não quis compreender o gesto do Lemos. É verdade que não lhe disse nada, mas, ostensivamente, passou a tratá-lo de um modo diferente, exigindo dele, por exemplo, as mais minuciosas e humilhantes prestações de contas diárias. Oh! o que sofreu o nosso pobre amigo!... Essa atitude injusta do patrão feria-o como ferro em brasa... E não era para menos!...

O sr. Rodrigues fez novamente uma pausa para acender um cigarro. E após duas ou três baforadas:

— Meses depois desapareceu a carteira de um dos funcionários da casa e este,

todos podiam voltar aos seus afazeres. — E o sr. Lemos à sua casa... acrescentou, virando as costas e retirando-se...

O sr. Rodrigues falava com uma voz triste, como que a machucar-se com todas essas recordações amargas.

— Foi inútil — prosseguiu ele — tudo quanto se fez junto ao chefe da firma no sentido de esclarecê-lo ante o fato que tão rudemente atingira um dos seus melhores e mais dedicados empregados. Ele manteve-se irredutível. Na sua opinião o encontro da carteira furtada no bolso do Lemos dispensava maiores comentários sobre o assunto. Além disso a sua atitude

no caso do relógio calara-lhe mal, muito mal. — Ninguém gasta as suas economias para evitar escândalos numa firma, quando não tem nada com o caso... disse-me ele quando o procurei para uma explicação amistosa em relação ao fato. E atirando o seu cigarro pela janela:

— Muitas foram as manifestações de solidariedade recebidas pelo Lemos a essa ocasião. Ele, porém, não se conformou nem um instante com o juízo que a seu respeito fez o patrão. Fechou-se em casa e começou a delinhar na sua máguá, até

Continua na p. 103



ao invés de levar o fato ao conhecimento do Lemos, dirigiu-se diretamente ao inglês, que, muito irritado, ordenou uma revista geral no pessoal. Essa decisão ecoou como um petardo na firma. Era deprimente como que! Mas ordens são ordens, e todos se reuniram no salão principal, afim de terem os seus bolsos revistados pelo próprio chefe da casa. Ia a coisa já em meio, quando chegou a vez do Lemos. Muitos colegas seus sorriam. Suspeitar-se do Lemos! murmuraram. Era o que faltava!... Ante a estupefação geral, porém, o inglês tirou do bolso dele a carteira roubada!... Aquilo era inacreditável, fugia a qualquer lógica! Posso afirmar-te que se naquele momento uma bomba tivesse estourado ali dentro, não teria causado maior abalo entre os presentes. Foi como se a terra tivesse faltado de repente sob os pés de cada um!...

Afundada na minha poltrona, eu não perdia uma só das palavras do velho, sinceramente presa à sua narrativa. Ele levou o seu cigarro vagorosamente à boca e, a seguir, continuou:

— Passado o primeiro momento de surpresa, todos entraram a protestar contra aquele desfêcho inesperado, afirmando em alto e bom som que aquilo não podia ser, que o ladrão, para escapar, colocara a carteira furtada no bolso do Lemos, que isto mais aquilo... Petrificado, cadevêrco, sem tentar um gesto sequer em sua defesa, o Lemos — coitado! — olhava tudo aquilo sem compreender. Indiferente e frio o inglês cortou então a cena, dizendo que estava terminada a revista e que



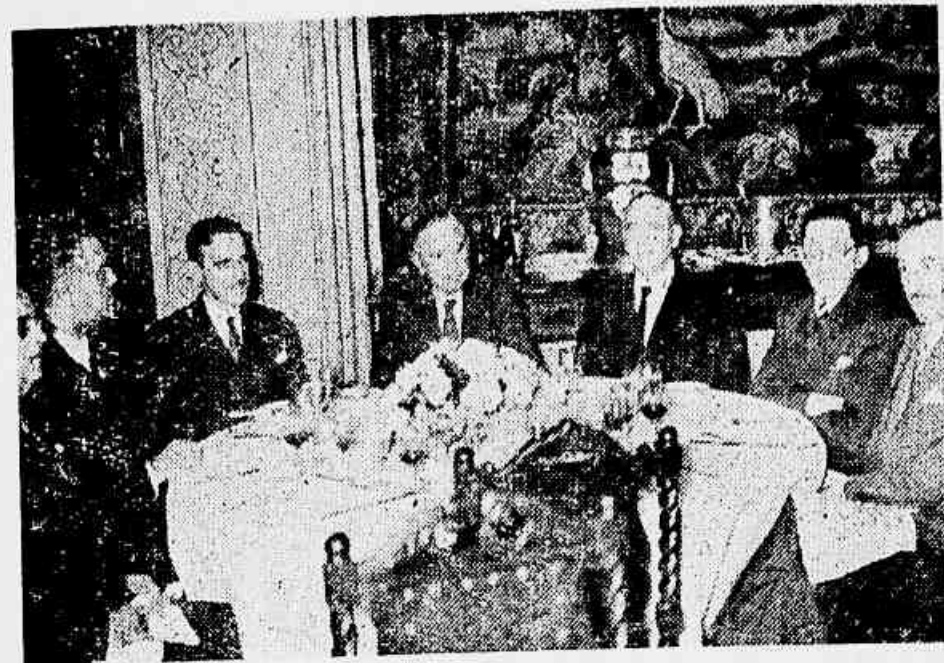
Flagrante obtido em Juiz de Fora, no dia 3 do corrente, por ocasião das comemorações das bodas de prata do general de divisão Raymundo Sampaio e sua exma. esposa. Missa em ação de graças mandada rezar pela oficialidade e guarnição local.

FIGURAS E FATOS

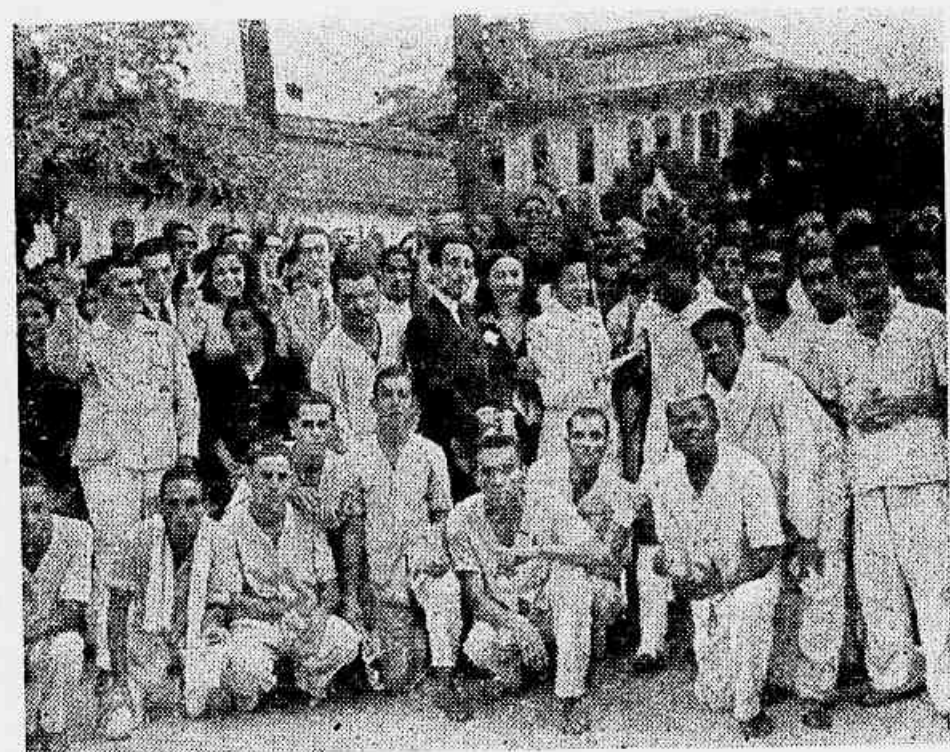


Título de Sócio Honorário conferido ao ministro Winston Churchill pela Sociedade Brasileira de Belas Artes, diploma elaborado pelo artista e nosso companheiro Alberto Lima. A oferta deve-se pela devoção do primeiro ministro britânico às Belas Artes.

Pelo restabelecimento do dr. Simões Filho, os jornalistas balanços fizeram rezar missa em ação de graças, celebrada na Catedral pelo arcebispo D. Augusto Alvaro da Silva. Aspecto obtido depois da solenidade, vendo-se também o major Cosme de Farias.



No Jockey Club Brasileiro, a diretoria do Touring Club do Brasil ofereceu um almoço em homenagem ao interventor Manoel Ribas. Compareceram, além do homenageado, os srs. Juvenal Murinho Nobre, major Berilo Neves, Ary de Almeida e Silva, Edgard Chagas Doria e outros diretores do Touring Club do Brasil.



Aspecto da visita que os esperantistas cariocas, por iniciativa do Esperanto Klubo da Associação Cristã de Moços, efetuaram aos feridos de guerra, no Hospital Central do Exército, onde foram distribuídas centenas de brochuras para o aprendizado do idioma internacional, doces e outras iguarias.



Sra. Maria Esolina Pinheiro, diretora da Escola Técnica de Assistência Social da Prefeitura, a primeira oficial do Brasil para a formação de profissionais especializados em Serviço Social. A ilustre educadora tem diversos trabalhos publicados sobre o assunto e dois livros fundamentais sobre Serviço Social.

TEATRO

Foi dos mais auspiciosos o primeiro semestre de 1945 em relação ao teatro. A totalidade das nossas casas de espetáculos funciona regularmente desde logo após o Carnaval, prometendo estender-se a temporada ainda por muito mais tempo, e vivendo, neste momento, o seu período culminante. Várias companhias de declamação, apresentando ao público espetáculos de gêneros diversos, merecem a simpatia desse mesmo público e da crítica, e se mais teatros existissem mais estariam ocupados por outras companhias, que, destarte, vêem-se na contingência de excursionar.

Mas o ponto alto da primeira fase da temporada foi dado, inegavelmente, pela nova série de espetáculos oficiais que Dulcina e Odilon levaram a efeito no principal teatro da metrópole. Se em 1944, com as montagens de "Cesar e Cleopatra", "Anfitrião 38" e "Santa Joana", Dulcina havia feito jús à classificação excepcional que lhe foi conferida pelas entidades mais representativas do nosso mundo artístico e até mesmo oficial, suas magníficas "performances" confirmaram-se este ano, com a encenação de três autos originais de igual importância. Abrindo a curta série desses memoráveis espetáculos, Dulcina viveu a protagonista de "Rainha Vitoria", peça na qual podia dar largas ao seu maravilhoso poder de composição de um



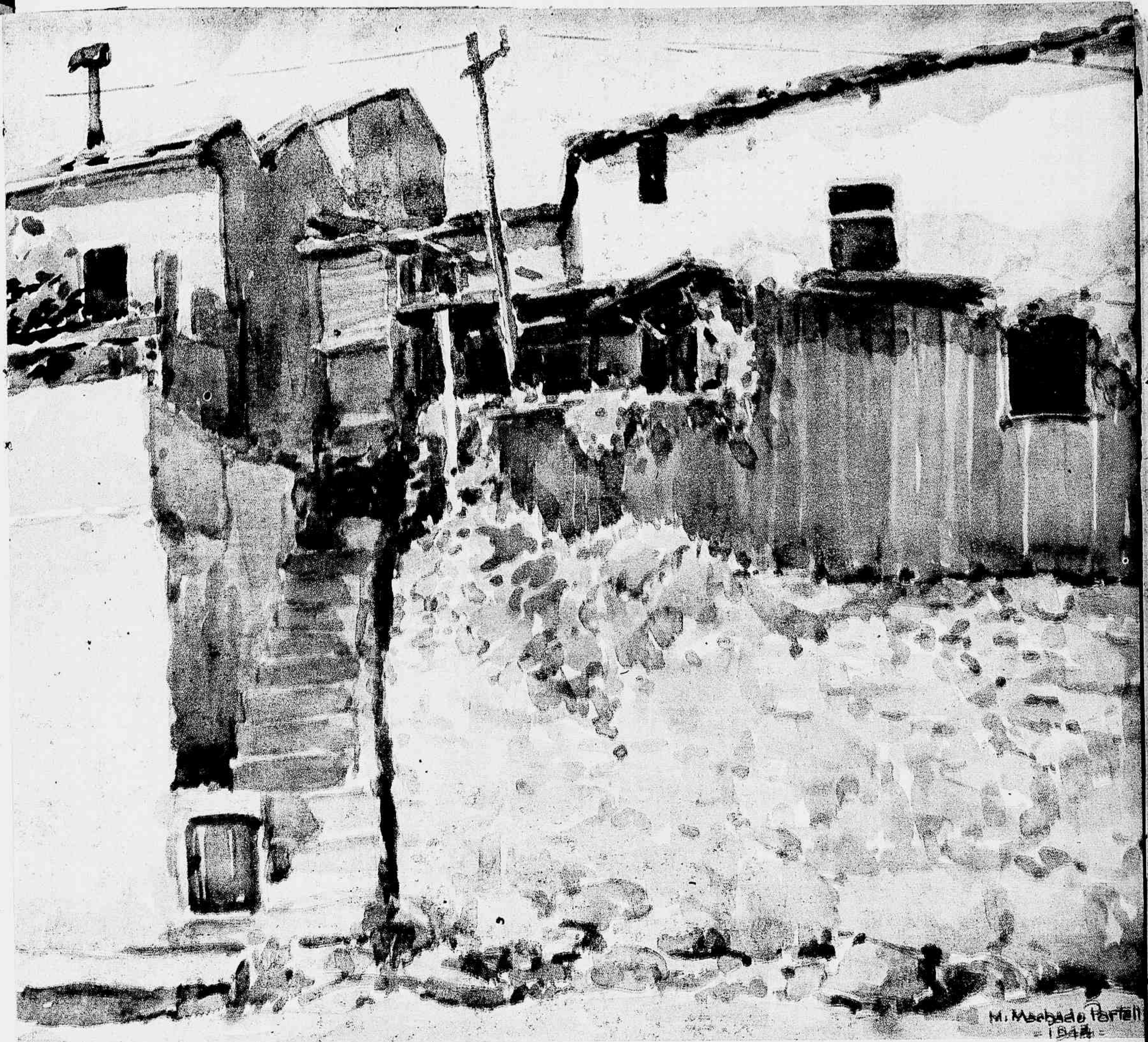
tipo que vai desde a adolescência à maturidade, quase à meta dos cem anos. Veio, depois, "O Pirata", que pertenceu de direito a Odilon, num desempenho por demais complexo e "rafinée", para encerrar-se a temporada com "Chuva", extraída de um conto de Somerset Maugham e traduzida por Genolino Amado. Foi "Chuva" realmente a peça que melhor correspondeu aos anseios da platéia, sem, com isso, desmerecer do mérito e das responsabilidades artísticas das duas primeiras. Agora, iniciando-se o segundo semestre, tudo faz crêr que a estação teatral prossiga na mesma linha ascendente, com os teatros em pleno funcionamento.

Nas gravuras: Dulcina em "Chuva" e "Rainha Vitoria". — Odilon em "O Pirata".



"Cabeça de Mulher", óleo de Armando Balloni, medalha de prata do Salão Nacional de Belas Artes, membro do Júri do Salão Paulista e fundador da Família Paulista de Artes Plásticas. Recentemente Balloni apresentou uma série de suas telas nesta capital, quando justamente o trabalho divulgado nesta página mereceu por parte de alguns representantes da crítica a classificação excepcional. Na paisagem, em naturezas mortas ou em retratos os quadros do festejado artista revelam, sempre, sua variedade de estilo e de observação.





M. MACHADO PORTELLA timbra em ser considerado um amador de pintura. Não é, realmente, um profissional, embora tenha completado seu curso e, na Inglaterra, foi discípulo de Frank Fisher. Suas aquarelas têm merecido as honras dos mais calorosos aplausos de reconhecidas entidades da crítica de arte. Expôs no Salão Paulista e no Salão Nacional de Belas Artes. É de M. Machado Portella a aquarela que ilustra esta página, intitulada "1007 Tabajaras".



ARARUAMA (Estado do Rio) — A praça da Matriz, com sua igreja secular, suas palmeiras e o pequeno Tião no seu burrico de feira.

Coisas do Brasil

Um violento incêndio destruiu, semanas atrás, a velha e histórica matriz de Araruama. Por singular coincidência, alguns domingos antes nossa reportagem empreendera uma rápida excursão à secular cidade fluminense, e desde logo suas atenções haviam sido atraídas para o próprio que deveria constituir, talvez, um pequeno monumento histórico do Estado do Rio. Era de fato a igreja de Araruama uma das mais antigas do Brasil, datando sua construção de mais de dois séculos. Para galgar o campanário era mister usar de toda a cautela, de tal maneira estavam gastos e poídos os degraus toscos e apodrecidos. Mas os sinos, que certamente terão sido salvos, eram duas pesadas peças de cobre, fundidas ao tempo do primeiro Império, como se poderia atestar pelas gravações nos mesmos feitos. Todo o pequeno templo, de linhas singelas, era um convite à meditação e um mergulho no passado, falando-nos, em seu silêncio e em sua calma de igreja de província, dos dias remotos, quando Araruama talvez ainda vivesse um período de fastígio, de movimento, de certa trepidação.

Há de a velha localidade fluminense, sem dúvida, ganhar um novo templo, moderno e talvez mais amplo, mais elegante, também, onde pelo menos os sinos serão conservados, se no acidente não tiverem sido despedaçados. Mas, de qualquer modo, os habitantes de Araruama virão a sentir falta da primitiva casa de Deus, onde os mais velhos foram batizados e onde sua felicidade matrimonial terá sido também abençoada. Onde os filhos e os netos receberam as mesmas bênçãos, transmitindo assim, de gerações em gerações, o histórico e a austeridade da velha igreja de paredes brancas e corroídas pelos séculos, de torre colonial erguida para o céu claro e límpido, no centro da praça, tendo ao lado o cemitério onde os filhos da terra acabam encontrando o repouso definitivo e eterno...





Ao alto: — O maestro Erich Kleiber, antes de subir o pano: Mme. Kleiber corrige o nó da gravata branca de seu esposo. Em baixo: — O maestro dá instruções ao primeiro violino de sua orquestra, durante o ensaio.

O CIDADÃO ERICH KLEIBER

UM REGENTE VIENENSE E UM PUGILISTA AMERICANO — A "ATMOSFERA" DE BEETHOVEN — SANTORO, UM RAPAZ DE FUTURO — A CRÍTICA E OS PORTEIROS

AS cinco horas exatamente, pois Kleiber exige pontualidade, desço o corredor do Teatro e bato à porta do camarim — primeira barreira.

— Entrel,

Uma ordem ríspida. Armo-me e avanço.

Dois olhos penetrantes se fixam em mim. Examino, de perto, pela primeira vez, o maestro Erich Kleiber. Baixo e atarracado.

— Herr Kleiber?

— Ia. Sprechen Sie Deutsch?

A voz — como era a voz? Perdoo-me, Erich Kleiber, a falta de respeito: a voz era como uma matraca. Já ouviram uma matraca? Trétété té té... ad infinitum? Pois ei-la. Eis a voz de Erich Kleiber. E' este o maestro? Especulo: que profissão lhe atribuiria eu se o encontrasse na rua, sem saber de quem se tratava? Mil perdões, maestro, mil perdões dirigidos à sua sensibilidade artística extraordinária — eu diria que era um pugilista, e — o que é mais grave — pugilista americano. Renovando as desculpas, confirmo; sim, não há dúvida. Eu diria: que pugilista americano é aquele? — o que provaria que eu estava redondamente enganado, pois todos sabem quem é Erich Kleiber. As aparências enganam, mas existem...

Aliás, pensando bem, e levando em conta a voz metálica que pipocou nos meus ouvidos, se eu não o chamasse de pugilista: minha imaginação talvez me levasse a Hollywood — e lá eu veria, num estúdio, o diretor e seu enorme megafone vociferando ordens.

A entrevista estava bem planejada. Quero dizer, correria normalmente, com as perguntas da praxe, o cafésinho, etc., etc. Tranquila. Era essa a minha idéia. Antes de tentar pô-la em prática, está visto. O alemão seria, para ele, uma surpresa e um prazer. Agradavelmente surpreendido ao ouvir sua língua, ele diria:

— Ah! fala alemão?

— E convidar-me-la para sentar.

Erich Kleiber encara-me, friamente, e observa, sem entusiasmo:

— Fala alemão? Bem.

E não me convida para sentar. Santa-se ele próprio. Sem esperar mais imito-o

Subitamente, sem que eu possa precisar como surgiu, sem que eu saiba para onde vai, sem que o possa controlar, um redemoinho de palavras me envolve. Naufrago. Tento reconstituir aqueles dez minutos contados, e surpreendo-me com a quantidade de coisas que Kleiber conseguiu enfiar dentro daquele curto espaço de tempo.

O fio da meada está, sem dúvida na pergunta:

— Que acha da orquestra do Teatro Municipal?

Kleiber me informa de que ela, na sua opinião, é excelente, e diz que vê nos músicos muito boa vontade. Na verdade, ordena-me que tome nota desse elogio, que reputa importante e devido. Agora, não diz que ela seja perfeita; nem atribui por outro lado seus defeitos aos músicos, pelo menos diretamente, porque acha que, além dos instrumentos velhos, eles têm que lutar pela vida, têm que tocar em cabarets, em restaurants para poder conseguir um ordenado suficiente.

Os olhos penetrantes de Kleiber tornam a fixar-se em mim, mas desta vez julgo entrever uma certa candura infantil — um ar muito parecido com o de minha priminha de seis anos quando faz certas perguntas irrespondíveis.

— Roberto, por que é que seu pai lhe deu esse nome?

— Porque gostava dêle.

— Mas por que gostava dêle?

— Porque é seu próprio nome.

— Mas por que é seu próprio nome?

Coisas desse gênero. Pois Kleiber me encara e diz:

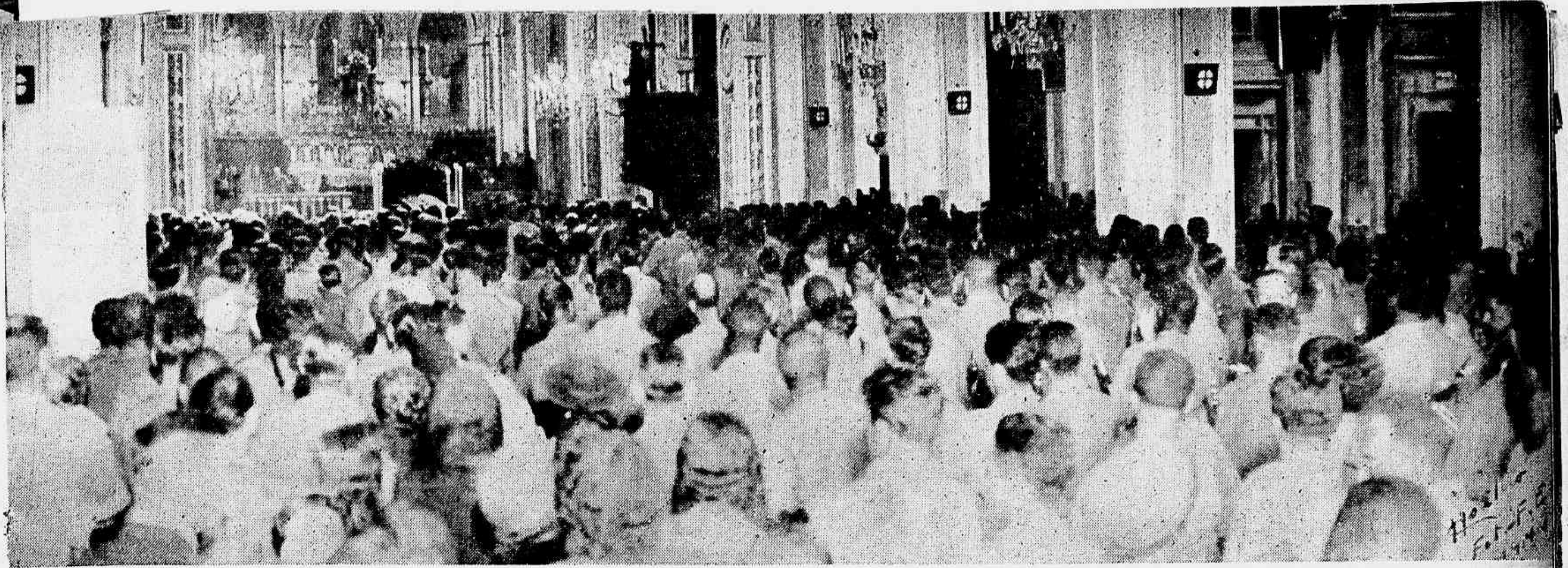
— Por que o governo não paga bem aos músicos?

Em seguida fala sobre o Brasil que, para ele, é o Rio de Janeiro. E exprime a sua admiração, um tanto seca, mas evidentemente sincera. Ela vem de um jato, sem dar tempo para que eu interpole perguntas. Tento reerguer-me. Faço uma observação. Uma observação um tanto pérfida, pois me refiro à crítica e cito uma restrição — aliás a única que li em relação a ele.

Kleiber levanta os braços num gesto latino de desprezo e impotência:

— Não me interessa.

(Continua na pág. 99)



A vitória das armas aliadas foi festejada, na Itália, com a missa em ação de graças mandada rezar pelos soldados brasileiros. Constituiu uma cerimônia imponente, mau grado a singeleza de toda a solenidade, essa à qual compareceram as altas patentes da F. E. B., bem como centenas de "pracinhas" e muitos representantes do povo italiano. Dias antes esses bravos rapazes estavam ainda às voltas com os nazistas, porém estes foram agora transferidos para o campo de prisioneiros dos nossos.

VISÕES DA GUERRA QUE PASSOU

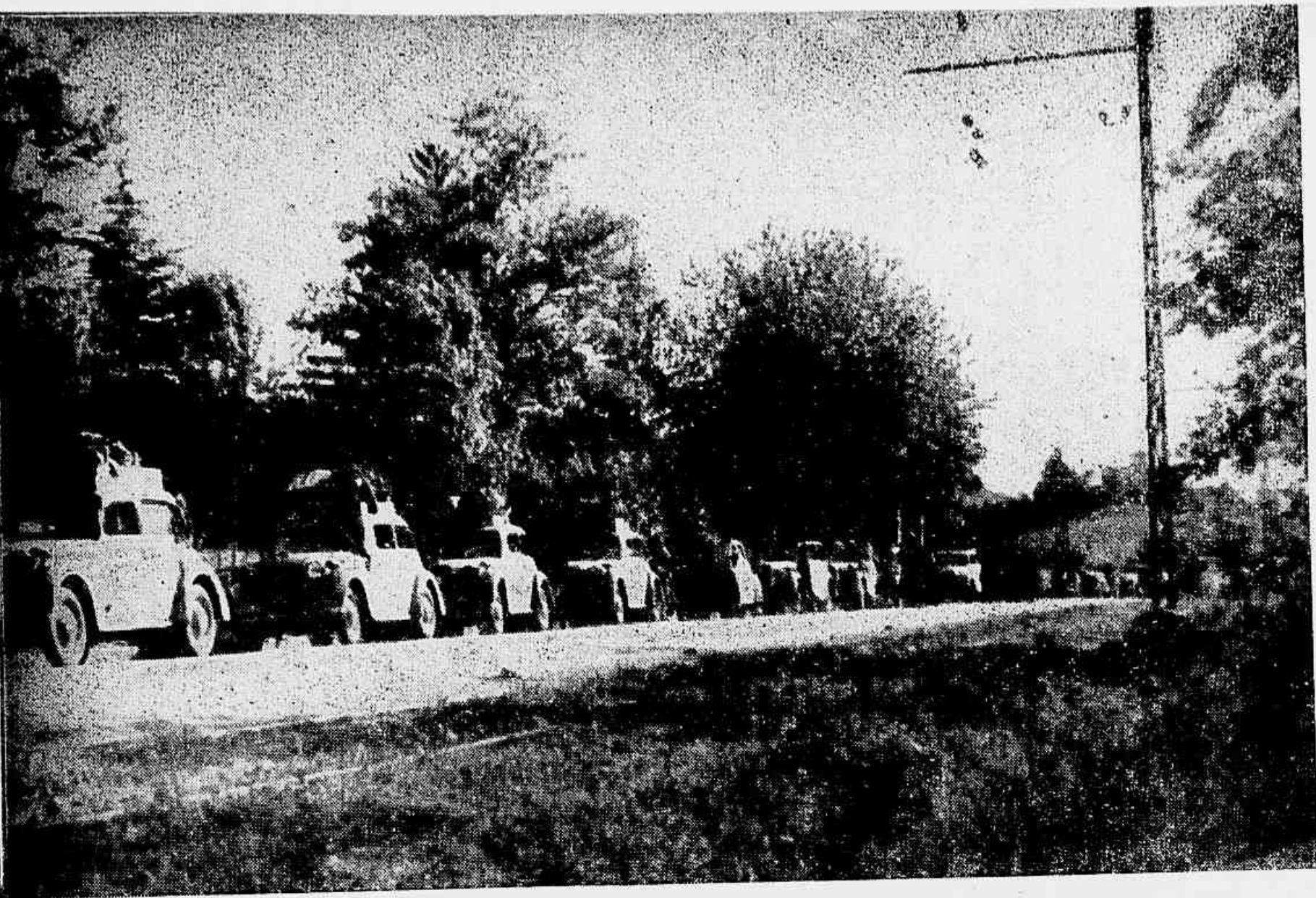
Agora que a cidade se prepara para receber de volta os "pracinhas" da Força Expedicionária Brasileira, desejamos oferecer aos leitores mais esta correspondência ilustrada, vinda das terras de Itália. São outras provas documentando o grau de eficiência dos

soldados de Caxias, a serviço da grande causa por que se bateu, e bate ainda, a Humanidade. São visões de uma guerra que já passou no setor da Europa, embora continuando ainda, no setor do Pacífico. E o Rio, preparando-se com a sua maior vibração e entusiasmo, para

tributar homenagens aos rapazes de volta, sabe estar prestando um ato de justiça. Estas fotografias foram-nos enviadas pelo sr. Horácio Coelho, fotógrafo-correspondente das Forças Expedicionárias Brasileiras, na Itália.

ESPERANDO A ORDEM DE CESSAR FOGO — Desde dois dias antes sabia-se que as hostilidades viviam os seus derradeiros instantes. E não foi muita surpresa para os "pracinhas" quando, naquele dia memorável, receberam a ordem decisiva de cessar fogo. A partir de então os nazistas eram prisioneiros, ou soldados derrotados vergonhosamente, e não mais inimigos em ação. Nossos patrícios estavam muito longe do desalento, mas o moral das tropas brasileiras continuava levantado e em grande forma.





Tão depressa cessaram as hostilidades, ordens terminantes foram dadas para que todo o material alemão encontrado se conduzisse rumo a uma determinada linha. As Forças Expedicionárias Brasileiras recolheram, assim, centenas de autos alemães, que de nada adiantaram para dar ganho de causa às tropas de Hitler. E se os automóveis eram apreendidos, o mesmo acontecia com suas desmoralizadas tripulações. Parte desse material precioso será, mais tarde, trazido para o Brasil.



No dia da rendição, oficiais brasileiros que se encontravam na estrada de "Collechio", posam para o fotógrafo patricio. Da esquerda para a direita: major Floriano Machado, coronel Nelson de Melo, general Falco-neri, tenente-coronel Mory, major Campos de assunção, major Souza Junior, vendo-se ao fundo material alemão que os nossos soldados capturaram. Em baixo, um aspecto do material avulso que os nazistas deixaram ao abandono, quando desertavam para as montanhas onde foram presos.



ANTES DA RENDIÇÃO DA ALEMANHA — Vista aérea das destruições antes da rendição da Alemanha. Foi diante dessa situação angustiosa, dados nazistas resolveram aceitar a vitória dos Aliados. Na zona onde foi imediatamente reconhecido e os pilotos brasileiros puseram acampamentos. São esses os soldados que o general Clark agora reconhece. A presença começa a ser reclamada.

Não foi atoa que os soldados nazistas se entregaram. E quando os destemidos soldados russos entraram em Berlim, também nossos companheiros estavam de posse de material precioso que os alemães haviam abandonado, à vontade, pelas estradas e campos de luta. Carros e carriolas, munições e motores avulsos faziam abandonados pelas terras, enquanto os soldados, desmoralizados ao extremo, se entregavam aos grupos de centenas e centenas, considerando ser muito melhor a condição de prisioneiros.



NIHA — Vista aérea das destruições causadas por pilotos da zona aérea de Padua, diante dessa situação angustiosa, sem maiores possibilidades de salvação, que os soldados brasileiros se encontravam, na Europa, tudo a vontade, a vitória dos Aliados. Na zona onde nossos patrícios se encontravam, os acontecimentos brasileiros puderam acompanhar, com maior ritmo, o desenrolar dos acontecimentos. O general Clark agora reconhece serem de uma eficiência cem por cento, e cuja presença começa a ser reclamada para o Pacífico.

regaram. E em Berlim, de material, à vontade, as terras, então, se entre-considerando meios.

Prisioneiros alemães, em fila de dois, estendem-se pela estrada adiante. Eles são inúmeros e constituem vergonhosas filas das quais a Alemanha jamais poderá reabilitar-se. Este flagrante foi obtido pelos fotógrafos das Forças Expedicionárias Brasileiras no dia 20 de abril último, quando aos nazistas já não restava nenhuma dose de esperança. E os brasileiros, que haviam embarcado para a Europa sob os olhos maliciosos dos quinta-colunistas, eram agora os que comandavam esses "super-homens" de Hitler...



Os nazistas, cuja arrogância até à véspera era uma das suas características, rendiam-se com uma facilidade extraordinária. Eles chegavam até onde se encontravam os brasileiros e, de cigarro na boca, entregavam-se, entregando também as fichas de reconhecimento. Nossos patrícios, sem nenhuma atitude de insolência, recebiam os inimigos humilhados, com toda a simplicidade. Eles têm a noção exata do seu valor e não carecem de estimulantes dos fanáticos totalitários para vencer uma guerra... E vencem mesmo...



Fuzis alemães, que haviam sido confeccionados na Alemanha com o propósito de vencer esta guerra, e que acabaram em poder dos brasileiros. Os soldados a quem cabia entrar em território aliado, já então se encontravam sujeitos às condições impostas pelos nossos. E as armas, sem utilidade alguma, porém em poder dos vitoriosos, eram amontoadas às centenas, aos milhares. Por melhores que fossem seus tipos de nada adiantaram. E os "pracinhas" da F.E.B. parecem dizer: "Para que tudo isso, "seus" nazis?"





o sr. Rodrigo Otavio Filho, novo ocupante da cadeira deixada vaga com a morte de seu pai, o escritor Rodrigo Otavio, fundador da Academia, posando para o fotógrafo entre os seus pares, no dia de sua posse.

A POSSE DE RODRIGO OTAVIO FILHO

durante a sessão em que foi recebido na Academia Brasileira de Letras o sr. Rodrigo Otavio Filho, a reportagem da REVISTA DA SEMANA conseguiu fixar este flagrante, onde aparece o novo imortal ao lado do sr. Pedro Calmon.

Na noite de 18 do corrente reuniu-se a Academia Brasileira de Letras, para que tomasse posse do lugar para que foi eleito no Petit Trianon o sr. Rodrigo Otavio Filho, novo ocupante da cadeira deixada vaga com a morte de seu pai, o acadêmico Rodrigo Otavio.

A sala de sessões do Petit Trianon estava completamente lotada para receber o novo imortal, contando-se entre os presentes quase a totalidade dos membros do cenáculo, representantes das mais altas autoridades civis e militares do país, jornalistas e centenas de amigos e admiradores do sr. Rodrigo Otavio Filho.

Abrindo a sessão, o sr. Pedro Calmon, presidente da Academia, nomeou uma comissão composta dos acadêmicos João Neves da Fontoura, Levi Carneiro e Olegario Mariano para receber e introduzir na sala de sessões o novo imortal.

Este foi recebido por prolongada salva de palmas por todos os presentes, que permaneceram de pé durante largo espaço de tempo.

Em seguida foi dada a palavra ao novo ocupante da vaga de Rodrigo Otavio, que pronunciou o seu discurso de posse, cuja peroração foi coroada por entusiástica salva de palmas.

Falou após o presidente da Academia, sr. Pedro Calmon, proferindo a oração de recepção ao novo imortal, discurso que foi também recebido, ao terminar, por viva ovação.

A seguir o sr. Pedro Calmon deu por encerrada mais aquela sessão da Academia Brasileira de Letras.





No dia da Vitória, sob torrencial chuva, um grupo de brasileiros fez uma vibrante irradiação para o nosso país. Ai estão Aurelio de Campos empunhando o microfone, ao lado de Celso Guimarães, Lidia de Alencar, Inez Severo e José Roberto, quando animavam aquela transmissão no dia histórico do término da guerra na Europa.

O NOVO HORIZONTE PERDIDO

Nova York, Junho. — Alguns dos que nos lêem já se deixaram empolgar, possivelmente, com as páginas ou as sequências cinematográficas de "Horizonte Perdido", aquela história interessantíssima de um grupo de viajantes, cujo avião se perde em uma gélida região desconhecida, onde os acodem alguns habitantes do felicíssimo Shangri-Lá, vale fértil e saudável, próximo dali, todo de paz e amor, em que a longevidade era um fato. Lembram-se? Pois a mística e sonora denominação de Shangri-Lá está de novo em foco, agora no noticiário dos jornais. Apenas com uma diferença: os personagens atuais estão desejosos de voltar para um lugar seguro o mais breve possível e sem esperanças de realizar toda a peripécia das figuras criadas pelo romancista ou interpretadas na tela pelo "cast" em que se sobressaiu o veterano Ronald Colman. E' quase uma "reprise", ao vivo, de certa parte de "Horizonte Perdido", essa que hoje acompanhamos pelos relatos da imprensa americana. Primeiro, um transporte das forças aéreas do Pacífico que se perde, a 13 de Maio, levando a bordo alguns oficiais e vinte integrantes das Women's Army Corps (Departamentos Femininos do Exército). Depois, as buscas intermináveis e ansiosas, até mesmo fora das rotas habituais da navegação aérea. Agora, o sensacional encontro! E tão depressa foi localizada a aeronave perdida, a mais de 240 quilômetros a sudeste de Holanda, na Nova Guiné, que é a base dos aviões que lhe saíram à procura, providências urgentíssimas foram tomadas para os primeiros socorros. Assim, um corpo de paraquedistas filipinos, comandado por um capitão, foi lançado sobre o local, inclusive um operador com um rádio-transmissor e receptor portátil para as necessárias comunicações. Soube-se então que os sobreviventes do desastre eram apenas três: uma WAC e dois oficiais do exército. E mais: que seriam

obrigados a uma marcha de dezesseis quilômetros através de uma selva densa, desde a garganta de uma montanha, ou melhor, do desfiladeiro onde se refugiaram, até o vale em que alguns dos paraquedistas estão construindo uma pista de emergência para aterrissagem. Tal trajeto levará, no mínimo, cinco dias a ser coberto. Os planadores, equipados com "skies", já chegaram à base de socorro, em Holanda, e serão rebocados, em uma ousada experiência, para sobrevoar montanhas que se elevam a quase cinco mil metros de altura, afim de deslizar em seguida na pista em preparo. A WAC Margaret Hastings, de trinta anos, que tem o posto de cabo, o sargento Kenneth W. Decker e o tenente John B. Mc Colon já falaram de lá pelo rádio, relatando detalhes do acidente. O capitão Cecil Walters, que desceu de paraquedas para supervisionar a construção do campo de aterrissagem e prestar auxílio aos feridos, disse que a princípio temiam os nativos, que os ameaçavam com as suas lanças; porém, mais tarde, esses homens, de respeitável altura, passaram a mostrar-se amistosos e acabaram por ajudá-los nos serviços da pista por onde deslizarão os planadores de salvamento. Esses selvagens, disse ainda o capitão, vivem em estranhas cabanas e têm os seus povoados protegidos por altas muralhas, por causa das constantes lutas que travam entre si as tribus que disputam o domínio da inhospita região, que de Shangri-Lá só merece uma irônica referência. O que cumpre ressaltar aqui é o interesse dispensado ao grupo perdido pelas autoridades competentes, não só durante as buscas, como também agora, por ocasião do salvamento, em que todas

as providências possíveis têm sido postas em prática. E' uma demonstração louvável do carinho de que são alvo aqueles que não titubeiam em atender ao chamado da Pátria em perigo. Os olhos e o coração de todo o povo norte-americano dividem neste momento a sua atenção entre o teatro da guerra restante e aquele pontinho do globo, onde três valorosos sobrinhos de Tio Sam estão escapando de uma sorte desafortunada. Qualquer detalhe das peripécias por que vêm passando é recebido aqui com ansiedade, como se fossem aqueles personagens parte integrante de uma só família, de um só grupo, cujos corações pulsam mais fortemente, como se da vida de uns dependesse a dos demais. E assim é na realidade, porque eles são soldados das forças que ainda lutam para que a Liberdade seja sempre o melhor bem de quantos trabalham para uma fraternidade universal, sob um ideal alevantado. Sejam, portanto, esses novos episódios da guerra não apenas motivo de comentário à margem de um romance famoso, mas páginas vivas que a História inscreverá no livro dourado dos heróis, para exemplo de quantos ainda teimam em fechar os olhos à força que anima os homens, quando a razão e a verdade lhes iluminam o caminho. No título com que o sensacionalismo da imprensa enfeitou a história do grupo que se perdeu, dentro de um transporte aéreo, numa região praticamente desconhecida do Pacífico, não devemos nos prender à sonoridade convidativa desse misterioso Shangri-Lá, mas acompanhar daqui, de longe embora, a existência desconfortante e perigosa daqueles que renunciaram ao bem-estar para nos dar a segurança de uma vida melhor, dentro de um mundo livre e feliz. Deixemos, pois, por alguns momentos, que o nosso pensamento marche junto desses bravos e rendamos a todos eles uma comovida e sincera homenagem.

CELSON GUIMARÃES

B Ô A GENTE

Nossa rua estava alegre. O vizinho Franklin não se mudara, como tinham dito que ia se mudar. Era pretendente da casa o senhor Thomas Dewey. Os amigos dele, muito ricos apesar dos clientes por cento, se dispunham a gastar quantias fabulosas, pagando todas as lutas, para ver o senhor Thomas abrir as portas à velha Finança, com quem o vizinho Franklin, pai do simpático New Deal, nunca se deu muito bem.

A rua da América é uma ótima rua. Uma vez, aqui neste nosso edifício, se reuniram os representantes das vinte e uma famílias, e combinaram uma união geral, uma amizade defensiva contra o ódio espalhado nos subúrbios da Europa, e que ameaçava invadir o mundo inteiro. De um beco asiático, chamado Japão, uns homens que sofriam do fígado e tinham olhos esquisitos, avançaram, certo dia, no escuro, em cima do apartamento mais próximo.

Proveitosa reunião. Assinaturas, abraços, felicidades. Apenas o representante de uma das famílias não era bem o representante dela; agia em nome de alguns parentes. A família sente e pensa como a gente da rua, do lado par e do lado ímpar. Sofre, porém, as consequências desses membros estranhamente francos. Não lhe falta carne nem leite, nem ovos, nem verduras, nem frutas; tem muita manteiga, tem muito queijo, tem muito trem, muito ônibus, muito bonde, e até metrô; o que não tem é liberdade; o que lhe falta é ar; se pudesse escrever nas paredes escreveria do mesmo jeito que os italianos, quando puderam: "Abaixo este!", "Abaixo aquele!", "Abaixo um!", "Abaixo o outro!" — e enfim: "Abaixo todos!"

O vizinho Franklin, depois, morreu. Trabalhou tanto para harmonizar a vida, e foi-se embora antes de concluir os seus trabalhos. Que falta que faz o vizinho Franklin — Franklin Delano Roosevelt, que ajudou a escrever a Carta do Atlântico, que ajudou a escrever a Carta de Tóquio, que ajudou a escrever a Carta de Yalta — endereçadas a "Um Mundo Melhor"! Não ajudará a escrever a Carta da Paz...

Entretanto, com o exemplo da vontade, da força, da ideia do homem que foi um dos Três Grandes da guerra para a salvação, ficou a companheira. Eleanor Roosevelt recebeu a herança do espírito de Franklin Roosevelt. Amparada aos filhos, no instante da dor profunda, disse:

— Não penso em nós. Penso nas milhões de criaturas que ainda precisavam dele.

Boa gente! boa gente!

Gente assim consola de todos os Mussolinis, de todos os Hitlers, de todas as imagens e semelhanças desses horizontes perdidos...

ALVARO MOREYRA

MISS ROOSEVELT POR ALVARO



ALVARO
40



SUSAN PETERS

Anteriormente surgiu em outros filmes, onde se afirmou uma jovem comedianta de recursos. Foi ao lado de Greer Garson e Ronald Colman, em "Na noite do passado", naquela deliciosa noivinha, que primeiro despertou a curiosidade das "fãs". Mas este ano, vivendo a heróica de "Canção da Rússia", Susan Peters marcou uma das mais expressivas "performances". A pequena soviética, enamorada de Robert Taylor, dividindo suas atividades entre os labores do campo e a música, há de ficar perdurando na recordação de seus admiradores ainda por muito tempo.



SHIRLEY TEMPLE

Ela desapareceu por muito tempo. Deixou por encerrada, no momento oportuno, sua carreira de artista infantil e cuidaram de seus estudos. Cresceu nesse meio-tempo, fez-se menina-moça, voltando agora num filme que pode não ser ainda sua afirmação definitiva, nesta nova e delicada fase, mas que serviu para matar as saudades dos mais antigos. Shirley vem de outra geração: era a garotinha precoce e divertida de antes da guerra. Hoje, tal como se mostrou em "Desde que partiste", faz prever uma nova e auspiciosa revelação de ingenua da tela.



CHARLES BOYER

O veterano "astro" que foi primeiro, do cinema francês para tornar-se, mais tarde, uma sensação prolongada do americano, continua em grande forma. São poucas as revelações masculinas do cinema, nestes últimos anos; por isso Charles Boyer, famoso desde os remotos tempos de "A Batalha", é agora um artista em plena evidência, merecedor de seu trabalho em "A Mela Lusa". Quando se procura examinar as estrelas cinematográficas de maior repercussão neste primeiro semestre, seu desempenho no referido filme impõe-se por natureza. O público assim o afirmou.

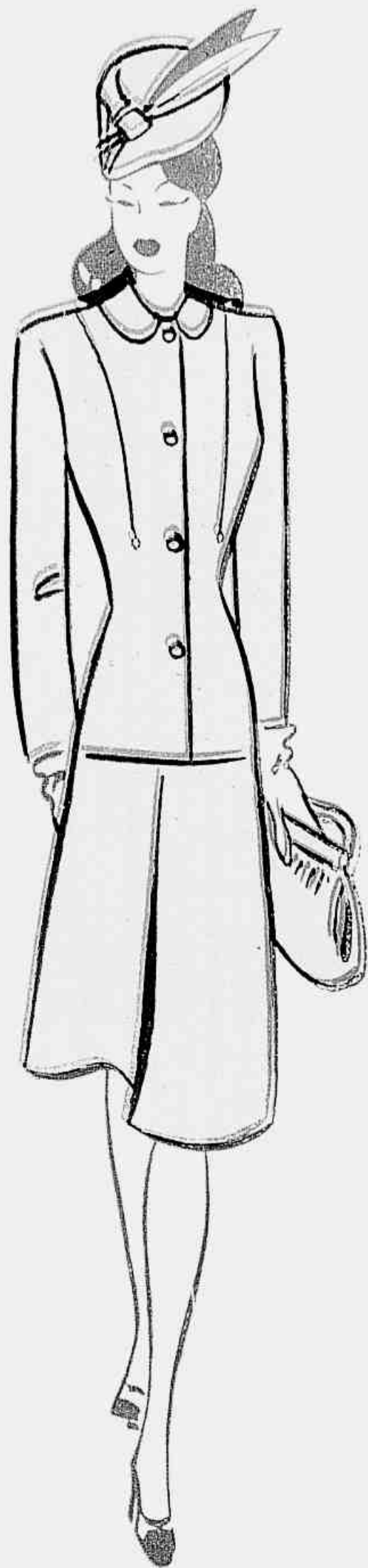


PAUL HENREID

Foi em "Casablanca" naquele perseguido exilado europeu que o ator austríaco também começou a alcançar o que se pode chamar legítima popularidade. Hollywood converteu um nobre, de alta estirpe, num intérprete romântico por natureza, adorado das mulheres e compreendido pelos homens, coisa inusitada. Neste semestre Paul Henreid marcou outro sucesso de classe, com o papel que interpretou em "Viveremos outra vez", cujo episódio foi também colocado em motivos da guerra. É, sem dúvida, a maior revelação contemporânea.



As bolsas de hoje têm obrigação de acompanhar o conjunto das "toilettes" femininas. E' a bolsa um complemento da indumentária, devendo viver em harmonia com o chapéu, a blusa, a saia ou, não raro, também com as luvas. Todavia, um contraste da bolsa com as luvas pode ser, em certos casos, de efeito mais pronunciado. Observe-se o conjunto da bolsa, das luvas de camurça branca e do chapéu de Signe Hasso. O chapéu com um ligeiro toque esportivo e duas penas em transversal; a pala cobrindo uma parte da testa.



Existe uma história em Hollywood de uma "es-
trela" que, para mostrar
seus dentes, sorriu
para Signe Hasso. Ela
tinha os dentes de Signe.

(Foto RKO)

Evo
bro
ga
Se
d

Eva, a querida comediante
brasileira, que está alcan-
çando um brilhante êxito no
Serrador com a nova comé-
dia de Viriato Corrêa: "Es-
tão cantando as cigarras".



Confeitaria

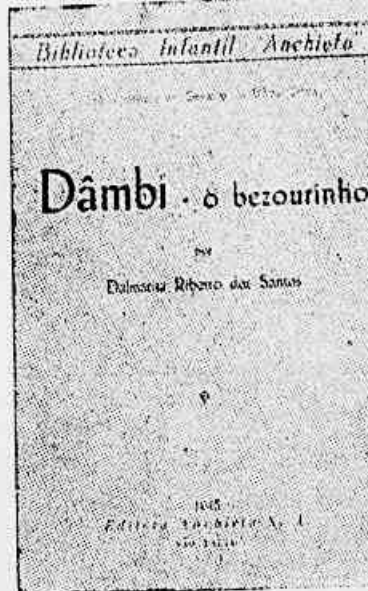
Colombo

A sua nova casa de
chá em Copacabana

Av. N. S. Copacabana, 884/90

Livros

DAMBI, o BEZOURINHO e JULINHO, livros de contos para crianças por Dalmacia Ribeiro dos Santos — Editora Anchieta S. A. — São Paulo, 1945



Este Dambi vem a ser um besouro na primeira infância. E, antes de prosseguir na história, observaremos que todos os dicionários antigos e modernos, quer os que precederam a reforma ortográfica das duas Academias quer o que lhe sucederam, dão "besouro" com s e nunca com z como vem neste livrinho. Bom será, portanto, que, na segunda edição da obra, se evite o inconveniente de, logo de começo, induzir as crianças a escrever erradamente. Voltando a Dambi: o jovem coleóptero dá o seu primeiro passeio em companhia da mãe; e para ele, nas folhas que percorrem, nos cálices e corolas que visitam, no pólen com que se enfarinham, nas seivas que se lhes oferecem, tudo é festa, delícia e encantamento. Numa dessas passagens de flor em flor, de tal maneira o jovem *lucanus servus* se absorve no gozo de nova maravilha, que deixa a genitora afastar-se, perdê-lo de vista. Nisto, vem o jardineiro, corta o ramo em que ele se encontra e lá vai o bezourinho sabe Deus para onde. A mãe, quando dá pela falta, fica numa aflição. Inectiva de assassino um sapo que se defende com o juramento de não haver ingerido tal acepipe; procura por toda parte em crescente ansiedade; e de certo sucumbiria ao desespero se não fora a intervenção duma borboleta caridosa que descobre o transviado e o restitue à imensa ternura maternal.

Em outro conto: *Nhá Chica logrou a raposa*, vem o expediente ingênuo mas eficaz, duma dona de casa contra o carnívoro que lhe assaltava a capoeira. E' a última história do volume: *As duas bonecas*, ensina, como, muitas vezes, é a pobreza e não a opulência que dá a verdadeira felicidade.

Todas essas narrativas, como as do volume *Julinho*, da mesma autora, encerram lições mais ou menos intuitivas de prudência, modéstia, bondade, amor ao próximo — tanto quanto possível — como a nós mesmos. A Sra. Ribeiro dos Santos expõe os casos com hábil singeleza, acrescentando-lhes explicações ou comentários que os valorizam. E todas as crianças a hão de certamente admirar.

A DAMA DE ESPADAS, novela de Alexandre Puschkin, tradução de Alvaro Moreyra — Editora Brasília Eterna — Rio de Janeiro, 1945.



Estão de parabéns os bibliófilos mais ou menos abastados e sem a predileção capital das pechinchas, das "ocasiões". Uma empresa de bom gosto e de melhor arrojo lhes oferece esta obra célebre executada luxuosamente e a primor.

Trata-se da novela de Alexandre Puschkin *A dama de espadas*, a que Merimée, já autor da *Família Corvasol*, da *Colomba* e da *Carmen*, deu a honra da tradução para o francês. Inúmeras outras versões se fizeram, bem como adaptações ao teatro e à música. Tal notoriedade e as ilustrações de Martha Pawlowna Schidrowitz eram mais que bastantes para justificar o empenho do Sr. Alvaro Moreyra em dar à *Dama de espadas* condigna apresentação em português. O Sr. Alvaro Moreyra cita com frequência os clássicos, sinal evidente de que os presa. Não leva, porém, o seu culto por eles a segui-los nas fórmulas e maneiras que mais ou menos deixaram fixadas. Porisso, no estilo do tão admirado cronista entram modernismos e liberdades dos mais ousados; e tais elementos se nos deparam, entremeando com os requintes e elegâncias da presente tradução.

Esta história, criada ou originalmente tratada pelo autor ilustre de *Boris Godounov*, Alexandre Sergievitch Puschkin — as autoridades latinas escrevem geralmente *Pouchkine* — envolve um caso de amor e uma aventura de jogo. Há uma combinação de cartas que torna o lance infalivelmente bem sucedido. Desse segredo é hoje possuidora uma dama da nobreza que o recebeu, quando moça, do grande Cagliostro. Um jovem oficial, apaixonado pela donzela de companhia da fidalga, resolve obter desta, a bem ou à força, a revelação da *martingale* prodigiosa. E da tentativa por ele empregada resulta um drama e a seguir uma tragédia, de que não contaremos os últimos episódios para, como se diz familiarmente, lhes não tirar a graça. Bastará dizer que os amadores de emoções fortes ficarão satisfeitos com esta novela, cuja execução gráfica enriquecida por uma encadernação em cetim e outros refinamentos, foi destinada à Confraria dos Bibliófilos Brasileiros "Catalaya Alba".

CARSTEN, O CURADOR e outras novelas de Theodor Storm, tradução de João Koranyi — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1945.

O *Dictionnaire des écrivains et des literatures* de Frédéric Lolié e Charles Gidel, obra que abrange milhares de nomes, não inclui o de Theodor Storm. Nem o Grande Larousse tampouco. Fala-nos este dum Eduardo Storm, poeta dinamarquês e dum Adriano Guilherme Storm de Grave, General holandês; a João Teodoro Woldsen Storm, poeta e romancista alemão, não faz referência alguma. Vamos encontrar João Teodoro numa obra luso-brasileira, a *Enciclopédia e Dicionário Internacional*, que, em compensação — como dizia o ilustre Calino — nada sabe daqueles outros Storm. Eis porque nunca nos devemos fiar num só desses repositórios da erudição universal. Em qualquer caso — e se tivermos tempo para isso — o melhor é recorrer a todos eles.



As três novelas reunidas no volume presente são de feição acentuadamente romântica e enternecedora. Da primeira, *Carsten, o curador*, é protagonista um pobre pai sacrificado, martirizado pelos desregramentos atávicos do filho. Carsten que, desde a primeira mocidade, fôra sizado e honrado como poucos, desposou, mais por piedade que por outra coisa, uma menina órfã e que, por ficar sem amparo, lhe havia sido confiada. Essa pequena trazia no sangue a futilidade e o estouvamento. Sem deixar de querer bem ao marido, amava a dança sobre todas as coisas. Não chegou a infligir ao cônjuge maiores infortúnios, porque, a bem dizer, não teve tempo para isso. Morreu do primeiro parto. E o filho, criado embora com mil cuidados e escrúpulos, vem a acusar aquela tendência de irreflexão e de boêmia. Perde ao jogo uma quantia pertencente ao seu primeiro patrão. Depois, indo para outra cidade, mete-se em negócios temerários que falham desastrosamente. Acode-

Nova

He tanto quanto possível uma pupila do pai, criaturinha angélica, que o ama sem lh'o dizer e para aquele efeito não hesita em se despojar da herança sob a guarda do seu protector. Julgando que pode regenerar-se pelo casamento e realmente persuadido de que a ama e é capaz de a fazer feliz, o jovem Carsten casa com a sua salvadora. E passam então a ser duas as suas vítimas: o pai e a esposa. Atraído irresistivelmente pelo jogo e a bebida, Henrique Carsten vai de mal a pior. A sua vida serve apenas para atormentar, desgraçar outras existências. Por isso o novelista o faz perecer numa tragédia de tempestade e inundação, oportunamente desencadeada. E o velho Carsten g. zará ainda dias de doçura entre a nora e o netinho, sobretudo se este também sair à mãe.

A segunda novela, *Immensae*, que passa por ser a obra-prima de Teodoro Storm, desenvolve um caso poético de tristeza e resignação; e a última, *Paulo, o lilerleiro*, conta o amor predestinado de duas crianças, a quem o destino separa dolorosamente e como que para sempre, porém mais tarde torna a unir, numa felicidade perfeita.

Havendo as duas formas: o "lilerleiro" e "lilerleiro", por que razão teria o tradutor escolhido a segunda, mais longa, desagradável de pronunciar e sem nenhuma vantagem em relação à primeira? Outros defeitos, porém, e mais graves, apresenta esta versão. O Sr. João Koranyi saberá o alemão a fundo mas está bem longe de conhecer familiarmente o português.

* * *

VIDAS DE GRANDES COMPOSITORES, biografias por Henry Thomas e Dana Lee Thomas, tradução de Otávio Mendes Cajado, ilustrações de Gordon Ross — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



Não se assemelham estas biografias ao modelo mais corrente, ao padrão que, a bem dizer, inspira e domina a generalidade da espécie. A documentação das datas civis e dos episódios comuns a todas as existências deixa de figurar aqui como elemento principal da tarefa dos biógrafos. Moderadamente estes se serviram de certidões e atestados burocráticos. O seu trabalho de pesquisa deliberadamente se afastou das fontes de informação oficial. O que sobretudo lhes interessou foi a maneira como um Beethoven ou um Bach se revelou músico e as circunstâncias em que a sua vocação se firmou, ampliou, elevou, sublimou até à manifestação genial.

São estudos biográficos da alma de cada compositor. Formam-se do exame da sua vida reflectida na sua obra. Trazem a lume, averiguados, bem definidos e explicados, os ideais, os esforços, os sofrimentos, os quais desespero, o quase aniquilamento, tão repetido em alguns casos, desses homens que lograram atingir a categoria de semi-deuses! Dalguns deles nos são reveladas as feições e as passagens mais surpreendentes. Dos amores e do infortúnio de Chopin

mais surpreendentes. Dos amores e do infortúnio de Chopin toda gente faz idéia; toda a gente sabe como Wagner foi mal compreendido e por isso não apenas tratado com indiferença mas hostilizado, repellido, perseguido. Mas nem de todos aquele a quem a divindade da música abençoou e havia de glorificar se conhece o íntimo romance, a epopéia ou a tragédia. Nem de todos se divulgou a luta, a miséria ou o martírio que lhes precedeu a glorificação. Contar essas histórias ainda mal conhecidas se não ignoradas pela maioria dos leitores e até entre as classes ilustradas — eis a missão que Henry Thomas e Dana Lee Thomas se propuseram e bem dignamente cumpriram. "Ha dois tipos de biografia" diz o prefácio do livro. "O primeiro é a história mortal dum homem. O segundo, um retrato da sua personalidade imortal. Foi esse segundo tipo que procurámos apresentar na *Vidas de grandes compositores*".

* * *

VOYAGES EN HAUT-AMAZONE, observações e impressões de Bertrand Flornoy — Atlântica Editora — Rio de Janeiro, 1945.



A obra traz como subtítulo: *Trois français chez les indiens reducteurs de têtes*. Estes meio-selvagens, redutores de cabeças, são os Jivaro, cujas terras o autor e seus fraternais companheiros Fred Matter e Jean de Guébriant percorreram, por assim dizer, palmo a palmo, tudo querendo ver, deprender ou adivinhar.

Antes desta excursão, tinham os três amigos visitado outras paragens, levados pela mesma ânsia aventureira, em busca de panoramas novos e de gente desconhecida. Andaram pelos Andes, a África do Norte, a do Sul, a Arábia, e a Groenlândia, praticando, nos pontos respectivamente adequados, a caça "ao condor, ao crocodilo, à baleia, à foca e aos mosquitos". A menção desta última, presa cinéptica dá idéia, logo na primeira página do prefácio, dum *globe-trotter* bem humorado, amigo do pitoresco em todos os sentidos, na natureza como no estilo, e sem o receio de prejudicar as suas descrições ou as suas narrativas, introduzindo-lhes, de vez em quando, uma pilhéria.

A curiosa aventura turístico-literária que o presente volume nos relata parte da ilha de Puna, à entrada do golfo de Guayaquil, e marca a primeira etapa no porto principal do Equador. Há então uma descrição rápida de Guayaquil e outra, mais extensa, em todo caso apresentada, de Quito, com as suas praças e ruas principais, os velhos templos, os outros monumentos, o ambiente, mixto da contingência da adaptação e do esforço de afirmação própria. Fred Matter, fotógrafo e cinematografista, faz funcionar as suas máquinas próprias. Jean de Guébriant prepara as suas correspondências de jornalista. Vêm depois as sucessivas jornadas de montanha, de planície, de floresta que levarão os exploradores ao país dos Jivaro, os redutores de cabeças. Por que, redutores de cabeças? É uma tradição daquele povo, análoga à do escalpo doutras tribus e para os Jivaro não menos sagrada que o banquete dos puros canibais. Degola-se o inimigo vencido; e a cabeça é submetida, com alto ceremonial, a um processo que a mumifica, comprimindo-a até a dimensão de um punho. O Sr. Flornoy não assistiu a essa operação. A nenhum forasteiro se concede tal privilégio. É coisa sagrada. Em compensação, os três exploradores de todas as facilidades para estudar a vida regional e, tanto quanto possível, tomar parte nela. Andaram em caçadas e pescarias; entraram nas residências, provaram de todos os acepipes, inteiraram-se dos costumes domésticos; acompanharam as práticas supersticiosas que mais ou menos dão ideia das sessões espíritas e das reuniões da macumba. Das duas vezes que por lá se demoraram (1936-37 e 1941-42) colheram material que, bem aproveitado, daria para três ou quatro volumes. Em todos os seus empreendimentos, bem faticantes alguns e outros até perigosos, os três amigos mantiveram um desafogo de espírito, mas coragem simples, uma serenidade de considerar as coisas e de as resolver, que aos nossos olhos os tornam heróis no gênero. E a sua alegria veio a constituir o melhor elemento do bom êxito desta obra.

J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



END. TEL. { Astoria
Hoteguanabara

TELEFONES 25 { 6868
6867
6866

O melhor pela
preferencia, pelos
preços e pelo local.

Praia do Flamengo, 70

Rio de Janeiro

MÁ DIGESTÃO, DISPEPSIA, DORES NO ESTÔMAGO

BIOGASTRINA

O DIGESTIVO IDEAL QUE GARANTE UMA DIGESTÃO NORMAL

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, ao qual reanima dando-lhe nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino.

Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Formula do Prof. AUSTREGÉSILO
Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25,00 o Vidro
Produtos Panvital — Rua da Estrela n. 6 — RIO DE JANEIRO

HEMORRHOIDAS? tome
Pílulas de Herva de Richo
LUC 3518-14-3 925 D.N.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS
Farmácias e Drogarias
Garantimos! Óptimos! INFALLÍVEIS!

Um segredo pelo outro

CONTO DE
ROBERT LEE SON

ESTAVAM debruçados sobre êle, olhando-o, uns com curiosidade, outros com horror. Uma moça de cabelos louros arregalara desmesuradamente os olhos e parecia prestes a desmaiar. A princípio êle achou estranha a posição dêles. Isso foi antes de perceber que estava deitado. Sentiu então um calor, um aquecimento estranho e crispou os dedos. Mas em suas mãos havia algo pegajoso. Chegou-as à altura dos olhos e viu que era sangue. De repente, o ruído da assistência fez-se ouvir. A sirene ecoou atordoante dentro de sua cabeça. As veias latejavam. Se ao menos passasse aquêle calor...

— Com licença... Com licença...

O médico afastou os transeuntes e os curiosos, com ar diferente e profissional, e pediu ao policial, que estava de pé do outro lado, que o auxiliasse.

Cory sentiu duas mãos frias na sua cabeça escaldante, e o contacto aliviou-o um pouco. Sentiu que era apalpado. Depois ouviu a voz do médico murmurar:

— Por fora não há nada quebrado...

As vezes é pior. Arrebenta-se tudo por dentro.

Foi então que quis falar, dizer o que sentia, mas não conseguiu. Verificou, com horror, que estava perfeitamente consciente mas não era capaz de exercer a menor ação sobre os músculos, sobre o corpo. Era uma massa passiva. Sentiu uma angústia crescente e a garganta apertar. Fazia esforços sobrehumanos para falar, mas não conseguia. De olhos abertos, viu que era carregado numa maca, colocado na assistência. Depois sentiu que o veículo se punha em movimento. Foi nesse momento que perdeu os sentidos novamente.

A enfermeira fez entrar o inspetor, ofereceu-lhe uma cadeira e retirou-se.

— Então, como vai passando?

Cory esboçou um sorriso fraco.

— Mais ou menos. Eu já vi o senhor, não é verdade? O senhor já veio aqui?

Havia uma nota de ansiedade na sua voz.

— Sim. Estive aqui durante a sua convalescença.

— Oh, obrigado.

Uma expressão de alívio espalhou-se pelo rosto do rapaz.

— Eu não tenho mais certeza de nada

— disse, como que pedindo desculpas.

O inspetor olhou-o com simpatia e observou:

— Vim aqui justamente para auxiliá-lo. Seu caso é comum. Amnésia em virtude de choque. E, afinal, você foi feliz. Sabe ao menos quem é.

— Mas, inspetor, é isso exatamente que eu não sei. Quando convalescia **disseram-me** que um inspetor me vinha visitar. Depois, **disseram-me** que eu era Cory Platt. Mas eu não sei, não me lembro.

— Muitos indivíduos vivem felizes apesar da amnésia.

— Eu nunca poderei viver assim. Depois daquela sensação... É uma das que eu me lembro... Toda aquela gente olhando para mim, de olhos arregalados. O sangue viscoso nas minhas mãos e eu queria falar e não podia... Nunca mais me esquecerei.

— Não se deixe atormentar por isso. De um momento para outro você recupe-

rá a memória. É um rapaz rico, tem meios, pode voltar à sua vida...

— Voltar...?

— Então, que é isso? Não se preocupe mais.

De repente uma suspeita cruzou o cérebro dêle.

— O senhor veio aqui somente por causa do acidente?

— Sim.

— Só porque perdi a memória? É costume a polícia tratar de negócios como êste?

— Bem...

— Digal

— Pois bem. Para dizer a verdade — e o médico me disse que você já pode ouvi-la — você quase foi assassinado.

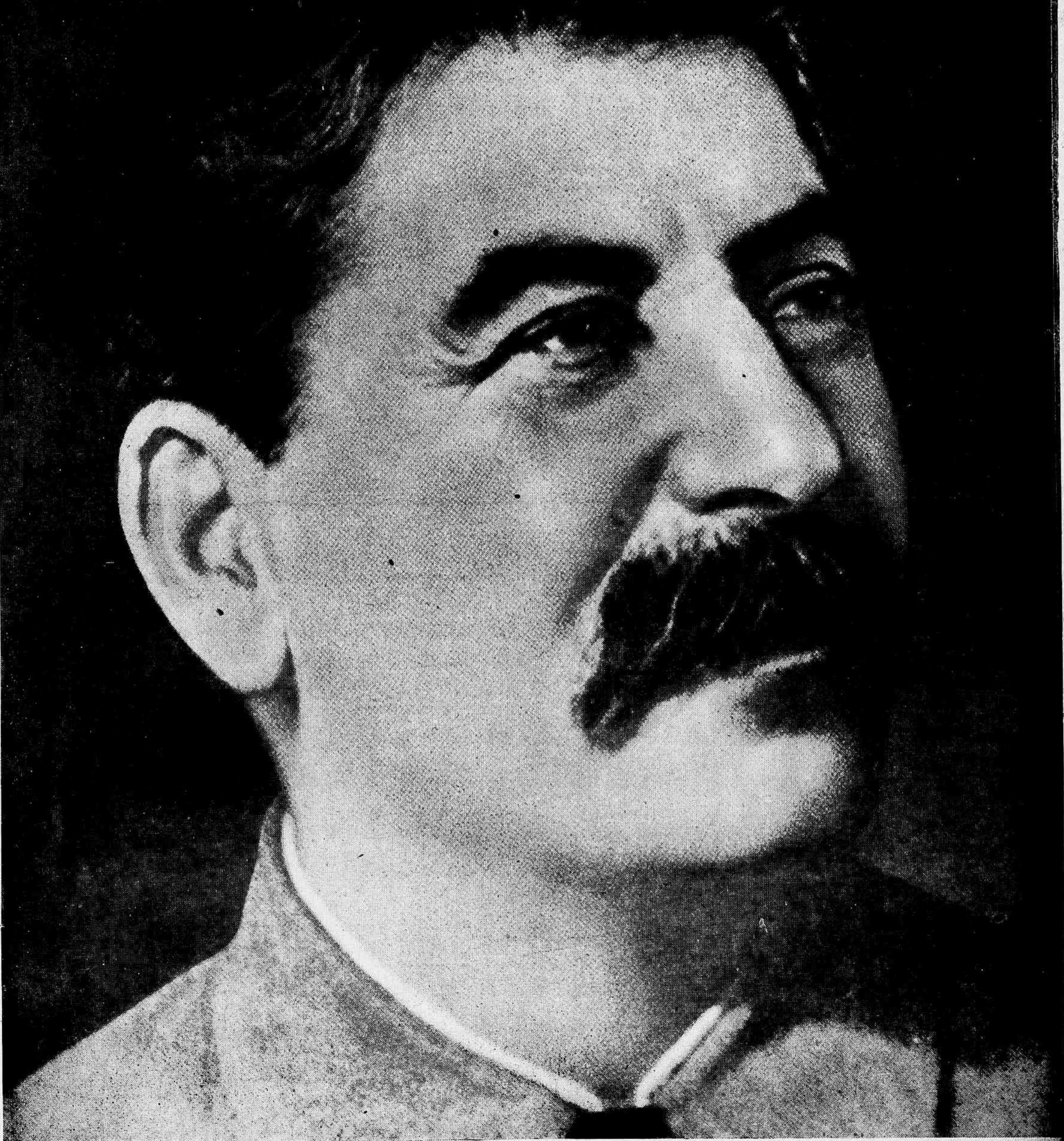
— Como?!

— As testemunhas de quem você se lembra, porque estavam perto de você quando você caiu do edifício, afirmam que alguém o empurrou.

— Mas...

(Continua na pág. 90)





PEQUENA HISTORIA DE JOSE STALIN

UM SEMINARISTA DO SÉCULO XIX, NO CÁUCASO, SE CONVERTE NUM DOS "TRÊS GRANDES" DO SÉCULO XX — A EVOCACÃO DE UMA POLÊMICA FAMOSA, NA ÁUSTRIA, ANTES DA GUERRA DE 1914, SÔBRE O PROBLEMA NACIONAL — NÃO ERA SOLDADO E VENCEU DURAS BATALHAS — O AGITADOR, O ESCRITOR E O SOCIÓLOGO — TROTSKI FOI VENCIDO, MAS NO TERRENO DAS IDÉIAS — QUE É A UNIÃO SOVIÉTICA STALINIANA? EXATAMENTE AQUELA QUE TINHA SIDO SONHADA POR LENINE

(Por BRASIL GERSON, para a "REVISTA DA SEMANA")



NA PARADA DE 1.º DE MAIO — Infantaria russa em desfile na praça do Kremlin, Moscou, por ocasião de um dos clássicos desfiles do Dia do Trabalho, quando ali se realizam as comemorações de repercussão universal. Durante horas seguidas a parada continua, numa demonstração da formidável organização militar soviética, a mesma que levou Hitler à derrota esmagadora registrada este ano, justamente em maio.

ENFERMEIRA RUSSA — Uma das componentes da grande legião de enfermeiras, que tão inestimáveis serviços prestaram na campanha de Leningrado. Elas socorriam os feridos mas também davam o seu concurso na hora da luta maior, e para isso estavam devidamente treinadas e com o necessário armamento militar.



Creio que uma das páginas mais belas que já se escreveram sobre Stalin é a de Harry Hopkins, que li em 1942, quando estava em Montevideu. O então conselheiro e assistente de Roosevelt, algo idealista, algo romântico, não teve evidentemente, diante dele, a mesma surpresa de Joseph Davies, que chegou ao Kremlin certo de que ia ver um mujik de coração empedernido e encontrou, como afirma na carta escrita à filha, "um artista e um sábio".

Ao voar para Moscou, semanas depois da invasão da União Soviética, Harry já sabia que espécie de homem iria debater com eles os problemas novíssimos dessa nova situação criada pela sinistra aventura do nazismo. Davies já lhe havia dito tudo. Mas a sua impressão foi além de todas as expectativas, talvez porque, mais do que a do embaixador e financista, a sua sensibilidade espiritual fôsse mais apurada, mais acessível ao entendimento do que é humano. Pois não é sem razão que os norte-americanos o classificam como um burguez sentimental em constante namoro com o socialismo...

Alguns coisa deste pequeno retrato de Stalin me foi, pois, sugerida pelo ensaio brilhantíssimo de Harry Hopkins. Recorri a essa fonte e a muitas outras: aos livros que sobre ele escrevem o presidente Kalinin e o falecido Yaroslavski e o saudoso Barbusse, à "História do Partido Comunista da U. R. S. S." e às próprias obras dele mesmo, para melhor apreender o seu pensamento.

Nascido a 2 de dezembro de 1879, em Gori, província de Tiflis, na Geórgia, filho de Visarion Ivanovich Dzhugashvili, sapateiro, e de Ekaterina Gueorguiev, camponesa, Iosif Visarionovich Stalin teria que ser sacerdote da Igreja cristã ortodoxa, de acordo com o desejo materno. Aos 9 anos, em 1788, dava ele entrada, com efeito, no seminário eclesiástico de sua cidade natal. Seis anos depois terminava ali, com as melhores notas, o seu curso preliminar, e era removido para o seminário superior, em Tiflis.

Aquela já era uma zona econômica das

mais dinâmicas da Rússia, nos seus tempos de estudante. Com o petróleo o Cáucaso se tinha transformado, realmente, num centro de intensa vida operária, muito procurado pelos propagandistas dos socialistas-revolucionários e populistas, partidos de esquerda que se caracterizavam por uma ideologia algo utópica e por processos de luta individualistas, próximos talvez do terrorismo. Essa agitação repercutiu nas escolas, pois a classe média, menos acomodada, adversária também do czarismo, formava, na sua maioria, ao lado da oposição, se bem que de maneira um tanto cautelosa. Isso o levou a tomar interesse pelas questões políticas e a frequentar um pequeno livreiro que, através da gente do mar, recebia obras famosas da França e da Inglaterra, geralmente proibidas pela censura, e as alugava a preços baixos e a prazos curtíssimos.

E. Yaroslavski, autor de uma de suas melhores biografias, esteve revolvendo os velhos arquivos desse seminário, e neles encontrou, nas anotações do ajudante do inspetor S. Murajovski, esta referência a Stalin: "Dzhugashvili tem uma assinatura da 'Biblioteca Barata', cujos livros utiliza. Hoje achei em seu poder a obra de V. Hugo 'Trabalhadores do mar', e metida nas suas páginas a mencionada assinatura. Castigar com prisão prolongada".

Essas coisas, em vez de corrigi-lo, fizeram com que ele se entregasse a fundo ao estudo da economia política, da filosofia, da história e das ciências naturais fora dos textos escolares e se aproximasse mais ainda dos círculos políticos do operariado. Data daí o seu encontro com a obra fundamental de Karl Marx — "O Capital", por ele descoberta nessa mesma livraria. O volume existente era o primeiro, e dele só existia um exemplar, traduzido para o russo por Plechanov. Stalin o alugou, e em companhia de três dos seus jovens companheiros copiou à mão, em seis dias, as suas 700 páginas, compositas em tipo dos mais meúdos...

Expulso do seminário em 1899, por tudo isso, foi durante algum tempo professor particular, empregando-se depois no Obser-

valório Meteorológico como observador-calculador. A essa altura já se havia integrado nas fileiras do marxismo, cujo fundo científico o entusiasmava, e vivia a propagar suas teorias revolucionárias entre os trabalhadores, por intermédio de boletins explicativos. Em 1900 se meteu na primeira greve caucasiana, conhecendo então Kalinin, e em 1901 numa manifestação de 1.º de Maio. Foi quando se ordenou, também pela primeira vez, a sua prisão. Escondendo-se, se dedicou a publicar os primeiros jornais socialistas daquela zona e a defender neles, antes de qualquer outro, o ponto de vista de que, sem o conhecimento teórico do socialismo segundo Marx, o movimento operário russo não conduzia a nada de prático e vantajoso.

Em 1903 foi finalmente preso e deportado por três anos para a Sibéria. Um ano depois fugiu e voltou ao Cáucaso. Em 1904, já entrosado nas atividades do Partido Social-Democrata e, dentro dele, na corrente leninista, liderou uma greve em Bakú e fez ali triunfar — o que era novo na Rússia e ainda quase desconhecido no mundo — o princípio do contrato coletivo de trabalho. Saiu, nessa ocasião, o seu primeiro folheto, aplicando as teorias do marxismo, através de Lenine, à defesa dos interesses imediatos dos operários. Em 1905 os socialistas do Cáucaso o nomearam seu delegado ao congresso do partido, a realizar-se na Finlândia, o que lhe permitiu converter em realidade uma de suas mais caras aspirações: conhecer o líder principal do seu partido. Em 1905, membro da sua comissão política, com Lenine, tomou parte no congresso socialista de Estocolmo e em 1907 no de Londres. Voltando a Bakú iniciou uma campanha doutrinária contra o anarquismo, "perigosa utopia de funestas consequências". Por essa época havia também dois grupos divergentes no socialismo na Rússia: os bolchevistas e os menchevistas. Lenine considerava os menchevistas uns oportunistas, uns impacientes, capazes hoje dos maiores entusiasmos e amanhã susceptíveis de se deixarem contaminar pelo pior

dos pessimismos. Stalin estava com ele. E já em 1910 lhe escrevia a respeito do mal que causava ao Partido Social-Democrata a "incrível falta de princípios de Trotsky".

Entre 1903 e 1917 seria preso oito vezes, sete vezes deportado para a Sibéria e fugiria seis vezes.

O PROBLEMA NACIONAL

Numa dessas fugas, em 1911, esteve em Petrogrado, lutando, nos meios operários, a favor de Lenine e contra os menchevistas e os trotskistas. Mas só em 1912 é que ascenderia efetivamente à suprema direção do movimento revolucionário. No congresso partidário reunido em Praga, que finalizou com a expulsão dos menchevistas, foi Stalin eleito para o comitê central com a tarefa específica de liderar, dentro da Rússia, o partido (Lenine e muitos dos seus outros companheiros viriam no exílio), e de fundar em Petrogrado um jornal de ampla circulação, o "Pravda". Isso foi feito por ele.

Em 1912 esteve, de novo, no estrangeiro para conversar com Lenine, escrevendo então a sua primeira obra de repercussão internacional: "O marxismo e o problema nacional", que mais tarde passaria a ser a abertura de outra mais vasta e atual: "O marxismo e o problema nacional e colonial".

Bauer e Springer, teóricos famosos da social-democracia da Áustria, queriam separar a luta pela auto-determinação das nações oprimidas, nos Estados multinacionais, da luta geral das massas trabalhadoras pela democracia e pelo socialismo. E por isso criaram, para opor à teoria da autonomia regional, a teoria da autonomia nacional-cultural.

Começando por definir o que é nação — "nação é uma comunidade estável, historicamente formada, de idioma, de território, de vida econômica e de psicologia, manifestada esta na comunidade de cultura" — mostrava Stalin que Bauer e Springer, ao afastarem-se dessa realidade, o que faziam era ir em busca de uma solu-



GUERRILHEIRO DE LENINGRADO — Não só os militares, mas também os civis, participaram da memorável luta de Leningrado. Eles receberam bastante munição e puseram-se em campo, enfrentando os mesmos ou, às vezes, perigos ainda maiores que os dominados pelos soldados. Os guerrilheiros ficaram famosos nesta guerra.

OS "LEADERS" DA GUERRA SOVIÉTICA — Stalin, Molotov e o marechal Vorochilov, três dos grandes que levaram, de combinação com os Aliados, a Alemanha à derrota final. Aqui estão, reunidos, por ocasião de uma das homenagens prestadas à memória de Lenine, que se vê em segundo plano, reproduzido em busto.

КОТОРЫХ
БОЛЬШЕВИКИ
НЕ МОГЛИ БЫ ВЗЯТЬ





ção artificial e perigosa para o problema. Que desejavam eles, com efeito? Antes de tudo a defesa, pelos povos oprimidos, da sua cultura, do seu idioma, das suas tradições — o que os levava, pois, a ligar-se mais às camadas conservadoras da sua própria nacionalidade do que às forças trabalhadoras e populares da região onde habitavam, neste ou naquele Estado multinacional opressor. Com isso — acrescentava o georgiano — não se conseguiria nada, porque sem completa democracia não poderia vencer o princípio da autodeterminação. E com as massas separadas por nacionalidades diversas a democracia seria sempre uma esperança apenas... "A autonomia nacional de Spinger e Bauer é uma variedade sutil do nacionalismo", capaz de degenerar "num programa raivosamente burguez-nacionalista". E quem nos dirá que nesta formulação de Bauer não se inspirou depois o próprio nazismo para a sua demagogia chovinista, que levou tão vastas camadas do povo alemão à guerra contra o mundo inteiro? "Todos os alemães domiciliados em regiões nacionalmente homogêneas e todos os alemães inscritos nos censos nacionais das regiões mixtas constituirão (fora da Alemanha, evidentemente) a nação alemã e elegerão um conselho nacional". E não era o que Hitler via dizer mais tarde, ao proclamar que "onde estivesse o alemão aí estaria também a Alemanha"?

Em 1917, com a queda do czarismo, subiu ao governo Kerensky. O leninismo é agora um movimento legal. O "Pravda" circula como jornal diário, e Stalin é o seu diretor. Em abril chega Lenine do exílio, convencido de que a revolução "democrático-burguesa" de Kerensky não resolverá os problemas fundamentais do povo russo. É preciso, portanto, passar à revolução socialista. Os "soviets" — ampliação dos conselhos populares revolucionários nascidos com a greve insurrecional de 1905, ponto de apoio da situação nova — devem ser, portanto, conquistados pelo leninismo. Kerensky determina a prisão de Lenine, que se esconde na Finlândia. Convoca-se um congresso partidário, realizado clandestinamente. Stalin e Sverdlov o dirigem. Daí à tomada do poder, em novembro, é um pulo.

O GUERREIRO

Lenine no governo, a atuação mais destacada de Stalin, nesses primeiros tempos, é de ordem política e militar, como comissário dos "fronts" mais perigosos. Em julho Staritzin, sobre o Volga, a Stalingrado de hoje, periclitava, por causa da contra-revolução czarista. Perdida a cidade, perdido estará o trigo. Será a fome, o fim. Stalin, com a colaboração de Budienny e Voroshilov, vence a batalha. Os alemães, rompendo o tratado de Brest Litovski, avançam pela Ucrania a dentro. Para a Ucrania parte Stalin. Karkhov é retomada. Os alemães se retiram. Ele revoluciona a técnica militar criando, pela primeira vez na história, um exército independente de cavalaria. Põe de lado os planos estratégicos do Estado Maior, aprovados por Trotsky, e concebe planos novos, que executa com êxito. Criado o Conselho de Defesa Operária e Camponesa, sob a presidência de Lenine, ele o integra como representante partidário. Koltchak avança sobre Perm, para fazer junção com os ingleses. Com Dzerzhinski, vai ele ao seu encontro e vencem os dois o combate. No começo de 1919 é feito comissário do povo para o controle do Estado, função que ocupará até 1922, ao ser eleito secretário geral do partido. Em maio de 1919 Yudenich, apoiado pelos finlandeses, os estonianos e pela esquadra inglesa, avança sobre Leningrado. Revoltam-se algumas fortalezas. Ele comanda o contra-ataque, iniciado vitoriosamente pela reconquista de Krasnaia Gorka, o forte inexpugnável, pondo em prática princípios táticos que os técnicos militares, que o acompanhavam, tinham condenado. Originou-se desse episódio o seu famoso telegrama a Lenine: "Contrariando as leis clássicas da ciência militar, ocupei Krasnaia Gorka. Respeitou-a muito, mas voltarei a agir assim sempre que for necessário".

1919 é o ano da chamada campanha das 14 nações contra o regime nascente. Há exércitos invasores por toda parte. Denikin ocupa a Ucrania. Koltchak não descança. Pilsudski ameaça Smolensk. Mas onde está o perigo, ele surge para afastá-lo. Só exige uma coisa: que Trotsky não se meta na sua vida e nas suas decisões. "É um vaidoso, que só atrapalha..." Reune-se o comitê central e por proposta de Lenine sua atuação é enaltecida, sendo-lhe concedida a Ordem da Bandeira Vermelha.

Consolida-se, afinal, o regime, e Stalin passa a ser então um organizador político e um homem de governo por excelência.

O ESTADISTA

O comunismo de guerra, necessário, segundo Lenine, para enfrentar os angustiosos problemas surgidos da intervenção estrangeira, que dera força à contra-revolução czarista, tinha cedido lugar a uma nova política econômica, a Nep — espécie de pausa para reagrupar energias e seguir adiante. A morte do líder supremo aconteceu, prematuramente, em 1924, e é portanto Stalin, como secretário geral do partido, que cabe liderar a revolução daí em diante, para provar que o morto tinha razão quando dizia que era possível construir o socialismo num só país, em aberta luta contra o capitalismo de todo o mundo. Em 1921 já se tinha convertido em realidade, e sob a sua direção pessoal, o sonho leninista da fundação da URSS — o primeiro Estado-multi-nacional não capitalista nem opressor, mas fraternal, conhecido na história. Para chegar-se ao socialismo entendia ele que era fundamental resolver o problema da socialização do campo, à base de uma agricultura mecanizada, e o da grande indústria. Eis sua tática aplicada ao campo: aliar-se aos camponeses pobres, apoiando-se neles, e chegar a um acordo com os médios, para poder então enfrentar vantajosamente os Kulaks. Em 1939 ele pode, finalmente, anunciar o triunfo integral dessa sua política, num discurso intitulado "O ano da grande reviravolta". Instalados todos nas fazendas de tipo socialista, os camponeses pobres acabam por provocar nos médios o desejo de aderir também a elas sem tardança.

E ele marcha para a industrialização em larga escala, por intermédio dos famosos planos quinquenais.

Mas dura foi a sua luta política, na preparação do terreno para a feliz realização de tarefas tão difíceis. Porque ninguém ignora que Trotsky, então comissário da guerra, tinha a respeito idéias bem diferentes, que propagava com a ajuda de Kamenev, Zinoviev, Radek e, até certo ponto, também de Rykov, substituto de Lenine na presidência do conselho de comissários do povo. Tendo deixado em janeiro de 1925 — um ano depois da morte de Lenine — a direção militar do país, e abandonado Moscou, já em maio voltava Trotsky à capital e mudando de tática se fazia eleger para o presidium do Congresso Federal dos Soviets e no começo de 1926 para o próprio "bureau" político do partido. E era dessas alturas que ele, em outubro, recompensa a sua forte companhia oposicionista, condenando, como utópica, a idéia leninista da construção do socialismo num só país, que Stalin desejava converter em realidade, e exigindo que a União Soviética, ainda cansada do esforço feito na grande guerra e na guerra civil, se lançasse de corpo e alma a propagar uma revolução social no mundo inteiro.

Foi em junho de 1927, estando ausente Stalin no interior, que o partido, reunido em Moscou, condenou a agitação trotskyista, recomendando que fosse ele afastado da sua direção. Regressando das províncias um mês depois, iniciou então Stalin as suas famosas discussões teóricas com Trotsky e seus amigos. Pouco depois dessa sua espetacular vitória sobre ele, na tribuna partidária e na imprensa, resultavam a expulsão do eterno insatisfeito das fileiras do partido e, por fim, o seu confinamento em 1928 e o seu exílio, em 1929.

(Continua na pág. 78)

STALIN, em um de seus últimos retratos, posado por ocasião da conferência de Teerã, na qual se reuniram Churchill e o inesquecível Presidente Roosevelt. Sem dúvida, as responsabilidades da guerra têm atuado na fisionomia do chefe soviético, mas ainda assim ele se pôs à frente de suas tropas e trabalhou, com a sua gente, pela vitória das Nações Unidas.

Visitando o Vesúvio

ASPECTOS DE UMA EXCURSÃO À COLOSSAL CRATERA — MEMBROS DA F.A.B. E DA F.E.B. SOBEM O CONE VULCÂNICO — RECORDAÇÕES DO TÚMULO DE SILVA JARDIM

Quantas vezes, para um leigo em assuntos de mineralogia e geologia, se apresenta desinteressante um aspecto fisiográfico que, para quem se acostumou a distinguir os minerais, as formações dos relevos orográficos e as modificações traçadas no terreno pela erosão ininterrupta, um flagrante panorâmico invulgar, que aos olhos dos entendidos aparece como uma maravilha raríssima, um campo de pesquisas vasto e pródigo em novidades. Mas a ciência de Werner, Haüy e Romé de l'Isle magnetiza, às vezes, os próprios leigos, que se sentem atraídos pela visão maravilhosa dos terrenos de origens magmáticas, metasomáticas, metamórficas, hidrotérmicas e orgânicas. Uma simples pedreira de granito, uma barreira argilosa, um veio de pegmatito rico em granadas, topázios e turmalinas apresenta sempre aos olhares humanos um belíssimo espetáculo. A terra é toda assim, um agregado irregular de elementos os mais heterogêneos, reunidos sem ordem numa maravilhosa mistura. Existe espalhado pelo geóide uma variedade infinita de coloridos e tonalidades — há pretos, brancos, verdes, amarelos, opacos e transparentes que encantam a vista e deslumbram a sensibilidade.

Levados por esse sentimento de aproximação do belo, a que nos leva a fisiografia do

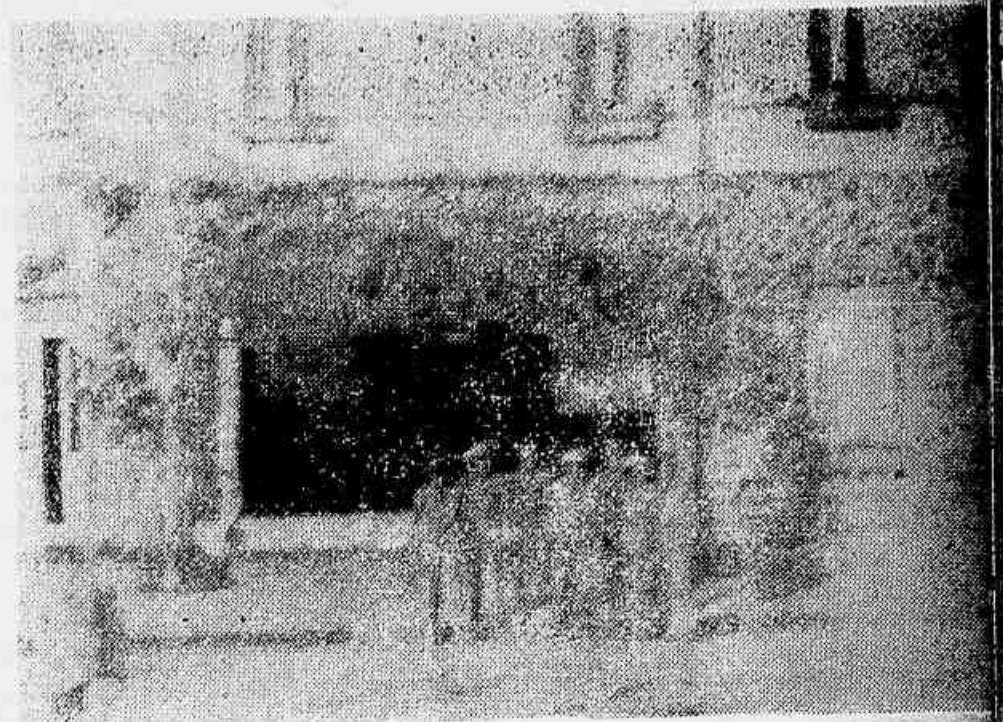
território italiano, foi que eu e outros companheiros do Primeiro Grupo de Aviação de Caça da F. A. B. e da Força Expedicionária Brasileira metemo-nos montanhas acima, em busca da cratera do Vesúvio, um dos espetáculos mais magníficos oferecidos pela Natureza aos humanos olhares. Durante este passeio tivemos ocasião de ver de perto o aproveitamento das criações artísticas da Natureza pela arte humana, simbolizado pelo escultor, que no nosso roteiro talhava nas magmas (massa solidificada de lavas) artísticos camafeus, que ia vendendo a todos, turista e soldados em folga, que nas pátrias distantes entregariam às famílias aquelas pequenas reliquias de um mundo inteiramente estranho para os que não puderam ainda visitá-lo.

ENTRE AS RUINAS DE POMPÉIA

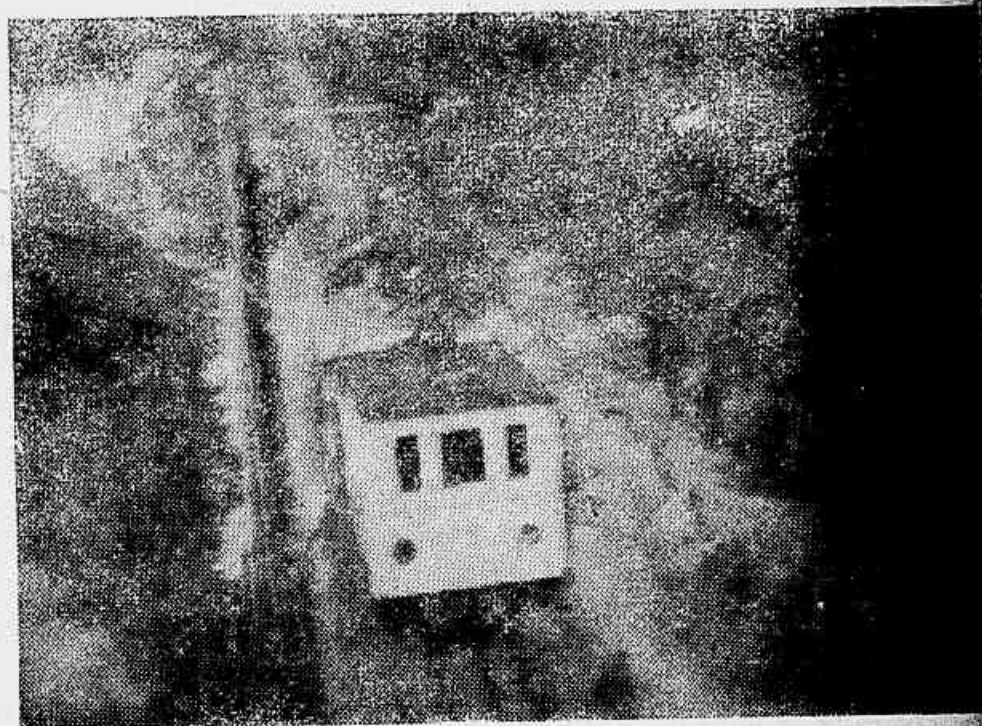
Foi numa manhã de março deste ano, quando já me encontrava juntamente com outros companheiros do 1.º G. Av. C., em um acantonamento da Força Expedicionária Brasileira em Nápoles, esperando condução para regressar ao Brasil, que o 1.º sargento do Exército, Floriano Novais, convidou-nos a fazer uma excursão à cidade de Pompéia.

Aceito o convite, nos dirigimos à velha

A crônica do Vesúvio é assinalada, pelos séculos afora, por uma sequência sinistra de calamidades e flagelos. A matéria em ebulição que jorra de sua cratera já devorou muitas cidades e populações inteiras. Herculano e Pompéia, no espaço de uma hora, ficaram reduzidas a cinzas e ruínas. A última erupção registrou-se em 1944, e dela não tivemos notícias amplas em virtude das ações de guerra estarem ocupando o espaço dos jornais. A sua extensão pode entretanto ser medida pelo monte de lavas que aparece no fundo desta foto. Sob essa montanha repousa a cidade de S. Sebastião.

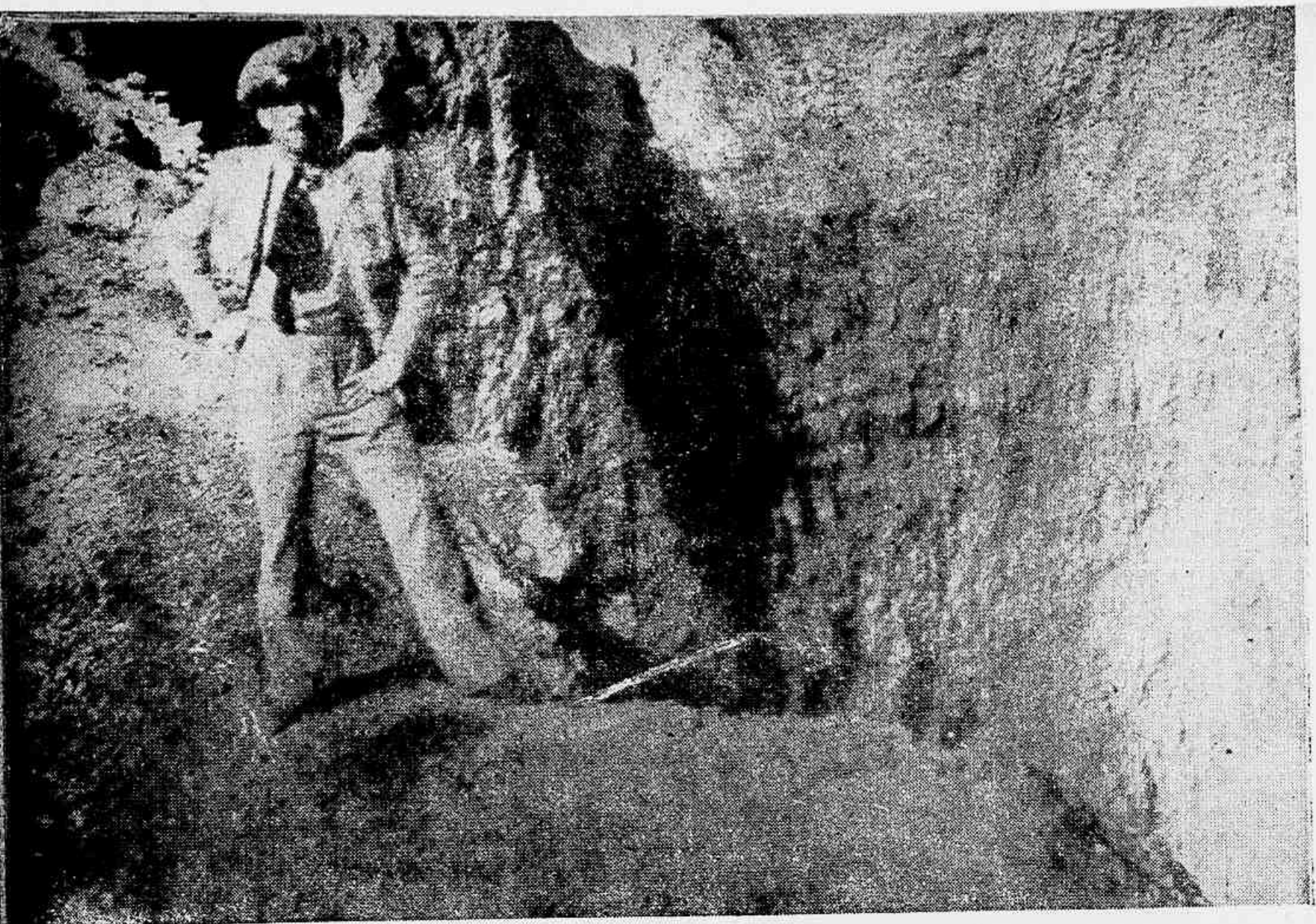


Em frente à estação de Pugliano este grupo de rapazes do 1.º Grupo de Aviação de Caça fez-se fotografar, pouco antes de sua partida para a excursão à cratera do Vesúvio, que teve como ponto inicial essa gare ferroviária. Os nossos patrícios tiveram ocasião de conhecer nessa ocasião a chaminé vulcânica que serve de túmulo ao grande republicano Silva Jardim.

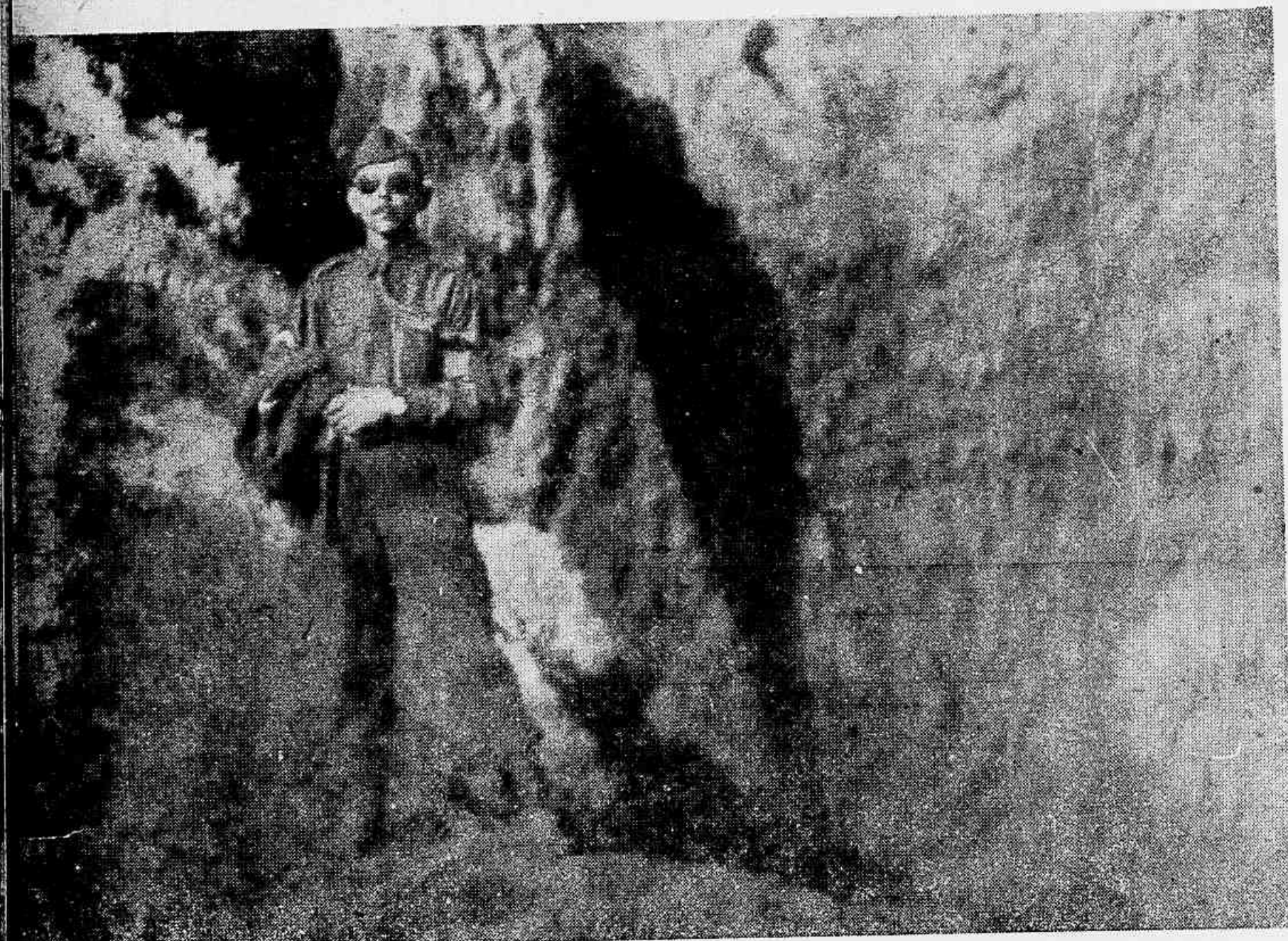


O transporte para a cratera do Vesúvio se faz pela "Ferrovia Funicolare Vesuviana", através das montanhas de formação vulcânica que acidentam a região. Esta locomotiva cremalheira conduz o vagão por um auge de 25 graus de inclinação. Mais acima o percurso tem que ser feito em veículos funiculares. Este sistema foi avariado pela última erupção.

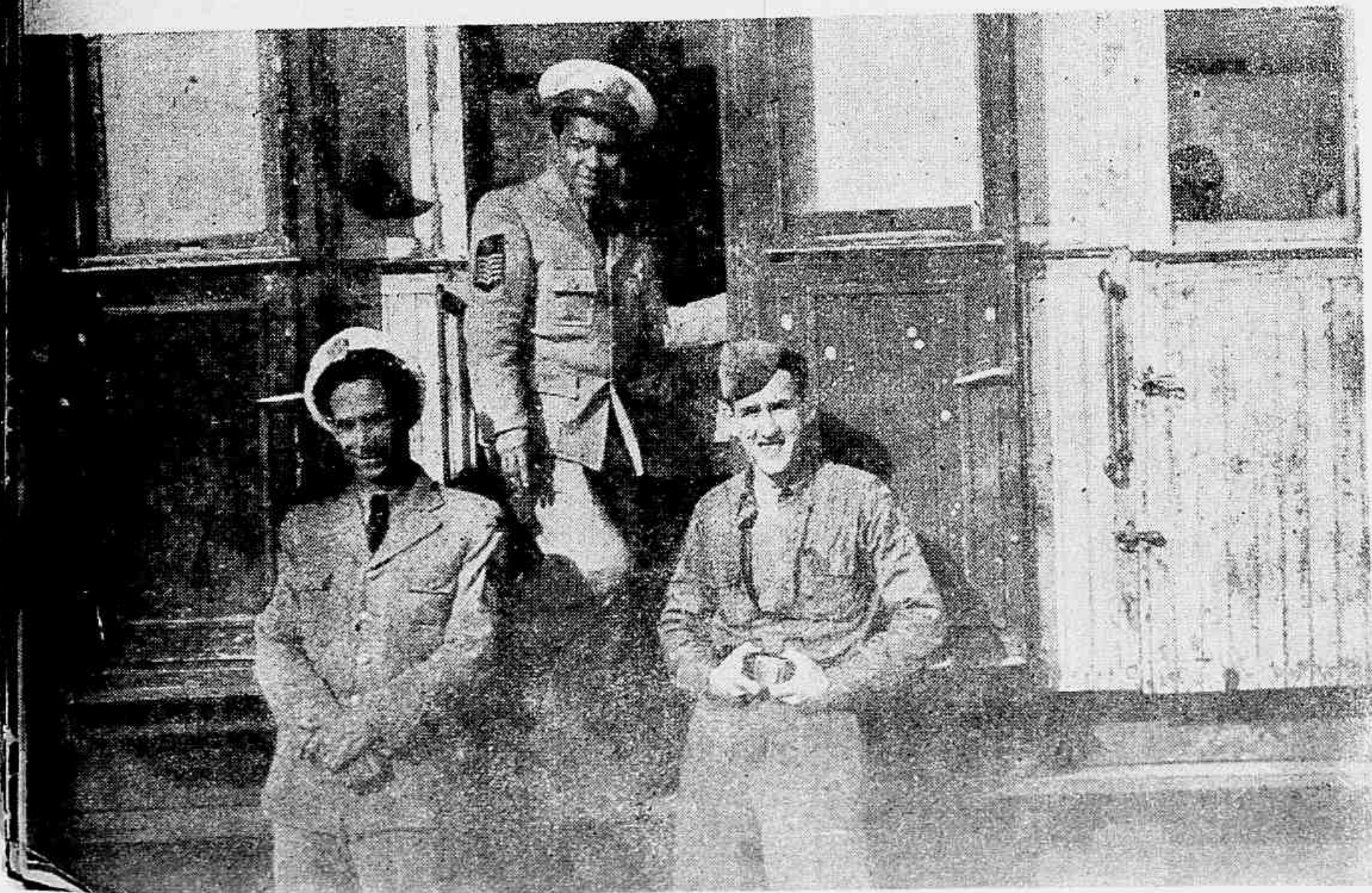




Nesta cratera desapareceu Silva Jardim. Contrariando as instruções do guia, o grande republicano aproximou-se de mais do cone, sendo tragado pelo vulcão. Os dois brasileiros cuja excursão é narrada aqui, fizeram-se fotografar junto à histórica cratera. Em cima, o autor deste trabalho. Em baixo, o 1.º sargento Floriano Novais, da F. E. B.



Três dos excursionistas desistiram de levar ao fim a caminhada, regressando no meio do caminho. Quando os que viram de perto o Vesúvio voltaram à estação de partida, o autor destas notas fotografou os desistentes à porta do bonde. São eles, da esquerda para a direita: 3.º sargento Anibal Luz, 1.º sargento Francisco Albino dos Santos, ambos da Força Aérea Brasileira, e 3.º sargento Antonio João de Abreu Contreiras, da Força Expedicionária Brasileira.



urbs, onde iríamos encontrar as ruínas priscas que durante tantos séculos dormiram esquecidas sob as lavas do vulcão terrível, que domina ao longe todo o panorama, em toda a grandeza de sua majestade diabólica. O cone donde, no ano trágico de 79 A. C., rolou a matéria incandescente que sepultou Pompéia e Herculano, se recortava claramente contra o céu claro de fim de inverno.

Foi, levados pelo sentimento de atração pelas coisas históricas que nos emprestava a visão das ruínas da Cidade Pagã, que resolvemos todos levar mais adiante os nossos passos, empreendendo a caminhada árdua que nos havia de fazer chegar junto à cratera do Vesúvio. Queríamos sentir também, como tantos outros turistas, a sensação do calor vesuviano. Eram então onze horas e sentíamos fome.

Conduzidos por um cicerone, fomos ter à Nova Pompéia, uma cidade inteiramente diversa daquela que a erupção vulcânica destruiu ao tempo em que os primeiros cristãos conspiravam nas catacumbas. Separando essas duas urbs, está elevada uma grande muralha, e o único acesso que se nos poderia oferecer à cidade nova era um largo portão de ferro suportado por duas pesadas colunas de pedra. Chegados à nova Pompéia, almoçamos ligeiramente e embarcamos em trem para Pugliano, estação que seria a origem de nossa excursão à cratera do Vesúvio.

As paisagens corriam num desfile rápido e belo pela janela do vagão. Um cantor popular entoava a "Santa Lucia" e um violão choroso acompanhava em acordes dolentes a música da canção napolitana. Ali estava a velha Itália, poética, romântica, sentimental...

DE PUGLIANO AO VESUVIO

Em Pugliano, pequeno arrabalde de Nápoles, está a pequena estação que marca o ponto inicial da "Ferrovia Funiculare Vesuviana", da qual se servem os turistas para chegarem às proximidades do vulcão. Mas, chegados ao ponto terminal da viagem de trem, o excursionista tem ainda que fazer frente a uma longa e penosa caminhada. Todo o material rodante da "funiculare" compõe-se de seis bondes, que correm pelos seus trilhos ligados três a três e movimentados por tração elétrica. Ao que parece, o nome da ferrovia deve vir de um outro tempo, pois nada há de semelhante entre os seus bondes e qualquer veículo funicular comum.

Viajando quase sempre em linha reta, por um terreno de inclinação variável entre 10 e 25 graus, fomos conduzidos em duas etapas até a falda de uma montanha originada pela terrível erupção vesuviana de fins de março de 1944.

Muito pouco falaram os jornais da América sobre essa catástrofe. Pudemos entretanto certificarmo-nos de sua incrível extensão, caminhando por um terreno acidentado, sob o qual existira até aquela data a cidade de S. Sebastiano, agora inteiramente sepultada pelas lavas.

No sopé desta monha vulcânica, sepulcro de uma comunidade agora morta, termina a linha férrea da "Funiculare Vesuviana". E sobre a tumba de S. Sebastiano caminhamos por muito tempo, até alcançar a montanha famosa onde repousa o gigante adormecido.

Havíamos já passado pelo Instituto Sismográfico, cujos aparelhos registram toda a atividade do Vesúvio, e anunciam às populações circunvizinhas, com uma antecedência de oito dias, qualquer probabilidade de erupção.

GALGANDO A MONTANHA

Estávamos perfazendo a última etapa da nossa excursão. Todos nós, "marinheiros de primeira viagem", conduzidos por um guia do Vesúvio, atravessamos uma região coberta de lavas, sob as quais repousavam os subúr-



— Sim, venda tudo, minha mãe; mas poupe esta caduca máquina em que escrevo!

AOS SETE ANOS PLAGIADOR INCONSCIENTE!

GIUSEPPE GHIARONI, POETA QUE NÃO É MODERNISTA — CONCORREU PARA A VENDA DE MILHÕES DE SABONETES E PASTAS DENTIFRÍCIAS — QUANDO CASIMIRO, BILAC E ANTERO DIZEM A MESMA COISA — GUILHERME DE ALMEIDA E MARIO QUINTANA FICARÃO — A INFLUÊNCIA DO PREÇO NO PROBLEMA EDITORIAL — O PÚBLICO É O VERDADEIRO CRÍTICO — A NECESSIDADE DE GANHAR DINHEIRO LEVOU-O AO RÁDIO

Uma reportagem de **Armando Migueis**

CONFESSA ter-me causado espanto a audácia de Giuseppe Ghiaroni. Numa época em que a má poesia campeia livremente, causando verdadeiro pânico entre os editores, apesar do sistemático elogio mútuo, oriundo das chamadas panelinhas literárias, Ghiaroni vem reclamar colocação destacada nas estantes dos nossos livrinhos, confiante de que o seu "A graça de Deus" jamais será sepultado na poeira do tempo, nem tampouco servirá de mercadoria barata para o "seu" Joaquim vendeiro ou para a "dona Maria" quitandeira embulhar sabão e carne seca, ovos e tomates...

Alma fatigada pela vigília constante, pois, qual Bilac, tornou-se enamorado dos "astros que brilham no azul do firmamento", nem por isso seus versos nos falam de mulheres vendendo a carne a qualquer preço, nem nos contam a vida desregrada de homens que sucumbiram à própria fraqueza humana. A hora presente, conquanto influísse de certo modo nos seus versos, versos que constituem momentos de suave enlêvo, como diria Eastos Portela, não chegou a criar-lhe aleijões, fazendo-o desprezar a rima em troca de um elogio pouco recomendável. Não, Ghiaroni explorou com sentimento e profundo respeito toda uma série de motivos delicados, oferecendo-nos imagens encantadoras, encontradas a todo instante nas páginas de seu livro maravilhoso.

Há na poesia espontânea de Ghiaroni aquela mesmo misticismo observado em Cruz e Souza; aquela força de expressão encontrada em Raimundo Corrêa; aquela delicadeza de que tanto se serviu Vicente de Carvalho. Nele tudo é vida... sentimento... beleza. Até mesmo as pequeninas coisas inspiram-lhe grandes poemas, como o que serve de prefácio ao livro, onde explora com maestria várias fases de uma existência sonhadora. Também a máquina de escrever, companheira das horas amargas e dos minutos felizes, serve de tema para um dos seus mais delicados trabalhos. Nele vemos a força do poeta ao explorar assunto por demais ingrato para a musa.

A leitura de "A graça de Deus" ofereceu-me ensejo a procurar seu autor afim de escolher sua opinião sobre determinados problemas ligados à literatura nacional. Foi nos escritórios de uma grande empresa que o encontrei, atarefado com a elaboração de "scripts" para determinados programas radiofônicos, esquecendo-me de dizer: além de poeta Ghiaroni é um dos raros que conta o "broadcasting"

brasileiro, no que diz respeito à organização de "broadcasts" e novelas.

Inicialmente, o autor de "O dia da existência" confessou-me:

CONTINUA NA PAG. 84

"...não tenho queixa dos críticos. Críticos altamente equilibrados como Eloy Pontes e Jayme de Barros; escritores de grande brilho como Genolino Amado e De Souza Junior, embalarão..." — diz Ghiaroni ao mostrar seu primeiro livro.



O PINTOR DE OLHOS

Conto de JEAN RICHEPIN

Que Jacob van Hechtvaere, o velho, seja um grande pintor, é coisa impossível de não proclamar, de não gritar, depois de se ter visto o seu auto-retrato.

Infelizmente para sua glória, poucas foram as pessoas que tiveram essa oportunidade; e um azar cruel, obstinado, implacável, fez com que durante dois séculos, entre esses raros

privilegiados, nunca se encontrasse ninguém capaz de afirmá-lo com a autoridade e a repercussão necessárias.

Esse retrato, de fato, foi legado em 1692 ao convento das Provendistas cinzentas de Wusegmsux, no Thiérache, pela filha do mestre, sob condição de aí ser conservado coberto por um véu e somente descoberto uma vez por

ano, no dia de todos os santos, durante a missa de finados. As freiras, o pároco da região que atendia à capela das Provendistas cinzentas, alguns fiéis que faziam por especial devoção as três léguas de má estrada que levam ao convento situado nos bosques, eis a que se reduz o público, insuficiente como dor dor de fama, ao qual tem sido mostrado já dois séculos, uma hora por

ano, o admirável e mágico retrato de Jacob van Hechtvaere, o velho.

Seus outros quadros podem ser vistos nos museus de Gand, de Valenciennes, na biblioteca de Audenarde e em muitas igrejas da Bélgica. Mas nada possuem de genial. Pertencem a um honesto mestre pintor, conhecedor de seu ofício, apenas isso, e igual a muitos com que a escolha flamenga então contava. E' preciso ser um hábil conhecedor, um verdadeiro perito, para encontrar nele um toque pessoal que o distinga um pouco deste ou daquele, por exemplo de seu sobrinho, Jacob van Hechtvaere, o jovem, com quem os mais entendidos o confundem frequentemente.

Mas o seu auto-retrato, que obra-prima única, que maravilha incomparável! Mágico, sim, realmente mágico! Ou melhor, sobrenaturalmente mágico! As expressões não são absolutamente excessivas. São apenas justas. E sem dúvida se hão de aprovar e compreender os motivos do singular legado feito pela filha do mestre ao convento das Provendistas cinzentas, e se confessará que Jacob van Hechtvaere, o velho, não pode deixar de ter sido um grande pintor, depois de ler a história de seu retrato, a estranha história que segue.

Fazia já muitos anos que Jacob van Hechtvaere, ou (como era chamado em Wusegmsux, no Thiérache, sua cidade natal) mestre Jacob exercia a profissão de pintor e dela vivia com honra e felicidade. Executando tudo o que se relacionava com seu ofício, retratos, naturezas mortas, paisagens, temas religiosos e históricos, alegorias e decorações, ele não recusava tarefa alguma, não impunha preços demasiadamente elevados e era ao mesmo tempo professor da escola municipal de artes e ofícios de Wusegmsux, no Thiérache, e parecia assim nada ter a desjar uma vez que sua profissão lhe proporcionava simultaneamente consideração e lucro.

Seus costumes, suas maneiras e seu aspecto confirmavam inteiramente tal suposição. Calmo e metódico, trabalhador consciencioso, bom pai de família cujo lar era ornado com uma esposa amável e três belas crianças, bom garfo e bebedor de rosto largo e expansivo, levava uma existência invejável. Levantava-se cedo, almoçava frugalmente para ter a mão leve, atrelava-se ao trabalho até as três horas da tarde e jantava então copiosamente, tendo todo o restante do dia para digerir à vontade e desfrutar um repouso bem conquistado. Passava-o na hospedaria, fumando incontáveis cachimbos que ele acendia nos rescaldos de brasas dormidas, e bebendo seis grandes canecas de cerveja branca, azedinha e espumante, enquanto conversava compassadamente sobre sua arte com seus amigos e seus alunos. Às nove horas da noite tornava a casa e fazia uma ceia leve, assim de ter um sono tranquilo. E no dia seguinte, ao despertar, reconhecia a fazer exatamente o que fizera na véspera.

Mestre Jacob, entretanto, apesar de sua aparência tão feliz, não era feliz no íntimo da alma. Artista honesto e apaixonado por sua arte, julgava-se mediocre e sofria com isso. Mas nenhum dos que o cercavam podia suspeitar disso. Seus admiradores, seus amigos e seus alunos atribuíam exclusivamente a sua simplicidade e modéstia as confissões que ele deixava escapar, comumente depois da sexta caneca, quando dizia coisas desta espécie:

— Vamos, boa noite! Eis mais um dia perdido!

— Ah! Se eu tivesse a certeza de fazer uma obra-prima deixando de vê-los com que alegria os deixaria para sempre!

— Vou ver se sonho que sou um grande pintor, para me consolar de não o ser.

Continua na pág. 82.



Ilustração de
DONATO



A esq.: Angela Lansbury (Metro). Ann Rutherford (RKO) e Audrey Totter (Metro). A dir.: Loretta Young (Paramount)

André Birabeau, em uma crônica ligeira, disse coisas bem interessantes sobre o sorriso: "Nada mais belo que o sorriso na boca de uma mulher. É preciso, porém, distinguir os sorrisos pois há sorrisos artificiais como as sedas, reconstituídos como os rubis, sintéticos como os perfumes.

O verdadeiro sorriso sempre se esboça em colaboração com os olhos. Se o cérebro faz sorrir a boca, o coração é que faz sorrir os olhos! Quando se pronuncia a palavra **sorriso** logo se pensa numa mulher. Uma mulher vence às vezes com uma lágrima e quase sempre com um sorriso. E quantas vezes o sorriso não se mistura ao pranto como um raio de sol entre as gotas de chuva. Uma mulher feita sorrindo pode tornar-se bonita, mas uma gargalhada faz sempre feia uma mulher bonita. Os bárbaros podem rir mas para saber sorrir é preciso ser civilizado. As palavras saem dos lábios e o sorriso as perfuma. Uma carícia é um sorriso da mão; um beijo é como o vento: não tem forma; mas se eu tivesse de desenhar um beijo desenharia um sorriso."

Foram essas, minhas amigas, as considerações de André Birabeau em torno do sorriso feminino.

Procuremos trazer sempre à flor do lábio esse perfeito sorriso de que nos fala Birabeau. Procuremos trazer dentro da alma o sossego, a frescura, o bom-humor — materiais imprescindíveis na composição de um sorriso. O reflexo luminoso de nosso íntimo é que mais ilumina o sorriso. Uma expressão risenha é como que o máximo retoque numa cara bonita, ao passo que o mau-humor faz as rugas, endurece as feições transformando uma mulher bela numa mulher an-

tipática. Franzir as sobrancelhas, apertar a boca, enrugando o nariz, olhar com aspereza, é procurar envelhecer de anos em um minuto. Há pessoas idosas que estão sempre com um espantoso aspecto de juventude por estarem sempre alegres. E as rugas que o seu sorriso lhes entreabre no rosto simpático, até lhes embeleza a expressão. Cultivemos pois o sorriso, o bom-humor como quem cultiva uma preciosa flor ornamental. O sorriso é um dever de cortesia. Responder, por exemplo, ao cumprimento risinho que a quem nos faça com uma cara fechada, chega a ser um desleixo. Elizabeth Leseur, essa admirável cristã cujo livro teve a ventura de ler, diz, em uma de suas páginas, que "o sorriso é, muita vez, um ato de bravura". Tenhamos por essa bravura e, mau grado as tristezas que nos oprimam, procuremos sorrir aos que não têm culpa alguma dos nossos desgostos, das nossas íntimas cogitações. Tenhamos o hábito de sorrir, apesar de tudo e contra tudo.

No decorrer da conversação, por exemplo, de que enlaços nos pode livrar um sorriso! É muita vez mais necessário de que um **sim** ou um **não**. E como resposta a perguntas embarçosas e levianas não pode haver recurso mais sábio, mais sutil do que um sorriso.

Quando o curso da palestra nos desagrade, com que elegância e com que finura, sabendo sorrir, nós poderemos desviar o assunto!...

E lembremo-nos sempre de que saber sorrir a tempo e a hora é um dos requisitos da boa educação.

Jesy Barbosa

nos bastidores feminino



UMA HISTORIA DE GALO

RA um galo igual aos outros, com a diferença de cantar desafinado. Impossível um galo cantar mais desafinado do que aquele. A falta de senso musical do galo era tão grande que para superá-la só mesmo a sua vaidade. O galo não se limitava a cantar dentro do curral. Subia no muro da casa e desafiava, batendo as asas, completamente enfiado no tom. Era um Deus nos acuda, aquele galo. "Seu" Ferreira, também chamado "seu" Ferreirinha pelos conhecidos, era vítima da vizinhança do galo. Isso acontecera há muitos anos, no tempo em que "seu" Ferreira estudava Direito e deixava ser um ilustre causidico. Era nisso que "seu" Ferreira pensava, naquela hora, depois do jantar, sentado na varanda da pensão, fumando um cigarro, com o estô-

magão cheio, sentido ainda cheio de tempo que saía da cozinha. Não era ilustre causidico, mas um honrado funcionário dos Correios. De frente dele dona Angelina, professora pública, repetia uma história que alguém lhe havia contado. A hercinha era uma franga de raça.

— Pois a franguinha Leghorn cresceu, andava pela casa inteira que parecia um cachorrinho. Era afetuosa, subia ao ombro da dona, comia na mão...

"Seu" Ferreirinha engoliu em seco, esperando a história acabar para poder entrar com a sua história de galo.

Dona Angelina continuava:

— Ora, as pessoas que iam visitar essa senhora, ficavam assombradas quando, no meio da palestra, aparecia aquela franga, na sala de visitas e, sem fazer o menor

caso das pessoas presentes, lá se empoleirava no ombro da dona. E ali ficava, tranquila. Se a dona da casa queria se levantar erguia-se com cuidado, andava de um lado para outro, continuava a prosa e a franguinha ali, firme. Incrível! Um dia morreu de isolamento e a dona chorava como se tivesse perdido uma pessoa da família.

"Seu" Ferreirinha pressentiu o ponto final, atirou longe o cigarro e começou:

— Isso me faz lembrar um caso que aconteceu comigo, há alguns anos. Eu morava no Encantado. Era estudante, nesse tempo...

— Estudante? — perguntou a professora, espantada.

— É verdade. Eu me formei em Direito.

— Então temos um advogado morando aqui e ignorávamos isso!

E a professora levantou-se, excitada, foi chamar a dona da pensão. Arrastou também um casal meio maduro que se preparava para jogar uma bisca de nove.

— Veja só, dona Isaura, temos aqui um advogado... "Seu" Ataulfo, dona Leopoldina, sabiam que "seu" Ferreirinha havia se diplomado em Direito?

— Nesse caso devemos chamá-lo doutor, daqui por diante — sentenciou "seu" Ataulfo, formal.

— Nada disso, nunca fiz caso de diploma; não sou doutor...

A professora não se conformava:

— Isso agora é que não pode ser. O senhor vai ser o doutor Ferreirinha daqui por diante. Admito que uma pessoa seja



Conto de LUCIA BENEDETTI
Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



modesta, a ponto de esconder por muitos meses um título. Mas recusar que outros lhe dêem as honras merecidas, isso não. Isso não, doutor Ferreira!

E frizou o doutor.

— Dona Angelina tem razão, doutor Ferreira. Modéstia de mais é prejudicial. Use o seu título, use-o! Pois não estudou, não se esforçou bastante para isso? Tem direito...

— Mas eu nunca defendi tese — explicou o Ferreirinha, confuso. — Não me foi possível continuar os estudos... Arranjei o emprego nos Correios e...

A conversa rumou para as dificuldades de vida dos estudantes, o quanto é penoso começar uma carreira liberal, e lá se foi a história do galo.

"Seu" Ferreirinha lembrou-se disso no

momento em que tirava as meias e enfiava os pés no chinelo. Estava com a história engatilhada para contar. Valia a pena, pois lembrava-se de todos os detalhes e tinha sido um caso muito comentado. "Seu" Ferreirinha sorria lembrando-se do galo infeliz, cantando com toda força aquela coisa horrível.

— Amanhã eu conto — pensou.

No dia seguinte, enquanto comia imaginava uma forma discreta de relomar o fio da história, sem dar demonstração de que estava ansioso para contá-la. "Seu" Ataulfo acabou de engulir o café e foi direto para o quarto. A mulher ficou na varanda e a professora, dona Angelina, foi lhe fazer companhia. "Seu" Ferreirinha intimamente temia que as duas se separassem antes dele terminar a sobremesa. Mas

o receio era inundado. "Seu" Ferreirinha aproximou-se delas, acendeu o cigarro, encostou-se à varanda.

— Dia quente — murmurou a esposa de "seu" Ataulfo.

— A noite promete ser ainda mais quente — juntou a professora.

"Seu" Ferreirinha puxou uma cadeira. — Ontem, eu ia começando a lhe contar uma história e a conversa acabou tomando outro rumo... — começou.

Dona Angelina recordou-se:

— É verdade. Se não me engano, o senhor ia contando um episódio do seu tempo de estudante. Isso acontece às vezes comigo. Estou contando um caso, alguém diz qualquer coisa, a conversa vira para outro assunto e dali a pouco já não me lembro o que estava dizendo. Às ve-

zes, a própria pessoa a quem eu estava falando me pede para continuar e eu não consigo saber mais onde estava...

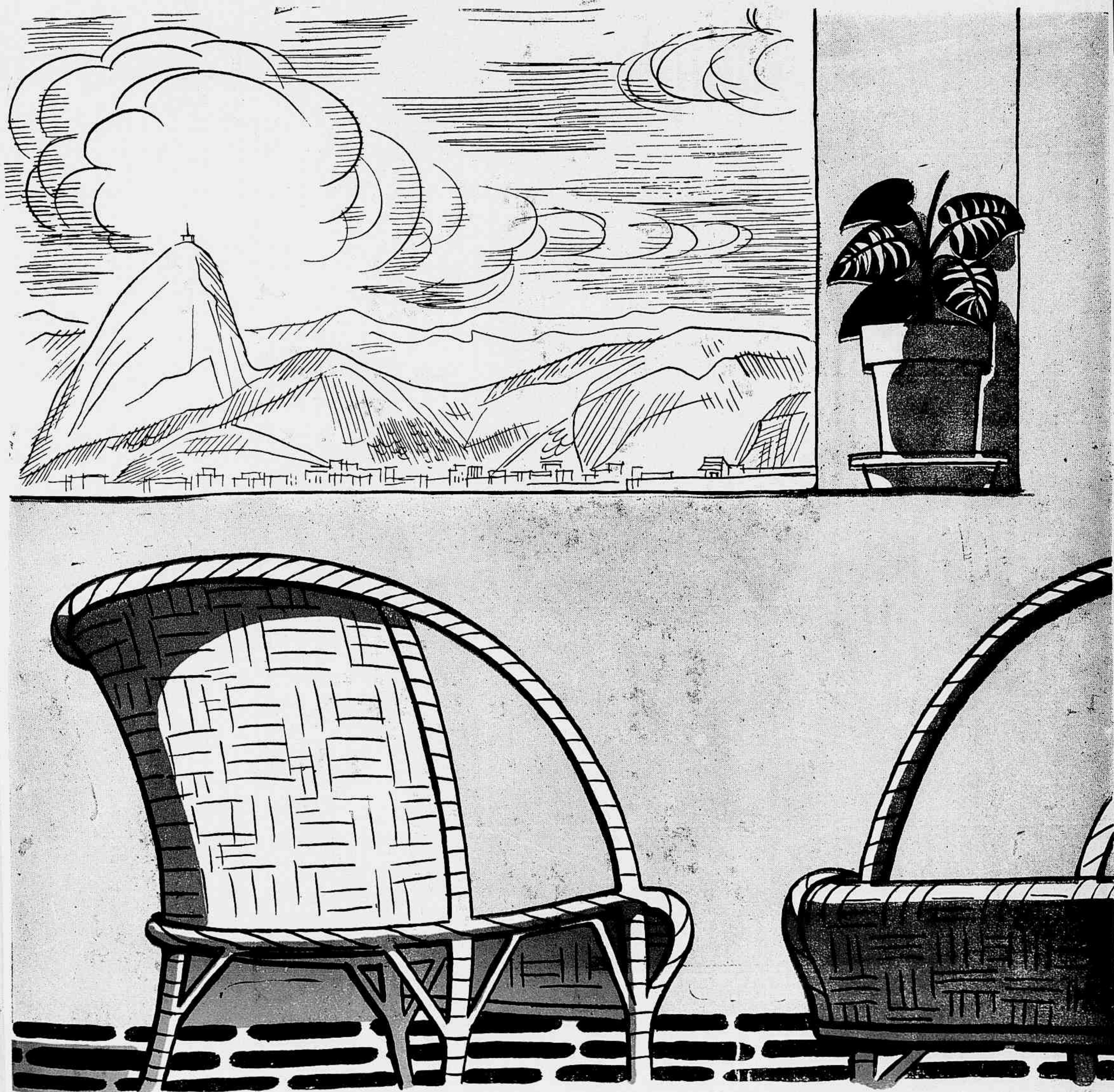
Dona Leopoldina interveio:

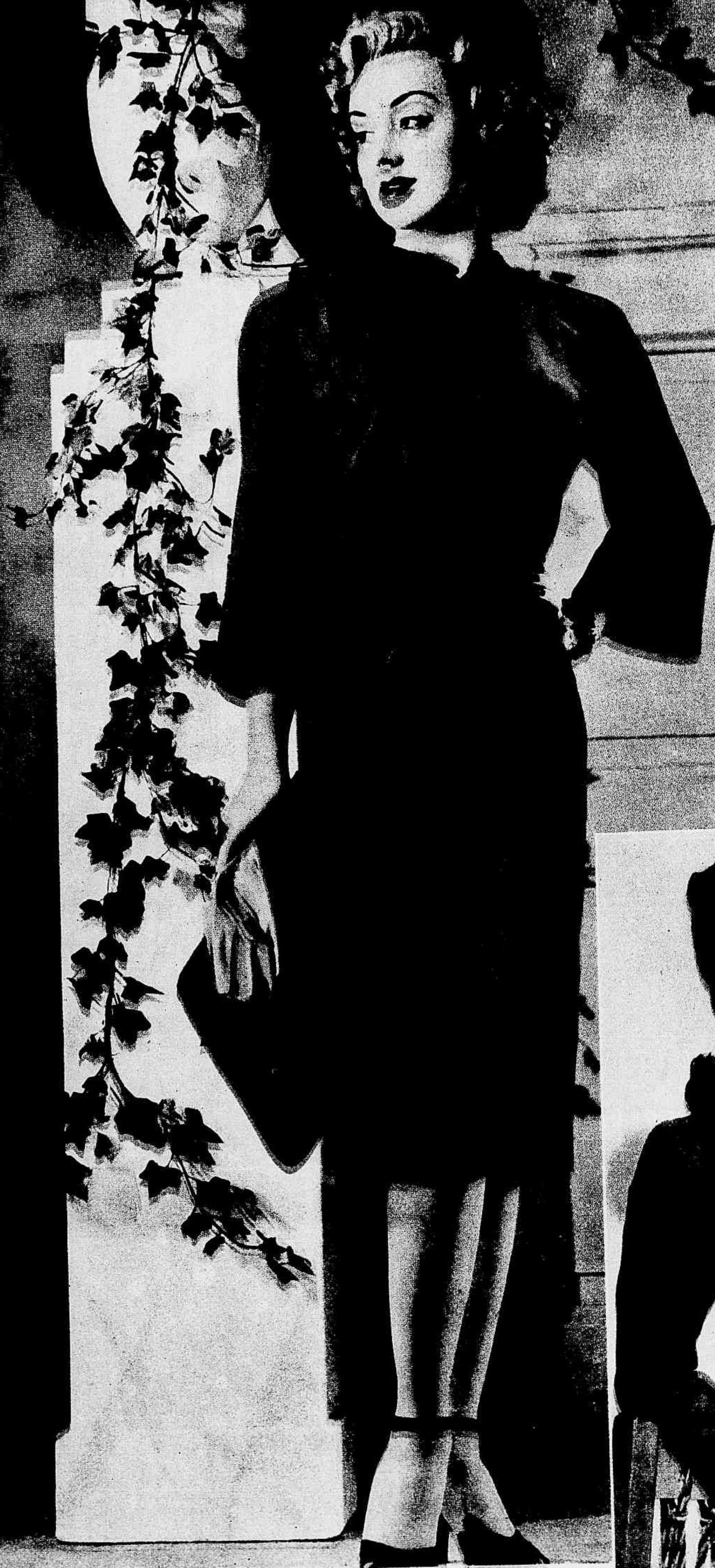
— Isso de falta de memória é comigo. Acredite ou não, já tenho chamado pessoas de minhas relações ao telefone para dizer qualquer coisa. Às vezes até para dar notícias importantes. Pois pergunto por todos, dou notícias de conhecidos, converso muito tempo e só depois que desligo é que me recordo de que não dei o recado.

— A senhora talvez trabalhe em excesso — insinuou a professora. — Todo trabalho em excesso é prejudicial...

— Qual nada. Isso é do fígado, o senhor não acha, doutor Ferreira?

(COINCUA NA LÁ...)





Ao alto: — Anne Shirley aqui está ostentando um originalíssimo e elegante modelo para vestido de lã. O movimento da saia com ligeiro franzido na cintura; o casaquinho em feltro de colete com os botões cobertos do mesmo tecido; o decote subido com uma pequenina vista em tom contrastante com o do vestido; as mangas, três-quartos e um tanto amplas, tornam digno de nota esse esplêndido modelo em que se apresenta, tão graciosa, a linda "estrela" da R.K.O.-Radio. Em baixo: — Aqui está Joan Leslie, da Warner, num belo costume de lã cinza, cujo único adorno está na aplicação que rodeia os botões do casaco. Estas aplicações podem ser montadas em feltro ou veludo, e emprestam ao vestido de Joan uma graça simples mas bastante original.

Sul America Capitalização S. A.

Palavras e Fatos

Na marcha ascendente do prestígio da Sulacap à frente do ramo da previdência pela capitalização o ano de 1944 foi particularmente notável.

Não só a produção atingiu cotas até então insuspeitadas neste continente, registrando-se um aumento de 53% sobre o movimento de negócios do ano anterior, como também foi acentuado de uma forma impressionante o caráter social da capitalização por meio de um entrosamento de iniciativas e esforços entre a companhia e os poderes públicos, estabelecendo-se um regime de cooperação entre as disponibilidades financeiras de uma e as obras de natureza social dos outros.

Assim é, por exemplo, a aplicação de recursos na compra de bonus de guerra, que representa um dos meios mais eficazes de realizar a solidariedade com o governo em presença dos tremendos encargos que ele teve de assumir ao lado das Nações Unidas.

Ora, neste setor a Sulacap, que havia subscrito em 1943 pouco mais de cinco milhões de cruzeiros na aquisição destes títulos, no exercício passado comprou quase vinte e três milhões de cruzeiros dos referidos bonus.

E' uma demonstração muito expressiva do seu programa de colaboração com o governo.

Mas o que assinala de modo especial o espírito de cooperação da Sulacap com as obras de benefício coletivo, com o espírito inopressista da nacionalidade, foi sem dúvida o contrato de financiamento celebrado entre a companhia e o Estado de Santa Catarina para o custeio dos serviços de água e esgotos em nove cidades catarinenses.

As cidades que vão ser beneficiadas com a realização desses serviços de tão relevante expressão social são: Itajaí, Joinville, Rio do Sul, S. Francisco do Sul, Laguna, Tubarão, Lages e Blumenau, além da própria capital do Estado, onde serão melhoradas as instalações existentes.

A assinatura desse contrato de financiamento no valor de 36 milhões de cruzeiros, foi solenemente realizada em Florianópolis pelos representantes da Sulacap e pelo interventor Nereu Ramos, e constituiu sem dúvida a melhor forma de comemoração do ano em que a companhia completava o 15.º aniversário de sua fundação.

Está, assim, se concretizando em fatos auspicio-

so o papel social da capitalização que, além de ser um instrumento atraente e seguro de previdência individual e doméstica, alcança objetivos mais amplos e de mais profunda significação no esforço conjugado da iniciativa privada e da iniciativa governamental para o bem coletivo.

Ao completar quinze anos de sua fundação, pois foi em 1929 que ela — a pioneira — iniciou em nosso país a prática da capitalização, os fundadores da Sulacap tiveram a confortadora alegria de sentir, pelos fatos, quanto esse instrumento de organização da economia privada, sob a base de pequenas parcelas regulares, havia conquistado a simpatia, o entusiasmo e a confiança do público, transformando-se em um sistema de cooperação para o progresso do país. O contrato de financiamento das obras públicas que já estão sendo realizadas em nove municípios de Santa Catarina, é um marco luminoso no roteiro da capitalização no Brasil.

Concentrando todas as pequenas economias metodicamente apartadas dos orçamentos individuais, aplicando-as com toda a segurança dentro do critério estabelecido na lei que rege a matéria, a Sulacap superou todas as expectativas e conquistou uma posição de indiscutível e sólido destaque no quadro mundial das instituições do mesmo gênero.

A expansão da sua carteira de títulos é um fenômeno sem paralelo nos annos da capitalização e conferiu-lhe uma preeminência que demonstra, em primeiro lugar, a segurança de discernimento do povo brasileiro na escolha dos meios de objetivação do seu programa de previdência.

Cerca de quinhentos mil títulos em vigor (ou, mais rigorosamente, 477.346) atestam essa marcada confiança do público.

Outro fato expressivo: o sorteio de títulos por antecipação, que é no sistema um simples atrativo, já beneficiou nestes quinze anos a 12.319 títulos na importância de Cr\$ 156.440.000,00.

Mais um fato: o patrimônio imobiliário da companhia elevou-se a Cr\$ 116.390.000,00.

Ainda um fato: a carteira hipotecária da Sul America Capitalização aplicou Cr\$ 171.000.000,00.

Aí estão algumas palavras e fatos sobre a Sul America Capitalização.

A EQUITATIVA

FUNDADA
EM 1896

410
730
40

O SEGURO DE
VIDA É A MAIS
COMPLETA GARANTIA
DO FUTURO:
É A PROTEÇÃO DO
LAR E DA
FAMÍLIA

Proteja a sua família com uma apólice de seguro de
vida de A EQUITATIVA

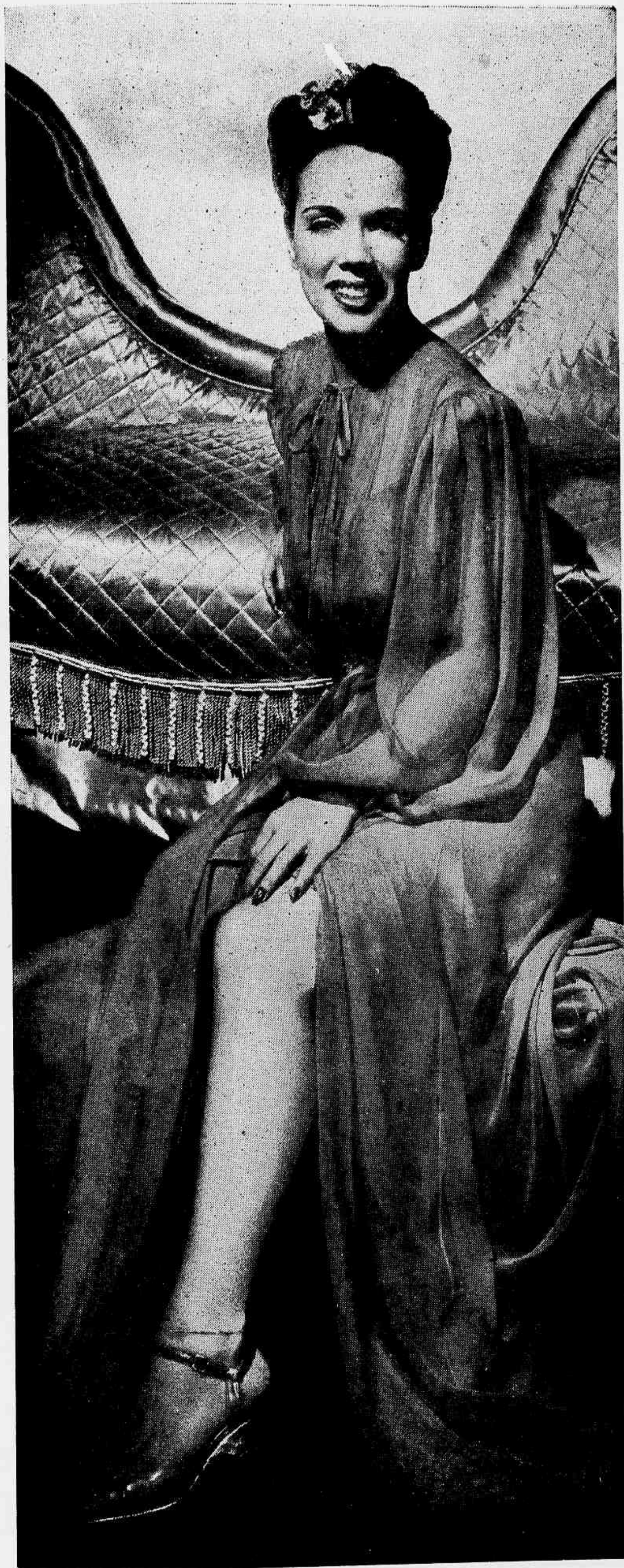
Não esquecer que
esta Sociedade tem
as suas reservas
técnicas atuariais
subsidiariamente
garantidas pelo
Governo Federal.

Em Março de 1946 completará
A EQUITATIVA meio século de
existência, 50 anos de atividade
distribuindo benefícios a milha-
res de famílias.



PRESIDENTE: DR. FRANKLIN SAMPAIO
AGENCIAS EM TODOS OS ESTADOS

SÉDE: AVENIDA RIO BRANCO, 125 - RIO - EDIFÍCIO PRÓPRIO



Orgulho de mulher *Bonita!*



UMA cutis fresca e delicada é, para a mulher bonita, motivo de orgulho. Nem a maquiagem mais perfeita consegue occultar os cravos e espinhas. Procure conservar a sua beleza. Use Rugol e verá desaparecer as manchas e as impurezas. Rugol, penetrando profundamente na epiderme, rejuvenesce os tecidos e impede a formação de rugas e pés de galinha. Contrae os poros, elimina as sardas e manchas e dá á cutis uma alvura e um avelludado admiráveis.

● Diariamente, ao deitar-se, faça uma massagem branda com Rugol, durante 3 ou 4 minutos. Removidas as impurezas e a pintura, retire o excesso de creme com um pano seco e macio. Pela manhã lave o rosto com água morna e a seguir com água fria. Passe uma leve camada de Rugol e applique, depois, o pó de arroz.

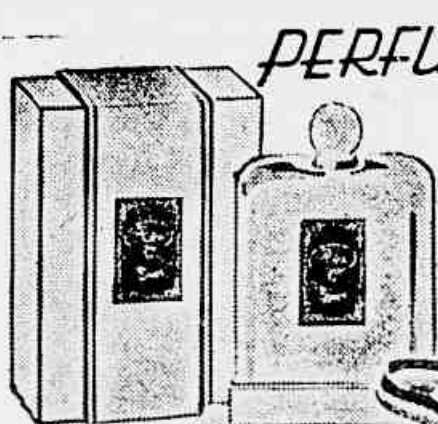
Crème **RUGOL**

Productos dos Laboratorios ALVIM & FREITAS — São Paulo

"NEGLIGÉE"

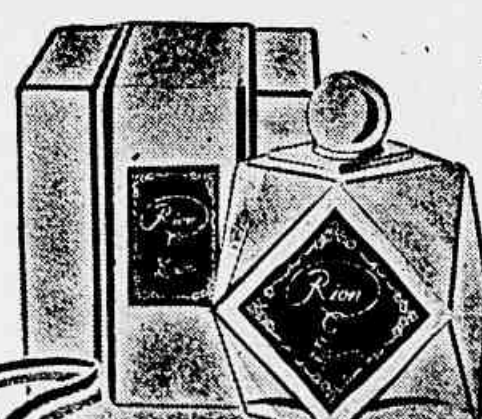
Aurora Miranda, a "revelação" de "Você já foi à Bahia?", aparece-nos num elegantíssimo "negligée" de "chiffon" vermelho. As mangas são fartas, presas aos punhos com "rouleaux". Também o decote é arrematado com "rouleaux", que termina em laço. Saia bastante ampla.

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

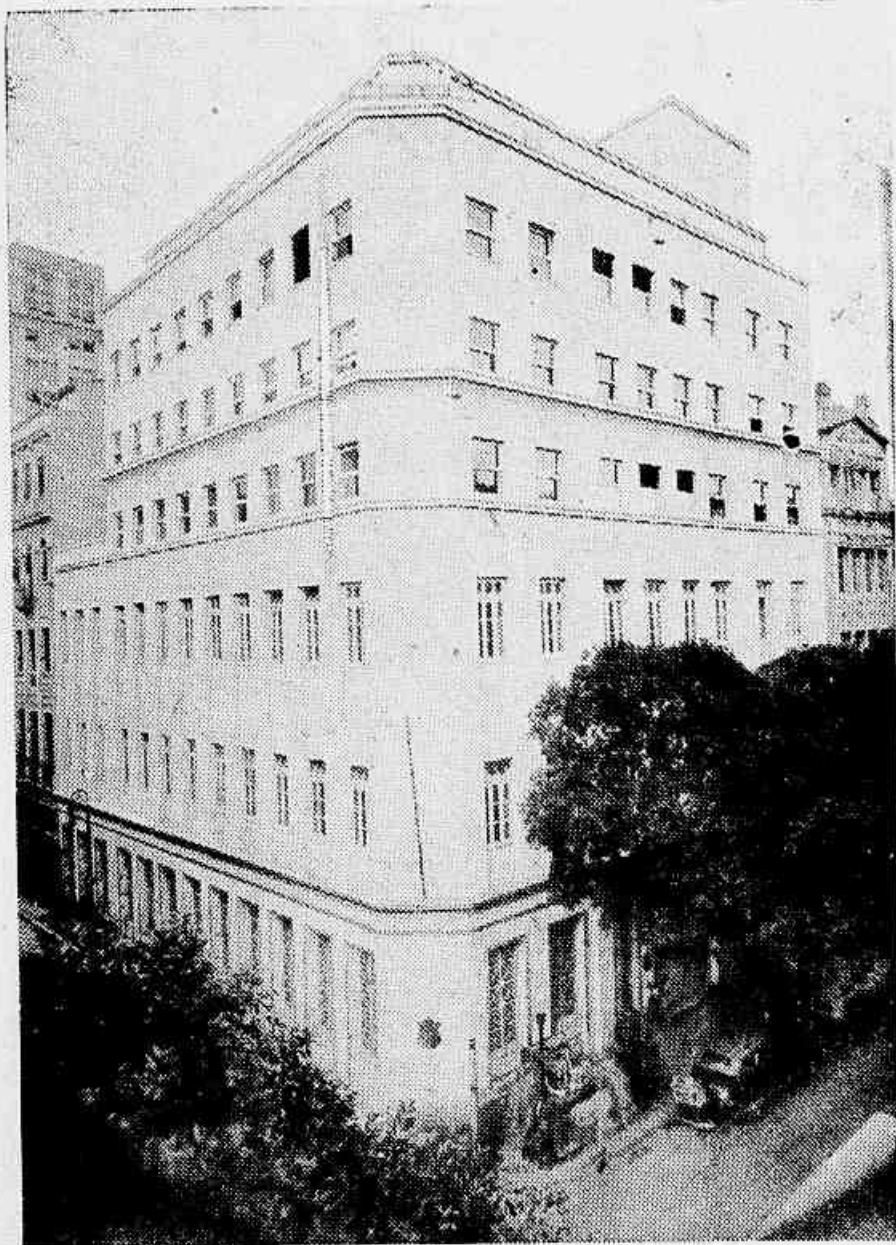
Rico



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05



Nova sede do Banco do Distrito Federal,
à R. da Assembléia, 72-74 — Rio de Janeiro

Para servir ao Comércio e à Indústria do Brasil

Modelar instituição bancária, o Banco do Distrito Federal S. A., um dos grandes estabelecimentos de crédito do Brasil, com Sucursais, Agências e Correspondentes em tôdas as principais praças do país, proporciona às forças produtoras nacionais completa e eficiente assistência bancária, prestando ao Comércio e à Indústria uma valiosa cooperação ao seu desenvolvimento.

**Banco do
DISTRITO FEDERAL S/A**

RUA DA ASSEMBLÉIA, 72-74

SUCURSAIS, AGÊNCIAS E ESCRITÓRIOS
NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL



Pequena historia de Jose Stalin

(Continuação da pág. 66)

Nesse mesmo ano, em maio, um grande congresso, em Moscou, aprovava por unanimidade o arrojado projeto staliniano de um plano quinquenal de industrialização na mais larga escala. "Pois será construindo, com as suas próprias mãos, os seus instrumentos de progresso, que os operários russos se hão de transformar em donos, como os norte-americanos, da moderna técnica industrial".

O REGIME SOVIÉTICO

Em 1934, ao anunciar que já existe na União Soviética uma grande indústria siderúrgica em condições de armar um poderoso exército mecanizado e para construir o indispensável para a completa mecanização da agricultura, Stalin se detem num longo discurso a fazer considerações sobre o regime que ali impera.

O desconhecimento do marxismo-leninismo leva muita gente, ainda hoje, a dizer que ele deixou de lado tudo quanto seus dois mestres aconselhavam para construir, afinal, um tipo de Estado que é "sui-generis". "O comunismo ficou para trás por ser uma utopia. Hoje na Rússia há ordem, disciplina, amor à pátria soviética e respeito à família". Como se para Marx e Lenine tudo isso fôsse uma inútil mistura de preconceitos burgueses... E nesse engano caiu o próprio Davies, que por marxismo-leninismo entendia o que dele se falava na imprensa e em certos livros.

Não, a União Soviética não abandonou o comunismo, porque para lá é que está marchando, e dos últimos anos para cá num ritmo cada vez mais acentuado. E ao comunismo ela chegará — poder-se-ia dizer que insensivelmente — quando seu regime atual, que é o socialista, atingir a sua etapa final de aperfeiçoamento.

CIDADES PARA RECONSTRUIR

(Continuação da pág. 36)

as conveniências que oferece essa política, a única dúvida sendo se, já que se está tratando do assunto, não seria melhor ainda, ao invés de 600.000, remover pelo menos um milhão e meio de habitantes da área do Condado de Londres. Certamente que, se os londrinos insistirem em preferir casas com jardim em vez de edifícios de apartamentos, a descentralização terá então que ser feita nessa escala.

Todavia, o princípio de descentralização para cidades novas do Tipo Jardim, isto é, cidades próprias para residências, indústria e vida social, foi aceito, sendo que no plano para a reconstrução de Plymouth fizeram-se provisões para a criação de pelo menos duas cidades para servir à população descentralizada. Todos os planos recomendam enfaticamente a preservação da vida da comunidade, onde existente, ou a sua restauração nas comunidades que tiveram suas vidas prejudicadas em virtude de um mal planejado desenvolvimento. Em Londres, por exemplo, envidar-se-ão todos os esforços para resturar as velhas comunidades cujo brilho foi ofuscado pelo desenvolvimento da metrópole.

Edinburgo, como quase tôdas as outras cidades, decidiu reservar uma grande área agrícola, na qual não será permitido se levantar qualquer construção, assim como reter no centro da cidade apenas a indústria necessária para empregar a população que foi para lá evacuada. Plymouth, que deve muito de seu desen-

volvimento a seu prefeito, Lord Astor, nascido nos Estados Unidos, preende se tornar uma cidade ainda bela com a construção de uma estrada ajardinada que se estenderá da estação ferroviária central até ao Hoe. Birmingham, por sua vez, preparou um plano e modelo para o re-desenvolvimento das áreas centrais de Duddeston e Nechells, no qual se vêem nove arranha-céus, com quinze andares cada, destinados a prover acomodações para solteiros. Liverpool, esperando ficar com uma população com uma média de 61 pessoas por acre, pretende descentralizar 100.000 pessoas do centro da cidade. Liverpool já possui mesmo uma cidade satélite, que é uma das melhores planejadas de toda a Grã-Bretanha. Manchester fez planos para que fiquem apenas 12 casas ou um máximo de 18 edifícios de apartamentos para cada acre, opondo-se fortemente à aglomeração. Leeds, também, é favorável à descentralização da população e indústria, planejando descentralizar 22.000 pessoas para fora dos limites urbanos. Nottingham não apoia a idéia de se construirem edifícios de apartamentos para os seus operários, recomendando antes que se construam habitações individuais para a maioria, e casinhas de dois andares para as pessoas idosas ou solteiras de ambos os sexos. Leicester, que possuía uma população de 334.000 antes da guerra, não permitirá que esta ultrapasse a 400.000, criando um limite de 5 pessoas para cada acre.

Assim, vê-se claramente que o descongestionamento das cidades é o ponto principal de quase todos os planos apresentados para a reconstrução da Grã-Bretanha no pós-guerra.

terialismo dialético e materialismo histórico", "A revolução de outubro", "Sobre o desvio de direita", "Balanço do primeiro plano quinquenal" e, entre outras, "O marxismo e o problema nacional e colonial", a que já me referi e que é o desdobramento, baseado na experiência histórica, da sua discussão de 1912 com Otto Bauer e R. Springer, sobre esse transcendental problema político. "A arte do futuro — diz Stalin — será socialista pelo conteúdo e nacional pela forma". Isso quer dizer, na sua maneira de pensar, que um país também poderá ser socialista sem abandonar nenhuma de suas boas características nacionais, sem abandonar, portanto, suas tradições mais caras e mais legítimas. E, por último, impresso em folheto, o seu célebre discurso sobre a constituição de 1936, que institui o voto secreto, direto e irrestrito, garante a pequena propriedade desde que utilizada para o uso exclusivo de quem a possui e de sua família, suprime definitivamente os últimos resquícios do capitalismo privado e restabelece os direitos eleitorais do clero e dos antigos kulaks absorvidos pela economia socialista. Essa constituição é a primeira do mundo que faz do socialismo uma realidade. "Sua característica principal — ele o afirma — é que ela não é,

como a dos outros países, um projeto, e croquis de uma obra a realizar-se ainda, mas a expressão de uma realidade palpável". Na opinião de alguns tratadistas ingleses, ela introduz um capítulo novo no direito constitucional moderno, ao criar um Estado de novo feito — o Estado multinacional, baseado no socialismo, e ao entregar sua direção e seu controle, fundindo-os, a um amplo sistema legislativo organizado em forma de pirâmide — os "soviets" de deputados de município, de distrito, de província, de república autónoma, de república federativa, de repúblicas reunidas — conjuntos legislativos esses que são também, por sua vez, executivos, pois deles é que depende a técnica administrativa, de vez que os comissários — desde os municipais aos multinacionais — são por eles nomeados e perante eles respondem pelos seus atos. O que quer dizer que se trata do regime representativo e federativo elevado à sua maior amplitude e precisamente numa época em que o fascismo apregoava que só os governos dos iluminados, agindo por cima de tudo e de todos, é que podiam construir algo de grande num mundo de homens convertidos em autômatos, de multidões desprovidas de personalidade, de cultura e de consciência.

BANCO DO BRASIL S. A.

O maior estabelecimento de crédito do País

AGÊNCIAS EM TÓDAS AS CAPITAIS E CIDADES MAIS IMPORTANTES DO PAÍS E CORRESPONDENTES NAS DEMAIS CIDADES E EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

CONDIÇÕES PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS:

Sem limite 2% a. a. (retiradas livres)

Populares limite de Cr\$
100.000,00 4% a. a. (retiradas livres)

Limitados (limite de Cr\$
50.000,00 3% a. a. (retiradas livres)

Prazo fixo - de 6 meses 4% a. a.

de 12 meses 5% a. a.

Prazo fixo com renda mensal —

- de 6 meses 3,1/2 % a. a.

de 12 meses 4,1/2 % a. a.

NOTA — Nesta, o depositante retira a renda, **mensalmente**, por meio de cheque.

De aviso — Para retiradas (de quaisquer quantias) mediante **prévio aviso**.

- de 30 dias 3,1/2 % a. a.

- de 60 dias 4 % a. a.

- de 90 dias 4,1/2 % a. a.

Letras a prêmio — (sujeitas a selo proporcional)

- de 6 meses 4% a. a.

- de 12 meses 5% a. a.

NESTA CAPITAL, ALÉM DA AGÊNCIA CENTRAL, SITA NA RUA 1.º DE MARÇO N.º 66, ESTÃO EM PLENO FUNCIONAMENTO AS SEGUINTE METROPOLITANAS:

GLÓRIA — Largo do Machado (Edifício Rosa)
BANDEIRA — Rua do Matoso, 12
MADUREIRA — Rua Carvalho de Sousa, 293
MEIER — Avenida Amaro Cavalcanti, 27

TIRADENTES — Rua Visconde Rio Branco, 52
RAMOS — Rua Leopoldina Rego, 78
CAMPO GRANDE — Rua Campo Grande, 100
SAÚDE — Rua do Livramento, 63



COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS

Presidente: DR. F. SOLANO C. DA CUNHA

1935 -- 1945

10 anos de atividade!

Ao encerrar o ano de 1944 em franca prosperidade, a Companhia de Seguros Metropole comunica, aos seus Segurados e ao público em geral, que adquiriu os imóveis de valores abaixo declarados e destinados à constituição de suas reservas.

NO RIO DE JANEIRO.

À rua da Quitanda Cr\$ 4.000.000,00
À rua da Assembléia Cr\$ 2.800.000,00

EM S. LUIZ — MARANHÃO

À Praça João Lisboa Cr\$ 748.000,00

A **METROPOLE** opera nas seguintes carteiras:

VIDA, INCÊNDIO, TRANSPORTES (marítimos e terrestres), ACIDENTES PESSOAIS, AUTOMÓVEIS e ACIDENTES DO TRABALHO

Matriz:

AVENIDA RIO BRANCO, 110 — RIO DE JANEIRO

Filiais e Agências em todos os Estados



Prefira Agua de Colonia Legítima marca RION.
A Colonia Rion tem o perfume classico, o florido aromatico e refrescante por todos desejado.

1/8 - 1/4 - 1/2 - 1/1

A VENDA EM TODAS AS BÔAS CASAS

LABORATÓRIO RION

Rua Camerino, 100 - Rio de Janeiro

A TORRE EIFFEL
CONFECÇÕES LTDA.

RUA DO OUVIDOR, 97-99
RIO DE JANEIRO



VARIADO SOR-
TIMENTO DE
ARTIGOS PARA
O INVERNO



CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

Dr. Orlando Cardoso, presidente da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil.

O Brasil, até bem poucos anos atrás ermo de instituições de caráter social, é hoje uma nação que se pode envaidecer da legislação de previdência que possui. Os agrupamentos particulares, de objetivos bastante louváveis que antes existiam, e que não poderiam dilatar-se e progredir convenientemente porque nem todos lhes dispensavam a confiança a que talvez fizessem jus, foram substituídos por institutos de finalidade ampla, interessando a todos, e por isso mesmo a sua estrutura passou a ter bases sólidas que os balanços ostentam orgulhosamente, e as suas iniciativas passaram a multiplicar-se infinitamente, mercê de administrações e orientações sadias.

A modelar direção da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil demonstrou perante a Assembléia Geral Ordinária de 16 de setembro de 1944, em relatório que lhe apresentou, a invejável situação da importante entidade, não só através da eloquência das cifras, como na felicidade das realizações e na multiplicidade das iniciativas.

Os elementos líquidos do ativo patrimonial da Caixa apresentaram então um total de Cr\$ 123.264.000,00, o qual, cotejado com o de Cr\$ 104.206.000,00 apurado no exercício anterior, revela um aumento de Cr\$ 19.058.000,00.

Foi feito o reajustamento das reservas técnicas, com um reforço de Cr\$ 60.000.000,00, retirados da verba "Reservas de Contingência".

O "Fundo de Garantia" — seguro para os sinistros com os tomadores de empréstimos hipotecários — foi acrescido de 21%, o que significa o acréscimo de Cr\$ 290.000,00.

Foram concebidas no exercício 15 pensões, no total de Cr\$ 14.735,90 mensais, tendo sido extintas no mesmo período 3 pensões, no valor de Cr\$ 2.560,50.

No exercício foram concedidas 10 aposentadorias, no total de Cr\$ 15.442,00, sendo 6 por invalidez e 4 compulsórias, extinguindo-se no mesmo período, por motivo de reversão ao quadro ativo, duas aposentadorias por invalidez.

A Carteira de Empréstimos, que desde o início das suas atividades até o encerramento do exercício relatado pagara operações no valor de Cr\$ 54.748.766,00, concedera empréstimos, nesse exercício, no total de Cr\$ 5.691.550,00, tendo sido concluídos 84 negócios, contra 120 em 1943, atendidos 282 associados. A Carteira apresentava, até 31 de julho de 1944, o total de 1.920 inscrições, e pela reforma do art. 41 dos Estatutos, atendera a 3 funcionários não associados da Caixa, estando então em via de ultimar empréstimos a 53 funcionários associados do I. A. P. B.

Executando o seu programa de finalidades de caráter altamente social, a Caixa de Previdência transformou em realidade a idéia da construção dos edifícios "Paquequer", em Copacabana, com 93 apartamentos; "Paquetá", em Laranjeiras, com 48, e "Caravelas", no Flamengo, com 69.

Serão levantados ainda edifícios no bairro de Icarai, na cidade de Niterói — o maior até agora empreendido pela Caixa; na rua Santa Carolina, esquina da de S. Miguel, na Tijuca, e na rua Golânia, no Andaraí (Edifício "Poty").

Entretanto, sem repousar sobre os louros das suas vitórias sucessivas, a Caixa de Previdência, entre outras medidas de benfeitorias apresentadas na Assembléia realizada em 3 de fevereiro do ano em curso, estudou cuidadosamente a possibilidade de um aumento de 50% aproximadamente no limite de empréstimos hipotecários e que atingiria, neste caso, a importância de Cr\$ 300.000,00 para os mais graduados. Esse projeto foi aprovado unanimemente pelos associados, na referida Assembléia.

Mas não foi só: depois de procedido o indispensável estudo atuarial e mediante leves alterações foi também aumentado de Cr\$ 10.000,00 para Cr\$ 50.000,00 o pecúlio já existente e instituído pela Caixa de Pecúlios, que é regida e administrada pela própria Diretoria da Caixa de Previdência e que constitui uma interessante modalidade de seguro para os seus associados.

A sucinta exposição que vimos de fazer põe em relevo a excelência da administração que tem a responsabilidade dos destinos da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil. As grandes realizações apontadas são fruto da direção do dr. Orlando Cardoso, cujo tino e dedicação incomparáveis constituem por si sós a segurança de maiores vitórias na vida da próspera entidade que o Banco do Brasil houve por bem, e com milagroso acerto, confiar-lhe.

BANCO DO COMÉRCIO, S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

Fundado de 1875

Séde: RUA DO OUVIDOR, 93-95

FONE 43-8966

AGÊNCIAS METROPOLITANAS:

MEYER RUA 24 DE MAIO 1355 — FONE 29-5538

TIJUCA PRAÇA SAENZ PENA, 9 — FONE 48-4015

S. CRISTOVÃO RUA S. LUIZ GONZAGA, 45 — FONE 28-3895

Em instalação:

URUGUAIANA

Rua Uruguaiana, 7

SOCIEDADE ANÔNIMA MARVIN

REFINAÇÃO, FUNDIÇÃO E LAMINAÇÃO DE METAIS E DEPÓSITO DE FERRO, AÇO E METAIS — FÁBRICA DE PREGOS, PARAFUSOS, PORCAS, DOBRADIÇAS, FIOS, CABOS DE AÇO, COBRE E LATÃO, TACHAS, REBITES E ARESTAS DE FERRO E LATÃO. CANOS DE CHUMBO E CHUMBO EM LENÇOL.

FERRO, COBRE E LATÃO EM
TUBOS, VERGALHÕES E CHAPAS

Av. dos Democráticos, 207
Telefone 30-3800
RIO DE JANEIRO

S^{rs} ARQUITETOS E CONSTRUTORES:



Visitando o Vesúvio

(Continuação da página 68)

bios de S. Sebastião. Quando alcançamos a base do cone vulcânico os nossos pés começaram a se atolar nas cinzas coloridas do Vesúvio, que emprestam à montanha, vistas de longe, um efeito belíssimo de cromo decorativo. Parámos para contemplar o que havíamos deixado atrás: um montão de ruínas. De todos os fenômenos naturais o Vesúvio é, sem dúvida, o mais catastrófico e terrível. É ele, responsável pela destruição de tantas cidades e pelo extermínio de tantas vidas, fumava agora devagar, sem fúria, como a fazer a digestão sonolenta de repastos trágicos.

O guia italiano ia nos informando em voz monótona, cansada de repetir aquelas frases a mais de um milhão de turistas, sobre os detalhes da excursão: "Estamos a uma distância de 1.058 metros da cratera, em linha reta. Para lá chegarmos, entretanto, devemos cobrir um caminho bem mais longo, afim de evitar os pontos perigosos."

— Em quanto tempo poderíamos fazer o percurso?

— Uma hora e meia, mais ou menos.

— Para a frente, gritámos todos a uma voz.

Diante de nós, a poucos passos, o conquistador de Pompéia dormia...

O TÚMULO DE SILVA JARDIM

O guia continuava a sua cantilena informativa:

— A cratera vesuviana, meus caros senhores, media, antes da grande erupção de 1944, cerca de 3.000 metros de circunferência. Hoje a linha circular está restrita a pouco mais de 2 quilômetros. A profundidade do canal de ascensão, por sob as matérias vulcânicas, é, aproximadamente, de 200 metros.

Atalhando a explanação do nosso cicerone lancei-lhe a pergunta que há muito tremia nos lábios:

— O senhor, por acaso, nunca ouviu nada a respeito do brasileiro Silva Jardim, aqui desaparecido?

— Dizem que ele se aproximou de mais da cratera, amarrando uma corda ali — respondeu-nos o guia apontando uma fenda no terreno.

Deveria ser portanto ali o túmulo do grande brasileiro. Estávamos diante de um monumento erguido em honra à república. E eu e o meu companheiro sargento Novais fizemo-nos fotografar orgulhosamente junto à tumba de Silva Jardim.

E, como turistas e como brasileiros, sentindo satisfeitos a nossa curiosidade e o nosso orgulho patriótico, empreendemos a longa viagem de volta, feita por outro caminho, la-deando precipícios perigosos, sempre seguindo as indicações e os conselhos do nosso guia.

Havíamos visto muito, havíamos visto o Vesúvio, que atrás de nós continuava a fumar numa calma aparente, simples repouso entre dois períodos de atividades nefastas, descanso rápido entre a destruição de duas cidades.

Artur Estrela de Souza

COPACABANA

EDIFÍCIOS S. PEDRO e SANTA LUIZA

Vendemos neste Edifício à Avenida Nossa Senhora de Copacabana n.º 1182 e Sá Ferreira n.º 57, apartamentos de frente, com amplos dormitórios, jardim de inverno, salas de jantar e de almoço, dois quartos para empregados e garagem pertencente ao condomínio. Construção iniciada. A partir de Cr\$ 335.000,00. Entrada inicial de 10% à vista e financiamento a prazo.

PRAIA DE BOTAFOGO

EDIFÍCIO GUAIRACÁ

- CONFORTÁVEIS
- ACABAMENTO DE 1.ª QUALIDADE
- 2 AMPLAS SALAS
- 3 DORMITÓRIOS
- ARMÁRIOS EMBUTIDOS
- 70% DE FINANCIAMENTO A LONGO PRAZO

VENDEMOS

os últimos apartamentos disponíveis a partir de Cr\$ 245.000,00

INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO

Na Secção de Vendas — 2.º andar

Banco Hipotecário Lar Brasileiro S. A.

Rua do Ouvidor n.º 90

Telefone: 23-1825

Laminação Federal de Metais Ltda.

Escritório:

Rua 1.º de Março, 7 - 6.º andar (Edifício 1.º de Março)
Telefone 43-5505 - Caixa Postal 2392

Fábrica:

Rua Franco de Almeida, 62 - Telefone 28-9298

CHAPAS DE ZINCO COMERCIAL E POLIDO PARA CLICHÊS DE FOTO-
GRAVIAS, ZINCOGRAFIAS, TRICROMIAS, DOUBLES, ETC. CHAPAS DE
COBRE ELETROLÍTICO PARA CLICHÊS. ANODOS DE COBRE PARA GAL-
VANO. LATÃO EM CHAPAS E EM TIRAS. COBRE EM CHAPAS E EM
TIRAS. BOBINAS DE COBRE. ZINCO LAMINADO PARA CALDEIRAS.

O Pintor de Olhos

Continuação da pág. 70.

E os poucos inimigos que ele possuía, por causa de sua prosperidade, encontravam nisso pretexto para insinuar que sua modéstia era falsa e que sua simplicidade escondia uma vaidade abominável, capaz de tudo para se satisfazer.

O mais perverso de todos citava, em apoio a essa opinião desagradável, uma frase que muitas vezes voltava nas queixas de mestre Jacob, frase todavia bem inofensiva, e na qual seus amigos, com muita propriedade viam apenas uma pilhéria.

— Para fazer uma obra-prima — costumava repetir mestre Jacob — uma pessoa venderia sua alma ao diabo.

E é muito certo que dizia isso sem maldade, sem pensar que pudessem tomá-lo ao pé da letra. Como duvidar, quando se fitava seus bons olhos de homem honrado, seu largo rosto expansivo, sua boca sorridente e de grossos lábios, onde a cerveja esbranquiçada espumava como o leite na boca de um inocente que mama? Sem contar que mestre Jacob cumpria muito devotamente seus deveres religiosos, nunca faltava à missa e comungava em todas as grandes festividades da igreja. Por isso era preciso, na verdade, que a própria pessoa tivesse o espírito diabólico para imaginar que mestre Jacob falasse seriamente em fazer um pacto com o diabo.

E a prova de que ele não se referia seriamente a isso é que um dia seu sobrinho, Jacob von Hechtvaere, o jovem, tendo-lhe dito:

— E se o diabo viesse propor-lhe um negócio, que diabo lhe responderia o senhor, meu tio?

— Pois bem! — replicou jovialmente Jacob von Hechtvaere, o velho, que também gostava de rir — responder-lhe-ia o que te respondia quando me perguntas se sabes pintar.

E o que ele lhe respondia em tal caso, era um pequeno palavrão com que os habitantes de Wuaegimeux, no Thiérache, embora considerados flamengos por certos historiadores, provam soberbamente que são bem franceses.

Na noite da terça-feira de carnaval do ano de 1681, um pouco antes de nove horas, quando mestre Jacob esvasiava sua quinta caneca, e acabava justamente de repetir sua frase favorita, acendendo nas cinzas do rescaldo o seu décimo-primeiro cachimbinho, entrou na hospedaria um desconhecido. Ninguém jamais o tinha visto. Todos, quando posteriormente se conversou a respeito, foram unânimes em dizer que ele parecia um espanhol. Trazia uma meia máscara de veludo carmesim, um chapéu de abas largas por cima de um gorro vermelho, uma ampla e comprida capa escarlate envolvendo-lhe todo o corpo, e botas de marroquim, uma das quais, de peito muito mais arredondado, achatado e cheio que o outro, indicava visivelmente um pé torto.

O desconhecido, agindo tal como se estivesse familiarizado com o local, abançou-se sem cerimônia com o grupo de mestre Jacob, encheu uma caneca em seu jarro, e disse ao pintor, à queimadura:

— O que lhe falta para fazer uma obra-prima, mestre Jacob, é saber pintar os olhos.

Embora todos tivessem festejado excessivamente a terça-feira de carnaval e se mostrassem assim tolerantes com aquele mascarado que também parecia festejá-la, não tiveram vontade de rir. Mestre Jacob menos que qualquer

Apenas um lembrete
de que a adorável fragrância
de Lavender, de Yardley,
voltará com a paz.

Yardley
de Londres

MATRIZ: SÃO PAULO
Avenida Rangel Pestana, 1538
Caixas Postais, 178 - B - 2.999

Tele) fone 2-4550
) grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL
(A MAIOR ORGANIZAÇÃO PREDIAL DO BRASIL)

Inspetorias em todos os Estados do Brasil
Agências em todas as cidades do Brasil

GRANDE FABRICA DE BRINQUEDOS DE MADEIRA

CASA PINHEIRO



O MAIOR EMPORIO e o mais bem
sortido da AMERICA DO SUL

BRINQUEDOS NACIONAIS E ESTRANGEI-
ROS DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS NAS
SUAS ORIGINAIS E ÚLTIMAS NOVIDADES

Venda por atacado

A. J. GONÇALVES D'OLIVEIRA & C.^{IA}



113, RUA DA ALFANDEGA, 115 — FONES: 23-2451 E 43-9072 — RIO DE JANEIRO.

Aos sete anos plagiador...

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 69)

— Desde que aprendi a escrever, se é que aprendi mesmo, dedico-me à poesia. Há um soneto misturado com as minhas primeiras experiências de caligrafia. Eu não teria mais de sete anos quando escrevi um poema fúnebre que não era senão um plágio inconsciente do "Noivado do sepulcro". Meu primeiro incentivo, ainda nessa época, partiu de outro garoto que tinha jeito para desenho e se ofereceu para ilustrar as minhas obras, num volume que seria um primor de literatura e de desenho. No fundo, eu não acreditava nas suas ilustrações nem ele nos meus versos. Foi um caso de mútua injustiça, pois hoje ele faz bons desenhos comerciais e eu tenho feito bons textos de publicidade. Se eu não me chamo Dante Alighieri, nem é Rafael, pelo menos a nossa arte deve ter concorrido para a venda de milhões de sabonetes e pastas dentífricas.

— Por que, sendo jovem, você fugiu à poesia moderna?

— Por que amo e respeito à poesia; porque comeci a senti-la quando ainda não sabia analisá-la e nunca precisei tomar uma atitude diante dela. Vim fazendo os meus versos na esperança cubílica de transmitir a outras almas a mesma emoção que eu recebera dos doces versos musicais do "Coração de criança", em que aprendi a ler. Depois li livros e ouvi amigos que chamavam a poesia de artificiosa, vã e arcaica.

"Li os versos desses livros e desses amigos. Neles não encontrei nada mais espontâneo, menos artificioso ou mais atual do que diziam os velhos e bons versos cantantes do meu Casimiro, do meu Bilac, do meu Antero. Consultei a minha consciência e achei que as palavras mais espontâneas do meu espírito haviam sido ditas com métrica e rima. Por isso continuei como estava e acho que fiz muito bem.

— Acredita que os expoentes de hoje sejam lembrados amanhã?

— Não sei quantos dos expoentes de hoje têm a pretensão de chegar à posteridade. Eu sei que o homem só se perpetua quando cria alguma coisa de novo e diferente, ou ele próprio é alguma coisa de novo e diferente. Os modernistas, de um modo geral, não estão no primeiro caso, e dentro deles eu não conheço um que esteja no segundo; o que eles poderiam fazer de mais extraordinário já foi feito por Graça Aranha. Minha impressão é que depois que o navio tiver afundado a tripulação será esquecida e só será lembrado o nome do capitão. Contudo eu posso facilmente imaginar pessoas inteligentes, daqui a cem anos, lendo com emoção os versos do sr. Guilherme de Almeida e do sr. Mario Quintana. Por que? Porque eles não embarcaram com as massas numa embarcação que só dava para um homem. Mas, falando sobre os expoentes de um modo geral, é claro que alguns ficarão, nem que seja para uma prestação cronológica de contas.

OS EDITORES E OS CRITICOS

Não é de hoje que existe verdadeira grita sobre o problema editorial. Queixam-se os editores do preço do papel, fator preponderante no custo de um livro, enquanto os escritores reclamam a má vontade existente para o lançamento de uma obra, principalmente em se tratando de poesia, que é conhecida como mercadoria pouco vendável. Ante esse tremendo debate, em que o único prejudicado é aquele que lê, surgem no mercado literário as traduções, trazendo a recomendação de "best-seller".

Procurei conhecer a opinião de Ghilaroni sobre o momento assunto. E o poeta, deixando as imagens bonitas de seus versos, passou a observar o problema editorial, explicando ser o mesmo...

— ... um problema de caráter puramente industrial. Os livros têm que ser feitos em maior quantidade, com melhor

acabamento gráfico e ortográfico e vendidos por preço muito mais barato. Como os fabricantes de panelas ou tijolos ou de sapatos, os editores terão uma nova era quando compreenderem que dá mais lucro vender dez bons livros a cinco cruzeiros do que dois maus livros a dez cruzeiros. É claro que o transporte e a educação — dois outros problemas básicos do País — profundamente ligados ao da indústria do livro — terão melhorado muito nesse tempo. Mas não tenha pressa. Quando os editores estiverem dispostos a arriscar grandes capitais, o Brasil já estará todo cortadinho de super-rodovias.

Dos editores a conversa passa para os críticos, essas criaturas que atiram por terra o sonho de muito freqüente à escada do triunfo, reduzindo a cinza todo o trabalho do mesmo, como se porventura ele não passasse de simples colecionador de papéis sem importância. A esses policiais do que é impresso o escritor de "A graça de Deus" se manifesta dizendo:

— Não tenho queixa. Críticos altamente equilibrados como Eloy Pontes e Jayme de Barros; escritores de grande brilho, como Genolino Amado e De Souza Junior, embalarão bondosamente o berço do meu primeiro livro: "O dia da existência". É claro que os críticos modernistas não tomaram conhecimento e houve um deles que disse (não escreveu, disse, porque dizer ainda é silenciar) esta preciosidade de incoerência: "Esse Ghilaroni seria um poeta de fato se tivesse nascido no tempo de Alvares de Azevedo". Quanto ao público, aquele para quem de fato são os livros escritos e que de fato faz o julgamento final, a despeito das "panelinhas" e das organizações de publicidade mútua — o público deu-me alento para publicar mais um livro de versos.

— Pretende dedicar-se somente à poesia ou explorará outro gênero?

— Tenho planos de romance, conto e teatro para quando não estiver mais obrigado a afugentar a necessidade com o ruído da minha máquina de escrever.

— Como prefere escrever?

— Não sendo obrigado a escrever.

— Usa algum estimulante?

— Fumo e tomo café com tal abundância, que quando ficar velho poderei atribuir todos os meus males físicos ao excesso do fumo e do café.

— Tem novas produções para lançar?

— Continuo escrevendo os meus versos e há uma das minhas novelas de rádio, "Um raio de luz" que transformarei em romance quando tiver tempo. Mas o rádio dá conta de todas as horas que o dia me oferece para trabalhar.

O RÁDIO E AS NOVELAS

Se a poesia encontra em Giuseppe Ghilaroni um dos seus mais criteriosos cultores, o "broadcasting" nacional tem no vate um dos mais completos "radiomen", haja vista a série de programas que trazem a sua chancela. Autor de algumas histórias seriadas, onde a delicadeza de seus argumentos bem demonstram a força do poeta, Ghilaroni é um nome respeitado entre quantos escrevem para o "sem fio", daí a curiosidade em saber o que o levou a escrever novelas.

— Escrevi minha primeira novela — começou dizendo o poeta — por dois motivos. Primeiro, porque precisava ganhar dinheiro e nunca soube fazer outra coisa além de escrever, para resolver os meus problemas financeiros. Segundo, porque tinha compreendido que a notoriedade — mesmo a notoriedade de rádio que tantos intelectuais menosprezam, nem sempre com justiça e nem sempre sem despeito — vale a pena para quem precisa do conhecimento público para realizar sua carreira. A venda do meu livro "A graça de Deus" — um livro de versos, que horror! — é a prova concreta de que, mais uma vez, eu não andei mal.

Discute-se ainda o pouco interesse do rádio para com os verdadeiros intelectuais, embora alguns valores já estejam cooperando desinteressadamente para o levantamento da novel cultural predominantemente no mesmo, como Álvaro Ma-

ANEL "ZODIACO"
A Oitava Maravilha

Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECÍVEL, feito de prata fina com OURO 18K., e também todo de OURO 18K. com os signos de platina. Mande dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio, pelo sistema de Recibo Postal. Pedem catálogos grátis desta joia maravilhosa. Fab. de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.

STANDARD ca. 100
FEDERAL ca. 150
INCA ca. 260
AMERICA ca. 135
CAPITAL ca. 260
BRASIL ca. 280

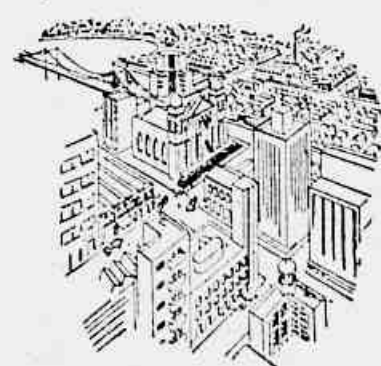
reya, Gondim da Fonseca, Genolino Amado e — por que não citar? — Ghilaroni. Intelectual dos mais brilhantes com que conta a nova geração, apesar de seu nome viver arreio dos suplementos literários, ele empresta grande parcela de seu talento ao nosso "broadcasting", quer elaborando programas, quer escrevendo novelas. Sua palavra sobre a compensação do rádio ao trabalho intelectual é esta:

— Compensa porque nos paga relativamente bem. Não compensa porque nos escraviza. Mas vale a pena porque o "radio-writer" vive de dinheiro e não de elogios; e não há crítica ou campanha de silêncio que o possa levantar ou destruir. O valor do seu trabalho se comprova diariamente pelo que ele ganha. Se ele plagia ou não, é uma questão para a sua consciência e para a sua dignidade. Seu crítico é o público, o único do mundo a quem não se pode pagar um café nem dizer um desatôro.

Compromissos outros chamavam à realidade do tempo a presença do poeta, enquanto a tão querida máquina de escrever reclamava o contato de seus dedos, para o término de certo trabalho que se interrompera com a minha chegada. Ghilaroni, como que encabulado por interromper a palestra, fez-me sentir a necessidade de encerrá-la. Aventurei a última pergunta, indagando-lhe se o seu primeiro livro correspondera à sua intenção:

— Positivamente. Foi a sua repercussão o que me deu fé em mim mesmo, coragem para abandonar um emprego sob cujo teto eu jamais teria podido crescer, e oportunidade para conseguir grande parte das coisas boas que tenho alcançado em minha vida.

50 anos de proteção à Família Brasileira



— Uma cidade de 14.000 casas
poderia ser construída com os seguros
já pagos pela SUL AMERICA
em seus 50 anos de existência

Sul America

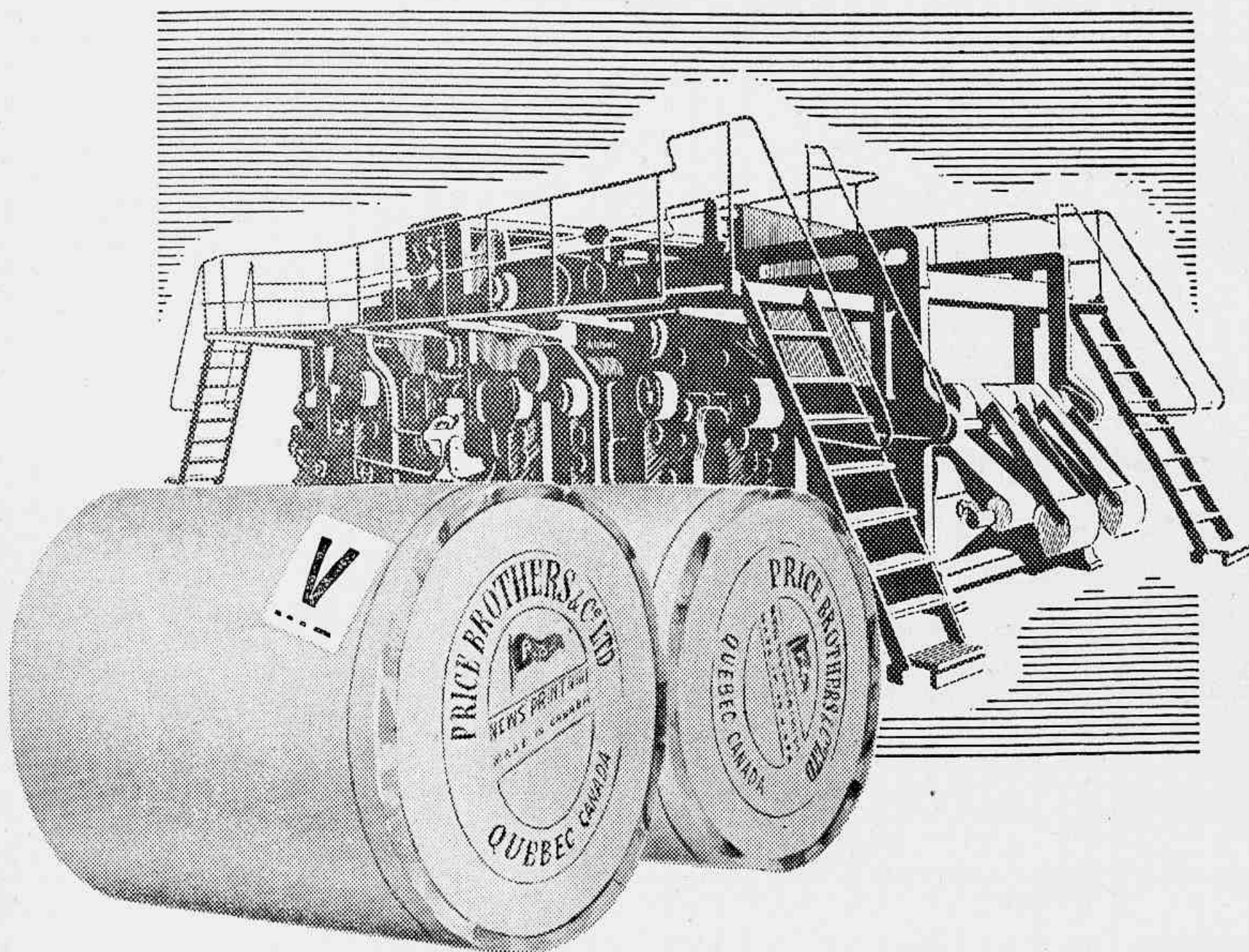
COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA
Cajal Postal 921 - Rio de Janeiro



SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUANAMIDINA

PRICE BROTHERS SALES CORPORATION

QUEBEC-CANADÁ



FABRICAM PAPEL DE IMPRENSA PARA O BRASIL

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

MURRAY, SIMONSEN & CIA. LTDA.

EDIFICIO CITY

AV. RIO BRANCO, 85 - 15.º AND.
RIO DE JANEIRO

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postica o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó *aleatino* (não ácido) mantém a dentadura postica com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não atarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

89-B

O Pintor de Olhos

Continuação da pág. 85.

cinzentas de Wuaetmeux, no Thiéracle.

Num ângulo do quadro estava presa uma folha de pergaminho tendo escritas estas linhas do punho de mestre Jacob:

"O Diabo ensinou-me o segredo de pintar os olhos. Tal segredo consiste em retirar a vida dos modelos que se quer retratar, e em fixá-la na tela. Agindo-se assim, matam-se lentamente as pessoas que estão sendo retratadas. Não quis matar ninguém que não fosse eu próprio. Podendo conquistar o gênio tornando-me homicida, preferi ser apenas suicida. Confio na misericórdia divina em que essa preferência seja levada em conta na remissão de meu

crime. Suplico que castiguem meu orgulho sacrilego, recusando-me a glória póstuma a que minha obra-prima tem direito. Basta-me saber que fiz essa obra-prima. Recomendo minha alma às orações, no caso em que o Maligno não me deixasse tempo..."

A morte fulminara o pobre homem enquanto escrevia.

E eis por que, todos os anos, no convento das Provendistas cinzentas de Wuaetmeux, no Thiéracle, no dia de todos os santos, fazem assistir à missa de finados, descoberto durante uma hora, o retrato maravilhoso, mágico e sobrenatural, do grande artista desconhecido, a quem se restituía aqui pela primeira vez o nome completo com que ele assinou sua única obra prima: *Mestre Jacob van Hechtlaere, o pintor de olhos.*

À busca da felicidade

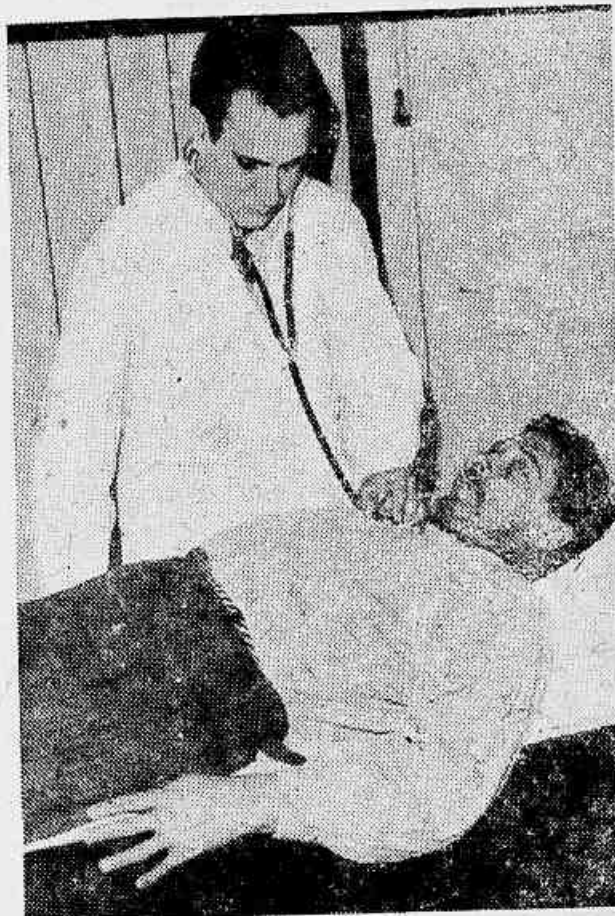
Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O **Benal**, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o *so ego do espirito*. **Benal** encontra-se em todas Drograrias e farmácias.

Deixa aí Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empolas. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo

MENTHOLATUM

Salvo de uma hemorragia cerebral



Na foto vemos o conhecido e caridoso cardiologista patricio dr. Divo Orcioli, examinando o sr. Joaquim Alves Barbosa, residente à rua das Missões, 62, em Ramos, que foi aposentado e desenganado por vários especialistas desta Capital, por apresentar grave enfermidade cardíaca, acompanhada de pressão arterial elevada, às portas de uma hemorragia cerebral. Em estado desesperador procurou este ilustre clínico em seu consultório à rua Buenos Aires, 250, 1.º, sendo salvo em curto espaço de tempo; desta forma torna público sua eterna gratidão a este competente especialista, mandando em breve rezar missa em ação de graças pelo seu restabelecimento.

Epoca

CALÇADOS FINOS
URUGUAYANA, 68
— FONE 43-5709 —



Cativa a todos os seus clientes
e lhes oferece os mais lindos
e originais modelos



As atividades culturais da Prefeitura e a próxima temporada do Teatro Municipal

Completa reforma no mobiliário do nosso principal teatro — O que será a próxima temporada de bailados — Auspiciosos momentos para os apreciadores da arte musical

O prefeito Henrique Dodsworth tem procurado emprestar à sua administração na Prefeitura do Distrito Federal um cunho eminentemente cultural. Em seu programa de atividades essa tendência se acentua, principalmente na organização de meios para que a população carioca entre em contacto com as mais modernas e perfeitas instituições artísticas do mundo. As temporadas oficiais do Teatro Municipal, por exemplo, de ano para ano se revestem de maior brilhantismo, com a aquisição, por parte da Prefeitura, de elementos destacados nos meios musicais, contratados nos grandes centros artísticos. E não é somente a música. O canto, o bailado, a alta comédia têm feito a nossa principal casa de espetáculos viver momentos de rara beleza e deslumbramento.

Desde os nomes aureolados da arte cênica no estrangeiro, como os mais famosos artistas do Brasil, têm encantado a culta platéia carioca, apresentados em espetáculos organizados com o mais perfeito sentido cultural.

Nesse sentido o prefeito Henrique Dodsworth tem dado provas sobejas de seu refinamento e bom gosto. O velho teatro francês, tão sutil na maneira como se faz impor no mundo, com o seu repertório cheio de graça e malícia, tão atual como se no próprio tempo de Molière, jamais deixou de regalar o espírito "refiné" de nossa alta sociedade, em instantes de verdadeiro gozo intelectual. Os

grandes regentes, os músicos célebres, os cantores internacionalmente reputados, todos têm desfilado diante de nossas vistas e ainda permanecem em nossas retinas.

Agora mesmo a temporada oficial que se anuncia é das mais auspiciosas. Elementos contratados nesse grande empório artístico do mundo, que são os Estados Unidos da América do Norte, trazendo como credencial, para que de pronto conquistem a nossa admiração, o haverem participado dos conjuntos que oficialmente atuam no Metropolitan Opera House e no Teatro da Ópera de São Francisco — estão programados e o público espera a apresentação auspiciosa com a maior ansiedade.

Para que esse acontecimento se revista da maior importância, o prefeito acaba de realizar uma iniciativa notável: promoveu a remodelação completa do mobiliário do Teatro Municipal, tornando-o mais confortável e condigno. Foi, sem dúvida alguma, uma providência digna dos maiores elogios e alvitreira para os frequentadores habituais do nosso Municipal.

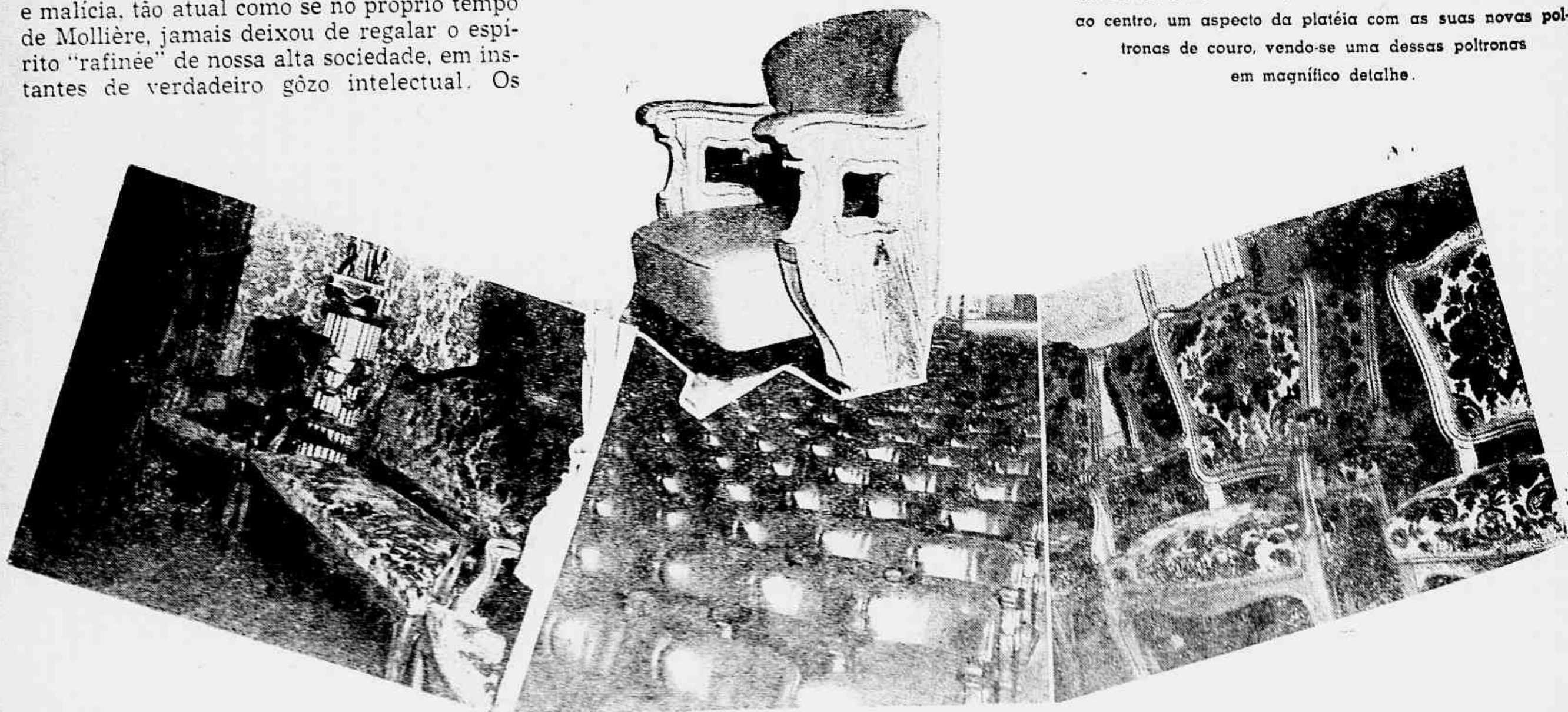
Além das magníficas apresentações de soberbas montagens do teatro lírico, anunciam-se, desde já, os espetáculos da Comédie Française, os concertos sinfônicos sob a batuta de Eric Kleiber e a temporada de bailados sob a direção do grande bailarino russo Igor Schwezoff, uma das maiores expressões da arte coreográfica no mundo. Sob sua direção inspirada, o Corpo de Bailados da Prefei-

tura vem sofrendo uma radical transformação técnica. Transmitindo aos bailarinos nacionais os seus inesgotáveis conhecimentos da grande arte dos movimentos e da interpretação, esse admirável "maitre de ballet" vem realizando uma obra sobre todos os sentidos elogiável. Com ele estarão nomes que o nosso público já tem aplaudido: Madeleine Rosay, Yucco Lindberg, Juliana Yanakieva, Tamara, Berta, Dyrce Garro e outras, que estarão ao lado de outros bailarinos recém-contratados no estrangeiro, como Julia Horwath, Amalia Lidia Lozano, Hollad Standemire, Nivado Lopes Rueda e Wilson Morelli. São essas, pois, as lisonjeiras expectativas da nossa próxima temporada de bailados, que culminará com a apresentação de uma figura mundialmente conhecida como a de Igor Schwezoff.

As atividades culturais da administração do prefeito Henrique Dodsworth, trazem, como se vê, a marca do bom gosto, revestindo-se, assim, de suma importância.

Ao alto, três flagrantes dos ensaios da próxima temporada de bailados, dirigidos pelo grande bailarino russo Igor Schwezoff, em três movimentos de uma sinfonia de Beethoven.

Em baixo, três detalhes do mobiliário renovado do Teatro Municipal, vendo-se, nas extremidades, à esquerda, a antesala e, à direita, o camarote do Presidente da República, móveis em estilo Luiz XV, em dourado sobre damasco azul; ao centro, um aspecto da platéia com as suas novas poltronas de couro, vendo-se uma dessas poltronas em magnífico detalhe.



ESPECIALISADA

ÓTICA CENTRAL

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 9 - RIO



GRAPHICÔR
CONCENTRA
HARTMAN IRMÃOS.
S.A.

A mais moderna e mais bem instalada fabrica nacional de tintas para impressão nacionalizada pelo Governo Federal.

Fabrica qualquer tinta para toda a especie de impressão.

RUA BOMFIM 250
TEL. 48-5435

RIO DE JANEIRO



Salva graças à
competência do
humanitário
oculista

Dr. Campos de Resende



Recentemente chegada de Lins (Estado de S. Paulo) em companhia de pessoas de sua família, a menor Nasires, com a visão dolorosamente afetada e desenganada por vários especialistas, ficou definitivamente restabelecida mercê da competência profissional do Dr. Campos de Resende, que tem consultório à Rua Buenos Aires, 212-1.º.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Apresentamos outra sugestão para vestido de noiva, todo talhado em cetim branco. O véu é também recortado na mesma fazenda, preso no alto por prequeado. Dois ramos de lírios bordados na saia larga completam o efeito desta magnífica "toilette".

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO • RIO

"AO MUNDO LOTERICO", PADRÃO DE HONESTIDADE E ETICA COMERCIAL

No comércio lotérico do Rio de Janeiro vêm-se destacando, desde 1926, um estabelecimento modelar, tanto pela acolitação que lhe tem dispensado o público carioca e do interior, como pelos interessantes planos publicitários, do qual em parte depende aliás essa popularidade.

Essa casa de loterias a que nos referimos, outra não é senão "Ao Mundo Lotérico", estabelecimento que tem se tornado, através de quase vinte anos de atividades que são um padrão de honestidade e trabalho, a pedra angular sobre a qual se assentam grande número de fortunas atuais, que por sua vez servem de alicerce a muitas instituições comerciais e industriais que enriquecem hoje o patrimônio da Nação.

Mas essa casa, símbolo de honradez e de ética comercial, não é senão o fruto de um longo e profícuo programa de trabalho inteligente, feito tão somente no sentido de dar ao público do Rio um estabelecimento padrão no seu gênero. A própria figura de sr. Amancio Rodrigues dos Santos, proprietário de "Ao Mundo Lotérico", encarna em si todas as qualidades que levam o povo a preferir o seu estabelecimento, como uma casa que lhe possa oferecer a garantia de uma fé-de-ofício recomendável e de uma tradição inquebrantável de honradez e probidade.

Desde 1933, portanto há 52 anos, vem esse digno e honrado comerciante exercendo suas atividades em casas congêneras, tendo principiado como empregado de um pequeno "chalei", como eram conhecidas as pequenas casas de loteria de São Paulo.

Pouco depois o jovem passava a trabalhar em um estabelecimento mais amplo situado no antigo largo do Rosário, hoje praça Antonio Prado. Transferido porém para o Rio de Janeiro, fundou o sr. Amancio Rodrigues dos Santos a casa de loterias "Ao Mundo Lotérico", à rua do Ouvidor, 139.

Isto aconteceu em 12 de junho de 1926, há 19 anos portanto. E de então para cá, graças ao esforço dinâmico e ao trabalho inteligente e honesto do seu proprietário, "Ao Mundo Lotérico" veio, de ano para ano, assinalando o seu progresso vertiginoso e a sua progressiva popularidade.

Não são entretanto de difícil compreensão as causas que fizeram de "Ao Mundo Lotérico" a mais popular casa de loterias do Rio de Janeiro e o mais famoso estabelecimento desse gênero no Brasil. Mais de uma vez a honradez e a ética que assinalam o sistema de trabalho naquela casa têm concorrido para que maior ainda se faça a acolitação de seus serviços pelas multidões de seus clientes, que se espalham pelos vinte e um estados do País.

Para provar o critério que preside a todos os negócios da famosa casa lotérica, bastar-nos-ia, não fossem outros exemplos frizantes, citar o já famoso caso do bilhete 17.680, extração do Natal da Loteria Federal do Brasil, premiado com Cr\$ 2.000.000,00.

Há muito tempo o sr. Joaquim Pereira de Moura, residente no Território do Acre, freguês assíduo de "Ao Mundo Lotérico", adquire sempre naquela casa os bilhetes com que joga, mandando que os mesmos sejam reservados no cofre do sr. Amancio Rodrigues dos Santos, como aliás o fazem também centenas de outros fregueses em todas as grandes loterias. O bilhete ficou por isso mesmo guardado em cofre privado da firma. Já é aliás uma tradição da casa a reversa de bilhetes àquele senhor e a muitos outros que as solicitam de todas as partes do Brasil.

Logo que teve conhecimento da grande "chance" do sr. Joaquim Pereira de Moura, o sr. Amancio Rodrigues dos Santos radiografou-lhe, e três dias após era paga àquele senhor, pelo Banco do Brasil, aquela gorda quantia.

Falando dos grandes prêmios distribuídos pela popular casa lotérica, não poderíamos deixar de citar o prêmio de cinco milhões de cruzeiros vendido em seu balcão na última extração de Natal e pago ao dr. Auto Guimarães de Souza.

No entanto, premiado com a sorte grande, foi a cédula lotérica entregue ao sr. Joaquim

Pereira de Moura, que hoje é mais uma testemunha gratuita e franca da linha de conduta honesta e irrepreensível do proprietário da nossa maior casa lotérica.

Outro fator que tem concorrido de maneira preponderante para a grande popularidade do grande estabelecimento é, sem dúvida, a organização dos reclames de que se serve o seu proprietário para torná-lo mais conhecido em todo o território brasileiro.

Planos publicitários arrojados, que se vão encontrar similares na América do Norte, vêm sendo executados há muitos anos pelo sr. Amancio Rodrigues dos Santos, que, com o seu empenho, bem demonstra o seu esclarecido espírito de "businessman" moderno e inteligente, que sabe aproveitar os projetos interessantes, para pô-los em prática, tanto em benefício do público, como em seu próprio benefício reflexo.

Já em 1938 um interessante concurso foi realizado entre os fregueses de "Ao Mundo Lotérico", certame esse que redundou no benefício de muitos deles, sem que, para tal houvesse qualquer onus por parte da clientela da famosa casa lotérica. No cofre do sr. Amancio Rodrigues dos Santos ficara então reservado aos seus fregueses, o bilhete n.º 12.681, relativo a um plano da Loteria Federal do Brasil, que distribuía o prêmio maior de quinhentos mil cruzeiros. Ao correr das bolas foi esse bilhete premiado com a sorte grande e, de acordo com um plano criterioso e honesto, dividiu o proprietário de "Ao Mundo Lotérico" essa importância entre 1.528 fregueses. Assim, inteligentemente, foram feitos mais quase dois milhares de amigos intransigentes de sua casa e hoje eles são outros tantos propagandistas sinceros daquele modelar estabelecimento.

Poderíamos citar ainda inúmeros outros casos de pessoas beneficiadas pelos inteligentes concursos de "Ao Mundo Lotérico".

Para não nos alongarmos porém nesta explanação, falaremos apenas dos 2 bilhetes que aquela casa destina aos seus fregueses em todas as grandes loterias. Se a estes cabe prêmios maiores de Cr\$ 30.000,00, a quantia é rateada entre todos os clientes que adquiriram bilhetes da mesma extração.

Agora, de mais outro arrojado concurso de bonificação patrocinado por "Ao Mundo Lotérico" viemos de ter notícia:

Trata-se do "BRINDE ESPECIAL" oferecido pelo sr. Amancio Rodrigues dos Santos ao público, através um plano interessante de sorteio. A milhares de pessoas residentes no interior do país foram endereçadas pela famosa casa lotérica circulares numeradas, contendo um talão destacável. Este, uma vez preenchido com as indicações necessárias, deveriam ser remetidas a "Ao Mundo Lotérico", para que os seus subscritores ficassem, "ipso facto", habilitados ao sorteio do bilhete n.º 1.985 da Grande Loteria Federal de São João. O bilhete pertenceria aos portadores da circular cujo número coincidissem com os 4 algarismos finais do primeiro prêmio da Loteria Federal do dia 20 do corrente. E para que maior repercussão tivesse o certame, aos agentes dos correios de todas as cidades e localidades foram endereçadas também circulares, pedindo-lhes entregar aquelas cartas cujos destinatários não fossem localizados, a outras quaisquer pessoas que se interessassem por loteria. E, para que não pesasse sobre os seus clientes onus algum, "Ao Mundo Lotérico" enviava-lhes, para o retorno do talão numerado, o envelope "Resposta Comercial", isento por regulamento dos Correios de qualquer taxa postal, que é paga pelo seu destinatário.

Com a realização desse notável concurso, que alcançou o mais pleno sucesso em todo o País, ficou assinalada mais uma grandiosa vitória de "Ao Mundo Lotérico", a casa que pôs o comércio lotérico do Brasil em pé de igualdade com todos os mais elevados ramos de negócio. E "Ao Mundo Lotérico" continua a distribuir os benefícios de seus populares concursos ao público de todo o Brasil. E as fortunas por essa casa edificadas contam-se por centenas.

Estão pois de parabéns os que se habilitaram nos balões felizes daquele estabelecimento, ao prêmio de Cr\$ 1.000.000,00 a extrair-se a 7 de julho próximo, ao sweepstake de Cr\$ 2.000.000,00 do dia 5 de agosto e ao prêmio de 1.000.000,00 do dia 11 do mesmo mês

UM CALÇADO DA MODA PARA O MUNDO ELEGANTE



Gambier

R. URUGUAIANA, 52 - RIO

**CAMISAS
GRAVATAS
NOVIDADES**

Nelson
ASSEMBLÉIA, 78—RIO
Esa. Rua Rodrigo Silva

**ARTIGOS
FINOS
PARA HOMENS**

PREPARADOS DE VALOR DA FLORA MEDICINAL

Chá Mineiro

Indicado contra reumatismo gotoso e artrismo, moléstias da pele e, por ser muito diurético, nas doenças dos rins.

DYRAJAIA

Expectorante indicado nas bronquites e tosse, por mais rebeldes que sejam.

JURUPITAN

Combate as cólicas e congestões do fígado, os cálculos hepáticos e a icterícia.

VENDEM-SE EM TODAS AS DROGARIAS E FARMACIAS DO BRASIL — CUIDADO COM AS IMITAÇÕES E FALSIFICAÇÕES.

J. Monteiro da Silva & C. RUA SETE DE SETEMBRO, 195
RIO DE JANEIRO



PAPELARIA BRASIL

J. L. COSTA & CIA. LTDA.

FÔNIOS

43-6545 e 43-1769

ENDERÊÇO TELEG.
"PAPESIL"

Artigos para Escritório, Desenho e Engenharia, Livros para Contabilidade, Papel para Impressão Assetinado, Apergaminhado e Couché. Papel para Embrulho, para Capas e de Fantasia para Encadernação, Cartolina branca e de cores. Tipografia, Encadernação, Pautação e Riscção.

(OFICINAS PRÓPRIAS)

Depósito e Secção de Expedição:

RUA BUENOS AIRES, 189/191

Rio de Janeiro

Fôno 43-6966



PAPEL DE IMPRENSA PARA JORNAIS E REVISTAS

PAPEL ILUSTRAÇÃO NACIONAL

Fornecedora desta revista

Recomendamos o emprêgo dos produtos refratários nacionais



MELRÓDE

para uso nas indústrias siderúrgicas, de fundição e outras que necessitem de material refratário de alta qualidade. Este material é empregado pelo ARSENAL DE MARINHA da Ilha das Cobras.

Oferecemos e recomendamos o

SULFATO DE ALUMINIO

tipo "Isento de Ferro" (em pó ou britado)
e tipo "Comum" (em pó ou britado)

para o qual somos distribuidores. Este produto nacional de alta qualidade é fabricado pela CIA. BRASILEIRA DE ALUMÍNIO, São Paulo.

SOLICITAMOS CONSULTAS, E
COM PRAZER ATENDEREMOS
PEDIDOS DE AMOSTRAS
E ANÁLISES

S. A. MERCANTIL ANGLO-BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

Escritório da matriz:

RIO DE JANEIRO

Rua da Candelária n.º 9 — 6.º andar
Caixa Postal n.º 1121 — End. teleg. SAMERANBRA

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

50 ALFANDEGA 50

RIO



Funciona até às
19 horas

**DEPOSITOS
CAUÇÕES
DESCONTOS**

CASA BRUNO

FUNDADA EM 1917

Papeleria e objetos
de escritório, Livros
comerciais, Fichas,
Arquivos, etc.

Largo da Lapa, 34-B

Telefone: 22-4487

Artes
gráficas
em geral

OFICINAS:

Trav. do Mosqueira, 13

Telefone: 42-6494

Companhia Fornecedora de MateriaisLadrilhos -- Azulejos -- Louças sani-
tárias e materiais para construção

Tel. 22-7740 :: REDE PARTICULAR Telegramas "ARTHEDO"

Rua Frei Caneca, 35 - 39

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Escritório OCTAVIO BABORepartições Públicas — Fôro em Geral
— Compra e Venda de Imóveis

Sob a orientação e responsabilidade do

DR. OCTAVIO BABO FILHO

ADVOGADO, DESPACHANTE E CORRETOR DE IMÓVEIS

Rua 1.º de Março, 6 (Edif. Paço) Rio de Janeiro — Tel. 43-6256

Um segredo pelo outro

(Continuação da página 62)

— Não há possibilidade de engano. Já
interroquei todos.

— Então eu...

— Alguém — não podem dizer com cer-
teza quem — o empurrou. Viram uma
mão de homem que o empurrava enquanto
você se defendia. Evidentemente o assas-
sino não esperava que houvesse alguém
olhando para cima no momento. Jogou
com a sorte.

— E quase ganhou.

— E' verdade.

— Quem era ele? Está preso?

— Não. Ao que parece, pelo menos
por um lado, ele ganhou. Não foi des-
coberto.— Mas não correram ao apartamento
depois da minha queda?

— Sim.

— E então?

— Descobrimos que havia uma festa lá
dentro e que ninguém dera por sua falta.
Estavam lá três homens e duas senhoras.
Todos vestidos. Todos de smoking, isto
é, de preto. Impossível saber qual deles
o empurrou. Interrogou-os?

— Sim.

— E qual foi o resultado?

Os quatro cavalheiros eram conhecidos
na alta roda novalorquina. Charles Bar-
ton, Lucius Rokwen, John Ames e Michael
O'Brian. Formavam com Cory um grupo
que se via frequentemente nos cabareis,
nos teatros, nas melhores festas... As
duas moças, muito assustadas, eram Ma-
rilyn Holmes e Carla Bristol.Seis pessoas ao todo. O inspetor co-
meçou o interrogatório.

— E então?

— Naturalmente eu perguntei a cada
um em particular e separadamente o que
estavam fazendo na hora do desastre.

— Sim...?

— Impossível saber. As duas moças
estavam no toilette empoeando-se. Charles
estava na sala, ligando o rádio. Lucius
fôra buscar numa outra sala alguns dis-
cos. John folheava seus livros na biblio-
teca, e Michael fôra até à cozinha fazer
uns cocktails.

— Mas, o apartamento...

— De acordo com a posição das peças
qualquer um deles tinha oportunidade de
ir até o terraço, onde estava você, e em-
purrá-lo. Ninguém ouviu nada. Com o
rádio ligado e a coisa dando-se tão rápi-
damente, é possível que isos tenha acon-
tecido. Ao que parece você não gritou.

— Sim...

— E' só isso.

— Que quer que eu faça?

— Amanhã você poderá voltar para
casa. Quero que examine tudo e veja
se encontra algum indício, alguma prova
de que um deles tivesse motivo para ma-
tá-lo. Quero também que os veja cada
um separadamente e tente lembrar-se se
foi ele. O médico me assegurou que à
vista do assassino talvez você recobrasse
a memória. Será um choque, natural-
mente.— Diga-me uma coisa, inspetor: Como
é que acontece que havia tanta gente
olhando para cima na hora da queda?— Não sei. Ao que parece, houve uma
claridade súbita num dos andares supe-
riores e todos olharam para cima para
ver o que era.

— Uma claridade súbita?

— Ninguém pôde precisar bem. Como
que um relâmpago. Pensando que era
de fato um relâmpago, muitos olharam
para cima para ver se ia chover.

— E' estranho...

— Sim, mais tarde investigaremos isso
também.Chegara o momento. Mais tarde o ins-
petor haveria de amaldiçoar a sua pró-
pria imbecilidade por não ter descoberto
logo quem era o assassino. Bastava que
ele olhasse para o rosto de Cory, a con-
templá-lo, um por um. O inspetor porém
estava interessado nas reações dos rapa-
zes em frente de Cory, e só reparou na
sua palidez depois das entrevistas termi-
nadas.

USEM PAPEL COUCHÉ NACIONAL KLABIN

Quando o último rapaz saiu, o inspetor voltou-se para Cory e disse:

— Nenhum?

— Nada.

— E as moças?

— Olhei rapidamente, como era pouco provável que fôsse uma delas. Assim mesmo, nada.

— Bem. Deixo-o sozinho. Procure as provas quando tiver tempo, pois ainda agarraremos esse homem. E — não se queça — cuidado com aquela janela.

Assim que o inspetor saiu Cory correu ao telefone. Discou um número e perguntou:

— Miss Bristol chegou?

— Ainda não. Quem é que está falando?

— Aqui é Cory Platt. Faça o favor de dizer a ela que me telefone assim que chegar. É urgente.

Mal tinha acabado de falar, quando abriu-se a porta e entrou Lucius.

— Olá, Cory!

Com uma expressão de infinito cansaço ele disse:

— Olá, Lucius! Entre. Eu tenho uma coisa para contar a você.

O inspetor esteve presente no dia do casamento. Foi mesmo um dos que repetiu a brincadeira:

— Tem certeza de que não está cometendo bigamia?

Mas Cory riu, alegremente:

— Não há perigo, inspetor. Esta é a única.

Marilyn riu. Cory, sem lhe dar atenção, voltou-se para a esposa:

— Carla, meu bem, você quer partir o bolo?

Uma semana depois Cory foi visitar o inspetor. Este já o esperava.

— Escute, inspetor. Há alguma maneira de condenar uma pessoa sem que ela fale?

— Como?

— Pode-se impedir que o réu diga o que quiser?

— Desde que seja em sua defesa, não.

— E não sendo? E se o caso nada tiver a ver com o crime?

— Não terá nada a ver com o motivo?

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SEDE EM LISBOA

FUNDADO EM 1864

Caixa do Tesouro e Emissor nas Colônias Portuguesas (Exceto Angola)

Filiais nas Principais Cidades de Portugal, Ilhas e África.

FILIAIS NO BRASIL: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Pará e Manaus.

Filiados em Londres, Paris e New York.

Depósitos, Empréstimos, Descontos de Duplicatas e Cobrança de Letras às melhores taxas do mercado. Guarda de Valores, Compra e Venda de Títulos na Bolsa e Cobrança das respectivas rendas. Aceita Propriedades em Administração. Operações de Câmbio, Compra e Venda de Moedas às taxas mais vantajosas.

COFRES DE ALUGUEL EM CASA FORTE, PARA GUARDA DE VALORES

RIO DE JANEIRO

Sub-Agência: Rua Sant'Ana n.º 182
Filial: Rua da Quitanda n.º 120
Endereço Telegráfico: "COLONIAL"
Telefone: 23-1776

— Tentativa de assassinato... Qual é a pena?

O inspetor não comunicou a ninguém

a verdade. Cory dera a entender que queria dizer a verdade, mas não ousou acusar o criminoso...

Porém a certeza só lhe veio quando Marilyn suicidou-se. Ele a encontrou caída

(Continua na pág. 100)

Seu atestado
de nascimento
está errado!

Com "ASO", que restitue as cores primitivas dos cabelos e dá a quem o usa vinte anos menos, os atestados de idade nada significam!

Tenha a idade que "ASO" lhe dá e não a que parece, antes de usar "ASO",

"ASO", Azeite Vegetal Perfumado, o restituidor das cores naturais de seus cabelos e de sua mocidade!

Seja amigo de "ASO",
porque "ASO" é seu amigo.

PEÇAM PROSPETOS GRATIS AO LABORATÓRIO "ASO"
RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 219 - RIO

aso

À VENDA EM TODO O BRASIL

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



UM CENTENARIO ESQUECIDO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 39)

deus no mundo atual, mas não pôde calcular até onde iriam as suas consequências porque morreu em 1916, em

plena primeira Grande Guerra, onde a ambição germânica ceifara tantas vidas. Para o mundo de hoje e especialmente para os homens da sua raça, Elias Metchnikoff deve valer como um exemplo de tenacidade e de trabalho. Sua vida nos ilustra, sobretudo, a respeito das crises que, por vezes

parecem impossíveis de conjurar e ante as quais a nossa mente atribulada só encontra de momento o caminho do suicídio. Se tem se lembrado das tentativas falhas de Metchnikoff, Stefan Zweig sem dúvida teria tido o ânimo de esperar mais algum tempo e estaria vendo conosco a radiosa alvorada do mundo livre...



Não sei qual oferecer aos convidados!

As duas são tão deliciosas...
e ambas da marca



"CICA"



Feitas com frutos da melhor qualidade, rigorosamente selecionados, e com todo o rigor da higiene, a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" são excelentes sobremesas. Mas a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" não são apenas so-

bremesas deliciosas: esses dois produtos "C.ca" constituem, pelo seu alto valor nutritivo, elementos indispensáveis na alimentação, principalmente das crianças. Portanto, tenha-as sempre em casa para a sobremesa e para o lanche da criança.



COMPANHIA INDUSTRIAL
DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS

SE A MARCA É "CICA" BONS PRODUTOS INDICA

Os mortos não voltam

Continuação da pág. 17.

homem de bem, trate de fazer de Evelyn uma entusiasta do segundo casamento. E olhe que eu faço votos sinceros para que ela não tenha oportunidade de se entusiasmar pelo terceiro (ri).

JACK — Eu vou buscar os seus cachimbos, Anthony. Um momento...

EVELYN — Você demorou, querido. Tive tempo de sobra para arrumar a mala e pôr mais alguns vestidos leves. Podemos ir?

JACK — Podemos, sim, Evelyn.

EVELYN — Você está com uma cara esquisita... Aborreceu-se com alguma coisa?

JACK — Nada, Evelyn. Só tenho motivos para estar contentíssimo. Não é mesmo?

EVELYN — E' sim, meu amor. Somos tão felizes! Olhe: eu vou contar a você uma coisa, mas não caçoe de mim. Promete?

JACK — Prometo.

EVELYN — Só hoje eu perdi completamente aquela dúvida que me torturava.

JACK — Anthony?

EVELYN — Exatamente. Hoje amanheci calma, com a consciência tranquila pela primeira vez, e meu coração me disse que Anthony estava mesmo morto, que não voltaria mais! Você não acha que isso vai tornar mais feliz a nossa vida?

JACK — Sem dúvida, querida. Agora deixe-me explicar por que estou um pouquinho contrariado. Houve um pequeno roubo nesta casa.

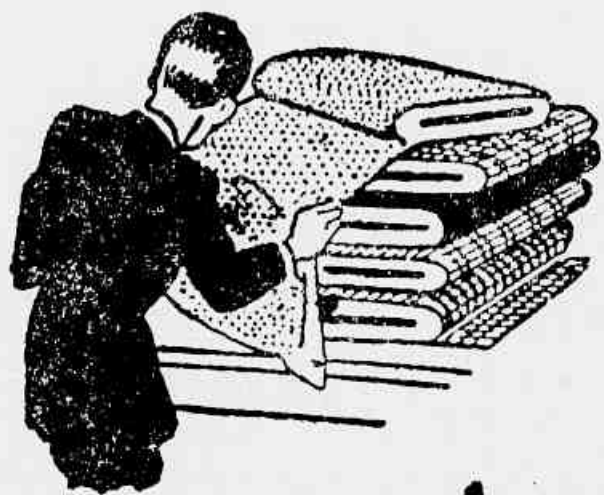
EVELYN — Roubaram alguma coisa na nossa casa? Será possível?!

JACK — Sim, Evelyn: a coleção de cachimbos de Anthony.

(Corre a cortina)

AOS NOSSOS AMIGOS E ANUNCIANTES

Tendo chegado às nossas mãos fora do prazo fixado para o encerramento da matéria destinada ao presente número alguns originais de publicações autorizadas em homenagem ao 46.º aniversário da REVISTA DA SEMANA, tomamos a liberdade de transferi-los para a próxima edição, agradecendo por este meio a todos os que nos distinguiram e honraram com as suas dedicadas homenagens.



*Os tecidos
que vendemos...*

são garantidos
pelas nossas fá-
bricas.

CORES E PREÇOS FIXOS

**CASAS
PERNAMBUCANAS**

Artigos para presente

Faqueiros de prata de lei

Faqueiros inoxidável

MARCA WOLF

Nello Garavini -- Rua do Senado, 10

Tel. 22-4869

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

EXIMIO CONTRA-MESTRE **H. W. CHAPETA**

Corte Londrino

AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202

TELEFONE 43-3234

REFLEXÕES CONSTANTES...

Quando retiro de suas cogitações, a se-
nhora, inúmeras vezes, perguntará a
si própria: — Que usará fulana no
rosto, que tem a pele
tão linda, sem rugas,
isenta de cravos e
espinhas, tornando-se
admirada de todos?
Certamente no primeiro
plano do toucador
dessa fulana estará:

Leite de Amendoas
de Mendel

DISTRIBUIDOR: LEONCITO AMBRAN
AV. RIO BRANCO, 109-4.º ANDAR-RIO

ROGERIO GUERRA & CIA. LTDA.

IMPORTAÇÃO

Caixa Postal 1512

Telefones } 23-2804
23-3817

Representações de Fábricas
Americanas de Artigos para
Papeleria e Escritório



EXPORTAÇÃO

End. Teleg. **PAPER**

Code: **BENTLY'S**

64 - RUA TEÓFILO OTONI - 66
RIO DE JANEIRO

**EBERHARD FABER
PENCIL CO.**

New York

A fábrica de lápis mais

antiga da América
LÁPIS — BORRACHAS —
ELÁSTICO — CANETAS —
LAPISEIRAS

**THE ESTERBROOK
PEN CO.**

CAMDEN N. J.

A maior e mais antiga fá-
brica de penas da América
PENAS PARA TODOS OS
FINS — CANETAS TIN-
TEIRO COM A PENNA RE-
NOVAVEL — BASES E
JOGOS DE SECRETARIA

THE BATES MFT. CO.

ORANGE, N. J.

Máquinas de numerar
GRAMPEADORAS
ÍNDICES — PRENDEDORES
DE PAPEL E ALMOFADAS
PARA CARIMBO

**THE AUTOMATIC
CHICAGO — ILL.**
A maior fábrica de máquinas
de apontar lápis do mundo
MAQUINAS
GEM — GIANT — CHICAGO
— PREMIER E OUTRAS

FRANK A. WEEKS

MFT. CO.

NEW YORK

TINTEIROS PARAGON E
ARTIGOS EM GERAL
PARA ESCRITÓRIOS

ÚNICOS DEPOSITARIOS DO
PAPEL AÉREO
"COLIBRI"



F. JOHNSON & CIA.

PAPEL

NACIONAL E ESTRANGEIRO

Rua Moncorvo Filho, 48 -- Rio de Janeiro

ESCRAGNOLLE DORIA HOMEM DE MELLO



BARÃO HOMEM DE MELLO — (1837 — 1918)

FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO, barão Homem de Mello, tanto ou quanto Rio Branco, foi um apaixonado da história e da geografia do Brasil. Desde moço, desde estudante de Direito, consagrou amor e tempo a saber passado e presente de sua terra, não lhe trazendo esmorecimento no afincado de estudar Brasil nem mesmo o desempenho de trabalhosos cargos políticos.

Antigo professor de História do Colégio de Pedro Segundo fundaria existência em cátedra da disciplina no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Nem o crescer da idade, nem o decrescer da vista, puderam vencer em Homem de Mello o desejo de saber.

Com vagoroso passo tomava com frequência o caminho de bibliotecas e arquivos. O Arquivo Nacional muito o conheceu consulente do seu tesouro de documentos a contarem como o Brasil se formou e progrediu.

Era prazer e proveito nosso receber no Arquivo Nacional as visitas de Homem de Mello. Deixar-lhe correr conversa e recordações equivalia a ir aprendendo ou rememorando fácil.

No Império presidira Homem de Mello o Ceará, a Bahia, São Paulo, terra natal, e o Rio Grande do Sul, este em dias de grave responsabilidade, quais os do período agudo da guerra do Paraguai em 1867.

Pouco após a presidência do Rio Grande do Sul, resolveu Homem de Mello ir por sua conta vêr a guerra, pezaroso por não a ter visto desde princípio, estudando história no vivo dos acontecimentos.

A 15 de Fevereiro de 1869 deixava Homem de Mello o Rio de Janeiro, a bordo do transporte de guerra *Vernek*. A 22 alcançava Montevideo e no dia imediato seguia para Assunção, capital do paiz em cujo solo ainda combatíamos, na preparação da última fase da guerra, a da Campanha das Cordilheiras dirigida pelo Conde d'Eu, que tanto almejava comando em chefe.

Acabaria Homem de Mello excursionista por escrever relação de viagem reunindo notas tomadas no dia a dia da mesma.

Na relação, hoje útil a estudiosos, procurou Homem de Mello fixar Assunção e os aspectos da cidade da qual Solano Lopez partira para antegozado triunfo, à vista de aglomerada população que nunca mais o veria.

Homem de Mello declarou Assunção o local mais adaptado para assento de uma grande capital. Edificada sobre colina de considerável elevação, a capital paraguaia estendia-se suavemente para o interior, abrindo-se-lhe o horizonte em vistosos campos e cerrando-se-lhe por matas próximas.

São bastantes os reparos de Homem de Mello, acerca de Assunção em 1869. Sem

acentual-os aqui, desejariamos que os reparos de Homem de Mello fossem confrontados com as levianas acusações de ser o Rio de Janeiro de 1869 uma cidade do maior atraso, mas ainda assim perfeitamente habitável, onde não faltavam o bom e o barato, o que a tornavam muito procurada.

Por sua relação de viagem de 1869, Homem de Mello transporta-nos a Assunção do tempo dos Lopez mostrando-nos o que a cidade apresentava no seu maior, no seu melhor ou no seu mais curioso.

Quem entrasse na cidade e se dirigisse para os lados da sua Catedral via logo sobressair à esquerda um edifício de fachada aparatosa.

Designavam-o comumente o Palácio Velho. Era a sede da presidência da república do Paraguai, que adotando por divisa *paz e justiça* teve por demais ensejo de conhecer o nenhum valor das palavras bonitas e vãs.

Bem conhecido seria o Palácio Velho de nossos representantes diplomaticos e consulares em Assunção, para que por sucessos da guerra nela tivesse camara mortuaria o general Andrade Neves sucumbindo a graves ferimentos.

Em frente do Palácio Velho, na mesma praça que lhe dava perspectiva, levantava-se a residência onde deixara memoria triste Francia, o longo ditador que segregara o Paraguai do mundo fechando-lhe os seus rios, com dispensa de muralhas como as da China.

Francia era desses homens que mesmo mortos inspiram terror, obrigando a baixar a voz ao referir-se a eles, de medo que ouçam ou estejam a ouvir por seu mandado.

O edifício de maior vulto em Assunção era a Catedral, embóra inarquitetônica, com duas torres bastante elevadas.

Espacioso o templo, tres corpos dividiam-lhe o interior. Duas ordens de pilastras de estilo dorico prolongavam-se até o altar-mór numa extensão de trinta braças, a braça equivalente a pouco mais de dois metros.

Ladrilhada de tijolo, a Catedral de Assunção, mostrava bem a terra onde se imprimira forte a marca jesuítica. Não olerecia a catedral obra notável. Pelos lados e pelos fundos, o exterior do templo fôra circundado de extensa varanda formada por colunas otogonais. A varanda na frente ou no fundo dos edificios ou das residências particulares era o característico das construções paraguaias.

A catedral de 1869 datava de 1842, posta a nova construção sobre aproveitados alicerces de catedral primitiva. Completava a nova Catedral um Seminario Episcopal onde, em 1869, Assunção em poder brasileiro, estavam alojados capelães militares nossos, os capuchinhos que até no campo de batalha acudiam com o Crucifixo a moribundos.

Do seu heroismo, de recompensa superhumana, deu testemunho Homem de Mello resumindo louvores em um só religioso que assim mencionou, Frei José Fidelis Maria d'Ávila Meza.

Na época da visita de Homem de Mello a Assunção, achava-se em construção um palácio na rua das Palmas. Destinava-se a habitação de Benigno Lopez, irmão do ditador.

A' espera de palácio havia-se Benigno contentado com casa de aparência simples. Ocupada Assunção, a casa provisória também c seria de inesperados moradores, Paranhos um, Osório o outro.

A' margem do Paraguai, em parte saliente da cidade, erguia-se meio construído um edificio de vulto, o Palácio Novo aprontado para Solano Lopez, amigo de luxar, mesmo em campanha e isto tanto em vestuário como em alimentação.

No Palácio Novo lá estava a obrigatória varanda, de proporções grandiosas, a frente do palácio de vista no rio, o fundo olhando para a cidade.

Na vida como na história a *mala suerte* tornou inseparáveis Solano Lopez e Elisa Lynch. Habitara esta em Assunção uma casa despida de aparência para contraste do grande luxo interior.

No fundo da residência da Lynch erguiam-se muros inacabados, os de futuro Teatro Novo, curiosamente a edificar pelo risco do Scala de Milão.

Homem de Mello, no Rio Grande do Sul tendo providenciado sobre aprestos militares, verificou que Assunção fôra conta de meditada preparação bélica, ainda a diziam o vasto quartel de S. Francisco, e fra da cidade, o campo de manobras de Salamanca onde no mais aceso da guerra, ainda se adestravam batalhões em marcha para Humaitá.

Consignou também Homem de Mello o luxo de alojamento de toda a família de Solano. Seu cunhado Vicente Barrios, morava em palacete mobiliado com grande riqueza e cheio de espelhos. Alguem viria para mirar-se neles de corpo inteiro, o marquês de Caxias. Talvez diante de algum dos grandes espelhos, a refletirem cena, estivesse Caxias a receber a comissão de oficiais vinda de Mato Grosso para felicitá-lo, naquela província já se julgando finda a guerra.

Homem de Mello não observou apenas Assunção. Esteve onde a guerra estivera. Vio Riachuelo de águas em solidão e silencio. Vio Santa Teresa, quartel general de Argollo durante a construção da estrada do Chaco para posse de Villeta e marcha de forças fôra do alcance da bateria de Angustura com a qual Lopez contava tanto.

De Angustura avistou Homem de Mello a suavíssima ondulação de Lomas Valentinas, de gradual subida para formar colina, os terrenos no Paraguai de maior ou menor inclinação para beira rio.

De Villeta, af rendida homenagem a muitos mortos de Avahi sepultos no cemitério da vila, passou Homem de Mello a Santo Antonio, já tendo avistado quando em caminho para Villeta dois arroios de sanguinosas águas, as de Avahi e de Itororó.

De viagem não ia Homem de Mello de corrida. Tratava com brasileiros, argentinos, orientais e mesmo paraguaios.

Por efeito da guerra encontrava o viajante toda aquela gente no seu trajeto, no qual travou relações com os coronéis Deodoro, Mallet e Francisco Gonçalves de Araújo. Organizara este um batalhão no Rio Grande do Sul, fazendo ao mesmo tempo um voto, o de não cortar barba enquanto não voltasse vencedor á terra natal. E com os dias a promessa se alongava.

Que casas acompanham as guerras? Os hospitais, as casas onde se busca salvar a vida que a batalha não tirou de golpe.

No Paraguai encontrou Homem de Mello uma de tais casas onde entre medicos e enfermeiros, muitos estudantes de medicina, avultava em grande figura da Caridade o vindourissimo simbolo da Cruz Vermelha Brasileira. Está nomeada D. Ana Nery, para gloria sua e a do seu sexo coevo.

Tendo seguido para a guerra acompanhando dous filhos, D. Ana Nery acabaria, acudindo a tantos, por ser a admirável substituta de quantas mães tinham seus filhos no exercito em operações.

Na *Viagem ao Paraguai* outras muitas informações fornece Homem de Mello. Quem o lêr convencer-se-á que, ensinando História do Brasil, sobretudo ao tratar da guerra do Paraguai, o mestre falava mesmo de cadeia.

JOIAS - RELOGIOS
ARTIGOS PARA
PRESENTES



O PINCE-NEZ DE OURO Uma organização
LUIZ RICART completa em
28, RUA DA CARIOCA, 28 - TEL. 22-4690 Ótica

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

Albino Mesquita & Cia.

Rua D. Manoel, 22 e 26
Telefone 42-1427
: RIO DE JANEIRO :

LUSTRES BRONZE - CRISTAL - MADEIRA FERRO BATIDO

LÂMPADAS DE MESA — COLUNAS APLIQUES
E ARANDELAS — LAREIRAS — CINZEIROS EM
FERRO BATIDO E PORTA GUARDA-CHUVA.

EMOINGT & Cia. Ltda.

Rua 7 de Setembro, 75 (Entre Avenida e Quitanda)
e Rua da Carioca, 53
RIO DE JANEIRO

Uma historia de galo (Continuação da pagina 73)

— Não sei, minha senhora. Mas posso lhe assegurar que esforço cerebral em excesso traz perda de memória...

— Mas então fazer tricô é esforço cerebral?

— Talvez a senhora tenha muitas preocupações...

— Ah, isso agora é outra coisa... Imagine que o meu sobrinho, o Raul, aquele de quem eu falo sempre...

E o sobrinho de dona Leopoldina tomou conta do assunto. Lá se foi a história do galo outra vez.

"Seu" Ferreirinha ficou pensando no galo o tempo todo, enquanto dona Leopoldina falava no sobrinho. Em lugar daquela voz lamurienta, a contar as estrepitias e vadiagens de um sobrinho ingrato, não seria muito mais interessante se ele estivesse com a palavra, narrando o que acontecera a primeira vez que o galo invadira a casa dêle?

Mas dona Leopoldina ignorava naquele momento tudo o mais que não fosse o sobrinho. "Seu" Ferreirinha não teve outro remédio senão aguardar outra oportunidade. Mau gênio era coisa que ele não tinha. Se tivesse estouraria naquela hora. A história ficou engasgada na garganta. "Seu" Ferreirinha a pensar que, afinal de contas, eram duas senhoras que estavam ali. Que educação era coisa que não lhe faltava, e que, embora elas não soubessem ser educadas, a obrigação dêle, como cavalheiro e como **doutor**, era escutar e engulir a raiva.

Mas, qual! A raiva ficou boiando na garganta a noite inteira. "Seu" Ferreirinha, lá por volta da meia noite, por mais que quisesse ser generoso, achava que tudo tinha um limite. Ele havia declarado de início que desejava contar uma história. A obrigação delas era conter a tagarelice e ouvir, gatassem ou não. Aquilo estava até ficando meio ridículo. Ele já perdera metade do gosto de contar. Por outro lado era um desafio. Mesmo que fosse a contra gosto delas contaria a história. Contraria. Passava de uma hora quando "seu" Ferreirinha adormeceu.

Acordou disposto a contar ou morrer. Se alguém interrompesse ele não daria importância, falaria mais alto, não permitiria que ninguém lhe passasse a frente. Foi para a repartição carrancudo, modos bruscos, falando autoritariamente. Muita gente estranhou aquilo. "Seu" Ferreirinha esteve para perder a atitude dominadora, mas refletiu que se afrouxasse chegaria à pensão com os mesmos modos afáveis e não contaria a história. Afinal de contas era uma dívida que tinha para consigo mesmo. Daquela vez contaria a história, nem que tivesse que brigar.

Jantou mais cedo que os outros. Quando a professora desceu ele fumava o seu cigarro. Olhou para ela com um ar de quem está disposto ao que der e vier. A professora estava tão entusiasmada com o vestido de linho branco que mandara fazer e que estreava naquele momento, que não percebeu o ar decidido de "seu" Ferreirinha.

— Como vai, doutor? — perguntou, risinha, puxando a cadeira e sentando-se.

— Bem, obrigado.

— Já jantou?

— Já.

— Então venha sentar-se aqui e me fazer companhia.

"Seu" Ferreirinha pensava em dar na conversa um jeito que puxasse a história

do galo. Tremia como um menino em dia de exame. Estava disposto, mas aquilo tomara agora um aspecto de luta de box.

O que havia de sensato e equilibrado em "seu" Ferreirinha revoltava-se contra aque-

(Continua na pág. 101)



Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Água de Colônia
Brilhantina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Algodão

O sonho côr de rosa
dos perfumes!

A VENDA
EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Massa para rolosSERVIÇO ESMERADO DE FUNDAÇÃO
DE ROLOS PARA TIPOGRAFIAS**G. M. LEITE**

Rua Evaristo da Veiga n. 111

(FUNDOS)

Telefone 22-2414 — Rio de Janeiro

FORMICIDA EM PÓ

“DUPRAT”Cianureto de sódio a
95/98%Aprovado e Registrado pelo
Serviço de Defesa Sanitária
Vegetal do Ministério da
Agricultura sob o N.º 212-V.UM PRODUTO DE FACIL
APLICAÇÃO E ÓTIMO
RESULTADO NO
COMBATE A**FORMIGA SAÚVA**

Indústrias Químicas Duprat

DUPRAT & CIA. LTDA.

Rua Visconde de Silva, 106

RIO DE JANEIRO

— BRASIL —

**CABELLOS
BRANCOS****CASPA****Quêda
dos
Cabellos****JUVENTUDE
ALEXANDRE****fixbril**
assenta e dá brilho
ao cabelo!Numeros atrasados desta
revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém

**Feira de
Cal em Búrcos**

LUIZ — Você fala, da varanda, de uma tal maneira que dá a impressão de ter estado em um mundo misterioso. Será você alguma rainha exilada?

REGINA — Eu sou uma rainha destronada.

LUIZ — Por que não me conta a sua história? Você ainda não compreendeu que o seu passado, os seus sentimentos, as suas emoções, enfim a sua vida me interessam mais que a minha própria vida?

REGINA — Obrigada, Luiz. Mas eu julgava até agora que apenas lhe interessassem os meus cabelos, os meus olhos à chinesa, a minha plástica, o meu corpo. Eu não pensava que o que diz respeito ao meu coração também lhe pudesse interessar. Você não tem por mim apenas... uma curiosidade... material?

LUIZ — Não, Heloisa. O que eu sinto por você não é apenas uma atração física, um sentimento banal, não é um desejo de aventura. O que eu sinto por você...

REGINA — Por favor. Não diga mais nada. Paremos de dançar. Vamos para aquela varanda. Eu estou me sentindo tonta. Oh, segure-me, Luiz!...

LUIZ — Vamos respirar um pouco ali na varanda.

(Passos e pausa)

LUIZ — Então? Sente-se melhor?

REGINA — Sim. Passou. Foi uma ligeira tontura. Fazia tanto tempo que eu não dançava... (Respirando) Como está agradável aqui nesta varanda... Sente-se, Luiz. (Pausa) Oh, mas não me olhe assim! Oh... (chora).

LUIZ — Chorando, Heloisa? Que tem você?

REGINA — Nada. Não tenho nada. Estou nervosa. Estou indisposta. Com licença. Eu vou me recolher. Até amanhã.

LUIZ — Até amanhã, meu amor.

(Passos afastam e passos aproximam)

WALTER — Com licença, dr. Vilela. Está tão pensativo. Gosta de contemplar as estrelas?

LUIZ — Está uma noite tão bonita, não é? E a vista que daqui se descortina é uma verdadeira maravilha.

WALTER — Um cigarro, doutor?

LUIZ — Obrigado. Sente-se, sr. Walter.

WALTER — Creio que poderei apreciar um pouco a sua palestra. Madame Casa Branca já se recolheu? Encontrei-a bastante agitada. Disse-me que já ia dormir.

LUIZ — E'... ela está um pouco nervosa.

WALTER — Arrufos, doutor?

LUIZ — Minha amizade com a dona Heloisa é bastante cerimoniosa para que possa haver arrufos entre nós dois. O senhor está equivocado, sr. Walter.

WALTER — Mas não seria crime nenhum, dr. Vilela. Ambos são moços e a convivência entre duas criaturas como o doutor e aquela senhora poderia perfeitamente resultar num caso de amor. Desculpe-me, se me enganei.

LUIZ — Eu acho que o senhor foi um tanto precipitado.

WALTER — Peço-lhe mil desculpas. (Pausa) Dr. Luiz, eu estou esperando por esses dias uma parenta minha, uma moça estrangeira, uma criatura de beleza extraordinária, muito moça, muito interessante, que faço questão de lhe apresentar.

LUIZ — Terei muito prazer, sr. Walter.

WALTER — Eu tenho a impressão de que o senhor

vai se apaixonar desenfreadamente. Poderemos fazer uns passeios. O senhor me ajudará a conduzi-la por S. Paulo, que ela não conhece. O senhor vai gostar bastante da Suzy.

LUIZ — Espero que sim. Se é sua parenta deve ser atenciosa e gentil como o senhor.

(Música)

JOSEFA — E então, Zé Pedro? Como vão as coisas por lá? Você esteve com ela?

ZÉ PEDRO — Estive. Hum... mas é uma luta para eu entrar naquele apartamento. Você compreende, não é? Ele pode me reconhecer. E ele vive rondando o apartamento dela, Josefa. O homem está mesmo apaixonado!

JOSEFA — Então as coisas vão bem...?

ZÉ PEDRO — Se vão. As coisas vão muito bem!

JOSEFA — Por que é que ela não decide isto logo de uma vez? Não acaba com este mistério de uma vez?

ZÉ PEDRO — Ela tem os seus planos... ela sabe o que faz...

LUIZINHA (entrando desesperada) — Oh, Josefa!... Josefa!... Zefinha!... Eu sou uma infeliz... (chora) Josefa!... Você tem que me socorrer!...

JOSEFA — Que é isto, Luizinha? Que foi aconteceu com você?

LUIZINHA — Ah, Josefa... eu...

(Encerramento)

CAPÍTULO XIX

LOCUTOR — Luiz procura conquistar a estranha hóspede do hotel. E' tão forte o sentimento de Luiz que nem chega a suspeitar que ele procura conquistar sua própria esposa. Regina vê o seu plano coroado de êxito; nos passeios que fazem ela pode constatar que aquele materialista desapareceu... e agora surge um outro mais compreensivo, mais humano... o homem que ela sempre desejou que ele fôsse. Levy consegue encontrar Suzete e esta explica que fugiu de sua companhia por causa de Walter, que a perseguia. Com esta explicação ela deixou um tremendo veneno no coração de Levy. Walter, sabedor de que Luiz está em S. Paulo, procura uma aproximação, o que afinal consegue. Entretanto, em S. Vicente, Luizinha continua recebendo cartas do seu adorado Netuno. Zé Pedro vai a S. Vicente para visitar Luizinha, e conta para Josefa que ele encontra grande dificuldade em falar com Regina, porque o dr. Luiz não a deixa um só instante, e pelo que ele observou acha que Luiz está apaixonado sem saber que é pela sua própria esposa. E o capítulo terminou quando Luizinha entra desesperada...

LUIZINHA (entrando desesperada) — Oh, Josefa!... Josefa!... Zefinha!... Eu sou uma infeliz... (chora) Josefa!... Você tem que me socorrer!...

JOSEFA — Que é isto, Luizinha? Que foi aconteceu com você?

LUIZINHA — Ah, Josefa... eu... eu preciso ir ao Rio. Imediatamente, Josefa.

que a alma de todos os alibis e contradições. Luízinha continua em S. Vicente, recebendo diariamente cartas do seu Netuno. Josefa, numa visita que faz a São Vicente, encontra Luízinha, que lhe diz que agora só verá o seu amado no dia em que puder dizer quem são os seus pais e a sua família. E o capítulo terminou quando Luiz e Regina desciam a escadaria do hotel. Esta dizia a Luiz...

REGINA — Foi uma ótima idéia. Está uma noite esplêndida. O luar está sugerindo uma excursão de automóvel. Está uma noite linda, não é?

LUIZ — Está, sim. Está uma noite maravilhosa. Eu apenas lamento que não possamos ir sós. Seria bem mais encantador.

REGINA — Ah, convidou mais, alguém?

LUIZ — Por uma questão de gentileza, fui obrigado a convidar aquele cavalheiro que está lá em baixo à nossa espera. Dê-me o seu braço. Vamos descer...

(Ruído de passos descendo uma escada)

REGINA — Mas quem é aquele homem? E' aquele o seu convidado? Mas eu conheço aquele homem. Ham... aquele homem é...

LUIZ (voz baixa) — Cale-se. Contenha-se. Ele pode ouvi-la. Depois me dirá de onde ele é e de onde o conhece.

REGINA (voz baixa) — Tenha cuidado com ele. Esse homem pode lhe fazer muito mal.

LUIZ (voz baixa) — Mas finja que não o conhece. Tenha calma, minha amiga... eu procurarei dissimular.

(Música)

GERALDO — Já veio a correspondência?

CREADO — Já, doutor. Vieram estes jornais e uma carta.

GERALDO — Até que enfim! Uma carta do Luiz. Mas como demorou a escrever! Vejamos o que conta ele.

VOZ DE LUIZ (lendo a carta) — Caríssimo Geraldo. Eu já lhe devia ter escrito, mas estive até agora perplexo diante de mim mesmo. Sim, meu amigo. Eu não me explico este fenômeno. Geraldo. Eu estou estupidamente apaixonado. Encontrei enfim a mulher capaz de arrancar do coração a saudade de Regina, esta saudade que me reduziu a um autômato. E' uma criatura lindíssima. De uma inteligência invulgar, com uma personalidade inquietante. Há porém um mistério qualquer na sua vida. Apenas consegui saber que ela veio de São Vicente, uma praia rústica onde reside, e que seu sobrenome é Casa Branca. Como vê até no nome ela é bizarra, mas me prendeu de tal maneira que por ela eu seria capaz de desistir até do meu invento. Não se assuste porém, pois, muito ao contrário, creio que ela vai me ajudar e pode até ser utilíssima nas investigações que aqui vim fazer. Ao contrário do que nos havia afirmado a Suzete, não encontrei aqui, no hotel, ninguém com os traços do Levy. Mas já identifiquei o seu companheiro que, por sinal, já procurou insinuar-se até fazer relações comigo. Depois lhe escreverei enviando maiores detalhes. No momento, porém, o que me ocupa é a minha estranha companheira.

GERALDO — Mas justamente agora é que o Luiz vai apaixonar-se? Agora que tem nas mãos o fio da meada.

Há de ser uma eterna criança este senhor meu cunhado. E esta mulher não irá perturbar os seus planos? Eu preciso ir a São Paulo. Eu vou socorrer o Luiz.

(Campainha)

CREADO — O senhor chamou, dr. Geraldo?

GERALDO — Chamei. Prepare as minhas malas. Amanhã eu irei viajar. Preciso ir a São Paulo.

CREADO — Mas dr. Geraldo, eu vinha justamente lhe avisar que telefonaram há pouco do hospital, dizendo que a operação do ministro Gonzaga foi marcada para amanhã à tarde.

GERALDO — Ora! Que massada. Então desisto, José. Desisto! Tão cedo não poderei viajar. O médico é o eterno escravo dos doentes...

(Música)

(Rumor de cavalos trotando no asfalto)

LUIZ — Apesar da sua graça tão feminina sabe que fica linda com este traje de montaria?

REGINA — E eu estou admirada de como ainda sei montar. Há tantos anos que não praticava a equitação.

LUIZ — Pois olhe, está montando com uma elegância única. Com um garbo todo especial.

REGINA — E' o grande poder conservador do subconsciente.

LUIZ — O subconsciente é o grande arquivista que não falha (pausa). E... a propósito... sabe que a sua presença alvoroça, de maneira tremenda, o meu subconsciente?

REGINA — Sim? E por que?

LUIZ — E' um fenômeno interessante. Mas a sua voz e as suas mãos me fazem recordar tanto uma criatura que perdi. Há ocasiões em que o timbre de sua voz quase que opera uma ressurreição. (Pensativo) Parece-me que a tenho diante de mim!

REGINA — E... eu posso saber quem era essa criatura?

LUIZ — Algum dia lhe contarei. Ainda é cedo, porém.

REGINA — Está bem. Defeito que não faz parte da minha graça feminina é a curiosidade, tão peculiar às mulheres.

LUIZ — Mas uma mulher de inteligência superior como a sua, antes de ser curiosa, tem o grande senso da oportunidade...

REGINA — E será por obediência a essa arte da oportunidade que ainda não me interrogou sobre o meu espanto de ontem, ao avistar aquele cavalheiro?

LUIZ — Esperava que espontaneamente me desse uma explicação. Afinal, de onde o conhece? Parece-me que ele não tem a menor lembrança a seu respeito.

REGINA — Não. Ele não pode lembrar-se de mim. Mas eu sei muito bem quem ele é. E mais uma vez lhe peço: tenha cuidado com aquele homem. Dr. Luiz, aquele homem é um espião.

LUIZ — Como sabe? De que maneira o conheceu? De onde o conhece?

REGINA — Essa também é uma história que algum dia eu hei de lhe contar. Mais tarde eu lhe contarei.

LUIZ — Pois saiba que eu vim para este hotel unicamente para me aproximar daquele homem. Ele ia ao Rio de Janeiro no meu encalço. Antes porém que ele fôsse eu vim para aqui. Ele, que ignora os meus intentos e nem por sombra suspeita que eu esteja inteirado das suas manquinações, como viu, já se insinuou e está forçando uma intimidade comigo, tudo isto para chegar ao fim criminoso que pretende. Mas eu, estando prevenido como estou, tenciono fazer que se volte o feitiço contra o feitiçeiro.

REGINA — Eu estou pronta a ajudá-lo. Também conheço aquêlê homem e sei de que força ele é... Aceita a minha colaboração?

LUIZ — Mesmo que não tivesse o caso difícil que tenho a resolver com aquêlê cavalheiro, eu seria capaz de inventá-lo para ter a sua colaboração...

REGINA — Bem, agora vamos... vamos esquecer as preocupações, num galope gostoso pela estrada? Vamos?

LUIZ — Sim. Galopemos.

(Rumor de cavalos em galope)

(Música)

LEVY — Mas então, Suzete, você não me quer mais? Por que você me abandonou, minha Suzete? Vamos voltar para São Paulo. Eu prometo, de hoje em diante, lhe dar uma vida esplêndida. Você vai ver como tudo vai mudar. Vamos, Suzetinha! Eu não posso passar sem você. Eu agora vou ganhar muito dinheiro. Vai ser tudo uma verdadeira maravilha. Venha comigo, minha Suzetinha.

SUZETE — Não me aborreça, homem. Eu já não lhe disse que não vou?

LEVY — Eu prometo rranjar as coisas tão bem que muito breve nós viremos aqui para o Rio e vamos ficar mirando aqui com sua mãe.

SUZETE — Puxa! Coitada da minha mãe! Mas me deixe em paz, sabe! Eu custei tanto a me livrar de vocês. E você pensa que eu vou me meter outra vez na boca do lobo? Qual. Você é muito ingênuo, Levy...

LEVY — Então você não gosta mais de mim?

SUZETE — Olhe. Eu vou lhe contar uma coisa. Depois que você souber do que se trata, você mesmo será o primeiro a não querer me levar para S. Paulo.

LEVY — O que é?

SUZETE — Levy, eu não posso voltar para São Paulo por causa do Walter.

LEVY — Que tem o Walter com você?

SUZETE — Foi por causa dele que eu fugi. Você compreende... eu sou uma mulher séria. Eu queria ser fiel a você... além disso eu sei o quanto você é ciumento...

LEVY — Sim. E daí?

SUZETE — O Walter me perseguia de uma tal maneira que a minha vida já era um inferno. Ele chegava a me fazer ameaças. Um dia ele até me disse que se eu não o quisesse ele se vingaria, matando você. Eu fiquei apavorada e fugi. Fugi para me salvar e para salvar você.

LEVY — Aquêlê miserável! Ele me pagará.

SUZETE — Livre-se dele primeiro. Depois disso eu voltarei para você. Mas enquanto você e o Walter estiverem ligados, eu não poderei estar na sua companhia. A verdade é esta, meu amor.

LEVY — Está bem. Se é assim, eu sou mesmo o pri-

meiro a não exigir o seu regresso. Eu bem desconfiava daquele bandido. Ele vai ver uma coisa. Miserável. Pensa que eu vou ser eternamente um escravo. Pois sim. Eu hei de me livrar daquele patife. Ele há de ver. Eu vou me embora, Suzete. Mas qualquer dia eu voltarei. Você promete que me espera?

SUZETE — Prometo. Vá tranquilo, meu amor.

LEVY — Então até à volta, meu bem.

(Passos; porta que fecha; pausa)

SUZETE (chama) — Mamãe... mamãe...

MÃE (entrando) — Que há, minha filha?

SUZETE — Vá tratando depressa de preparar nossas malas. Nós precisamos fugir do Rio. Vamos voltar para Porto Alegre. E' preciso que eu me livre de uma vez dêsse Levy.

MÃE — Mas minha filha, você não vai esperar o pagamento, a recompensa do dr. Luiz?

SUZETE — Depois eu escreverei para ele. Mais tarde, quando eu puder voltar tranquila ao Rio de Janeiro, eu mesma virei buscar a minha recompensa. Por enquanto eu estou contente com a minha vingança.

MÃE — Mas talvez ele precise ainda de você.

SUZETE — Qual nada. O dr. Luiz nem sabe o serviço que eu acabei de lhe prestar.

MÃE — Ah, sim. E que serviço foi êsse?

SUZETE — Eu botei os dois galos na rinha, mamãe.

MÃE — Eu não estou entendendo. Que é que você quer dizer?

SUZETE — Olhe, mamãe: eu aqulei as duas feras.

MÃE — Que feras, Suzete?

SUZETE — O Walter e o Levy.

MÃE — Ah, as duas feras são o Walter e o Levy?

SUZETE — E então a senhora não sabe? Aquelas duas feras que eu odeio. Acha pouco o que eu sofri lá na Europa? Sem poder dar um passo que não fôsse vigiada, sem ter notícias da senhora, com aquêles dois homens me escravizando, com medo que eu descobrisse as suas artimanhas e saísse para contar tudo à polícia. Bem que eles me escondiam os seus segredos. Mas eu não fui tola e eles nem sabem que eu sei de tudo, de todos os seus planos, que agora eu os tenho, a todos eles, aqui na minha mão.

MÃE — E então por que quer fugir?

SUZETE — Eu já contei tudo ao dr. Luiz. E agora vou me esconder para esperar o fim (ri). Agora sim. Completei o meu serviço. Soltei os galos na rinha. Aqulei as feras (ri).

MÃE — Mas que quer dizer isto, Suzete?

SUZETE — Isto quer dizer que as feras vão se devorar.

(Intervalo)

LUIZINHA — Tem carta para mim, senhor agente?

AGENTE — Como não, dona Luizinha? A senhora é que está dando movimento à agência de São Vicente. Foi preciso que a senhora arranjasse um namorado, p'ra isto aqui sair da pasmaceira. Também, agora, o movimento é grande.

LUIZINHA — E queira Deus que continue sempre assim. Que não haja nenhuma interrupção.

AGENTE — Não peça isto a Deus, minha menina.

Quer ficar a vida inteira recebendo cartas? Ficar a vida toda longe dêsse moço? Olhe, dona Luizinha: longe dos olhos longe do coração. (Pausa) Está aqui a sua carta. Que traga boas notícias, é o que lhe desejo.

LUIZINHA — Obrigada. Agora aqui está a minha.

AGENTE — Porte simples?

LUIZINHA — Não. Expressa.

AGENTE — Sim. Eu já nem devia perguntar. A senhora só manda carta expressa. (Sorrindo) E' p'ra chegar mais depressa, não é? Ah, os namorados! Ah, o meu tempo! Eu mandava cada verso bonito nas minhas cartas! Mas eu não ficava só nesse negócio de cartas, não. Sim, porque... longe dos olhos longe do coração.

LUIZINHA — Está bem. Então, muito obrigada e até amanhã.

AGENTE — Até amanhã, minha menina. Vá com Deus.

(Passos de Luizinha que se afasta)

(Pausa)

LUIZINHA (em solilóquio) — E não é que aquele homem me impressionou! Será mesmo, meu Deus? "Longe dos olhos longe do coração". Não... eu não devo pensar nisto. Eu vou ler a carta de meu amor.

(Papel que rasga)

VOZ DE ANDRÉ — Luizinha... eu já não suporto mais esta separação. Por que você me condena a êste exílio? Por que não me deixa voltar a S. Vicente? Eu preciso vê-la. Eu não posso viver sem você. Às vezes chego até a duvidar de seu amor. Um amor que se compraz na distância, um amor que resiste a uma ausência tão longa, que não fraqueja ao rigor de uma saudade tão dolorosa, não pode ser um grande amor. Ah, Luizinha! E' muito triste. Mas eu começo a duvidar de você, que era a minha esperança e a minha fé. E tudo isto porque você se obstina em manter o meu degrêdo, e tudo isto porque você me condena a esta separação. Responda-me depressa e me diga: quando poderei ir a S. Vicente? Fiquemos noivos de uma vez. Espero sua resposta com uma ansiedade enorme. Do sempre teu, Netuno.

(Música)

CREADO — Doutor, aqui está a sua carta.

ANDRÉ — Oh, mas como demorou desta vez! Obrigado, Francisco. E não se esqueça de ir tôdas as manhãs à posta restante, hein?

CREADO — Deus me livre de esquecer. Quando estas cartas demoram o senhor quase fica doente. E, outro dia, quando me esqueci, eu sei bem o que me custou.

ANDRÉ — Bem, retire-se. Mais tarde você porá em ordem o meu quarto. Agora eu quero estar só.

(Passos e porta que fecha)

(Rumor de papel)

ANDRÉ — Hum... que carta pequenina. Depois de tantos dias! Que me dirá ela em tão poucas linhas? Veja-
mos, vejamos de uma vez.

VOZ DE LUIZINHA — Meu querido. Recebi sua carta crivadinha de injustiças. Então você duvida de mim? Já li, não sei onde, que a dúvida alimenta o amor. Continue então duvidando. Até que eu possa trocar êsse combustível por um carinho eterno, um carinho mais intenso que outra flama qualquer. Até êsse dia, o dia em que lhe possa entregar inteiramente a minha pessoa já despida de mistérios, já liberta dos recalques que me impedem de lhe abrir os braços, espere. Eu não lhe pergunto por que não tenho o seu enderêço aí no Rio e só lhe posso remeter minhas cartas para essa misteriosa caixa postal... até lá, contentemo-nos ambos com a saudade e com o amor.

ANDRÉ — Não... também não lhe contarei nada. Enquanto não merecer uma confidência dos seus lábios, eu também não lhe farei a minha confissão.

(Música)

(Campainha da porta; passos; porta que abre)

MANUEL — Que deseja, cavalheiro?

LEVY — E' aqui a residência do dr. Vilela?

MANUEL — E' sim. Mas o doutor não está.

LEVY — E a que horas eu poderei encontrar o dr. Vilela? E' um assunto de grande importância e de grande interêsse para êle.

MANUEL — Sinto muito, cavalheiro, mas o dr. Vilela não está no Rio.

LEVY — Ah, êle não está no Rio? Vai demorar-se? Eu precisava tanto lhe falar. E para onde viajou o dr. Vilela?

MANUEL — Não lhe posso informar; o meu patrão quando viaja não costuma dizer aonde vai. Mas eu creio que êle não deve demorar.

LEVY — Bem, neste caso eu esperarei o seu regresso. Eu ia para S. Paulo hoje mesmo. Mas vou esperar que o dr. Vilela esteja de volta. Eu preciso muito lhe falar. Dentro de uns 15 dias eu voltarei aqui.

(Música)

(Campainha do telefone)

WALTER (atende) — Alô... é êle mesmo. Como? Ah, Rio de Janeiro. Sim. E' êle mesmo. Pode ligar, senhorita. (Pausa) — Alô... E' o Levy? Sim, aqui é o Walter. Sim. Sou eu mesmo, fale homem. Como? Ainda não encontrou a Suzete? Está bem. E'... E' melhor. Não volte sem ela, hein? Você já sabe que a sua segurança depende da volta dessa mulher. Arranje-se. Não. Não vou lhe mandar dinheiro, não. Ora, você sabe se arranjar muito bem. Só mandarei dinheiro para a passagem da Suzete. Guarde o dinheiro da sua passagem e não me apareça aqui sem a Suzete, ouviu? Alô... Alô... (ri) Desligou danado da vida. (Ri) Aquela pombinha bateu as asas, mas ela tem que cair nas garras do gavião!...

(Música)

(Sala de dança; ouve-se uma valsa)

REGINA — Eu estou me desconhecendo. Há dias montei a cavalo com uma perícia que não me julgava capaz. Eu já não montava há alguns anos. Hoje estou dançando uma valsa com a mesma leveza de antigamente. E' um verdadeiro milagre o que está se dando comigo.

O Cidadão Erich Kleiber

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 48)

Se acharam que não deveria ter dirigido de uma tal maneira, poderiam também ter opinado no sentido oposto. A única liberdade que lhes concedo é a de dizer que, para seu gosto, não estava bem. O papel é paciente e a tinta complacente. As tolices fluem naturalmente. Aliás, não é o gosto que deve presidir ao julgamento da interpretação. Nem o hábito. O fato de estarmos habituados a ouvir de tal maneira não significa que tal maneira é certa. Há os seus hábitos... E' preciso estudar, pesquisar. Não faço nada arbitrariamente. Estudei longamente a obra de Beethoven, e acho que me impregnei suficientemente da sua "atmosfera".

Aproveitando a vantagem obtida, fiz outra pergunta: — Que acha da música brasileira?

Kleiber imediatamente abandonou a divagação a respeito da crítica e falou com entusiasmo da nossa música.

— Vou dar um festival de música brasileira. Camargo Guarnieri, Lorenzo Fernandes, Mignone, Villa Lobos... Conversei com ele ontem. Um homem admirável. Contou-me os seus projetos. Acho que ele tem toda a razão. E' preciso ensinar, ensinar. Francisco Braga... Foi muito amável comigo o ano passado. Pena que tenha falecido. Gosto muito de um dos compositores mais jovens do Brasil, um rapaz de muito futuro: Claudio Santoro (sic). Foi uma pena não ter lugar para ele no meu programa.

Aludo, a respeito de Santoro, à música moderna e à luta dos compositores para poderem ouvir suas obras. Não têm oportunidade, o que resulta às vezes em defeitos de orquestração, tornando-se esta pouco límpida, ou contendo efeitos absolutamente dispensáveis porque não são ouvidos ao ser executada a obra.

Novamente Kleiber me faz uma daquelas perguntas irrespondíveis.

— Mas quem cuida disso? Por que não organizam uma sociedade?... Há tanto dinheiro gasto atôa por aí... Falo em Música Viva. Ele aprova mas não acha suficiente.

Kleiber lembra Szenkar. Por que não faz alguma coisa? Respondo que Szenkar alega razões econômicas. Kleiber, depois de elogiar a capacidade do colega, diz achar que ele faz concessões demasiadas ao mau gosto.

De repente, Kleiber levanta-se:

— Tenho que ir. Adeus.

— Meus ossos estalam sob a pressão forte.

— Até breve.

O CIDADÃO ERICH KLEIBER

Depois que ele se retirou, ocorreram-me novas perguntas, novas sugestões. Mas Kleiber já ia longe, com passo apressado.

Naqueles poucos instantes a figura do regente adquiri-

rira, à minha vista, a consistência de um ser humano. Sobre o estrado, com a batuta na mão, ele é outro. Eu estive com o homem. Passou a meu lado, passou diante de mim a sua indiferença (ou exasperação?) diante de uma crítica mínima. Poderia ter pedido detalhes de sua vida. Tivera, é certo, o maestro Kleiber ao natural, mas não pedira a ele que evocasse o menino que tocava violino de ouvido, o regente que assistiu ao advento do hitlerismo com uma orquestra de Berlim, não gostou e partiu. O artista honesto que não rege de cor por vaidade, mas da maneira mais natural, assim como nós não pensaríamos em cantar o hino nacional com os versos na mão, lendo. Recordei que o maestro Mignone contou que, em sua casa, vendo-o tirar o paletó, numa tentativa de terminar com a cerimônia, Kleiber dissera:

— Agora, sim, sinto-me como que em minha casa.

Na rua, avistei o maestro saltando, agilmente, num

carro que estava à espera. Dentro de alguns instantes ele desaparecia, na esquina próxima.

A minha frente havia um cartaz:

Sexta-Feira — Erich Kleiber.

Uns músicos da orquestra do Municipal passaram e conseguiram ouvir o comentário:

— E' formidável!

— Quem? — perguntei, à queima-roupa.

— Kleiber — responderam-me, imediatamente.

Em seguida, curioso:

— Quem é o senhor?

— Não importa — respondi afastando-me. Ele ficou boquiaberto.

Grande homem! Quem? Ora, Kleiber!

Essa, ao que parece, é a opinião geral na portaria do Hotel Glória. Concorde a crítica e os porteiros. O homem deve ser, de fato, extraordinário...



*Suscite admiração
Que atinja o coração...
"Amor" é o tom
Ideal do seu Batom...*

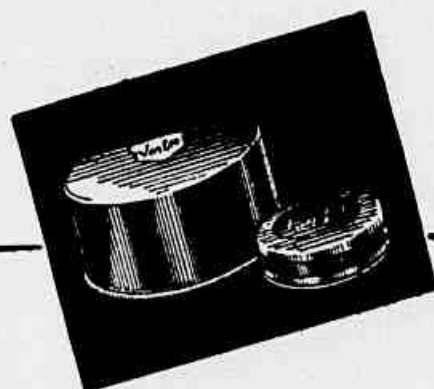
tonalidade sensacional... divina...
sem igual... a base exclusiva de
"creme veludo" desta famosa marca
norte-americana suaviza, protege
e embeleza os lábios.

Batom para os lábios

Van Ess

a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!



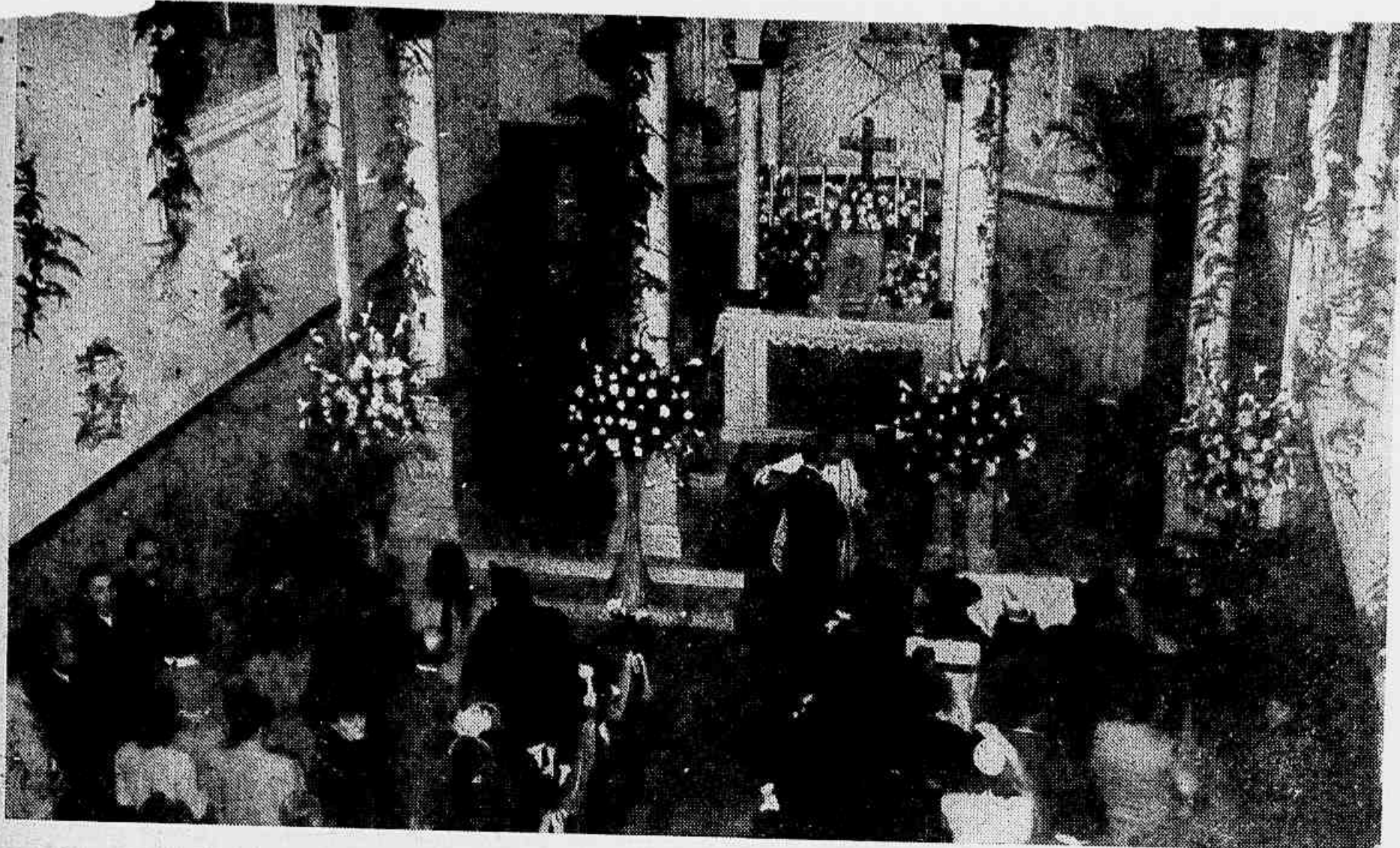
★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.

REVISTA DA SEMANA

Comunicamos aos interessados que não está mais em vigor a autorização conferida ao sr. Olimpio de Lucena Montenegro para obter matéria destinada a esta revista.

Rua Maranguape, 15 — Rio.

A Administração.



O JUBILEU MATRIMONIAL DO CASAL SALIM NEDER

Na manhã do domingo 10 do corrente mês, teve lugar na igreja de São Basílio, com grande pompa, missa em ação de graças pela passagem, naquela data, do jubileu matrimonial do distinto casal Salim Neder-Maria Neder, figuras sobejamente conhecidas e relacionadas em nossos meios sociais e na colônia sírio-libanesa, em os quais desfrutava de grande estima.

O templo da rua do Núncio 17 estava repleto de pessoas das relações do ilustre par, destacando-se conhecidas figuras dos nossos meios comerciais, industriais, bancários e da progressista colônia a que pertencem os homenageados. A cerimônia religiosa revestiu-se de grande brilhantismo, sendo oficiada por monsenhor Elias Coueter, coadjuvado por monsenhor Leovigildo Franca, que pronunciou inspirada oração, exaltando as virtudes cívicas e morais do estimado casal que ali estava

comemorando 25 anos de união matrimonial.

A noite, na luxuosa residência do sr. Salim Neder e senhora, à avenida Copacabana, as solenidades tiveram prosseguimento com uma recepção às pessoas de suas relações de amizade, estando seus salões repletos do que mais fino existe em nossa sociedade. Foi assim uma festa de cocktails, música e inteligência, com que o senhor e senhora Salim Neder e sua distintíssima filha encantaram a todos, proporcionando motivos de arte, elegância e bom gosto, deixando impressões imorredouras na lembrança de todos.

As fotografias que ilustram esta notícia mostram o sr. Salim Neder e senhora no interior do templo, e um detalhe da senhorita Gloria Neder, filha do casal, fazendo a sua saudação, cheia de carinho e afeto, que a todos muito sensibilizou.



Um segredo pelo outro

(Continuação da pág. 91)

com uma bala na cabeça, vestida inteiramente de preto, com uns enfeites brancos no colo. Na sua mesa de cabeceira havia duas cartas. Uma na letra de Cory, e que continha somente essas palavras:

"Nunca mais. Você me dá nójo."

A outra era na letra de Marilyn e estava endereçada à mulher de Cory. O inspetor, cometendo um grave irregularidade, guardou as duas cartas, não deixando que ninguém as visse.

O caso, afinal, não é tão difícil de explicar. Uma luz? Por que tinham olhado para cima? No apartamento de Marilyn foi encontrado um pequeno holofote em miniatura. Com ele ela atraía a atenção do povo que estava lá em baixo. Depois empurrara Cory. Estava vestida propositalmente de preto com um enfeite branco no peito. Parecia um homem de smocking.

Depois descobriu-se que ela, na verdade, não estivera todo o tempo com Carla, no toilette. Mas, como se tinha desde o primeiro momento estabelecido que era um homem o assassino, ninguém investigara muito o alibi dela.

Cory, como o médico previra, descobriu logo o assassino ao ficar frente a frente com ela. Porém não ousou revelar a verdade, porque recuperando a memória lembrou-se de tudo, de tudo, isto é, que Marilyn esperava que ele se casasse com ela, tinha feito tudo para isso e ele amava Carla. Vendo que seu amor era sincero e que ele não lhe dava mais atenção, Marilyn ameaçou contar à moça o que houvera entre eles, que, na verdade, não fora nada mas que poderia ser mal interpretado. Ela fazia chantagem. Naquela noite, enquanto Carla estava no toilette, ela fora procurar Cory trazia no seio a carta que ele escrevera a chantagem, sim, que o impedisse de casar com Carla. E fizesse voltar para junto dela, Marilyn. Nunca fora a resposta. Louca de ódio, ela planejou o crime e foi mal sucedida.

Quando ele voltou e descobriu tudo continuou a situação tremenda. Porém Marilyn, depois de impor-lhe o silêncio — era agora a troca de um segredo pelo outro — não conseguiu aguentar o espetáculo da felicidade de Carla e Cory. Suicidou-se.

Lucius, que sabia de tudo, amigo íntimo de Cory, aconselhara-o a que procurasse o inspetor, mas Cory não tivera coragem de contar toda a história. Marilyn forneceu um epílogo ao drama, com sua morte trágica.

O inspetor, hoje, é um grande amigo de Cory.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Industria Mecanica e Metalurgica "VALNE" Ltda.

Fabricantes de móveis de aço em geral, marca "WALNE"

Almeida Dale & Cia.

VENDEDORES AUTORIZADOS

Calculadores "FRIDÉN"

Móveis de Aço "WALNE"

Máquinas de ESCREVER

Máquinas de Somar "PRECISA"

Rua do Rosário, 79 — 1.º andar — Telefone 23-4522

P A P E L

De todos os tipos

Fornecedores da

REVISTA DA SEMANA



Representantes:

COMPANHIA

IMPORTADORA

SUECA Ltda.

Av. Rio Branco, 52 - Tel. 23-0632

RIO DE JANEIRO

Uma historia de galo

(Continuação da página 95)

la obsessão absurda. O seu lado mau, diabólico insuflava a história do galo como uma questão de honra. "Seu" Ferreirinha argumentava consigo mesmo, dizendo que não podia deixar-se dominar por frioleiras. Num dado momento sentiu-se disposto até mesmo a largar de lado a história. Mas a professora queria conversar:

— Doutor Ferreira... o senhor está me devendo uma história...

Fingiu-se desentendido, distante:

— Eu?...

— Como não? Lembre-se de que ontem ia começando uma história e não terminou, não me lembro por que... Creio que se esqueceu.

"Seu" Ferreira ia dizer qualquer coisa grosseira, sentou-se direito na cadeira, mas conteve-se a tempo. Não faltava mais nada, agora! Dizerem que ele havia esquecido... Parecia até picuinha. Enguliu em seco.

— Realmente.

Dona Angelina tomava a sopa rapidamente, como se o mundo fosse acabar naquela hora. Entre a penúltima e a última colherada perguntou:

— E então, não quer contá-la?

— É um caso interessante, realmente. Imagine que havia ao lado da minha casa um galo que cantava desafinado que era um horror...

Dona Angelina riu:

— Galo desafinado é uma tristeza...

— O galo, além de desafinado, subia no muro para cantar. Eu estava ocupado, estudando qualquer coisa intrincada de Direito Internacional, e o galo a fazer exhibições de mau gosto. Aquilo me desesperava, mas eu procurava me controlar o mais possível. Nunca fiz uma reclamação ao dono do galo.

Dona Angelina entregou o prato de sopa e pediu ao garçon que andasse depressa. Voltou-se depois para ele:

— Conforme o senhor ia dizendo...

"Seu" Ferreirinha fez uma pausa. Ficou em dúvida se continuava ou não.

Mas continuou:

— O galo, não satisfeito em fazer todo aquele estardalhaço, passou a voar para o meu quintal. Aí, então, eu reclamei. Fui ao dono do galo e disse com toda franqueza que aquele galo me desagradava, me atrapalhava os estudos...

Dona Leopoldina apareceu na sala e cumprimentou a professora. Disse um boa noite rápido ao doutor Ferreira e concentrou toda a sua atenção no vestido novo da professora:

— E' éste, então? — perguntou, examinando-o de alto a baixo.

— Éste mesmo.

— Ficou bonito. Eu, pelo menos, gosto de roupa assim. Simples, mas bem feita...

— Ficou um pouco mais curto do que

— Mas isso não tem importância. Se eu esperava — retrucou a professora.

você não gostar, manda concertar. O bordado é feito à mão?

— É.

— Por isso é que ficou tão caro...

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Nas cores:

- * Branco
- * Rosa
- * Raquel
- * Ocre-claro
- * Ocre-escuro

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

R. FERREIRA

O que se passava dentro de "seu" Ferreirinha era indescritível. Deve ser a mesma coisa que se passa no íntimo dos as-

sassinos, dos que matam por privação dos sentidos. O homem estava lívido. A professora continuava a comer com muita pressa. Voltou-se para a amiga e disse:

— "Seu" Ferreirinha estava contando uma história. Não quer escutar também? Dona Leopoldina desculpou-se?

— Meu marido já vem descendo as escadas e ele gosta de jantar logo. Depois fico sabendo o que é.

Parecia desaforo. Era desaforo. Ele, então, podia escutar horas a fio qualquer história que dona Leopoldina resolvesse contar, e ela não podia gastar uns dois minutos ouvindo a dele?

— Dá licença, "seu" Ferreirinha?

— Pois não, minha senhora — falou, com voz estrangulada. — Pois não!

Dona Leopoldina afastou-se com dignidade.

— Continue, "seu" Ferreirinha — pediu a professora.

"Seu" Ferreira estava com os nervos em tiras. A voz tremia e não conseguia sair. Fez um esforço enorme, puxou o lenço, enxugou a testa que escorria suor. Cerrou os dentes. Venceu o ódio e continuou.

— Reclamei uma, duas vezes... O dono do galo não se importava. Um dia

o galo apareceu cantando dentro da minha própria casa. Saí como um desesperado. Fui ao dono do galo e disse: "Se o senhor não prender este galo eu ainda acabo matando-o!"

A professora sorriu compreensiva. "Seu" Ferreirinha sentia que a história estava perdendo toda a qualidade, qualquer coisa imponderável que deve acompanhar uma história, para que ela possa prender a atenção de quem a ouve. E como poderia dar-lhe todo o colorido, se a história estava saindo aos retalhos, como se fosse um pano de amostra? Notava pelo rosto da professora que ela não estava lhe dando toda a atenção que ele desejava. A história já não estava saindo como devia e, além do mais, ia esbarrar nos ouvidos de uma mulher distraída. Es-

Petisqueiras a Portuguesa

AO



RESTAURANTE

COSINHA ESMERADA
ARTIGOS DE 1.ª QUALIDADE

Dermeval J. Ferreira

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 38
TELEPHONE 22-0763 - RIO DE JANEIRO





Lábios QUE ATRAEM... Faces QUE ENCANTAM...

Para a beleza da sua cutis e realce dos seus encantos femininos, use os produtos de Mme. GRAÇA, criados para as mulheres de fino trato. Para manchas e sardas, use o ÓLEO DE VIOLETAS que torna a sua cutis mais assestada e limpa. Evite também a flacidez e as rugas com o CREME ANTI-RUGAS, que alisa e enrijece a cutis. Aos seus lábios, o BATON SEMARAP dá um encanto duradouro, realçando e aprimorando os seus encantos pessoais. Mantenha sempre os cuidados com a sua beleza, usando os produtos de Mme. Graça.



PRODUTOS DE **Mme. Graça**

Enviamos catálogos
grátis pelo Correio

- ♦ Óleo de Violetas
- ♦ Creme Anti-Rugas
- ♦ Baton Semarap
- ♦ Loção Acne
- ♦ Balsamo Branco
- ♦ Rouge

Distribuidores Gerais: ESPAÑA PARAMES & IRMÃO

Rua da Alfândega, 181 • RIO

O organismo
feminino
deve func-
cionar com
a precisão
de um chro-
nometrol

A SAUDE DA MULHER

HOJE em dia as mulheres concorrem com os homens nos mais diversos ramos de actividade: são caixeiras, dactylographas, jornalistas e até aviadoras! Nestas condições, é indispensavel que o organismo feminino funcione todos os mezes com a precisão de um chronometro. Nada de adiantamentos ou atrasos.

"A SAUDE DA MULHER" é o remedio que regulariza perfeitamente as funções do organismo feminino, garantindo á mulher de hoje a saude de que ella necessita para desempenhar com exito suas tarefas quotidianas.



O REMEDIO QUE TRAZ NO NOME O RESUMO DE SUAS VIRTUDES

teve para calar-se, indignado. Do jeito que estava sendo ouvida, parecia até que a mulher estava lhe fazendo um grande favor.

A professora olhou o relógio de pulso, depois a porta por onde o garçon devia aparecer com a sobremesa. Em seguida exclamou:

— Não diga! O galo lhe irritava tanto assim?

"Seu" Ferrerinha ganhou fôlego. Bem que ele desconfiava que não estava dando a impressão exata do que fôra aquilo. Fez alguns reloques:

— O galo faria perder a paciência até de um santo!

— Não diga isso, doutor...

— E' como lhe digo. Fui ao dono do galo, mas ele não fez caso. No dia seguinte, nem de propósito! Madrugada alta o galo estava outra vez lá dentro de casa a berrar como um desesperado. Eu já estava disposto a fazer uma asneira, mas pensei...

A professora recebeu a sobremesa com um sorriso e recomendou de novo ao garçon que não demorasse com o café. Voltou-se depois para "seu" Ferreirinha e pediu:

— Depois?

"Seu" Ferrerinha fez novo esforço. Contar ou morrer.

— Eu pensei: eu podia matar este galo agora mesmo, pois tenho um revólver comigo. Mas acho que devo avisar de novo o dono. Fui outra vez com o galo debaixo do braço para a casa do vizinho e tornei a falar a mesma coisa.

Nessa hora o relógio da sala de jantar deu horas. A professora ergueu a cabeça alarmada.

— Sete e meia já! — exclamou. — O meu relógio está com um atraso de mais de vinte minutos. E' terrível isto. Estou mais do que atrasada já.

Voltou-se para "seu" Ferreira:

— O senhor já viu uma coisa destas?

"Seu" Ferreira pressentia que ela ia se levantar a qualquer hora. Lembrou-se do que havia planejado. Falar mais alto, continuar, não dar importância. Fez-se de desentendido:

— Pois não demorou dois dias o galo tornou a aparecer dentro de casa...

A professora ergueu-se com um sorriso.

— Será que ainda pego a sessão das oito? — perguntou. — Vou a um cinema com uns amigos... Combinámos esperar à porta. Estou tão atrasada. Que horror!

E sem mais explicações apanhou a bolsa e saiu, às pressas, dando um adeusinho de longe para todos.

"Seu" Ferreira ficou petrificado. Nunca pensara que a falta de consideração chegasse a aquele ponto. Ergueu-se também, com as pernas trêmulas de ódio, e saiu para o quarto. Voltou do quarto com mais raiva ainda. Era um ultraje. Remoia a palavra ultraje vinte vezes. Não era um João-Ninguém. Merecia certa importância. Era um homem diplomado, sabia onde tinha o nariz. Resolveu dar uma volta pela praia, mas a raiva ia aumentando sempre. Há três dias que estava com a história engasgada. Passava o dia inteiro pensando nela, coordenando os episódios, estudando os efeitos. Agora, entretanto, era pior ainda por que trazia engasgado apenas o fim da história. Era só o fim o que acontecera, o desfecho. Andou, tomou bonde, foi ao fim da linha, sempre procurando alívio. E a raiva crescendo. O fim da história na garganta querendo sair. Por fim, exausto, sem saber quanto tempo andara, resolveu voltar para casa. No momento em que tirava o paletó, escutou a falta de dona Angelina que vinha voltando do cinema. Saiu do quarto em mangas de camisa foi ter com ela, rápido. Segurou-a por um braço e gritou, com toda a força:

— Então eu apanhei o revólver e o galo correu. Eu dei um tiro, pam! O galo correu para o outro lado. Dei outro tiro, pam! O galo correu para debaixo da mesa. Dei outro tiro. Pam! Outro, pam, pam! E matei o galo.

Respirou fundo, soltou o braço da professora e disse tranqüilo:

— Boa noite.

E foi dormir.

ESCRITÓRIO
Rua da Carioca, 38-1.º and. - S. 1 e 2
Telefone 42-2585
Rio de Janeiro

DEPÓSITO
Rua da Gambôa, 111
Telefone 43-1166
Rio de Janeiro

CRUZ & CIA. LTDA.

COMERCIANTES E INDUSTRIAIS
Material de Construção em Geral — Secção Especializada de Reletrários

FÁBRICAS

INOHAN
Município de Maricá

ESTADO DO RIO

CABUÇU
Município de Itaboraí

FABRICA DE CALÇADOS

Petronio

End. Tel.: "PETRONIO" — TELEFONE 28-0318
RUA DR. SATAMINI, 164 — EDIFICIO PROPRIO
RIO DE JANEIRO

A carteira roubada

Continuação de p. 41

que uma noite desertou da vida, deixando uma longa carta protestando mais uma vez a sua inocência.

— E nunca se esclareceu esse fato? — perguntei.

O velho sorriu.

— Sim. A justiça de Deus pode tardar às vezes, mas não falha nunca, diz com acerto o provérbio. E ela veio implacável, com o remorso a roer durante anos o verdadeiro autor do furto. Infelizmente, quando tudo se esclareceu, já nem o Lemos nem a mulher viviam. Aos filhos, entretanto, coube a alegria suprema de assistir à redenção paterna. E quem lhes deu isso foi o próprio inglês, que, com tanta indiferença e com tanta rudeza apontou ao Lemos, naquela manhã fatídica, o despenhadeiro do opróbrio.

— O inglês? como assim? — perguntei, muito surpresa.

— Eu explico: o sujeito que furtou a carteira do colega, ao saber que todos seriam revistados, colocou-a no bolso do Lemos, certo de que ele, pela sua tradição de probidade e pelo alto posto que ocupava na firma, não seria examinado. Era seu pensamento reaver a carteira à hora do almoço. Comiam no mesmo restaurante, e Lemos tinha por hábito deixar pendurado o seu paletó, enquanto almoçava. A tarefa lhe seria fácil, pois. Acontece, porém, que o desfêcho da história alterou-lhe todos os planos, e ele, acovardado, tratou de ficar à distância dos acontecimentos. Disse ele que mandou umas duas ou três cartas anônimas ao inglês, inocentando o acusado, mas que as mesmas não surtiram o menor efeito.

E depois de uma pausa:

— Quando o Lemos se suicidou, a vida para esse homem começou a se tornar insuportável. Não pôde mais trabalhar e teve que abandonar o emprego. Principiou para ele, então, a decadência, com o inevitável chafurdamento no álcool. Continuou entretanto acovardado, algemado ao seu silêncio, incapaz de revelar a verdade. E assim arrastou-se o infeliz, anos a fio, pelas sargetas, a alma cada vez mais sufocada pela sua culpa, a culpa sem remissão de ter afogado na lama da infâmia um inocente.

O velho calou-se um instante, como que para certificar-se da sua memória. Logo, porém, retornou à narrativa:

— Um dia contaram-me que a viúva do Lemos também falecera. E falecera de tristeza, informaram-me. Ao ouvir isso, o infeliz sentiu que enlouqueceria se silenciasse por mais tempo o seu crime. Os remorsos o trilhavam, tornando-lhe impossível a vida. E, tomando uma decisão extrema, correu ao escritório do inglês e

com ele se desabafou. Contou-lhe tudo, tudo! O inglês chamou a polícia. E quando esta o levou, ele desceu as escadas com passo firme, a cabeça erguida, um sorriso nos lábios. Era a primeira vez, depois de tantos anos, que voltava a gozar

de um momento de tranquilidade, dessa tranquilidade que a gente sente quando consegue arrancar um peso mau do coração...

E concluindo:

— Dizem que ainda vive. Não sei. Sei

apenas que o inglês foi muito correto com os filhos do Lemos. Procurou-os no mesmo dia para uma satisfação. E aí tem, menina, por que naquele dia toda gente estava tão indignada com o suicídio do teu vizinho...

VOCÊ QUER ADIVINHAR A VONTADE DE QUALQUER CRIANÇA?



ofereça-lhe

Guaraná' Champagne

Nada lhe agradará mais do que um bom refrigerante. E refrigerante que seja gostoso e faça bem, só o GUARANA' CHAMPAGNE

GENUINAMENTE
BRASILEIRO

3 COPOS NUMA
GARrafa

É UM PRODUTO

ANTARCTICA

★ Continental

NAS PRAIAS --- no INVERNO e no VERÃO --- "VENCEDOR" é CAMPEÃO!

Vinte e cinco anos de vitória



A MALHARIA VENCEDOR LTDA. FABRICA COM ABSOLUTA PERFEIÇÃO E MALHA INCONFUNDÍVEL ROUPAS PARA BANHOS DE MAR, LINDOS AGA-SALHOS, BLEUSES, PULL-OVERS, SWEATERS, ETC., E OS SEUS AFAMADOS PRODUTOS SÃO CONHECIDOS, VENDIDOS E PREFERIDOS EM TODO O BRASIL.

RUA ARISTIDES LOBO, 144 --- Telefone 28-3916 --- RIO DE JANEIRO

BRITO OLIVEIRA & CIA.

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93

Tel. 42-7046 --- RIO DE JANEIRO

MASSA PARA ROLOS

**TINTAS PARA
IMPRESSÃO**

**ARTIGOS
GRÁFICOS**

**ARAMES ESTANHADOS A
FOGO E COBREADOS PARA:**

**ENCADERNAÇÃO,
CAIXAS DE PAPELÃO
E FABRICA DE CALÇADOS**

Stock permanente
para entrega imediata

FABRICA DE AGULHAS HIPODERMICAS

DE

**Platina iridiada a 25%
Niquel Puro inoxidavel**

"DELTA" "ZENY"

FERNANDO MARQUES VICENTE

(Fabrica Edificio proprio)

Rua Prof. Estér de Melo, 67

Tel. 48-2959

End. Teleg. "DOQUESTE"

Escritorio e Deposito

Rua do Rosario, 158-6.º and.

Tel. 23-5148--43-8124

CAIXA POSTAL 107

RIO DE JANEIRO

IDEALISE O TYPO
e
O ENCONTRARA' NA

CASA DA

Onça

CALÇADOS
URUGUAYANA, 72-74
Tel. 43-5140

DE Música

CLÁUDIO ARRAU

E' uma triste verdade, mas é uma verdade. Em nosso meio musical não se faz, geralmente, a distinção entre divergência e descompostura. Muitas vezes ouvi dizer de mim que tinha "arrazado" tal ou qual artista simplesmente porque eu afirmara que não estava de acordo com ele. E' bom lembrar isso, antes de falar dos recitais de Cláudio Arrau porque, infelizmente, vou ser forçado a pôr reparos nas suas interpretações. Queria salientar, logo de início que elas se mantiveram no mais alto nível artístico, foram, todas, sem exceção, versões trabalhadas e honestas das obras. Se, porém, Debussy e Chopin, nas suas mãos, me encantaram Beethoven e Vila Lobos me pareceram um tanto como peixes fora d'água. Na palestra que mantive com Cláudio Arrau pude verificar com prazer que, não só ele é um grande pianista, como um pianista consciencioso, o que é mais raro do que pode parecer. Pro-

se bem que ainda aí eu não esteja perfeitamente de acordo com ele. Com Chopin — excelente — e Debussy — verdadeiramente magistral. Se Alma Brasileira como ele a tocou nos pareceu oca e inexpressiva, apesar do esforço do intérprete — o Carnaval de Schuman, por exemplo, satisfizes plenamente.

Repito mais uma vez de que tudo isso se coloca num plano que está muito além da censura mesquinha. São divergências, dentro da impressão geral,

de que, na verdade, estávamos ouvindo um grande pianista.

Artistas consistentemente bons, que não nos inspiram a menor divergência são raríssimos. E está certo que assim seja, pois, se eles não fossem raros, não seriam precisos.

AINDA ERICH KLEIBER

E' difícil falar sobre Kleiber. Há, sempre, o risco de perder-se numa série de superlativos muito justos mas que ele, na verdade, dispensa.

Recentemente, conversando com ele, ouvi uma frase que me pareceu justa e interessante.

— Eu me julgo suficientemente impregnado da "atmosfera" de Beethoven.

Achei particularmente significativa essa afirmação porque ele é quase sempre

caracterizado — e com razão — como um investigador incansável, um esmiuçador impiedoso, ora, como conciliar-se essa idéia comolirismo com que ele apresenta as sinfonias de Beethoven. A investigação sugere o laboratório. Mas o fato é que Kleiber não fica na análise: depois de "desmontar" a obra, por assim dizer, ele a reconstrói, e não deixa as partes soltas, mal ligadas: a "atmosfera" de Beethoven, de que ele se diz, justamente, impregnado fusiona a partitura, e dá-lhe a vida e o calor necessários.

Não irei mais adiante. Kleiber é um desses artistas que me desarmam. Se pudéssemos ouvi-lo reger uma orquestra melhor aparelhada... Os pobres músicos do Municipal sofrem torturas com os instrumentos de sópro defeituosos.

ROBERTO LYRA FILHO

80% das Cáries começam aqui—

Afirmam os Dentistas!



Gessy protege no Ponto Vital!

ONDE A ESCOVA não atinge...
começam as cáries. Proteja seus
dentes nesse Ponto Vital, usando
o Creme Dental Gessy.

Sua espuma, de ação ultra-penetrante, atinge onde a escova não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Gessy é três vezes concentrado — custa menos, rende mais. Gessy limpa, dá brilho aos dentes e combate o mau hálito. Use Gessy três vezes ao dia.

GESSY CUSTA MENOS!

Compare Gessy com os demais dentífricos de alta qualidade. Verá que Gessy lhe oferece até 20% de vantagem no preço. Escolha qualidade e economia, escolhendo Gessy.

L.V.L. 1458

50 ANOS A SERVIÇO DA

EUGENIA E DA BELEZA



cura, de fato, com a maior probabilidade, o estilo justo e conveniente para cada compositor. Para esse fim, tem à sua disposição uma técnica quase perfeita — que é perfeito nesse mundo? — que domina, depois de anos de estudo, paciente.

Não há originalidade na idéia de que a música é das artes a que mais dificilmente chega ao ouvinte na sua pureza que já de si é relativa. A expressão do compositor já encontra obstáculos quase intransponíveis na matéria sonora, que deveria servir docilmente ao compositor. Tendo este conseguido exprimir-se, finalmente, a custa de saber lá quantos sacrifícios e certamente sacrificando uma parte da sua concepção, essa não atinge diretamente o ouvinte, mas atravessa o filtro da sensibilidade de um intérprete.

Eis o que impõe limites aos maiores talentos e aos mais escrupulosos executantes. E' a sua sensibilidade que só pode exprimir-se com perfeição quando as intenções do compositor são, um pouco, semelhantes às suas intenções.

Arrau, dotado de uma fina sensibilidade, está menos a vontade com Vila Lobos e Beethoven do que com Bach —

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto?

O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome NUTROFOSFAN e ficará satisfeito. NUTROFOSFAN nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAÚDE.

DESCORTINANDO A MAIS BELA VISTA DO RIO DE JANEIRO

EDIFÍCIO ESPERANÇA

AVENIDA RUI BARBOSA

(LADO DA SOMBRA)

JUNTO AO EDIF. VIÇOSA

PRÓXIMO À PRAÇA AMENDOEIRA



Estão à venda os últimos APARTAMENTOS desse suntuoso EDIFÍCIO RESIDENCIAL, de 18 pavimentos, construção em terreno de 32x85, tendo 2 halls de entrada e servido por 6 elevadores rápidos.

Os apartamentos possuem as seguintes acomodações:

A. — 2 quartos, 1 sala, quarto de empregado, banheiro completo e mais dependências.

B. — 3 quartos espaçosos, 1 boa sala, 2 varandas, cozinha, banheiro completo e mais dependências. Grande Garage.

Preços de Cr\$ 140.000,00 a Cr\$ 275.000,00

Com financiamento de 50%. Tabela "Price". Prazo de 15 anos

Projeto e Construção de C. I. R. ROMEU DE PAOLI LTDA.

INCORPORADOR E PROPRIETÁRIO

ALCIDES BROWN

RUA DA ASSEMBLÉIA, 104 — 5.º ANDAR — SALA 510 — FONE: 22-0010

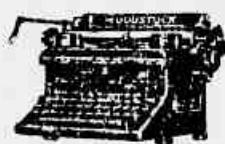
CASA NACIONAL

DE

MAQUINAS DE ESCRITORIO LTDA.

Reconstruções, reformas, consertos e
assistencia mecanica

Rua Ouvidor, 43 -- 1.º andar
Telefone: 43-7767
Rio de Janeiro.



SR. OLIMPIO DE LUCENA MONTENEGRO

A Cia. Editora Americana, à rua Visconde de Maranguape, 15, Rio, pede à pessoa supra referida que compareça ao seu escritório com urgência.

A SERVIÇO DA ELEGÂNCIA CARIOCA

Real Moda

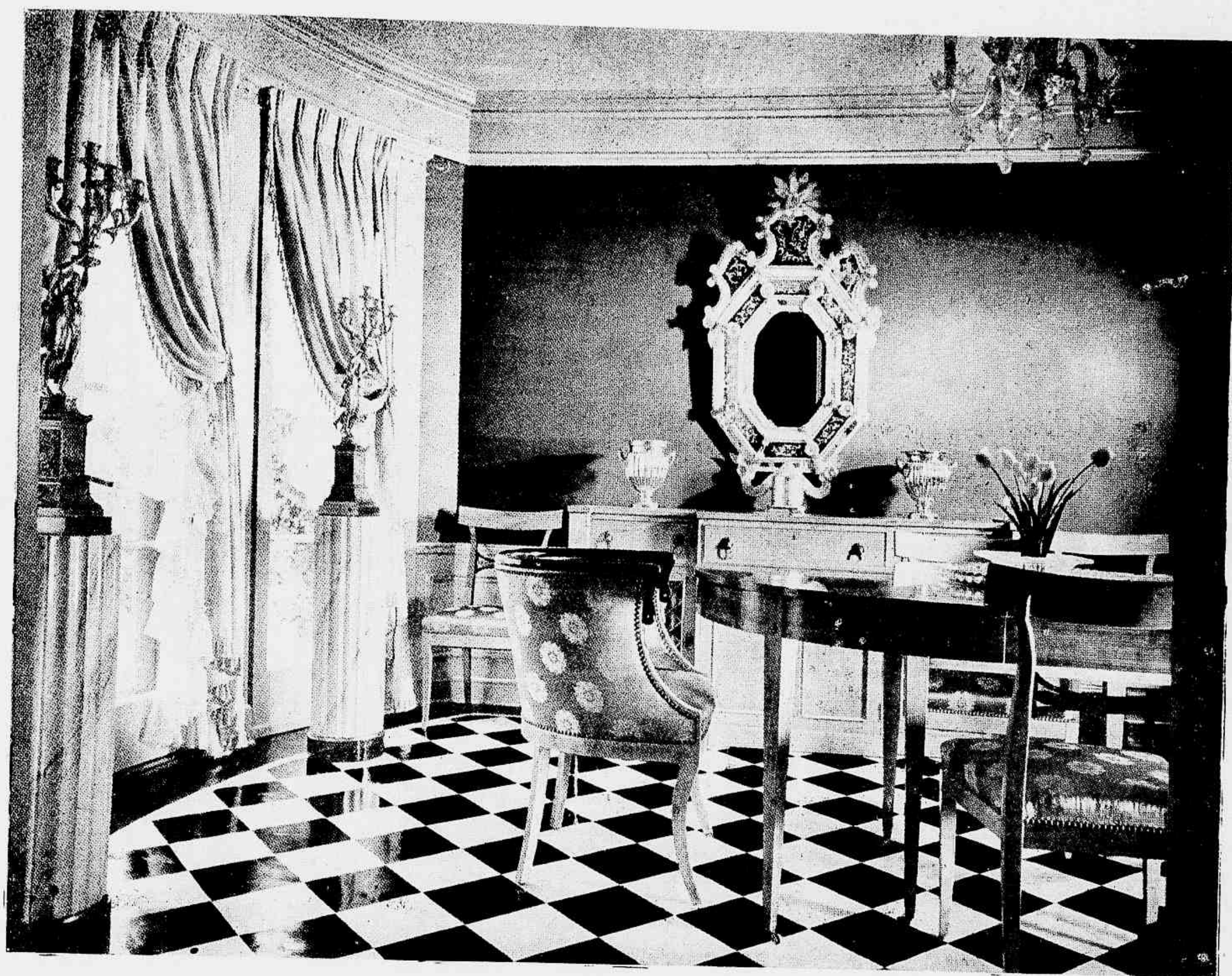
continúa apresentando os
mais lindos modelos de
Bolsas e a invejável cole-
ção de Brincos, Broches,
Pulseiras, Colares e
muitas outras no-
vidades, sempre pelos
melhores preços da cidade!

Real Moda

URUGUAIANA, 84



Por um lamentável equívoco, a numeração das páginas desta edição foi alterada. Sendo a nossa impressão feita de oitavo em oitavo, com grande antecedência, não foi possível proceder-se à devida retificação nos oitavos já impressos. Todavia, compreende-se que esta edição da REVISTA DA SEMANA contém um total de 116 páginas.



Moderna Sala de Jantar

Simples, decorada com gosto e distinção, é esta sala de jantar que sugerimos aos nossos leitores.

Poucos são os móveis que a ornamentam: ao fundo a "étagère", mesa e cadeiras completam o discreto mobiliário. Como adornos vêm-se o espelho e um vaso de flôres sobre a mesa; porém o que dá uma nota de elegância e distinção ao ambiente são as cortinas de tecido pesado e cor escura. Aqui fica, pois, mais esta sugestão.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIGARROS

ELMO

COM PONTEIRA

C^{IA} DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ